

399, 1, 2
1.º anjo

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

FEITA SOB OS AUSPICIOS DE ALGUNS ESPIRITAS

CONTENDO

Os factos das manifestações dos Espiritos. — Noticias relativas ao Espiritismo. — Transcripções da doutrina espirita. — Os ensinos dos Espiritos relativos ao mundo visível e invisível; sobre sciencias, sobre a moral, sobre a immortalidade d'alma, sobre a natureza do homem e seu futuro. — A historia do Espiritismo na antiguidade; suas relações com o magnetismo e o somnambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mythologia de todos os povos, etc.

REDIGIDA POR

A. DA SILVA NETTO



Todo effeito tem uma causa. Todo effeito intelligente tem uma causa intelligente. A potencia da causa intelligente está na razão da grandesa do effeito.

PRIMEIRO ANNO— N. 1. —JANEIRO DE 1875

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DE DOMINGOS LUIZ DOS SANTOS

18—Rua Nova do Ouvidor—18

1875.

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO — N. 1. — JANEIRO DE 1875



INTRODUÇÃO.

A historia das investigações do espirito humano assignala grande verdade, quando em suas paginas relata que as maiores descobertas tiveram por origem factos n'apparencia bem pouco significativos. Realmente, que importancia pôde ligar a intelligencia do homem ao facto de uma criança observar o sol com uma lamina de vidro enfumaçada? Que alcance apparente pôde ter a tampa de uma panella posta em movimento pelo vapor d'agua fervendo? Que attenção se deveria prestar ao espanto de uma velha cozinheira quando vio quartos de rãs moverem-se dentro de uma marmita? Fazendo-se abstracção das consequencias, as respostas á estas trez interrogações seriam bem laconicas; entretanto, do facto assignalado na primeira teve origem o mais poderoso instrumento de observação do mundo astral — o telescopio; do segundo, o mais poderoso meio de locomoção em nossos dias — as machinas á vapor; do terceiro, o mais rapido vehiculo material para transmissão do pensamento — o telegrapho electrico! Tendo em vista estes factos e outros que deixamos de commemorar, não devemos nos surpreender que das *mesas giratorias*, dos chapéos postos em movimento, das cestinhas que dansam, saisse uma sciencia physico-psychologica que levará á seu termo a regeneração da humanidade terrestre.

Nós, pois, viemos n'este momento tomar o ultimo dos logares na extensa legião dos pensadores, viemos tambem carregar o nosso grão de arêa e collocar-o na montanha que se ergue com indescriptivel prestesa, para do alto d'ella a humanidade melhor contemplar os infinitos attributos de Deus!

O Espiritismo é uma sciencia de observação ; portanto, está comprehendida no quadro das sciencias positivas : o fervor que desperta do animo dos que o estudam, é uma forte presumpção á favor das verdades que proclama e dos factos que explica, por isso está sendo propagado por todas as nações do mundo. Logo que os primeiros annos se passaram, os phenomenos das manifestações espiritas deixaram de ser simples folguedos curiosos para despertar attenção de homens reflectidos, que de prompto poderam devassar a influencia moral que táes phenomenos teriam no estado das relações sociaes do mundo. Hoje em dia constituido em corpo de doutrina scientifica, pelo immortal Allan-Kardec, não é licito duvidar da revolução que ha de operar em todos os rames dos conhecimentos humanos.

A marcha das sciencias, da industria humana, as proprias descobertas materiaes, encontraram em todos os tempos contradictores, negadores inconscientes e conscientes que buscavam estes pelo atrazo da intelligencia, aquelles pelos choques que experimentavam suas conveniencias materiaes, embaraçar o adiantamento do mundo. Não devemos, pois, estranhar que a sciencia espirita tenha negadores e acérrimos contradictores, tanto mais fortes quando percebem que, em suas deducções psychologicas, tende deitar por terra a moral estragada da generalidade dos homens ; mas, como ella repousa nas leis estabelecidas desde toda a eternidade pelo Creador, podemos avançar que não ha poder capaz de a embaraçar, hoje em dia que não existem as fogueiras do *Sancto Officio*. Ser *medium*, isto é, ter a propriedade de se communicar com os seres que deixaram o mundo corporal, não é privilegio d'esta ou d'aquella classe. E' uma lei harmonica da natureza ; e, desde que está isto descoberto, todos os obstaculos tornam-se impotentes. Se a reflexão fosse conselheira dos espiritos orgulhosos, o orgulho não se aninharia no coração humano, e a indagação da verdade seria feita com calma e prudencia evangelica, concorrendo para que a humanidade ganhasse em seu adiantamento moral, mais do que tem ganho durante mil e oitocentos e septenta e quatro annos da revelação messianimica.

A communicação entre os Espiritos desencarnados e encarnados é, pois, um elo da immensa cadêa da criação que, aqui ou alli, por esta ou aquella circumstancia, poderá ser encoberto, mas fazel-o desaparecer não é possivel. A potencia que se revela por meio dos phenomenos que havemos de discutir no prosequimento d'este nosso trabalho periodico, qualquer que seja a causa tira a sua origem da natureza. Não

são phenomenos *sobre-naturaes*, porque logicamente não comprehendemos o que possa existir fóra da natureza a não ser acima d'ella—abrangendo-a—Deus! São ou não verdadeiros os phenomenos espiritas? A resposta a esta interrogação nos levaria longe, e como estou convicto da affirmativa, reservarei para discutil-a no proseguimento d'esta publicação. Os que de boa fé duvidarem, como nós outr'ora, procurem pelo estudo, pela observação e pela propria experiencia descobrir se achamo-nos ou não com a verdade, pois se conscienciosamente fizerem isso conhecerão as leis que regem as manifestações dos Espiritos. Se é uma falsidade, uma illusão, o que sustentamos, depois d'esse consciencioso estudo que aconselhamos seja feito, achar-se-hão nas condições de nos poderem esclarecer. Quanto á fallarem com idéas preconcebidas, argumentarem sobre leis que desconhecem, sobre factos que não observaram, é darem provas de uma ignorancia irreflectida. Diante das provas que hoje se produzem de taes phenomenos, não receamos a compressão do erro de qualquer origem que venha, porque quanto maior fôr ella, tanto mais teremos occasião de tornar expansiva a verdade.

Se bem que date de poucos annos a producção regular dos phenomenos espiritas, comtudo elles se deram desde a mais remota antiguidade. N'este sentido, como em relação á todos os conhecimentos humanos, descobrimos aqui e alli traços que provam serem as verdades eternas como o universo. Nem póde ser de outra fórma attendendo que Espiritos existem desde toda eternidade, tendo habitado e perdido paraísos planetarios, e por isso obrigados á reencarnarem-se em mundos inferiores, como aconteceu na remotissima época em que a nossa terra recebeu os Espiritos decahidos que constituíram a nossa raça Adamica. Assim, tudo quanto testemunhamos hoje, já antes havia sido testemunhado: dirão; esta idéa encerra o despertar d'antiguidade, porém havemos de provar que ella contém a aurora de uma antiguidade livre dos embaraços mysticos que engendrou a superstição dos povos primitivos da terra; que é uma antiguidade extra-terrestre que, nos vem nos tempos d'agora que nos achamos mais esclarecidos pelos progressos das sciencias positivas, assignalar a terceira phase da regeneração moral de uma fracção da humanidade.

Os phenomenos espiritas vem pôr patente que podemos nos communicar com as almas ou Espiritos dos que deixaram o corpo na terra, e que hoje habitam o *outro mundo* como vulgarmente se diz; consequentemente, dar-nos provas moraes e

physicas da nossa vida de alem-tumulo. Em termos não equivocos os livros biblicos relatam a existencia d'essa communição entre os *vivos* e os *mortos*; mas a Biblia para os scepticos não é autoridade; para certos crentes d'ella, esses factos são sobre-naturaes, e produzidos por especial favor da Divindade. Assim, se não possuissimos outras origens, não poderiamos justificar a antiguidade das manifestações dos Espiritos fóra das observações recentes. Entretanto, a intervensão dos Espiritos no mundo corporal é attestada por S. Agostinho, S. Jeronimo, S. Chrysostomo e outros padres da Igreja. Essa verdade constitue a base de todos os systemas religiosos; bem como foi admittida por Socrates, Platão, Zoroasto, Confucio, Pythagora, Apollonio e muitos outros philosophos celebres d'antiguidade. Recapitulando-se a serie dos mysterios e dos oraculos, a crença das communições dos Espiritos é encontrada entre os Gregos, os Egyptios, os Indios, os Caldeos, os Persas e Chins atravessando todas as vicissitudes d'esses povos e affrontando todas as revoluções physicas e moraes da humanidade. Nos tempos da idade media vê-mol-a surgir dos divinos e feiticeiros Walkiries dos Scandinavos, dos Elfos, dos Teutoneos, os Leschios e os Domeschenios Doughi dos Slavos, os Ouriks e os Brownios dos Bretons, os Cémis dos Carahibas, finalmente em toda a phalange das nymphas, dos bons e máos genios, das sylphides, das fadas, etc., com que todas as nações têm povoado o espaço. A pratica das evocações existio sempre nos povos da Siberia, no Kamtchatka, na Islandia, nos indios d'America do Norte, nos aborigines do Mexico, do Perú, da Polynesia, entre os selvagens da Nova-Hollanda, povos d'Africa e finalmente entre os nossos Genticos. Certamente essa crença não se apresenta por toda parte pura como ella é, porém cercada mais ou menos, conforme os povos e os logares, de superstições absurdas, mas isso não tira cousa alguma á sua realidade. Assim, pois, se é uma crença que se encontra em todos os pontos do globo, que tem sobrevivido a milhares de gerações pertencentes á povos dessemelhantes, é preciso que encerre em si alguma cousa de providencial; em todo caso, o que ella tem de positivo é demonstrado pelas recentes manifestações. Investigar as relações que existem entre essas manifestações e todas essas crenças espalhadas pelo mundo, é indagar a verdade. Se tivessemos de fazer n'este momento, a historia do espiritismo de alguma sorte fariamos a do espirito humano, porque estudando todas as origens, encontramos uma mina inesgotavel de observações instructivas, que

se entrelaçam em factos bem pouco conhecidos, e nos habilitamos para explicar uma multidão de lendas e crenças populares distinguindo a verdade da superstição e da allegoria.

Entre nós, sendo muito pouco conhecido o Espiritismo por falta de livros em nossa lingua, uma publicação mensal tornava-se de necessidade indeclinavel ; tanto assim que, sentida essa necessidade por alguns espiritas que se entregam á esse estudo, nos incumbiram de uma tarefa que se tornaria superior ás nossas forças, se não fosse o concurso dos bons Espiritos que animam a propaganda de tão sublime doutrina. Em táes condições, esta publicação, tem durante os primeiros tempos, de sahir um tanto fóra da rigorosa significação technologica, para poder interessar aos leitores estranhos á sciencia, com a qual temos de nos occupar.

Não podem, pois, as paginas da presente *Revista* ser cheias simplesmente de narrações de factos, ainda mesmo commentados, porque não tem de servir só aos que conhecem mais ou menos a sciencia espirita. E' por isso que o leitor encontrará artigos que constituem os principios da doutrina extrahidos das obras de Allan-Kardec. E', portanto, o nosso trabalho na maxima parte material. O nosso empenho é auxiliar os que desejam vêr o Espiritismo derramado n'esta região d'America ; portanto, não receamos que nos falte materia interessante, e que esta publicação se torne monotonica.

Sabemos a extensão da luta que temos de sustentar ; de um lado, a ignorancia, os preconceitos religiosos ; de outro os pretensos sabios, os orgulhosos. Não importa ; esforçar-nos-hemos por bem merecer de Deus, e com certeza teremos o continuo auxilio dos bons Espiritos.

DISCURSO

PROFERIDO NA SESSÃO DE 22 DE AGOSTO DE 1874,

POR

A. DA SILVA NETTO,

PRESIDENTE DA SOCIEDADE

DE

Estudos espiritas--GRUPO CONFUCIO.

Meus senhores e caros irmãos, ha um anno apenas, como sabeis, que nos reunimos em grupo para estudar, tanto quanto permittissem as nossas forças, as verdades que o espiritismo como sciencia de observação e como philosophia ensina.

Desde o começo dos nossos trabalhos tivemos alguns membros d'este nosso Grupo convictos das manifestações dos Espiritos desencarnados, por isso que já haviam observado algures quanto lhes havia bastado para estabelecer em seus animos convicção profunda das relações que existem entre o mundo visivel e o mundo invisivel; outros, porém, e no numero d'esses quem n'este momento occupa a vossa attenção, fallando do logar que lhe confiastes e com a qual se julgaria vangloriado se podesse ter a certeza á priori de haverdes obedecido aos bons Espiritos encarregados da regeneração da fracção da humanidade que se acha sobre a terra, eu, digo, não estava convencido da immortalidade d'alma, conseguintemente não acreditava nas manifestações dos Espiritos.

A philosophia positiva havia empregado o meu ser pensante. O magnitismo, collocando-se de per meio ás minhas idéas, obrigava-me a não ceder diante de phenomenos que têm levado á convicção, como por encanto, a muita gente!...

Comunicações dos Espiritos pelos *mediums*; eu mesmo ensaiando n.ediumnidade e respondendo perguntas mentaes; a apparição de um espirito familiar por duasvezes em minha casa; movimento de trastes; pancadas fortes, nada d'isso me havia convencido da minha immortal individualidade! Eu po-

rém buscava investigar a verdade, desejava conhecer a lei de tão estranhos phenomenos. Estudei com ardor os escriptos de nosso mestre, e posto sentisse no coração o balsamo suave da sublime philosophia espirita, não bastou ao meu espirito forte ou para melhor dizer de trevas a fé que as provas moraes costumam dar ás almas felizes.

Tudo quanto acima acabo de relatar, não podia ser effeito do medo superexcitando a minha imaginação. Nunca tive medo de almas d'outro mundo, porque não accreditava na existencia d'ellas; hoje que sei que ellas existem, seja dito entre parenthesis, da mesma fórma não me pôdem causar medo, porque nós espiritas entretemo-nos com ellas.

Quando me parecia haver sondado todo o mysterio; quando julgava poder explicar todos aquelles phenomenos pelo jogo de uma força e de um meio; sendo a força a vontade do meu ser mortal; o meio, o fluido cosmico, eu havia lido e relido o *Livro dos Mediums*, o *Genesis*, o *Evangelho Segundo o Espiritismo*, o *Livro dos Espiritos*, o *Céo e o Inferno ou a Justiça Divina* do immortal Allan-Kardec.

Não havia perdido o meu tempo, como não perderá todo aquelle que ler aquellas obras, mas eu não havia conseguido descobrir a incognita da vida d'alem-tumulo—a individualidade do Espirito após a desorganisação do corpo!

Achei-me durante algum tempo em crise!

A *Revista Espirita* veio-me ás mãos. Em Boston, em Lião, em Pariz, em Londres, etc. estavam as photographias fluidicas na ordem do dia. Reunimo-nos em casa de uma nossa irmã em crenças; alguns de vós lá estiveram; uma prova, posto que imperfeita, obtivemos, e n'essa occasião tive de ver minha razão humilhada diante de um cliché photographico, porém ao mesmo tempo a satisfação, a certeza, que serei individualmente immortal, que chegarei á conhecer todas as maravilhas do Universo!

Talvez vos pareça que, o que acabo de dizer não vem á proposito em uma sessão que tem por fim manifestar-vos o meu ponto de vista em relação á marcha dos nossos trabalhos; entretanto, haveis de reconhecer reflectindo, que as palavras que acabo de proferir, são de alguma sorte premissas que interessam com o que em conclusão tenho para dizer-vos. Como sabeis, pelo regulamento que nos rege, a vontade do Presidente de nossa Sociedade tem alguma força; porém por minha parte declinarei d'essa authoridade que elle me dá, para apresentar toda e qualquer idéa como simples opinião, reservando para vós o direito de mandal-a pôr em pratica ou regeital-a.

Não acrediteis que a desapprovação de qualquer vontade minha possa nem de leve perturbar minhas boas disposições em relação a qualquer d' vós. Esse deve ser o procedimento reciproco de todos nós, porque creio que não somos espiritas pelo simples facto de reconhecermos que existem bons e máos Espiritos desencarnados e que elles se communicam segundo a lei de semelhança, com todo o genero humano; mas por termos comprehendido o Evangelho onde se lê estas palavras: « todo aquelle que se exalta será humilhado, e todo aquelle que se humilha será exaltado. » E' maxima verdadeira essa como são todas as palavras do Christo. Todos nós reflectindo encontraremos ella sancionada por innumerados actos em nossa vida, mas os Espiritos encarnados, propensos ás más paixões, afagando a vaidade e orgulho, enxergam com mais promptidão o *argueiro nos olhos do vizinho que a trave nos seus*, e é por isso que todos nós nem sempre a temos presente como deveriamos. Sabemos que a theoria contida n'aquella maxima é sancionada pelas observações da Sciencia Espirita, e por isso corremos menos risco em infringil-a; mas, por isso mesmo que, pelos nossos esforços nos havemos tornado dignos á que Deus se amereciasse de nós, mandando que nos fosse levantada uma ponta do véo que, devido ás nossas imperfeições e ao nosso atrazo, encobre as maravilhas do reino espiritual, somos como espiritas mais responsaveis perante Elle e perante os Espiritos encarregados da alta missão de explicar os ensinios que ha 1874 annos foram dados pelo puro Espirito que tomou corpo entre os judeos, em não as observar, bem como em não attender á tudo quanto encerram os mesmos ensinios.

Uma vez que me acho fallando entre amigos, permitti que faça uma confissão, para dar á todos vós, uma idéa da religiosidade do meu espirito, antes de conhecer o espiritismo. Eu punha de parte, buscando seguir, as maximas moraes do Evangelho para ver no mais contido n'elle um tecido de embustes na altura de só enganar aos bonzos e de entreter a credulidade das velhas beatas; entretanto, a sciencia que estudamos veio pôr patente perante minha razão, não só a verdade dos actos praticados pelo Christo como pelos Apostolos, por isso que os fez recuar do dominio do *maravilhoso* e do *sobre-natural*, aonde os padres os têm collocado, assignando-lhes a verdadeira origem — as leis immutaveis da natureza!

Não. No sentido lithurgico da palavra não ha milagres. Tudo se prende, tudo se encadêa nas leis eternas traçadas na natureza por Deus.

A fé não foi que me fez acreditar nos *milagres* do Christo ; não foi a fé que alargou o horisonte da minha comprehensão em relação á Deus ; porém o estudo, a observação dos phenomenos que conhecemos.

A fé que hoje me anima é a que póde encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade ; é a fé do espirita. E' depositando fé na assistencia do nosso guia espiritual, é evocando mentalmente o meu Anjo protector, é pedindo o auxilio do Espirito da Verdade que eu me animo á dizer que não concorrerei para ver realisada a predicção do Espirito de discordia relativamente ao desaparecimento do nosso grupo. Não confio, pois, em mim. Sabemos diante do espiritismo o que valem os sabios e os ignorantes. A sciencia de Deus é tão grande que o maior sabio da terra se vê á cada passo humilhado. Os Espiritos superiores pouco cuidam da sciencia dos homens. E' com o nosso moral que elles se importam para dispensar a nós encarnados a sua continua assistencia. Lembremo-nos, quaes foram os escolhidos pelo Christo para pregar a doutrina Evangelica. Não foram os que entre os judeos passavam por sabios, porém os havidos como simples, como ignorantes, e que o eram aparentemente ; entretanto, foram estes mesmos que pregaram o Evangelho em linguas por elles desconhecidas ! Eis um dos *milagres* apontado pelos Livros Sagrados. Esse milagre como sabeis é reproduzido hoje pelos *mediums* polyglotas. Se não receasse fatigar vossos ouvidos, eu não me absteria de recordar todos os *milagres* produzidos pelo Christo e pelos Apostolos, lembrando-vos ao mesmo tempo, os varios nomes dos *mediums* que os produzem, e a lei que os rege. Entendamos-nos, não quero dizer com isso que o Christo haja sido um *medium*. Christo operava por si, e sobre a terra, certamente só foi *medium* de Deus.

Senhores, acceito o espiritismo no seu verdadeiro pé, no pé de sciencia de observação ; portanto, em quanto occupar o lugar de Presidente d'este grupo, é n'este sentido que apresentarei idéas para marcha dos nossos trabalhos ; tanto mais quando, a nossa Sociedade não tem o character exclusivo que alguns querem dar á ella, — a pratica da caridade. — A pratica da caridade é um dever de todo o espirita, e é por isso que ella figura em nossa Sociedade como um emblema ; porém o fim da nossa Sociedade está claro e patente no primeiro artigo do nosso Regulamento ; portanto, cumpre-nos fazer d'este grupo uma realidade, isto é, uma escola pratica e theorica de estudos espiritas. Evoquemos durante as nossas sessões os Espiritos que por ordem de Deus se acham encarregados do movimento espirita,

pois elles saberão despertar a nossa attenção, e conduzir-nos convenientemente. Acreditai, senhores, a maioria dos Espiritos encarnados não passam de meros instrumentos inconscientes no movimento que se opéra, com a mais espantosa rapidez, por todos os pontos do nosso globo, porém os que, como nós, têm uma ponta do véo do mundo espirital levantada, aquelles que, como nós, conhecem as vantagens dos estudos espiritas, esses já são instrumentos conscientes, consequentemente responsaveis pelos actos que praticarem no sentido de embaraçar a propagação entre nós. Esses gozam do seu livre arbitrio, procurem-no empregar em suas decisões de harmonia com os principios da doutrina. Banam de si, o odio, a inveja, o ciume, e o orgulho, pois só assim serão benevolentes e caridosos; porque, todos nós sabemos que o que caracteriza o espirita não é só a certeza physica da existencia d'esse novo mundo, ou para melhor dizer d'esse mundo velho como a eternidade, e que só agora cahio debaixo da nossa observação, e sim a pratica da moral emanada das relações estabelecidas com elle.

Sendo, portanto, o espiritismo uma sciencia de observação, cumpre-nos observar, assim como sendo uma philosophia devemos estudal-a. Para observar necessitamos de instrumentos, e como sabeis esses são os *mediuns* para os diversos effeitos. Para pôr-nos a par da parte philosophica basta lêr e meditar as cinco obras de Allan-Kardec; assim como para acompanhar o desenvolvimento que vai tendo todos os dias a nossa sciencia, buscai as diversas publicações periodicas, especialmente a *Revista Espirita* publicada em Paris, a qual desde o seu apparecimento até hoje conta 17 annos. São pois dezeseite volumes quasi completos que precisaes lêr, para poderdes, meditando sobre elles, fazer uma idéa completa do espiritismo. Tenho fé que, nos animando bôa vontade, faremos muita coisa no meio da sociedade em que vivemos, principalmente havendo entre todos nós união e fraternidade. Que importa sermos por emquanto poucos. O numero dos nossos socios, creio que irá augmentando a proporção que os Espiritos que nos protegem forem observando as nossas bôas disposições moraes. Verdade é que, muito custa ao homem romper com os velhos habitos adquiridos no meio de uma sociedade viciosa; sabemos quanto esforço precisa fazer sobre si mesmo para refréar suas paixões; desprender-se dos laços fluidicos que o atam aos máos companheiros invisiveis, e o quanto custa desviar-se do acotovelamento constante dos máos encarnados; porém essas difficuldades são grandes, tornam-se mesmo insupperaveis para os que

desconhecem o espiritismo, ou para os que o conhecendo, não deduzem d'elle as verdadeiras consequencias. Pois bem, propagar o espiritismo; ensinal-o, é conduzir os homens á pratica da virtude por meio da sciencia. O espirita na accepção da palavra, vós o sabeis, é o homem dotado de força de vontade para a pratica do bem capaz de resistir todos os embates da perversidade com serenidade e paz de espirito. Não vale pois estudar uma sciencia que nos dá tranquillidade em todas as posições da vida? Não será praticarmos caridade derramar em nossa sociedade essa philosophiã? Não é uma grande caridade curar os enfermos d'alma, que polulam no nosso mundo social?

Embora, senhores, acredite que muitos dos que se assentam n'estas cadeiras, não precisam assistir manifestações physicas, nem ouvirem leituras sobre as theorias fundamentais da sciencia que nos occupa, entendo que outros não se acham no mesmo caso.

Manifestações physicas?!

Interrogação mental que sem duvida se me acaba de fazer. Eu vou respondel-a com as palavras do mestre:

« É um erro fazer-se das manifestações physicas um folgado; se ellas não têm a importancia do ensino philosophico ha n'ellas sua utilidade debaixo do ponto de vista dos phenomenos, porque ellas são o alphabeto da sciencia, e foram ellas que deram a chave. Posto que menos necessarias hoje, comtudo ajudam á convicção de certas pessoas. Ellas porém não excluem a bôa ordem nas reuniões quando se experimenta; se fossem sempre praticadas de fórma conveniente convenceriam mais facilmente e produziriam, n'este sentido, melhores resultados debaixo de todos os pontos de vista.

✕ Quanto a utilidade das manifestações é immensa pelas suas consequencias, porém ainda quando não tenham outros resultados, terão o de fazer conhecer uma nova lei da natureza, de demonstrar materialmente a existencia da immortalidade d'alma, e será já muito, porque será abrir uma larga estrada á psychologia. »

Senhores, necessito insistir n'este ponto, porque lembro-me da repugnancia que tinha o amigo que presidio as nossas sessões, durante o anno findo, em admittir experiencias d'esse genero. Posso affirmar hoje que tenho percorrido os trabalhos do fundador da doutrina, todos os volumes da *Revista de Paris*, que não ha razão para se proscreever as manifestações physicas dos grupos de estudos.

Verdade é, alguma cousa ha que lida ligeiramente parece contraria a ellas. Refiro-me a uma communicação de Erasto, discipulo de S. Paulo, á pagina 111 do *Livro dos Mediums*, reactivamente ao phenomeno de transportes. Reproduzirei o topico mais frisante da communicação d'esse Espirito elevado, que é concebido nos seguintes termos: « Lembrai-vos espiritas que, se é absurdo repellir systematicamente todos os phenomenos d'além tumulo, não é menos accital-os cegamente. Quando um phenomeno de tangibilidade, d'apparição, de visibilidade, ou de transporte se apresenta espontaneamente, accitai-o, porém não deixarei de repetil-o, não o acciteis cegamente: cada facto soffra um exame minucioso, profundado e severo; porque acreditai-o, o espiritismo tão rico em phenomenos sublimes e grandiosos, nada tem á ganhar com essas pequenas manifestações que habeis prestidigitadores pódem imitar.

Bem sei o que me ides dizer; é que esses phenomenos são uteis para convencer aos incredulos, mas sabeis que se não tivessesis tido outros meios de convicção, não terieis hoje a centessima parte dos espiritas que tendes. Fallai ao coração; é por ahi que fareis mais conversões sérias. Se julgardes util para certas pessoas actuar pelos factos materiaes, ao menos apresentai-os em circumstancias taes que não possam dar lugar a alguma interpretação falsa, e sobretudo não deveis sair das condições normaes d'esses factos, porque os factos apresentados em más condições, fornecem argumentos aos incredulos em logar de os convencer. »

Não vejo, senhores, nas palavras que acabo de reproduzir condemnação absoluta ás experiencias das manifestações phisicas, e sim a recommendação de procurarmos antes de tudo convencer fallando ao coração, isto é, levarmos de preferencia o balsamo consolador da nossa philosophia ao coração afflicto, do que impressionar os sentidos de observadores incredulos e curiosos; mas nós que aqui nos reunimos ha um anno para estudar, para observar, não temos os corações dilacerados, nem somos meros curiosos; consequentemente aquellas palavras não pódem se entender comnosco reunidos em sociedade com o fim especial de investigar a verdade. Lembrar-vos-hei, senhores, algumas palavras mais que, lidas com pouca attenção, pódem deixar impressão contraria ás experiencias das manifestações phisicas. São ellas nada menos do que um trecho do resumo da lei dos phenomenos espiritas do Mestre, o qual vou reproduzir integralmente.

« Os Espiritos são attrahidos pela sympathia, pela semelhança

dos gostos e caracteres, e pela intenção com que se deseja a presença d'elles. Os Espiritos superiores não vão ás reuniões futeis assim como qualquer sabio da terra, não vai a uma reunião de mancebos estonteados. O simples bom senso nos diz que não póde ser de outra fórma. Entretanto se elles lá apparecem algumas vezes, é para dar algum conselho salutar, combater os vícios, procurar conduzir ao bom caminho; se não são ouvidos, retiram-se.

« Seria uma idéa falsa acreditar que Espiritos serios podessem se comprazer em responder a futilidades, a questões occiosas, que não provam nem apeço, nem respeito por elles, nem desejo de instrucção, e ainda menos que venham dar espectáculo para divertimento dos curiosos. Não o teriam feito quando viviam sobre a terra, muito menos farão no estado de Espiritos.

« Do que precede resulta que toda a reunião espirita, para ser proveitosa deve como primeira condicção ser séria e recolhida; que tudo n'ella deve ser feito respeitosamente, religiosamente, e com dignidade, desde que se queira obter o concurso habitual dos bons Espiritos. E' preciso não esquecer que se esses Espiritos ahi se apresentassem, quando tinham o seu corpo carnal, ter-se-hia por elles todas as atenções, e que essas atenções não se lhes póde recusar pelo facto de serem Espiritos.

« Allega-se em vão a utilidade de certas experiencias curiosas, frivolas e divertidas para convencer os incredulos; obtém-se resultado negativo em definitivo. O incredulo já por si habituado á redicularisar as crenças as mais sagradas, não póde tomar ao sério uma cousa que se lhe apresenta como frivolidade; não póde ser levado á tomar ao sério senão aquillo que se apresenta como tal; é por isso que as reuniões futeis, frivolas, aquellas aonde não ha ordem deixam sempre má impressão aos que as assistem. Sobretudo o que póde convencer ao incredulo, é a prova da presença de seres cuja memoria lhe é cara; é diante das palavras sérias e solemnes, é diante das revelações intimas que se os vê commovidos.

« Quanto maior é o respeito, a veneração, e afeição da parte da pessoa á quem a alma se apresenta, tanto mais escandalizada ficará de vel-a vir em uma reunião irrespeitosa, no meio de mesas que dançam e dos epigrammas dos Espiritos levianos, a sua consciencia repellirá essa alliança do sério e do frivolo, do religioso, e do profano, e por isso classificará tudo de peloticas, e sairá muitas vezes menos convencido do que entrou.

As reuniões de tal natureza fazem mais mal do que bem, porque afastam da doutrina mais pessoas do que attraem,

além disso deve-se attender que ellas prestam o flanco á critica dos detractores que n'isso encontram motivos para mófa. »

Senhores, não encontrei em tudo quanto tenho lido até hoje opinião alguma que justifique-nos de não termos feito ensaios de manifestações physicas durante o anno que se findou. E, como seria possivel encontrar? Algum de vós já achou nas grammaticas, nos dictionarios, nos livros de litteratura das linguas conhecidas, a recommendação de não ser necessario conhecer-se o a b c, e não ser preciso ler-se o syllabario? Creio que não. O que nos diz a razão, o que ella nos aconselha, é que os que desejam conhecer uma lingua não devem parar no mal soletrar o syllabario, assim como os que querem conhecer uma ou mais das sciencias naturaes, não se devem contentar com a simples visão dos individuos do reino que desejam estudar.

Sou forçado á dizer que, mesmo relativamente a formação de *mediums* o nosso primeiro anno de tirocinio foi quasi esteril. Poucas vezes ensaiámos no correr das nossas sessões, d'ahi talvez tenha resultado não contarmos em nosso seio maior numero de socios com suas faculdades medianimicas desenvolvidas. Todos nós sabemos e ha pouco alludi que, no movimento espirita que observamos nós os encarnados somos meros instrumentos, devemos porém reflectir que, para que um instrumento possa ser utilizado por alguém é necessario estar collocado nas condições de poder-o ser. Ora, se não ensaiaramos constantemente, isto é, se não tomarmos o lapis, concentrarmo-nos, não daremos occasião á que os espiritos encarregados da propaganda venham-se manifestar, venham procurar estabelecer relações fluidicas com os experimentadores. E' por isso que havemos durante todas as nossas sessões fazer ensaios, pois só assim conseguiremos formar *mediums*; porque, creio que todos devem convir que um grupo de estudos espirita, sem os seus instrumentos — os *mediums* — assemelha-se a um gabinete de physica sem apparelhos.

Senhores, quanto á mim, a razão que imperou no animo do amigo, director dos nossos trabalhos durante o anno findo, foi o que vou manifestar, como unica que pôde attenuar, não ter elle admittido ensaios de manifestações physicas. Elle provavelmente reflectio que podia durante as primeiras experiencias não se produzir phenomeno algum, e essa circumstancia desanimar aos que começavam a estudar. Nos primeiros tempos das nossas reuniões este proceder seria até certo ponto prudente, porém ter persistido n'elle, não julgo haver sido de bom aviso.

Se alguns socios por seus esforços, por seus estudos, não tivessem obtido particularmente um ou outro phenomeno, quero acreditar que o nosso grupo não existiria hoje. Póde bem ser que os acontecimentos tivessem tomado esse curso por assim entender os Espiritos Superiores, encarregados da propaganda da nossa doutrina ; mas devemos nunca perder de vista que elles nos aconselham porém que não subjugam o nosso livre arbitrio. E, demais, assim como ha na erratecidade Espiritos bons encarregados da missão Divina, de propagar o espiritismo, de conduzirem os homens pelo bom caminho, ha tambem mãos que procedem em sentido contrario. Nós o sabemos, o mundo espirita é um *simile* d'este mundo em que vivemos corporalmente.

Não seriam pois alguns ensaios infructiferos que trariam o desanimo no proseguimento dos nossos estudos ; porque desde o começo sabíamos que esses phenomenos não se reproduzem ao saber da nossa vontade, que n'esses ensaios não se póde contar com a mesma infallibilidade dos ensaios da physica ou da chimica experimental. Para se obter algum resultado é preciso que os experimentadores se colloquem nas condicções precisas (ahi está toda a difficuldade) e esperar por elle. Muitas experiencias falham, mas lá vem uma occasião em que um ou mais phenomenos se reproduzem ao mesmo tempo ou semultaneamente e são observados pelos experimentadores. Ainda mais, um ou outro phenomeno póde-se dar tornando-se visivel para alguns, e invisivel para outros. Esse facto parecerá extremamente estranho aos que não conhecem a sciencia espirita ; entretanto, se elle não fosse real o espiritismo deixaria de ser sciencia espiritual, e sim seria sciencia material.

Muitos dos phenomenos não são percebidos pelos nossos cinco sentidos ; isto é, pelos orgãos materiaes do nosso corpo, mas por um sexto sentido — a vista psychica — ora, se em relação á vista, a audição, ao olphato, ao paladar, ao tacto, vemos quanto variam as percepções, entre os homens, quanto não deve ser variavel a percepção da vista psychica ?

Se me achasse fallando no meio de pessoas leigas em espiritismo, com a interrogação que acabo de fazer, julgariam-me vêr escorregar, *cahir mesmo* no termo que chamam das illusões. Entretanto, provaríamos aos que assim pensassem ou que assim pensem, que illudidos estão elles por não terem ainda percebido que possuem esse sexto sentido — a vista d'alma ! — que assim como se aperfeioa o ouvido para fruir a harmonia, assim tambem todos podem aperfeioar a vista psychica.

Desejando, senhores, dar desenvolvimento aos nossos trabalhos julgo que não devemos em nossas sessões geraes occuparmo-nos com os Espiritos soffredores; entretanto uma secção especial deverá ser creada para esse fim; encarregando-se d'ella aquelles dos nossos irmãos que quizerem, os quaes se reunirão aqui em qualquer outro dia da semana; essa idéa vindo condemnar a pratica dos trabalhos seguidos durante o anno findo, não posso deixal-a aqui consignada sem algum desenvolvimento, tanto mais quando, se me não explicar, poder-se-ha dizer que por minha parte ligo pouca importancia a esses seres intelligentes, que erram nas trévas, que não busco ser caridoso para com elles. Bem longe d'ahi o meu pensamento. E' justamente procurando ser mais caridoso do que fomos, que lembro não nos occupar com elles em plenas sessões.

As pessoas que têm a razão escravizada a fé theologica enxergam nas evocações uma profanação; para nós espiritas essa profanação não existe, mas devendo existir em todos nós profundo decóro para com seres que não existem sobre a terra, decóro tanto mais conveniente de ser guardado, quanto mais infelizes são elles, não os devemos collocar na dura condição de virem em pleno auditorio confessar suas faltas. Isto quanto aos Espiritos propriamente soffredores. Quanto aos Espiritos levianos e obsessores, se não lhes devemos mais do que a benevolencia, nem por isso os havemos de chamar em nossas sessões, porque seria dar um espectáculo repugnante não só á nós como aos nossos visitantes. Creio que poderemos ser mais caridosos occupando-nos muito particularmente com essas classes de Espiritos.

Sendo-me preciso lêr o regimento de nossas futuras sessões, no qual tereis em synthesis parte do que acabaes de ouvir, não desejo por mais tempo fatigar a vossa benevola attenção, e por isso terminarei aqui, supplicando á Deus que lance sobre todos nós um olhar de sua infinita bondade, bem como pedindo aos bons Espiritos, continua assistencia.

Tenho concluido.

VOCABULARIO ESPIRITA

AGÉNERE (do grego, *a*, privativa, e *géné*, *génomai*, engendrar; aquillo que não foi engendrado). É uma variedade das aparições tangíveis; estado de certos Espiritos que podem tomar momentaneamente as fórmulas de uma pessoa viva ao ponto de uma illusão perfeita. Faculdade que tem certos Espiritos de se desprenderem do corpo carnal, e apparecerem em outro lugar. S. Antonio foi agénera.

ERRATICIDADE. Estado dos Espiritos errantes; isto é, não encarnados, durante os intervallos das existencias corporaes.

ESPIRITO. No sentido da doutrina espirita, *os Espiritos são seres intelligentes da criação que povoam o Universo fóra do mundo material, e constituem o mundo invisivel*. Não são seres de uma criação especial, mas as almas dos que viveram sobre a terra e em outros planetas, deixando o envoltorio material que chamamos corpo.

BATEDOR. Qualidade de certos Espiritos. Os Espiritos batedores são os que revelam a presença por meio de pancadas e ruidos de naturezas diversas.

MEDIANIMICA. Qualidade do poder dos mediums. *Faculdade medianimica*.

MEDIANIMIDADE. Faculdade dos mediums. Synonymo de *mediumnidade*. Estas duas palavras são empregadas indifferente-mente; querendo-se fazer distincção, póde-se dizer que a *mediumnidade* tem sentido generico, e *medianimidade* sentido restricto. Assim, podemos dizer Paulo tem o dom de *mediumnidade*, e Pedro a *medianimidade mecanica*.

MEDIUM (do latim, *medium*, mediador, intermediario). O individuo que serve de intermediario entre os Espiritos e os homens.

MEDIUMA. Missão providencial dos mediums.

PERISPIRITO (do grego *péiri*, em torno). Envoltorio semi-material do Espirito. Nos encarnados, serve de laço ou intermediario entre o Espirito e a materia; constitue o corpo fluidico dos Espiritos desencarnados.

PNEUMATOGRAPHIA (do grego, *pneuma*, ar, sopro, vento, espirito, e *graphô*, escrevo). Escripura directa dos Espiritos sem o concurso da mão do medium.

PNEUMATOPHONIA (do grego, *pneuma*, e de *phonê*, som ou voz). Voz dos Espiritos; communicação oral dos Espiritos sem o socorro da voz humana.

PSYCHOGRAPHO (do grego, *psuk*, borboleta, alma, e *graphô*, escrevo). Aquelle que faz a *psychographia*; medium escriptor.

PSYCHOPHONIA. Comunicação dos Espiritos pela voz de um medium fallado r.

REENCARNAÇÃO. Volta do Espirito á vida corporal; pluralidade das existencias corporeas.

SEMATOLOGIA (do grego *semá*, signal, e *logos*, discurso). Linguagem dos signaes. Comunicação dos Espiritos pelo movimento dos corpos inertes.

ESPIRITA. O que tem relação com o espiritismo; partidario do espiritismo; aquelle que crê nas manifestações dos Espiritos. Assim, podemos dizer, *um bom espirita, um máo espirita. A doutrina, a sciencia espirita.*

ESPIRITISMO. Doutrina fundada sobre a crença da existencia dos Espiritos e de suas manifestações.

ESPIRITISTA. Esta palavra, empregada em principio para designar os adeptos do espiritismo, não foi consagrada pelo uso, e a palavra *espirita* prevaleceu.

ESPIRITUALISMO. O que tem relação com o espiritualismo; partidario do espiritualismo. Todo aquelle que acredita haver em nós alguma cousa além da materia é *espiritualista*, o que não implica acreditar na crença das manifestações dos Espiritos. Todo o *espirita* é forçosamente *espiritualista*; mas póde-se ser *espiritualista* sem ser *espirita*; só o *materialista* não póde ser nem uma nem outra cousa. Diz-se: a *philosophia espiritalista*; uma obra escripta nas idéas *espiritalistas*. — As manifestações *espiritas* são produzidas pela acção dos Espiritos sobre a materia. — A moral *espirita* emana do ensino dado pelos Espiritos. — Ha *espiritalistas* que redicularisam as crenças *espiritas*. Bastam estes exemplos para justificar a criação da palavra *espirita*.

STÉRÉOTITA (do grego *stéréos*, solido). Qualidade de aparições tangiveis.

TYPTOR (do grego *typtó*, bato.) Variedade dos mediums aptos para a typtologia. *Medium typtor.*

TYPTOLOGIA. Linguagem por meio de pancadas; modo de comunicação dos Espiritos. *Typtologia alphabetica.*

NOTA. As palavras *Psychologia, psychographo, psychographia, psychophonia*, pronunciam-se como se fossm escriptos assim: *psycologia, psycografia, psycofonia.*

Differentes naturezas de manifestações

Conforme a aptidão que tem cada Espirito, conforme a sua maior ou menor elevação, assim buscam elles attestarem a sua presença. Os phenomenos espiritas procedem do modo pelo qual os Espiritos se communicam. E' pois, de todo interesse dar um quadro, desde já, das differentes naturezas de communicações, que pôde ser resumido nos seguintes pontos :

1.º *Ação occulta*, quando o phenomeno nada tem de ostensivo. Taes são, por exemplo, as inspirações de pensamentos, advertencias intimas, a influencia sobre os acontecimentos, etc.

2.º *Ação patente ou manifestação*, quando de uma maneira qualquer o phenomeno torna-se apreciavel.

3.º *Manifestações physicas ou materiaes* ; são as que se traduzem por phenomenos sensiveis, taes como ruidos, movimento e deslocamento de objectos. As manifestações d'este genero geralmente não têm sentido directo ; particularmente o fim d'ellas é despertar a nossa attenção sobre alguma cousa, e convencer-nos de uma potencia sobre-humana.

4.º *Manifestações visuaes, ou apparições*, quando o Espirito se apresenta á vista, sem ter as propriedades conhecidas da materia.

5.º *Manifestações intelligentes*, quando revellam um pensamento. Toda a manifestação que comporta um sentido, sendo ainda mesmo um simples movimento ou ruido accusando uma certa liberdade de acção, correspondendo á um pensamento ou obedecendo á uma vontade, é uma manifestação intelligente. D'estas ha em muitos grãos.

6.º *As communicações*; são as manifestações intelligentes tendo por fim troca seguida de pensamentos entre os homens e os Espiritos.

A natureza das communicações variam conforme o grão de elevação ou inferioridade, de saber ou de ignorancia do Espirito que se manifesta, e conforme a natureza do assumpto de que se tracta. Podem, pois, serem : *frivolas, grosseiras, sérias ou instructivas*.

As communicações frivolas emanam de Espiritos levianos, zombeteiros e traquinas, mais astutos do que perversos, que não ligam importancia alguma ao que dizem.

As communicações grosseiras se traduzem por expressões que chocam a decencia. Ellas são dadas pelos Espiritos inferiores ou que ainda não estão despidos das impurezas da materia.

As communicações sérias são graves quanto ao assumpto, como pelo modo por que são feitas. A linguagem dos Espiritos superiores é sempre digna e escoimada de toda trivialidade. As communicações que excluem a frivolidade e a grosseria, e que têm um fim util, sendo mesmo de interesse privado, são por isso mesmo sérias.

As communicações instructivas são as communicações sérias que têm por objecto principal um ensino qualquer dado pelos Espiritos sobre sciencias, sobre moral, sobre philosophia, etc. São mais ou menos profundas, mais ou menos proxima da *verdade*, conforme o grão de elevação e de *desmaterialisação* do Espirito. Para colher d'essas communicações fructo real, é preciso que sejam regulares e seguidas com perseverança. Os Espiritos sérios ligam-se aos que se querem instruir e os ajudam, ao passo que, abandonam aos Espiritos levianos os que desejam as manifestações como uma distracção passageira. Pela regularidade e frequencia das communicações é que se pó se apreciar a elevação moral e intellectual dos Espiritos com os quaes entretemos relações, bem como o grão de confiança que devemos ligar ás suas communicações. Se não podemos dispensar a experiencia prolongada para julgarmos os homens, como pôdel-a-hemos dispensar para julgarmos os Espiritos ? !

Respostas dos Espiritos a algumas questões.

Perg.—Como os Espiritos pôdem actuar sobre a materia? Esse facto parece contrario as idéas que fazemos da natureza dos Espiritos.

Resp.—« Conforme vós, o Espirito não é nada, isso é um erro; nós temol-o dito, o Espirito é alguma cousa, é por isso que elle pôde actuar por si proprio; porém o vosso mundo é muito grosseiro para que elle possa actuar sem intermediario; isto é, sem o laço que une o Espirito á materia. »

Observação.—O laço que une o Espirito á materia sendo por si mesmo, se não immaterial, pelo menos impalpavel, esta resposta não resolveria a questão se nós não tivéssemos o exemplo de potencias igualmente impalpaveis actuando sobre a materia; é assim, que o pensamento é a causa primitiva de todos os nossos movimentos voluntarios, que a electricidade põe por terra, levanta e transporta massas inertes. Por desconhecermos o como, seria illogico concluir que o facto não existe. O Espirito pôde ter alavancas que nos são por em quanto desconhecidas; a propria natureza material nos mostra todos os dias que sua potencia não pára no testemunho dos nossos sentidos. Nos phenomenos espiritas, a causa immediata é sem contradicção um agente physico; porém a primitiva é uma intelligencia que actua sobre esse agente, como o nosso pensamento actua sobre os nossos membros. Quando queremos bater, é nosso braço que actua, não é nosso pensamento que bate, mas é o pensamento que dirige o braço.

Perg.—Entre os Espiritos que produzem os effeitos materiaes, os chamados *batedores* formam cathegoria especial ou são os mesmos que produzem os movimentos e os ruidos?

Resp.—« O mesmo Espirito pôde certamente produzir effeitos muito differentes, porém ha os que se occupam com mais particularidade de certas cousas, como, entre vós, ha ferreiros e lutadores. »

Perg.—O Espirito que actua sobre os corpos solidos, quer para os mover, quer para bater, acha-se na propria substancia do corpo ou está fóra desta substancia?

Resp.—Uma cousa e outra; temos dito que a materia não é um obstaculo para o Espirito; elles a penetram completamente. »

Perg.—As manifestações materiaes, taes como ruidos, movimento de objectos e todos os phenomenos que muitas vezes se aprazem provocar, são produzidos indistinctamente pelos Espiritos superiores e pelos Espiritos inferiores?

Resp.—São os Espiritos inferiores que se occupam com essas cousas. Os Espiritos superiores servem-se algumas vezes d'elles, como tu te serverias de um mariola, afim de conseguir que sejam escutados. Podeis acreditar que os Espiritos de uma ordem elevada estejam ás vossas ordens para divertir-vos com pasquinadas? E' o mesmo que se perguntasseis se no mundo são os homens sabios e serios que constituem os pelotiqueiros e os farcistas. »

Observação —. Os Espiritos que revelam por effeitos materiaes são em geral de ordem inferior. Divertem ou deslumbram aquelles para quem o espectaculo da vista tem mais attractivos do que os exercicios da intelligencia; são de alguma sorte os saltim-bancos do mundo espirita. Algumas vezes obram espontaneamente: outras vezes, por ordem dos Espiritos superiores.

Posto que as communicações dos Espiritos superiores offereçam interesse mais serio, as manifestações physicas têm igualmente a sua utilidade para o observador; revelam-nos forças desconhecidas existentes na natureza, e dão-nos o meio de estudar o character, e, se podemos assim nos explicar, os costumes de todas as classes da população espirita.

Perg. — Como provar que a potencia occulta que actua nas manifestações espiritas é externa ao homem? Não se poderia pensar que ella reside n'elle; isto é, que o homem obra pela impulsão de seu proprio Espirito?

Resp. — Quando uma cousa se faz contra tua vontade e contra teu desejo, certamente não és tu que a produzistes; porém muitas vezes és a alavanca de que se serve o Espirito para obrar, e tua vontade vem auxiliá-lo; podes ser um instrumento mais ou menos commodo para elle. »

Observação. — E' principalmente nas communicações intelligentes que a intervenção de uma potencia estranha torna-se patente. Quando essas communicações são espontaneas e fóra do nosso pensamento e de nosso confronto, quando respondem questões cuja solução é desconhecida dos assistentes, é forçoso buscar a causa fóra de nós. Torna-se isso evidente para todos que observam os factos com attenção e perseverança; as mutações de detalhe escapam ao observador superficial.

Perg. — Todos os Espiritos são capazes de dar communicações intelligentes?

Resp. — Sim, porque todos Espiritos são intelligentes ; porém, como os ha de grãos diversos, acontece o mesmo que entre vós ; uns dizem cousas insignificantes ou estupidas, outros cousas sensatas.

Perg. — Todos os Espiritos estão aptos para comprehender as questões que se lhes propõe ?

Resp. — Não ; os Espiritos inferiores são incapazes de comprehender certas questões, o que não os impede de bem ou mal responderem : é ainda o mesmo como entre vós.

Observação. — Vê-se por isso quanto é essencial pôr-se em guarda contra a crença do saber infinito dos Espiritos. Dá-se com elles o mesmo que com os homens ; não basta interrogar á qualquer para ter-se resposta sensata, é preciso saber-se á quem recorrer.

Todo aquelle que quer conhecer os costumes de um povo deve estudal-o desde a base até o cume da escala ; vêr só uma classe, é fazer uma idéa falsa julgando o todo por uma das partes. O povo dos Espiritos é como o nosso ; ha de tudo, bom, máo, sublime, trivial ; saber e ignorancia. Todo aquelle que não o tiver observado como philosopho não póde lisongear-se de o conhecer. As manifestações phisicas nos fazem conhecer os Espiritos de baixa classe ; é a praça e o tugurio. As communições instructivas e sabias põe-nos em relação com os Espiritos elevados ; é a sociedade escolhida ; o castello, o instituto.

Differentes modos de communicações.

As communicações intelligentes entre os Espiritos e os homens podem ter logar por signaes, pela escripta e pela palavra.

Os signaes consistem no movimento significativo de certos objectos, e mais das vezes pelos ruidos, pancadas ou choques. Quando esses phenomenos comportam um sentido, não podem permittir duvida sobre a intervenção de uma intelligencia occulta, pela razão que, *se todo effeito tem uma causa, todo effeito intelligente tem uma causa intelligente.*

Debaixo da influencia de certas pessoas chamadas *mediums*, e algumas vezes espontaneamente, um objecto qualquer pôde executar movimentos convencionados, bater um numero de vezes determinadas e transmittir por esse meio respostas — *sim* ou *não*, ou designando as letras do alphabeto, formar phrases completas.

As pancadas podem-se fazer ouvir sem movimento algum apparente e sem causa ostensiva, quer na superficie, quer no interior dos tecidos dos proprios corpos inertes, *verbi-gratia*, em uma parede, em uma pedra, em um movel ou em qualquer outro objecto. De todos os moveis, as mezas são preferidas pela facilidade que temos de collocarmo-nos em torno d'ellas, para procedermos as experiencias; d'ahi resultou a designação do phenomeno em geral pelas expressões assás triviaes de *mezas fallantes* e de *dança das mezas*; expressões que convém abandonar; em primeiro logar, por se prestarem ao rediculo; em segundo, porque podem induzir ao erro de se suppor que as mezas têm a esse respeito alguma influencia especial. Esse modo de communicação chama-se *sematologia espirita*.

Para se communicarem pela escripta, os Espiritos empregam, como intermediarios, certas pessoas dotadas da faculdade de escrever debaixo da influencia da potencia occulta que os dirige e ás quaes cedem a um poder evidentemente externo á si, e fóra de suas apreciações; por isso que, ellas não podem parar, nem proseguirem á vontade, e o mais das vezes não têm consciencia do que escrevem. As mãos são agitadas por um movimento involuntario, quasi febril; tomam o lapis a seu pezar e da mesma fórma o largam; nem a vontade, nem o desejo dessas pessoas podem fazer andar o lapis não querendo o Espirito. E' a *psychographia directa*.

A escripta tambem se obtem pela unica imposição das mãos sobre um objecto convenientemente disposto e munido de um

lapis ou qualquer outro instrumento proprio para escrever. Os objectos geralmente empregados são as planchetas e as cestinhas dispostas para esse effeito. A potencia occulta que actua sobre a pessoa transmite-se ao objecto, que d'est'arte torna-se um appendice da mão, e imprime o movimento necessario para traçar os caracteres. E' a *psychographia indirecta*.

As communicações transmittidas pela *psychographia* são mais ou menos extensas, conforme o gráo da faculdade mediadora. Alguns apenas obtem palavras; em outros a faculdade se desenvolve pelo exercicio, e escrevem phrases completas, e muitas vezes dissertações desenvolvidas sobre assumptos propostos, ou tractados espontaneamente pelos Espiritos sem serem provocados por questão alguma.

A escripta é algumas vezes clara e facil de ser lida; outras vezes só póde ser decifrada pelo que a escreveo, e que a lê por uma sorte de intuição ou de dupla vista.

Debaixo da mão da mesma pessoa a escripta muda em geral completamente de fórma conforme a intelligencia occulta que se manifesta, e o mesmo character de letra se reproduz cada vez que a mesma intelligencia de novo se manifesta. Esse factó, entretanto, nada tem de absoluto.

Os Espiritos transmittem algumas vezes communicações sem intermediario directo. As letras n'este caso são espontaneamente traçadas por uma potencia extrahumana, visivel ou invisivel. Sendo util que cada causa tenha seu nome, para que nos possamos entender, esse modo de communicação escripta é chamado *espiritographia*, para distinguil-o da *psychographia* ou escripta obtida por um medium. A differença d'estas duas palavras é facil de ser feita. Na *psychographia*, a alma do medium comparticipa de alguma fórma na manifestação do phenomeno, quando mais não seja, como intermediaria, ao passo que, na *espiritographia* é o Espirito que obra por si mesmo.

O terceiro modo de communicação é a palavra. Certas pessoas soffrem nos orgãos da voz a influencia da potencia occulta que se faz sentir, semelhante a que soffre a mão das que escrevem. Transmittem, assim, pela palavra tudo quanto as outras transmittem pela escripta.

As communicações verbaes, assim como as communicações escriptas, algumas vezes têm logar sem intermediario corporal. Palavras e phrases podem repercutir em nossos ouvidos ou em nosso cerebro sem causa physica apparente. Podem Espiritos nos apparecer em sonho quando dormimos ou

quando acordados achamo-nos bem despertos, dirigir-nos a palavra para nos fazer advertencias e dar-nos instrucções.

Seguindo o mesmo systema de nomenclatura adoptada para as communicações escriptas, deveriamos chamar a palavra transmittida pelo medium psychologia, e a que vem directamente do Espirito—*espiritologia*; porém a palavra psychologia tendo já uma accepção conhecida, não podemos desvial-a. Designaremos todas as communicações verbaes pelo nome — *espiritologia*, as primeiras pelas palavras *espiritologia mediata*, e as segundas pelas palavras *espiritologia directa*.

Dos differentes modos de communicações, a *sématologia* é a mais incompleta; é muito lenta, e com muita difficuldade se presta á communicações extensas. Os Espiritos superiores não se servem de bôa vontade d'esse meio, quer pela lentidão, quer por serem incompletas as respostas por *sim* e por *não* e sujeitas a erro. Para o ensino, preferem os mais promptos: — a escripta e a palavra.

A escripta e a palavra são effectivamente meios mais completos para a transmissão do pensamento dos Espiritos, quer pela precisão das respostas, quer pelos desenvolvimentos que comportam. A escripta tem a vantagem de deixar traços materiaes, e ser um dos meios mais proprios para combater a duvida. Em todo caso, não se tem a liberdade absoluta de escolher, porque os Espiritos se communicam pelos meios que julgam mais á proposito; tanto mais quando, as communicações dependem de aptidões.

Reconhecimento da existencia dos Espiritos e de suas manifestações.

Por mais que as primeiras manifestações espiritas tivessem feito adeptos, encontraram não só muitos incredulos, porém adversarios encarniçados, e mesmo muitas vezes interessados no discredito d'ellas. Hoje os factos fallam tão alto que força a evidencia, e se ainda ha incredulos systematicos, nós predizemo-lhes com certeza que, não se passarão muitos annos que não aconteça em relação aos Espiritos o que tem succedido com a mór parte das descobertas que foram combatidas violentamente, ou olhadas como utopias mesmo por aquelles cujo saber deveria tel-os tornado menos scepticos no que diz respeito ao progresso. Já vemos algumas pessoas, mesmo entre as que não podem profundar esses estranhos phenomemos, convir que o nosso seculo é tão fecundo em cousas extraordinarias, e que a natureza tem tantos recursos desconhecidos, que haveria mais do que leviandade negar a possibilidade d'aquillo que não se comprehende. Esses dão provas de sabedoria. Eis, no entanto, uma autoridade que não poderá ser suspeita em se prestar leviamente a uma mystificação, é um dos principaes jornaes ecclesiasticos de Roma — *Civiltà Catholica*. Reproduziremos aqui um artigo que esse jornal publicou em Março de 1857, e se verá que será difficil provar com melhores argumentos a existencia e as manifestações dos Espiritos. E' verdade que divergimos d'elle quanto á natureza dos Espiritos; elle só admitte os máos, ao passo que nós admittimos bons e máos: é um ponto que trataremos mais tarde com todos os desenvolvimentos necessarios. O reconhecimento das manifestações espiritas por uma autoridade tão grave e tão respeitavel é um ponto capital; resta pois julgal-a: O *Universo*, reproduzindo o artigo, precede-o com as sabias reflexões seguintes:

« Por occasião da publicação de uma obra em Ferrara, sobre a pratica do *magnetismo animal*, noticiámos aos nossos leitores os sabios artigos que haviam sahido na *Civiltà Catholica* de Roma, sobre a *Necromancia moderna*, e reservámo-nos fazel-o conhecer mais de espaço. Damos hoje o ultimo d'esses artigos, que contém em algumas paginas as conclusões da revista romana. Além do interesse que naturalmente se liga á essas materias e a confiança que nos deve inspirar um trabalho publicado pela *Civiltà*, a oportunidade particular da questão n'este momento nos dispensa de chamar a attenção sobre um assum-

pto que muitas pessoas tem tractado em theoria e em pratica de uma maneira muito pouco séria, á despeito d'aquella regra de vulgar prudencia que, exige se proceda com tanto mais circumspecção quanto mais extraordinarios são os factos. »

Eis o artigo: « De todas as theorias que se tem posto na dianteira para explicar *naturalmente* os diversos phenomenos conhecidos com o nome de *espiritualismo americano*, não ha uma só que atinja o fim, e ainda menos que consiga explicar todos os phenomenos. Se uma ou outra das hypotheses basta para explicar alguns, haverá sempre muitos que ficarão inexplicados e inexplicaveis. O embuste, a mentira, a exaggeração, as allucinações seguramente devem ter grande parte nos factos que se referem; porém depois de feito este rebate, resta ainda uma massa tal que, para negar a realidade d'ella, é preciso recusar todo credito a autoridade dos sentidos e do testemunho humano. Entre os factos em questão, um certo numero podem ser explicados pela mechanica ou mechanica-physiologica; mas ha uma porção d'elles e é o mais consideravel, que por fórma alguma prestam-se as explicações d'aquelle genero. A' esta ordem de factos ligam-se todos os phenomenos dos quaes os effectos obtidos ultrapassam evidentemente a intensidade da força motriz que deveria os produzir. Taes são; 1° os movimentos, os sobresaltos violentos de pesadas massas e solidamente equilibradas, pela simples pressão ou sómente pelo contacto das mãos; 2° os effectos e os movimentos que se produzem sem contacto algum, por consequente sem impulsão alguma mechanica quer immediata, quer mediata; finalmente esses outros effectos que são de natureza á manifestarem-se produzidos por uma intelligencia e uma vontade distinctas das dos experimentadores. Para explicar estas tres ordens diversas de factos, temos ainda a theoria do magnetismo; porém por mais largas concessões que se esteja disposto á se lhe fazer, e admitindo mesmo, a olhos fechados, todas as hypotheses gratuitas sobre as quaes se funda, todos os erros e absurdos que a invade, e as faculdades miraculosas que lhes são attribuidas pela vontade humana, ao fluido nervoso, bem como a outros quaesquer agentes magneticos, essa theoria nunca poderá, auxiliada pelos seus principios, explicar convenientemente como uma meza magnetizada por um *medium* manifesta em seus movimentos, intelligencia e vontade proprias; isto é, distinctas das do *medium*, e que muitas vezes são contrarias e superiores á intelligencia e á vontade d'elle.

Como explicar semelhantes phenomenos? Recorreremos, nós também, á não sei que causas occultas, á que forças ainda desconhecidas da natureza?—as novas explicações de certas faculdades, de certas leis que até ao presente haviam ficado inertes e como que adormecidas no seio da criação? Equivaleria abertamente confessar a nossa ignorancia e enviar o problema para augmentar o numero de tantos enigmas que o pobre espirito humano não tem podido até o presente nem poderá achar a solução. Finalmente, por nossa conta, não hesitamos confessar nossa ignorancia á respeito de muitos dos phenomenos em questão, dos quaes a natureza é tão equivocada e tão obscura, que o mais sabio partido nos parece ser não buscar explical-os. Em desforra, outros ha para os quaes não nos parece difficil achar a solução; verdade é que torna-se impossivel procural-a nas causas naturaes; mas, então porque hesitariamos pedil-a a essas causas que pertencem a ordem sobre-natural? Talvez sejamos desviados pelas objecções que os scepticos oppõem e os que, negando essa ordem sobre-natural, nos dizem que não se póde discriminar até aonde as forças da natureza se estendem, que o campo que ainda resta á ser descoberto pelas sciencias phisicas não tem limites, que ninguem sabe com bastante precisão o ponto aonde termina um e começa o outro. A resposta a uma objecção semelhante nos parece facil; admittindo que se não possa precisamente determinar o ponto de divisão d'essas duas ordens oppostas, a ordem natural e a ordem sobre-natural, não se segue que não se possa discriminar com certeza se tal effeito dado pertence a uma ou a outra d'essas ordens. Quem póde, no arco-iris, distinguir o ponto preciso aonde termina uma das côres e aonde começa outra? Quem póde marcar o instante exacto da terminação do dia e do começo da noite? E, entretanto, não se encontra um só homem assaz obtuso para concluir d'isso que não se possa saber se tal zona do arco-iris é vermelha ou amarella, se á certa hora é dia ou noite. Quem não observa que, para conhecer a natureza de um facto, por fórma alguma é preciso passar pelo limite aonde começa, aonde acaba a cathegoria á que pertence, e que é bastante comprovar se tem certos caracteres inherentes á cathegoria á que pertence?

Appliquemos esta observação tão simples á presente questão: não podemos dizer até aonde vão as forças da natureza; porém, não obstante, dando-se um facto, podemos muitas vezes, conforme seus caracteres descriptivo, pronunciar com certeza

que elle pertence a ordem sobre-natural. E, para não sair do nosso problema, entre os phenomenos das mezas fallantes, muitos ha que, conforme nossa opinião, manifestam esses caracteres de fórma evidentissima; taes são aquelles nos quaes o agente que move as mezas obra como causa intelligente e livre, mostrando ao mesmo tempo uma intelligencia e uma vontade que lhes são proprias; isto é, superiores ou contrarias a intelligencia e a vontade dos *mediums*, dos experimentadores e dos assistentes; distinctas, em uma palavra, d'estas, não obstante o modo pelo qual atteste essa distincção. Em casos semelhantes se é forçado, posto não se queira á principio, admitir que esse agente é um Espirito e não um espirito humano, e que então está fóra d'essa ordem, d'essas causas que nós temos o habito de denominar naturaes, d'aquellas, dizemos nós, que não ultra-passam as forças do homem.

« Taes são precisamente os phenomenos que, como acima dissemos, têm resistido á toda theoria fundada sobre os principios puramente naturaes, em quanto que na nossa acham elles explicação mais facil e a mais clara, visto que, todos sabem que a potencia dos Espiritos sobre a materia excede muito as forças do homem; e visto não haver effeito maravilhoso, os citados da necromancia moderna, não podem deixar de ser attribuidos á sua acção.

« Sabemos muito bem que se nos vendo pôraqui os Espiritos em scena, mais de um leitor rir-se-ha piedosamente. Sem fallar das pessoas que, verdadeiros materialistas, não acreditam na existencia dos Espiritos e regeitam como fabula tudo quanto não é materia ponderavel e palpavel, nem dos que, admittindo inteiramente a existencia dos Espiritos recusam-lhes toda a influencia, toda intervenção no que diz respeito ao nosso mundo; ha, em nossos dias, muitos homens que, concedendo inteiramente aos Espiritos o que um bom catholico não poderá lhes recusar, á saber a existencia e a faculdade de intervir nos factos da vida humana de uma maneira occulta ou patente, ordinaria ou extraordinaria, parecem desmentir não obstante sua fé na pratica, e olhar como uma vergonha, como um excesso de credulidade, como uma superstição das beatas, admittir a acção d'esses mesmos Espiritos em certos casos especiaes, contentando-se em não negar em these geral. E, á fallar verdade, ha quasi um seculo, tem-se tanto escarnecido da simplicidade da idade media, accusando-a vêr por toda parte Espiritos, malificios e feiticeiros, e tanto se tem declamado sobre esse assumpto, que nada ha de maravilhoso que tantas cabeças fracas, que querem

parecer fortes, experimentem d'ora-avante repugnancia e como que uma sorte de vergonha acreditar na intervenção dos Espiritos. Mas esses excessos da incredulidade não é em cousa alguma menos desarrasoavel do que foi em outras épocas o excesso contrario, e se em semelhante materia, muito acreditar conduz a vans superstições, nada querer admittir, em desforra, vai direito a impiedade do naturalismo. O homem sabio, o christão prudente, devem evitar igualmente os dois extremos, e firmarem-se na linha intermedia; porque, é ahí que se acham a verdade e a virtude. Entretanto, n'esta questão das mezas fallantes, de que lado uma vez prudentes nos havemos de inclinar?

« A primeira, a mais sabia das regras que nos impoem essa prudencia, nos ensina que para explicar os phenomenos que offerecem um caracter extraordinario, não se deve recorrer ás causas sobre-naturaes senão quando as que pertencem a ordem natural não bastam para esclarecel-os. D'onde segue-se, em desforra, a obrigação de admittir as primeiras, quando as segundas são insufficientes. E justamente é esse o nosso caso; effectivamente, entre os phenomenos dos quaes fallamos, não ha theoria alguma, causa alguma puramente natural que os explique. E' pois não sómente prudente, porém necessario procurar a explicação d'elles na ordem sobre-natural, ou, em outros termos, de attribuil-os á puros Espiritos, visto que, fóra e acima da natureza, não ha outra causa possivel.

« Eis uma segunda regra, um *criterium* infallivel para pronunciar em relação a um assumpto qualquer, se elle pertence a ordem natural ou sobre-natural; é examinar bem os caracteres, e determinar conforme elles a natureza da causa que o produzio. Ora, os factos d'esse genero os mais maravilhosos, aquelles que nenhuma outra theoria póde explicar, offerecem caracteres taes, que demonstram uma causa, não somente intelligente e livre, porém ainda mais dotada de uma intelligencia e vontade que nada tem de humano; logo essa causa não póde ser senão um Espirito.

« Assim, por dois caminhos, um directo e negativo que procede pela exclusão, outro directo e positivo por isso que é fundado sobre a natureza dos factos observados, chegamos a esta mesma conclusão, a saber: que entre os phenomenos da necromancia moderna, ha pelo menos uma cathegoria de factos que, sem duvida, são produzidos por Espiritos. Somos conduzidos a esta conclusão por um raciocinio tão simples, tão natural, que longe de temer acceitando-o ceder a uma imprudente cre-

dulidade, ao contrario acreditamos dar provas de uma fraqueza e de uma incoherencia de espirito indesculpavel recusando admittil-o. Para confirmar nossa asserção, os argumentos não nos falleceriam ; porém o espaço e o tempo nos faltam para desenvolvê-lo aqui. O que temos dito até agora basta de sobra, e pôde resumir-se nas quatro proposições seguintes :

« 1.^a Entre os phenomenos em questão, descriminando o que se pôde attribuir rasoavelmente a impostura, as allucinações e as exagerações, resta um grande numero dos quaes não se pôde pôr em duvida a realidade, sem violar todas as leis de uma critica san.

« 2.^a Todas as theorias naturaes que temos expostas e discutidas acima são impotentes para dar uma explicação satisfatoria de todos os factos. Si ellas explicam alguns, deixam o maior numero (e são os mais difficeis) totalmente inexplicados e inexplicaveis.

« 3.^a Os phenomenos d'essa ultima ordem, implicam a acção de uma causa intelligente diversa da do homem, não podem se explicar senão pela intervensão dos Espiritos não obstante o character d'esses Espiritos, questão que nos occupará em outra occasião.

« 4.^a Todos esses factos podem ser divididos em quatro cathogorias : muitos d'elles devem ser regeitados ou como falsos ou como produzidos pelo embuste ; quanto aos outros, os mais simples, os mais faceis de se conceber, taes como as mezas gíatorias, admittem em certas circumstancias uma explicação puramente natural : aquella, por exemplo, de uma impulsão mechanica ; uma terceira classe se compõe de phenomenos mais extraordinarios e mais myteriosos, sobre a natureza dos quaes fica-se em duvida, porque, posto pareçam ultrapassar as forças da natureza, não obstante, não apresentam caracteres taes que se deva evidentemente recorrer, para os explicar, a uma causa sobre-natural. Finalmente, classificamos na quarta cathogoria os factos que, offerecendo de maneira evidente esses caracteres, devem ser attribuidos a operação invisivel dos puros Espiritos.

« Porém esses Espiritos, quaes são elles ? São bons ou máos Espiritos ? anjos ou demonios ? A resposta a esta ultima parte de nosso problema não pôde ser duvidosa, por pouco que se considere, de um lado, a natureza d'esses diversos Espiritos, de outro, o character de suas manifestações. É o que nos resta fazer vêr ».

Instrucções dos Espiritos.

MANEIRA DE ORAR.

O primeiro dever de toda a creatura humana, o primeiro acto com que dêve ella assignalar á volta da vida activa de cada dia, é a oração. Quasi todos vós oraes, porém bem poucos sabem orar! Que importa ao Senhor as phrases que reledes unidas umas as outras machinalmente, por isso que tendes o habito, que é para vós um dêver que cumpris, e que como todo o dêver vos peza?

A oração do christão, do *Espirita* de qualquer culto que seja, dêve ser feita desde que o Espirito retoma o jugo da carne; ella dêve elevar-se aos pés da magestade divina com humildade, com recolhimento por todos os beneficios concedidos até esse dia; pela noite passada e durante a qual vos foi permittido, posto que sem consciencia vossa, voltardes para junto de vossos amigos, de vossos guias, para beberdes em contacto com elles força e perseverança. Ella dêve elevar-se humilde aos pés do Senhor, para exhortar vossa fraqueza, lhe pedir apoio, indulgencia e misericordia. Ella dêve ser profunda, porque é a vossa alma que dêve elevar-se ao Creador, que dêve se transformar como Jesus no Thabor e tornar-se alva e radiante de esperanza e de amor.

Vossa oração dêve encerrar o pedido das graças de que tendes necessidade, porém necessidade real. E' inutil, pois, pedir ao Senhor abreviação de vossas provas, de dar-vos alegrias e riquezas; pedir-lhe que vos conceda os preciosos beneficios da paciencia, da resignação e da fé. Não digaes, como acontece muitas vezes entre vós: « não vale a pena orar, porque Deus não me attende. » A maior parte das vezes o que pedis á Deus? Têndes muitas vezes pensado pedir-lhe a vossa melhoração moral? Oh! não, bem poucos; porém cuidaes de preferencia pedir-lhe *sairdes bem em vossas empresas terrestres*, e exclamaes: « Deus não se occupa comnosco; si elle se occupasse, não haveria tantas injustiças. » Insensatos! ingratos! se descesseis no fundo de vossa consciencia, acharieis quasi sempre em vós proprios o ponto de partida dos males dos quaes vos lastimaes; pedi, pois, antes de todas as cousas a vossa melhoração, e vereis quantas torrentes de graças e de consolação se espalhará sobre vós.

Sem cessar deveis orar, sem que para isso seja necessario ao oratorio ou lançar-vos de joelhos nas praças publicas. A oração do dia é o cumprimento dos vossos deveres, de vossos deveres sem excepção, de qualquer natureza que sejam. Em relação ao Senhor não é acto de amor soccorrer vossos irmãos em qualquer necessidade moral ou physica? Não é praticar um acto de reconhecimento elevar vosso pensamento para Elle quando um accidente é evitado, quando mesmo uma contrariedade vos tocar somente, dizerdes: *Bemdito seja, meu Pae ?!* Não é um acto de contrição humilhar-vos diante do Supremo Juiz, quando presentis terdes peccado, ainda mesmo por um fugitivo pensamento, e dizerdes: — *Perdoai-me, meu Deus, porque pequei (por orgulho, por egoismo ou falta á charidade); dai-me força para jamais peccar e coragem para reparar ?!*

Tudo isso é independente das orações regulares da manhã e da tarde, e dos dias sanctificados; porém, como vêdes, a oração póde ser de todos os instantes, sem interromper vossos trabalhos; assim dito, ella ao contrario os sanctifica. E, acrediteis que um só d'esses pensamentos partindo do coração é mais ouvido por nosso Pai celeste do que as extensas orações ditas por habito, muita vez sem causa determinante, e que nas horas convencionadas lembrai-vos machinalmente. — V. MANOD.

Dita da oração.

Vinde, vós que quereis acreditar: os Espiritos celestes acódem e vem annunciar-vos grandes cousas; Deus, meus filhos, abre os seus thesouros para dar-vos todos os seus beneficios. Homens incredulos! se soubesteis quanto a fé faz bem ao coração, e derrama n'alma o arrependimento e a oração! A oração! ah quão tocantes são as palavras que saiem da boca no momento em que se ora! A oração é o orvalho divino que aniquilla o grande calor das paixões; filha mais velha da fé, ella nos conduz pela vereda que nos leva á Deus. No recolhimento e na solidão, vós estaes com Deus; se para vós ha mysterio, elle se desvenda. Apostolos do pensamento a vida vos pertence; vossa alma se desembaraça da materia e gravita n'esses mundos infinitos e ethereos que os poprios humanos desconhecem.

Marchai, marchai pela vereda da oração, e ouvireis os canticos dos anjos. Quanta harmonia! Não é certamente o ruido confuso nem os accordes clamadores da terra; são as lyras dos archanjos; são as vozes meigas e suaves dos seraphins, mais aligeros que as brisas matutinas quando brincam na folhagem das vossas grandes florestas. Por quantas delicias não passareis vós! vossas linguagens não poderão definir essa felicidade, tanto entrará ella por todos os vossos póros, tantas serão as fontes refrigerantes em que haveis de beber desde que orardes! Meigas vozes, inebriantes perfumes que a alma percebe e saborêa quando arremeça-se n'essas espheras desconhecidas e habitadas pela oração! Sem mistura de desejos carnaes, todas as aspirações são divinas. E vós tambem, orai como Christo carregando sua cruz do Golgotha ao Calvario; carregai vossa cruz, e sentireis as suaves emoções que passaram em sua alma, posto que carregado com um pão infamante; ia morrer, porém para viver na vida celeste, na morada de seu Pai. (S. Agostinho.)

O Livro dos Espiritos.

O senhor Garnier acaba de editar em nossa lingua um livro que tem tido na Europa o mais estrondoso successo. Apparecido, no mundo das letras, ha apenas dezoito annos, já conta vinte e cinco edições. Se á esse facto juntarmos que elle se acha traduzido até em grego, teremos a idéa de que elle encerra uma doutrina que conseguiu despertar, desde logo, uma grande parte do genero humano.

Não lêmos a traducção que acaba de ser feita em nossa lingua, por isso nada podemos dizer sobre ella, mas é natural que satisfaça aos que, não podendo lêr no original francez, buscarem conhecer a philosophia espirita.

Adeptos da philosophia espirita, conhecendo alguma cousa das leis que regem as communicações entre os *vivos* e os *mortos*, somos suspeitos em relação á toda e qualquer apologia que fizermos sobre o livro dos Espiritos, e a sustentação da doutrina na presente noticia não teria cabimento, quando temos sobre os nossos fracos hombros a tarefa de vulgarisal-a por meio da presente publicação.

A' todo aquelle que ouvir redicularisar o espiritismo aconselhamos que busque o Livro dos Espiritos e o lêia.

Ao senhor Garnier diremos que, se até hoje tem concorrido para o desenvolvimento das letras n'este paiz, auxiliando varias publicações, com a edição do *Livro dos Espiritos* acaba de prestar o mais relevante serviço á milhares de individuos que são arrastados á pratica do mal, por ignorarem a senda do bem traçada n'esse livro dictado pelos Espiritos e colligido por Allan-Kardec.

O DICIONARIO UNIVERSAL

DE

Mauricio Lachâte.

E O

JORNAL DO COMMERCIO.

N'essa interessante obra, que certamente não tem por colaboradores folhetinistas de poucos conhecimentos, encontra-se o seguinte artigo sobre o Espiritismo :

« Essa doutrina nova teve seu berço na America do Norte, no meiado d'este seculo ; promptamente espalhou-se por todas as partes do mundo, onde conta numerosos partidarios.

« Tem por attributos a verdade e a justiça ; apoia-se na moral ensinada por Confucio, Platão, Socrates, por todos os sabios da antiguidade, e pelo Joven Mestre de Nazareth ; e tem por ensino a caridade.

« O espiritismo conhece um Deus supremo e a immortalidade da alma ; admite o principio da reencarnação, isto é, a necessidade para cada homem de animar novos corpos *n'esta* terra ou em outras espheras, para elevar-se cada vez mais na ordem intellectual e moral.

« O espiritismo proclama o direito de todos e de cada um a assistencia social nos limites dos recursos geraes, e reciprocamente o dever para cada um e para todos de trabalhar para a sociedade, isto é, a obrigação de concorrer na medida das forças respectivas para o progresso social, na ordem physica, intellectual e moral.

« Um dos dogmas mais consoladores do espiritismo é o da expiação, segundo o qual todos os homens, sem excepções, podem remir seus erros, suas faltas, seus crimes experimentando em uma ou muitas encarnações as provas que lhe forem impostas, e que elles proprios pedirem no estado de espirito.

« O espiritismo é a mais sublime expressão da moral na humanidade, a mais racional das concepções philosophicas, e por todos esses titulos é elle destinado á reunir sob sua bandeira, em futuro mais ou menos proximo, a immensa maioria das nações do globo.»

Acreditamos que com estas palavras, extrahidas de uma obra que é um monumento de saber humano, respondemos a um dos

folhetins do *Jornal do Commercio*. — a *Semana* — que buscou ser *espirituoso* comparando os que se entregam ao elevado estudo da sciencia espirita a um individuo chamado Juca Rosa; necessariamente algum artista ou sabio litterato do conhecimento intimo do folhetinista. Dizemos *do conhecimento intimo do folhetinista*, porque não o queremos tomar por leviamente illogico estabelecendo uma comparação sem conhecer pelo menos profundamente um dos termos d'ella. Ora, não conhecendo elle o espiritismo, nem as pessoas que estudam essa sciencia, é natural que conheça esse Juca Rosa. Em todo caso, aconselhamos ao *espirituoso* escriptor que nas horas vagas vá lendo as obras de Allan-Kardec, para poder fazer suas comparações conhecendo ambos os termos. Não perderá o seu tempo. Quando cão ganhe muito por não poder, em virtude da sua laboriosa occupação de folhetinista, profundar toda a sciencia espirita, ficarlhe-ha com certeza as impressões das leis moraes; isto é, dos deveres, da benevolencia, da urbanidade, etc, que os homens que se presam devem possuir para dispensar aos seus desconhecidos e conhecidos, quer elles partilhem, quer não, as suas opiniões.

A idéa da loucura alludida no mesmo topico do folhetim terá resposta no proximo numero d'esta *Revista*, porque ella nos merece toda attenção. Havemos de responder com documentos autenticos, provando justamente o contrario do que sobre ella pensa o *espirituoso* JORNALISTA.

es

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO — N. 2. — FEVEREIRO DE 1875

A loucura.

O estudo profundo d'essa enfermidade leva quem o faz á discutir os mais altos problemas philosophicos. Longe de nós tão ardua tarefa, para qual não possuimos cabedal que possa ser com vantagem, ainda minima, dispensada. Uma cousa, porém, é fazer estudo sobre um assumpto, e outra é ter mais ou menos conhecimento do mesmo. Declinando por incompetencia da primeira, não podemos deixar, posto que ligeiramente, de mostrar que sobre a loucura temos por diversão lido alguma cousa, que passamos á pôr diante dos olhos do leitor. Não obstante haver a philosophia especulativa dito muito sobre a loucura, não são os simples philosophos as maiores autoridades sobre essa materia; mas, sim os physiologistas e os anatomistas, os medicos alienistas em summa. Portanto, todo aquelle que tiver lido os trabalhos de Pinel, de Esquirol, de Georget, de Leuret e o pouco que sobre este genero de enfermidade disse ha mais de dois mil annos o velho pai da medicina sobre o nosso globo—Hippocrates, ficará com idéas um tanto positivas sobre esse flagello humano.

Dissemos acima que, o estudo profundo da loucura, arrasta o homem á discussão de altos problemas philosophicos; mas conhecendo a nossa pouca capacidade em relação á tudo quanto constitue saber humano, somos obrigados á justificar a nossa proposição com as autoridades competentes. Ora, dos alienistas do seculo passado Pinel foi o que fez os primeiros estudos sobre a loucura, e em relação a sua obra, Cuvier, em seu discurso—*Elogio de Pinel*—diz:—*é um livro capital de philosophia e mesmo*

de moral ; portanto, justificada a nossa primeira proposição, proseguamos no assumpto.

O exercicio livre e facil das funcções do homem, é a saude ; parece-nos que a proposição inversa dêve ser o estado de moles-tia. Os pathologistas, porém, ainda não estão acórdes sobre a definição d'esse phenomeno biologico ; entretanto, passando uma leitura em todas as definições encontradas nos *novos elementos de pathologia geral e de semeiologia* de E. Bouchut, é ainda o grande Hippocrates quem melhor nos satisfaz por haver dito que—*a doença é um esforço da natureza*. E', como diz Bouchut, de alguma sorte uma reacção do principio conservador do organismo contra o mal, e é essa reacção que, em seus phenomenos, constitue a doença.

Principio conservador, organismo, eis os dois fundamentos de toda a biologia. O organismo está um tanto estudado, quanto ao *principio conservador* apenas se tem começado.

Ha pouco mais de dois mezes dissemos a uma velha notabilidade medica de nosso paiz, na sala de nossas sessões espiritas onde elle foi para observar o phenomeno da communicação dos Espiritos estas palavras : — *quando os medicos estudarem a physiologia debaixo do ponto de vista espirita muito ganhará a humanidade*. Na realidade, só então será conhecido pelos medicos esse *principio conservador* que allude Bouchut.

A loucura é uma enfermidade, é uma doença, e toda a enfermidade tem a sua séde. N'este ponto todos estão acórdes. O mesmo não acontece em varios casos quando se tracta do local da séde. E', assim, que da loucura nem todos deram o cerebro como sendo a séde d'ella, mas é hoje em dia essa a opinião geral. Já Hippocrates dizia : « E' preciso saber que os homens têm interiormente pelo cerebro, a alegria, o prazer, a viveza ; que ao cerebro devemos, a intelligencia, a sabedoria, a vista, o ouvido ; que os pesares, os desgostos, a perda da razão tambem a elle se refere..... E' pelo cerebro que cahimos na mania, que nos possuímos do medo ;... que nos vem os sonhos, os erros de todas as especies.... Experimentamos esses diversos estados conforme está ou não o cerebro doente....»

Entretanto, não poucas discussões têm havido sobre a séde das paixões. Vemos Bordeu collocar a séde das paixões no diaphragma, ao passo que Bichat colloca-a no coração. As opiniões d'estes dois modernos physiologistas são tão antigas que, sobre ellas, Hippocrates se exprimio assim : « Quanto ao diaphragma é improprio dál-o como séde da sabedoria. Effectivamente elle não é ; porque não conheço que tenha faculdade alguma seme-

lhante; só na occasião em que se está possuido de grande alegria ou de grande tristeza, o diaphragma soffre estremecimento.....

« A opinião de certos homens é que o coração é a séde da tristeza e dos cuidados. Sempre, não é assim.... O cerebro é o centro de todas as paixões.....

Com referencia a loucura dizia Hippocrates : « Se os doentes imitam a cabra pela voz intercortada, elles accusam Cybele, a mãe dos deuses ; se seus gritos são mais fortes e mais agudos á ponto de assemelhar-se ao rinchar do cavallo, Neptuno é a causa....; se fazem ouvir uma voz trinada como a dos passaros, é a influencia de Appolo—Pastor.....

« Porém póde ser digno da divindade unir-se ao corpo do homem para emporcalhar ? A impuresa póde emanar da propria pureza ? »

Com a mesma razão superior, fina, indulgente, com a mesma vista philosophica eleva-se das molestias do corpo as do espirito o velho filho da ilha de Cós ; dizia-nos a quatrocentos annos antes de Christo, o que ainda hoje os nossos sabios balbuciam !

Pelo que acabamos de lêr, vemos que os antigos tinham os seus possessos como ainda hoje os temos ; e que esses possessos eram loucos ; nós tambem temos os nossos loucos. A differença entre os antigos possessos e os nossos, consiste em que aquelles eram levados ao estado de alienação mental pelos deuses, e os nossos pelo *demonio*. Não antecipemos o que temos á dizer sobre os *possessos*.

Diz Flourens, Hippocrates fallou incidentalmente sobre a loucura tratando da epilepsia ; porém Aretêo, celebre medico grego do primeiro seculo da era christã, que profundou mais a questão a classificou assim : — *uma em seu genero e multipla em suas especies ; assim é louco o melancolico, o maniaco, o hypocondriaco, os desvairados do entendimento, os illudidos pelos sentidos, etc.*

Lembramos muito de proposito o dito de Flourens, e muito de proposito deixamos consignado a classificação de Aretêo ; por me parecer que este artigo será lido pela notabilidade medica que já acima alludimos. Na noite em que ella honrou a nossa sala de estudos espiritas, trabalhou um medium moço de 15 á 16 annos com o espirito de um inquisidor que soffre, na erratecidade, o mesmo que fez soffrer as suas victimas. No correr da moralisação d'esse desgraçado espirito, o medium apresentava transformações taes no physico e no moral que, em um certo momento, a nossa notabilidade medica, voltando-se para um outro medico, que tambem se achava alli como observador, disse : — *assemelha-se á epilepsia, o que nos fez voltar para ella*

e dizer: — *É o que vem a ser a epilepsia, senão acção de um Espirito obsessor sobre um encarnado?*

Mais um antiquario. Galiano, celebre medico grego, que nasceu no anno 131 da era Christã dá o cerebro como séde da loucura, bem como sendo o orgão de todas as faculdades, de todas as affeições, de todas as paixões d'alma. Poderiamos lembrar a opinião de outros medicos d'antiguidade, e provar que as suas idéas sobre a loucura e a sua séde eram tão justas como são as dos medicos dos nossos dias; mas o que importaria isso, desde que a de Hippocrates, posto dáda incidentemente, ajusta-se com a opinião dos mais notaveis alienistas que viveram depois d'elle?

Passemos á vêr as opiniões dos que ha duzentos annos atraz trataram do assumpto, principiando por uma citação que não deixa de ter seu interesse, maior para nós, porque na *Revista* do mez passado lembrámos as fogueiras do *Sancto Officio*. Malebranche, celebre metaphysico francez, fallecido em 1715, em sua obra — *Recherche de la vérité*, diz: — « Queimam-se como feiticeiros os loucos e os visionarios dos quaes a imaginação ha sido desarranjada... » — « Cessem de os punir, tratem-os como loucos e verão que com o tempo deixarão de ser feiticeiros. »

Philippe Pinel, de quem acima fallámos, medico francez, nascido em 1745, em sua obra sobre a loucura não só a reconhece curavel, como substituiu ao anterior tratamento barbaro, um tratamento racional e humano; ainda mais, juntou ao tratamento physico, o *tratamento moral*. Antes d'elle, em França, quando os pobres loucos não iam para a fogueira (os possessos d'ella não escapavam) cahiam no Hôtel — Dieu ou em Bicêtre onde as correntes, o pão e as sangrias davam cabo d'elles. Ouçamol-o em sua obra — *Traité médico-philosophique de l'aliénation mentale*: « Não é pelo desejo de contradizer, é para me esclarecer que procuro por toda parte factos concludentes em favor da efficacia directa das sangrias contra a mania, e não encontro senão novos motivos de duvida.... Os próprios casos em que é ella praticada com mais motivos apparentes me levam a olhal-a como tendo sido prejudicial ou pelo menos superflua »... ..

« Tenho procurado determinar os intuitos á preencher no *tratamento moral* ».....

Empregando o methodo e a analyse Pinel não podia deixar de classificar a loucura, e por isso deu quatro especies que as chamou *generos*: a *mania*, a *melancolia*, a *dementia* e o *idiotismo*. A *mania* um delirio geral com agitação, irascibilidade, tendencia para o furor, etc.; a *melancolia* um delirio parcial com abatimento, tristeza, tendencia para o desespero, etc.; a *dementia*

a extrema fraqueza das faculdades intellectuaes; o *idiotismo* a completa annullação das faculdades.

Descartes, no seu discurso sobre o methodo, diz: — « Não ha homens parvos nem tão estupidos, sem exceptuar mesmo os insensatos, que não sejam capazes de ajuntar diversas palavras e de comporem com ellas um discurso pelo qual façam comprehender seus pensamentos. » Descartes esqueceo-se que os idiotas são homens e que muitos não fallam. Do genero d'estes Esquirol, em sua obra, sobre as *molestias mentaes*, refere-se a uma doente nos seguintes termos: « Quando lançava-se a comida na boca, ella fazia um ligeiro movimento de labios e de cabeça, como que para afastar o corpo que lhe era apresentado. Introduzindo a colher na bocca, as mandibulas afastavam-se, porém era preciso levar a colher até o esophago, para que os alimentos se precipitassem no estomago. »

Flourens, em sua obra — *indagações experimentaes sobre as propriedades e as funcções do systema nervoso* — nos dá instrucções muito coriosas, e que não podemos deixar de aqui apresentar algumas; porque, como o leitor já dêve ter percebido, estamos estabelecendo as bases de nossa argumentação final, sobre a loucura, idiotismo, etc. Diz elle: « Levantei, quando fazia as minhas experiencias sobre o encephalo, os cerebros propriamente ditos (*lobolos* e *hemispherios cerebraes*) de animaes e elles deixavam de comer por si; resistiam aos esforços que se fazia para lhes abrir a bocca; era necessario collocar a comida na garganta, para que elles a podessem engulir. »

O animal que perde o cerebro propriamente dito, perde todo o instincto, toda a intelligencia, toda volição. Perde todo o movimento voluntario e entretanto engole, porque a acção de engulir não depende da vontade. Basta que um corpo toque o pharynge para que se opere a deglutição. Em outros termos, ha uma serie de movimentos dependentes da vontade que levam o alimento até o pharynge, n'esse ponto para o movimento dependente da vontade e começa o movimento involuntario.

O cerebro em geral, o encephalo, compõe-se de tres partes principaes bem distinctas; o cerebro propriamente dito (*lobolos* ou *hemispherios cerebraes*), séde da intelligencia; o cerebello, séde do principio que coordena, que equilibra os movimentos de locomoção; e a medulla alongada, séde do principio da vida.

D'essas tres partes, o cerebro propriamente dito, sendo a séde da intelligencia, só n'elle está a séde da loucura e do idiotismo. O idiota está no mesmo caso do animal que perde seus *lobolos* ou *hemispherios cerebraes*, seu cerebro propriamente dito.

Mas, como é isso? O animal fica idiota, permittam-me a expressão, extrahindo-se o cerebro, porém o homem idiota tem cerebro. Ainda anatomista algum descobrio, dessecando os craneos dos idiotas, a ausencia do cerebro; mas passemos adiante.

Na *demencia* o cerebro funciona e a intelligencia apparece, porém uma intelligencia fraca. Ha idéas, porém interrompidas, fugitivas e esparsas. O que falta, é o encadeamento, o seguimento, o que Leibnitz chamou *consecução* das idéas. Assim, o desatrazoamento geral, continuo, permamente, constitue a *demencia*.

O *melancolico* raciocina com precisão, porém parte de um principio falso; é louco em um ponto, sendo sensato em todos os mais. E' um louco parcial. O *maniaco* é louco universal, não é sensato em cousa alguma.

Assim temos em resumo as idéas de Pinel: o *idiota* não tem idéas; o *demente* tem idéas porém não as póde associar, encadeal-as; o *melancolico* associa mal as idéas, julga mal sobre um assumpto determinado; finalmente, o *maniaco* associa mal todas as idéas, julga mal sobre todos os assumptos.

(Continúa.)

Estatistica da loucura.

Na *Revista* do mez passado promettemos, ao *espirituoso* folhetinista hebdomadario do *Jornal do Commercio*, documentos autenticos sobre a loucura; viemos cumprir n'este artigo a nossa palavra. Deus nos permittirá o auxilio, sem o qual não poderemos fazer cousa alguma, dos bons Espiritos para dar-nos instrucções e suggerir pensamentos que possam appacar as iras dos que nos forem agredindo em todo e qualquer sentido.

Nem póde ser outro o desejo dos que, modernos apóstolos das virtudes do christianismo, buscam pela philosophia espirita pregar a fraternidade moral entre os homens, não encherando n'elles nem côres, nem posições mandanas; buscando mesmo de preferencia os enfermos d'alma para curai-os.

O *Monitor* de 16 de Abril de 1866 publicou o relatorio do ministro d'agricultura, commercio e obras publicas de França.

Esse relatório é muito extenso, porém sábia e conscienciosamente elaborado, attesta a solicitude do governo francez nas questões que interessam a humanidade. Á nós esse relatório tem tanto mais interesse quando vem provar quão fallaciosas são as accusações que, mesmo em França, foram feitas contra o espiritismo com relação a loucura.

Os documentos comprovam um accréscimo consideravel no numero dos alienados, porém vamos vêr que o Espiritismo não teve parte n'elle. O numero dos alienados que, nos asylos especiaes, era em 1835 de 10,539, elevou-se em 1861 á 30,229. Temos um augmento de 19,700 alienados em 26 annos ; media 750 annual, assim como mostra o quadro seguinte :

NO 1º DE JANEIRO	NO 1º DE JANEIRO	NO 1º DE JANEIRO
1835 10,539	1844 16,255	1853 23,795
1836 11,091	1845 17,089	1854 24,524
1837 11,429	1846 18,013	1855 24,896
1838 11,982	1847 19,023	1856 25,485
1839 12,577	1848 19,570	1857 26,305
1840 13,283	1849 20,231	1858 27,028
1841 13,887	1850 20,061	1859 27,878
1842 15,280	1851 21,353	1860 28,761
1843 15,786	1852 22,495	1861 30,239

O relatório comprova o facto capital do augmento progressivo do anno 1835 á 1846, o qual decrésceu como indica o seguinte quadro :

Periodo de 1836 á 1841,	accréscimo annual de	5,04 %.
— de 1841 á 1846,	— — de	5,94 —
— de 1846 á 1851,	— — de	3,71 —
— de 1851 á 1856,	— — de	3,87 —
— de 1856 á 1861,	— — de	3,14 —

« Em presença d'esse afrouxamento, diz o ministro, que igualmente se produzio, como estabelecerei adiante, nas admissoes, é provavel que o accréscimo inteiramente excepcional na população dos nossos asylos parará dentro em pouco.

« O numero de doentes, que convenientemente podiam os nossos asylos alojar, era no fim de 1860 de 31,550. O effectivo dos doentes em tratamento na mesma época elevava-se á

30,239. O numero dos logares disponiveis era por conseguinte 1,321.

« No ponto de vista da natureza da enfermidade, os doentes em tratamento em 1° de Janeiro de cada um dos annos 1856—1861 (unicos annos em que foi feita a distincção) se classificaram assim :

ANNOS	LOUCOS	IDIOTAS	CRETINOS
1856.	22,602	2,840	43
1857.	23,283	2,976	46
1858.	23,851	3,134	43
1859.	24,395	3,443	40
1860.	25,147	3,577	37
1861.	26,450	3,746	43

« O facto saliente d'este quadro, é o augmento consideravel em relação aos loucos, do numero dos idiotas tratados nos asylos. A relação dos idiotas em cinco annos é de 32 p. 100, ao passo que no mesmo intervallo a dos loucos elevou-se apenas á 14 p. 100. Esta differença provém da admissão nos asylos de um grande numero de idiotas que se achavam anteriormente nos seios das familias.

« Dividido pelos sexos, o effectivo da população total dos asylos offerece cada anno, um excedente numerico do sexo feminino sobre o sexo masculino. Eis os algarismos confrontados pelos doentes apresentados no fim de cada um dos annos de 1854 — 1860 :

ANNOS	SEXO MASCULINO	SEXO FIMININO
1854	12,036	12,860
1855	12,221	13,264
1856	12,632	13,673
1857	12,930	14,098
1858	13,392	14,486
1859	13,876	14,885
1860	14,582	15,657

« A media annual, calculada sobre este periodo de seis annos, é de 100 doentes ; sendo 51,99 mulheres e 48,1 homens. Esta disproporção dos dois sexos, que se reproduz desde 1842, com pequenas differenças, é muito notavel em presença da superior-

ridade numerica bem comprovada do sexo masculino nas admissões, onde se conta 52,91 homens sobre 100 doentes admittidos. Provém, como se tem explicado nas precedentes publicações, a grande mortalidade d'esses ultimos, ou por outra, que o tempo de estada d'elles nos asylos é notavelmente menos longo do que o das mulheres.

« A partir de 1856, os doentes em tratamento nos asylos foram classificados conforme as probabilidades da cura que offerecia o estado de cada um d'elles.

Os algarismos abaixo resumem os factos comprovados pela cathegoria dos loucos em tratamento do 1º de Janeiro de cada anno :

ANNOS	PRESUMIDOS		TOTAL
	<i>Curaveis</i>	<i>Incuraveis</i>	
1856.	4,404	18,198	22,602
1657.	4,389	18,894	23,283
1858.	4,266	19,585	24,851
1859.	4,613	19,782	24,395
1860.	4,499	19,648	25,147

« Assim, mais de quatro quintos dos loucos tratados nos nossos asylos não offerecem probabilidades de cura. Este triste resultado é em consequencia da incuria ou da ternura cega da maior parte das familias, que só muito tarde se separam de seus alienados, isto é, quando o mal inveterado não deixa esperanza alguma de cura.

« Sabe-se com que cuidado os medicos dos nossos asylos de alienados, procuram determinar a causa da loucura, no momento da admissão de cada doente, com o fim de poderem conseguir atacar o mal em seu principio e applicar-lhe remedio apropriado á sua natureza. Por mais escrupulosas, mais conscienciosas que sejam essas investigações medicaes, é preciso não esquecer, estão longe de equivaler á factos sufficientemente estabelecidos. Não repousam, em conclusão, senão sobre apreciações cuja exactidão póde admittir circumstancias diversas. Em principio, a difficuldade é extrema para descobrir entre as diversas influencias que experimentou a razão do doente, a causa decisiva, aquella da qual sahio a alienação. Mencionemos tambem a repugnancia das familias em fazerem aos medicos confidencias completas. Talvez seja preciso igual-

mente considerar a tendencia actual da maior parte dos medicos em considerarem as causas moraes como completamente secundarias e accidentaes, e attribuirem de preferencia o mal á causas puramente physicas.

« E' debaixo das vantagens d'estas observaões que quero chegar ao exame dos quadros relativos ás causas presumidas da alienação dos 38,988 doentes admittidos de 1856 á 1860.

« A loucura produz-se o mais das vezes pela influencia das causas physicas ou das causas moraes ? Eis os factos recolhidos sobre este ponto (feita a eliminção da hereditariedade), para os loucos admittidos em cada um dos cinco annos do periodo de 1856 á 1860 :

CAUSAS PHYSICAS		CAUSAS MORAES	
1856.	2,730	1,724	
1857.	3,213	2,171	
1858.	3,202	2,217	
1859.	3,277	1,986	
1860.	3,444	2,259	
	Total	15,866	10,357

Conforme estes algarismos, sobre 1000 casos de loucura, 607 são motivados pelas causas physicas e 393 pelas causas moraes. A loucura, pois, produz-se geralmente mais pelas influencias physicas. Esta observação é commum a um e outro sexo, com esta differença ; todas as vezes que, para as mulheres, o numero dos casos cuja origem tem sido attribuida á causas moraes é relativamente mais elevado que para os homens.

« Os 15,866 casos onde a loucura appareceu provocada por causas physicas se decompõem assim como se segue :

Efeito da idade (demencia senil)	2,098
Privação e miseria,	1,008
Onanismo e abusos venerios.	1,026
Excessos alccolicos.	3,445
Vicio congenital.	474
Molestias proprias das mulheres.	1,592
Epilepsia.	1,498
Outras doenças do systema nervoso.	1,136
Pancadas, quedas, golpes, etc.	398
Doenças diversas	2,866
Outras causas physicas	1,164
Total.	15,866

« Quanto aos phenomenos de ordem moral, os que mais parecem produzir a loucura, são : em primeiro lugar os desgostos domesticos e a exaltação dos sentimentos religiosos ; segue-se os revezes da fortuna e a ambição desilludida. Eis, finalmente, a enumeração detalhada dos 10,357 casos de loucura assignalados, tendo como consequencia immediata diversos incidentes da vida moral :

Excesso de trabalho intellectual	358
Desgostos domesticos	2,549
Desgostos resultantes da perda de fortuna.	851
Desgostos resultantes da perda de pessoas queridas.	803
Desgostos resultantes da ambição desilludida.	520
Remorsos.	102
Colera	123
Alegria	31
Pudor ferido	69
Amor	767
Ciume	456
Orgulho	368
Acontecimentos politicos	123
Passagem subita da vida activa a inactiva e <i>vice-versa</i>	82
Isolamento e solidão.	115
Prisão simples	113
Prisão cellular	26
Nostalgia	78
Sentimentos religiosos levado a excesso	1,095
Outras causas moraes	1,728
	<hr/>
Total	10,357

Em summa, abstração feita da hereditariedade resulta das observações recolhidas sobre os doentes admittidos nos asylos dos alienados, durante o periodo de 1856 á 1860, que de todas as causas que concorrem para provocar a loucura, a mais commum é a embriaguez. Segue-se depois os desgostos domesticos, a idade, as molestias de diferentes orgãos, a epilepsia, a exaltação religiosa o onanismo e as privações de todas as sortes.

« O quadro seguinte dá o numero de paralyticos, surdo-e-

mudos, escrofulosos e gottosos entre os doentes admittidos pela primeira vez de 1856 á 1860 :

	LOUCOS	IDIOTAS E CRETINOS
Paralypticos	3,775	69
Epilepticos	1,763	347
Surdos e mudos	133	61
Escrofulosos	381	146
Gottosos	123	32

« A loucura complica-se com a paralesia com mais frequencia entre as mulheres. Entre os epilepticos ha mais homens do que mulheres, porém em proporção menor.

• Entretanto, procurando-se distinguir os sexos, as curas que proporcionalmente se produziram durante cada anno no numero dos doentes em tratamento, deram os seguintes resultados :

ANNOS	HOMENS	MULHERES	2 SEXOS
1854	8,93%	8,65 %	8,79 %.
1855	8,92	8,81	8,86
1856	8,00	7,69	7,83
1857	8,11	7,45	7,62
1858	8,02	6,74	7,37
1859	7,69	6,71	7,19
1860	7,05	6,95	7,00

« Vê-se que a loucura é curavel, o numero proporcional das curas é ainda muito diminuto, apesar de todos os generos de aperfeçoamentos introduzidos no tratamento dos doentes e na appropriação dos asylos. De 1856 á 1860 a proporção media das curas foi, para os loucos de ambos os sexos, de 8,24 por cem doentes tratados. E' somente a duodesima parte. Esta proporção seria muito mais elevada, se as familias não commettessem o grave erro de não se separar dos seus alienados senão quando a doença tem feito progressos a inquietal-as.

« Um facto digno de nota, é que o numero proporcional dos homens curados excede, cada anno, ao das mulheres. Sobre 100 loucos tratados, conta-se na media, de 1856 á 1860, 8,69 curas para os homens e 7,81 somente para as mulheres, quasi um nono mais para os alienados do sexo masculino

« Entre os 13,687 loucos sahidos depois de curados, de 1856

à 1860, ha somente 9,789 em relação aos quaes pôde-se determinar as influencias diversas que tinham occasionado a affecção mental. Eis em resumo as indicações obtidas sobre este ponto de vista :

Causas phisicas.	5,253	curas
Causas moraes	4,536	
	<hr/>	
Total.	9,789	

Representando por 1,000 o numero total, acha-se que, entre 536 doentes curados, a loucura produzida pelas causas phisicas, e 464 pelas influencias moraes. Essas proporções numericas differem sensivelmente das precedentes, comprovadas relativamente as admissões de 1856 á 1860, onde se contou, sobre 1,000 admittidos, 393 doentes somente cuja loucura teve causa moral. D'onde resulta que n'essa cathegoria de doentes, as curas obtidas foram relativamente mais numerosas n'aquelles cuja loucura tiveram uma causa phisica.

« Quasi metade dos casos curados, dos quaes as causas do mal foram comprovadas, foi proveniente das seguintes circumstancias; embriaguez, 1,738; desgostos domesticos, 1,771; doenças diversas, 761; molestias proprias das mulheres, 723; exaltação dos sentimentos religiosos, 460.

Entre os 1,522 doentes curados, comprovou-se uma predisposição hereditaria. Uma proporção de 15 por cento relativamente ao algarismo dos loucos curados.»

Aqui findamos o extracto do relatório publicado pelo ministro das obras publicas de França, porque são os pontos que nos interessam. D'esse documento, resulta a comprvação do augmento que teve a loucura em França depois de 1835, isto é, quasi vinte annos antes da appareção do Espiritismo n'aquelle paiz; durante esse periodo não se occupavam das *mezas girantes*, nem como divertimento, nem como cousa séria, como aconteceu de 1852, e de 1857 quanto á parte philosophica.

Em segundo lugar, esse augmento seguiu marcha ascendente de 1835 á 1846; de 1847 á 1861 foi diminuindo de anno a anno, e a diminuição foi maior de 1856 á 1861, precisamente no periodo em que o Espiritismo tomava seu desenvolvimento. Causa singular, precisamente tambem na mesma época brochuras se publicavam, e os jornaes presurosos repetiam que os asylos dos alienados estavam regorgitando de loucos espiritas, a tal ponto que muitos d'elles viam-se obrigados a augmentar seus aloja-

mentos; que no todo contava-se mais de 40.000, ao passo que o relatório comprova o algarismo máximo de 30,339 !! Onde foram taes escriptores buscar dados estatísticos que mereçam mais fé do que os que acima ficam transcriptos? O clamor d'elles servio á causa que procuravam combater. O inquerito feito pelo governo francez, tão minucioso, como acabámos de vêr, pôz por terra as falsas allegações das brochuras e dos jornaes, como nós, se Deus nos permittir o auxilio, de uma vez para sempre havemos de demonstrar nas paginas d'esta *Revista* que o Espiritismo cura a loucura que tem por origem certas causas, e para esse fim começamos desde já o nosso estudo sobre a loucura.

Notemos mais que do relatório resalta o numero dos idiotas e dos cretinos augmentando, factos esses que por fórmula alguma pôdem ser attribuidos ao Espiritismo.

Quanto as causas predominantes da loucura, foram, como se vê, minuciosamente estudadas, e entretanto o Espiritismo não figura, nem se quer nominativamente alludido. Poderia ter passado desapercibido se o Espiritismo fosse uma das causas, como pretendiam, de se acharem os asylos cheios de loucos?

Temos respondido ao *folhetinista* que, sem conhecer o assumpto de que tratou, deixou escorregar sua penna em terreno que o classificariamos de injurioso, se não tivéssemos por dever perdoar as injurias do proximo. Parece-nos que com a transcripção que aqui deixamos, damos uma resposta peremptoria, provando que o Espiritismo é calumniado quando dizem que elle causa loucura. Não são hypotheses que ahí ficam, nem arrasoados palavrões, são algarismos authenticos oppostos ás fantasias maldizentes.

Classificação dos Espiritos.

Na doutrina espirita ha um ponto capital sobre o qual o ensino dos Espiritos nunca variou, que vem ser as differenças que existem entre elles em relação ao desenvolvimento intellectual e moral. D'ahi resulta os Espiritos constituirem ordens diversas, porém sujeitos a lei do progresso passam de uma para outra ordem, constituindo *especies distinctas* conforme o gráo de desenvolvimento. Os imperfeitos pertencem as ordens inferiores, e só

depois de depurados de suas imperfeições attingem as ordens superiores. As imperfeições dos Espiritos provém mais do moral do que do intellectual, e para que elles avancem no caminho do progresso é necessario adquirir conhecimentos que não possuem. Assim, os Espiritos que passam das ordens inferiores para as ordens superiores são sempre os mesmos seres, porém aperfeiçoados: podem-se-os comparar com as creanças que deixam os berços para irem aos bancos das escolas, e que dos bancos das escolas passam homens para a vida social, sem que por isso tenham deixado de ser os SERES que estiveram nos berços, etc.

Os Espiritos não podem ficar eternamente adheridos a uma mesma ordem. Quando mesmo accitassemos partirem elles no mesmo *instante* da origem commum, é licito pensar que, em virtude do livre arbitrio, uns progrediriam mais que outros. Para nós a origem é commum para todos os Espiritos, os *instantes* da partida, porém, são diversos.

DEUS CREOU DESDE TODA ETERNIDADE OS SERES. Não contestamos essa verdade do Genesis moysaico, porém desembaraçamos o espirito, d'este principio, da letra, porque temos alargada a nossa concepção em relação á Deus. Na realidade, DEUS CREOU DESDE TODA A ETERNIDADE OS SERES, porque desde toda a eternidade traçou as LEIS IMMUTAVEIS que regem a criação universal. Assim, hontem, hoje e amanhã; houve, ha e haverá criação de Espiritos. Aceitamos, portanto, a classificação dos Espiritos baseada no grão de adiantamento d'elles, posto essa classificação nada tenha de absoluta, por não ser possível apreciar as variações infinitas que escapam aos sentidos humanos. Para não irmos mais longe, lembraremos um phenomeno physico ao alcance de todos — o arco-iris — cujas côres classificadas em sete — *vermelha, laranja, amarella, verde, azul, anilacea, e violacea*, não podemos precisar onde começa e termina cada uma, entretanto não embaraça a justeza da divisão do espectro solar.

Não tendo a classificação que vamos extractar do *livro dos Espiritos* o character absoluto, segue-se que se podem formar maior ou menor numero de classes, conforme o ponto de vista que queiram tomar. Acontece com a classificação espirita o mesmo que com as classificações das outras sciencias, onde os systemas podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos commodos para a intelligência, sem que isso altere os fundamentos d'ellas. Segue-se, pois, que se algum ou alguns Espiritos fôem interrogados sobre este ponto e variarem, em relação ao numero das cathogorias, em cousa alguma podem

prejudicar ao conjuncto da classificação que vamos transcrever; tanto mais quando, os Espiritos superiores pouco se importam com o que é de pura convenção, para dar toda importancia ao pensamento; tanto assim que, deixam á nós a fórma pela qual devem ser externados os pensamentos que nos suggerem; consequentemente, á nós a escolha dos termos, as classificações, em uma palavra os systemas. Todo aquelle que d'ahi tirar alguma consequencia contraria a uniformidade de vista dos Espiritos, immediatamente fará conhecer a sua ignorancia em relação ao mundo espirital; isto é, desconhecerá que lá ha sabios e ignorantes, como os ha aqui entre nós.

Toda classificação exige methodo, analyse e profundo conhecimento do assumpto. Ora, no mundo dos Espiritos ha habitantes de conhecimentos limitados que são incapazes, como a generalidade dos da terra, de abraçar um conjuncto scientifico, consequentemente inhabeis para formularem um systema; mesmo os que têm capacidade pôdem variar nos detalhes, conforme o ponto de vista em que tomarem o assumpto, e principalmente quando as divisões não são absolutas. Lembraremos que Lineo, Jussieu e Tournefort deram cada um o seu methodo para a classificação dos vegetaes; entretanto, esses trez methodos são de tal natureza que, o botanico que só conhecer o methodo de Lineo não se fará entender com facilidade por outro que só souber classificar pelo methodo de Jussieu ou de Tournefort. Nem por isso a botanica deixou de existir pelo facto de haver trez methodos ou deixará de existir caso appareçam novos methodos. — A razão é simples, os methodos não cream os vegetaes. Ora, o mesmo podemos dizer em relação aos Espiritos.

ESCALA ESPIRITA

Terceira ordem.—Espiritos imperfeitos.

Caracteres geraes. — Predominio da materia sobre o espirito. Propensão para o mal. Ignorancia, orgulho, egoismo, e todas as paixões que se seguem de taes sentimentos.

Têm a intuição de Deus, porém não o comprehendem.

Nem todos são completamente máos; em alguns ha mais leviandade, inconsequencia e malicia do que verdadeira maldade. Alguns não fazem nem bem nem mal; porém só por não fazerem bem, denotam sua inferioridade. Outros ao contrario aprazem-se com o mal, e ficam satisfeitos quando encontram o occasião de fazel-o.

Pódem juntar a intelligencia com a malvadeza ou malicia ; porém, qualquer que seja o seu desenvolvimento intellectual, suas idéas são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjectos.

Seus conhecimentos sobre as cousas do mundo espirita são limitados, e o pouco que conhecem d'elle confundem com as idéas e os prejuizos da vida corporea. Apenas nos podem dar noções falsas e incompletas ; porém o observador attento encontra muitas vezes nas communicações d'elles, mesmo imperfeitas, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espiritos superiores.

O character d'elles revela-se em sua linguagem. Todo o Espirito que, em suas communicações deixa escapar um máo pensamento, póde ser classificado na terceira ordem ; consequentemente, todo o pensamento máo que nos é suggerido vem de um Espirito d'essa ordem.

Enchergam a felicidade dos bons, e essa vista é para elles um incessante tormento, porque experimentam todas as angustias que a inveja e o ciúme pódem produzir.

Conservam a lembrança e a percepção dos soffrimentos da vida corporea, e essa impressão é quasi sempre mais penosa do que a realidade. Soffrem, pois, verdadeiramente dos males que experimentaram e pelos males que fizeram experimentar aos outros ; como soffrem muito tempo, acreditam soffrer sempre ; Deus, para os punir quer que elles assim acreditem.

Observação. — Deve-se entender *Deus para os punir* no sentido figurado, porque de outra fórma seria admittir que Deus está á todos os instantes punindo, o que faria acreditar na opinião vulgar de ser Deus vingativo. O que pune o Espirito que infringe uma lei de Deus, é a lei que não é criação de Deus, porém criação do proprio Espirito que infringio a lei de Deus. No codigo Divino só ha leis para o supremo bem ; nem podemos admittir outras em presença dos infinitos attributos de Deus ; fóra d'elle, porém, as leis de todos os tormentos, de todos os males á que estão sujeitos todos os Espiritos que peccam.

Póde-se dividir em cinco classes os Espiritos d'esta terceira ordem.

Segunda classe. — **ESPIRITOS IMPUROS.** — São inclinados ao mal e fazem d'elle o objecto de suas preoccupações. Como Espiritos dão pérfidos conselhos, sopram a discordia e a desconfiança, e tomam todas as mascaras para melhor enganar. Aferram-se aos caracteres assás fracos em ceder ás suas suggestões, com o fim de os arrastar á perdição satisfeitos de poderem retardar o adian-

tamento d'aquelles fazendo-os succumbir nas provas que succumbiram.

Nas manifestações se os reconhece pela linguagem ; a trivialidade e a grosseria das expressões, entre os Espiritos como entre os homens, é o indicio infallivel de inferioridade moral, quando não intellectual. Suas communicações divulgam a baixeza de suas inclinações, e se querem fazer comer a peta fallando de uma maneira sensata, não pôdem por muito tempo sustentar seu papel e terminam sempre por desmacararem-se.

Certos povos fizeram d'elles divindades maleficas, outros os designam com o nome de demonios, máos genios, Espiritos do mal.

Os seres vivos que elles animam quando encarnados, são inclinados á todos os vicios que engendram as paixões vis e degradantes : a sensualidade, a crueldade, a trapaçaria, a hypocrisia, a concupiscencia, e a avareza sórdida. Fazem o mal pelo prazer de o fazer, o mais das vezes sem motivo, e pelo odio do bem, escolhem quasi sempre suas victimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a humanidade, á qualquer ordem da sociedade á que pertençam, e o verniz da civilisação não o garante do opprobrio e da ignominia.

Nona classe. — **ESPIRITOS FRIVOLOS.** — São ignorantes, malignos, inconsequentes e escarnecedores. Intromettem-se com tudo, respondem á tudo, sem se importarem da verdade. Comprazem-se em conversar sobre pequenos trabalhos e pequenas alegrias, em fazer enredos, a induzir em enganos por mystificações e astucias. A esta classe pertencem os Espiritos designados vulgarmente com os nomes de *estovados, diabretes, gnomos e trasgos*. Acham-se debaixo da dependencia dos Espiritos superiores, que os empregam muitas vezes como nós o fazemos com os creados.

Em suas communicações com os homens, a linguagem d'elles é algumas vezes espirituosa e facéta, mas quasi sempre sem profundez, aproveitam as extravagancias e os risiveis imprimindo n'elles mordentes ditos-agudos e satyricos. Se tomam nomes suppostos, é mais das vezes por malicia do que por malvadeza.

Octava classe. — **ESPIRITOS FALSOS-SABIOS.** — Seus conhecimentos são assás extensos, porém acreditam saber mais do que na realidade sabem. Tendo feito algum progresso debaixo de diversos pontos de vista, a sua linguagem tem um caracter sério que pôde enganar em relação a sua capacidade e suas luzes ; porém o mais das vezes é apenas um reflexo dos prejuisos

e das idéas systematicas da vida terrestre ; é uma mistura de algumas verdades ao lado dos erros os mais absurdos, no meio dos quaes transparecem a presumpção, o orgulho, a rivalidade e a obstinação de que não poderam se despojar.

Septima classe. — **ESPIRITOS NEUTROS.** — Não são assás bons para praticar o bem, nem assás máos para fazer o mal ; pendem tanto para um como para outro lado, e não se elevam acima da condição vulgar da humanidade tanto pelo moral como pela intelligencia. Apegam-se ás cousas d'este mundo das quaes sentem os grosseiros gozos.

Sexta classe. — **ESPIRITOS BATEDORES E PERTURBADORES.** — Esses Espiritos não formam, propriamente fallando, uma classe distincta, tendo em vista suas qualidades individuaes ; pôdem pertencer á todas as classes da terceira ordem. Muitas vezes manifestam sua presença por effeitos sensiveis e physicos, taes como pancadas, movimento e deslocamento anormal dos corpos solidos, agitação do ár, etc. Parecem mais que os outros ligados á materia ; parecem ser os principaes agentes das vicissitudes dos elementos do globo, quer actuem sobre o ár, a agua, o fogo, sobre os corpos duros ou nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses phenomenos não são devidos a uma causa fortuita e physica, quando têm o character intencional e intelligente. Todos os Espiritos pôdem produzir esses phenomenos, porém os Espiritos elevados em geral os deixam nas attribuições dos Espiritos subalternos, mais aptos para as cousas materiaes do que para as cousas intelligentes. Quando julgam uteis esse genero de manifestações, servem-se d'esses Espiritos como auxiliares.

SEGUNDA ORDEM. — ESPIRITOS BONS.

Caracteres geraes. — Predominio do espirito sobre a materia ; desejo do bem. Suas conlições e seu poder para fazer o bem estão na razão do grão que attingiram : uns têm a sciencia, outros a sabedoria e a bondade ; os mais avançados reúnem o saber as qualidades moraes. Não estando ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo sua ordem, os traços da existencia corporea, quer na fórma da linguagem, quer nos habitos onde mesmo se descobre algumas das suas manias ; se assim não fosse seriam Espiritos perfectos.

Comprehendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é para elles a origem de uma ineffavel

felicidade que não é alterada pela inveja, nem pelos remorsos, nem por nenhuma das paixões más que fazem o tormento dos Espiritos imperfeitos, porém todos têm provas á soffrer até que tenham attingido a perfeição absoluta.

Como Espiritos suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida os que se tornam dignos, e neutralizam a influencia dos Espiritos imperfeitos entre os que não se comprazem á soffrel-a.

Aquelles em quem se acham encarnados são bons e benevolentes para seus semelhantes ; não são movidos nem pelo orgulho, nem pelo egoismo, nem pela ambição ; não experimentam o odio, nem a inveja, nem o ciume e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espiritos designados nas crenças vulgares pelos nomes de *bons genios*, *genios protectores*, *Espiritos do bem*. Nos tempos da superstição e da ignorancia fizeram d'elles divindades beneficicas

Póde-se dividir em quatro grupos principaes :

Quinta classe. — **ESPIRITOS BENEVOLENTES.** — Sua qualidade dominante é a bondade ; aprazem-se em prestar serviço aos homens e em os proteger, porém o seu saber é limitado : seu progresso é mais completo no sentido moral do que no sentido intellectual.

Quarta classe. — **ESPIRITOS DOUTOS.** — O que especialmente os distingue, é a extensão dos seus conhecimentos. Preoccupam-se menos com as questões moraes do que com as scientificas, para as quaes têm mais aptidão ; porém não encaram a sciencia senão debaixo do ponto de vista da utilidade, e não a misturam com nenhuma das paixões que formam o caracter dos Espiritos imperfeitos.

Terceira classe. — **ESPIRITOS SABIOS.** — As qualidades moraes da mais elevada ordem fórman o seu caracter distinctivo. Sem ter conhecimentos illimitados são dotados de uma capacidade intellectual que lhes dá discernimento seguro sobre os homens e sobre as cousas.

Segunda classe. — **ESPIRITOS SUPERIORES.** — Reunem a sabedoria e a boadade. Sua linguagem só respira benevolencia ; é constantemente digna, elevada, muitas vezes sublime. A superioridade os tornam mais que os outros aptos para nos dar noções as mais exactas sobre as causas do mundo incorporeo nos limites do que é permittido ao homem conhecer. Communicam-se voluntariamente com os que procuram a verdade com boa fé, e cuja alma é assás desembaraçada dos laços

terrestres para comprehendel-a ; porém afastam-se dos que só a curiosidade os anima ou dos que a influencia da materia desvia da pratica do bem.

Quando, por excepção, encarnam-se sobre a terra, é para n'ella cumprir uma missão de progresso, e então nos offerecem o typo da perfeição que póde a humanidade anhelar n'este mundo.

PRIMEIRA ORDEM. — ESPIRITOS PUROS.

Caracteres geraes. — Nulla a influencia da materia. Superioridade intellectual e moral absoluta em relação aos Espiritos das outras ordens.

Primeira classe. — CLASSE UNICA. — Têm percorrido todos os grãos da escala e despido todas as impurezas da materia. Tendo attingido a somma de perfeição de que é susceptivel a creatura, não têm mais provas nem expiações á soffrer. Não sendo mais sujeitos á reencarnarem-se em corpos mortaes, a vida eterna é para elles que a completam no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalteravel, porque não estão sujeitos ás necessidades da vida material ; porém essa felicidade não é a de uma *ociosidade monotona passada em ura contemplação perpetua*. São os mensageiros, os ministros de Deus cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Ordenam á todos os Espiritos que lhes são inferiores, os ajudam á se aperfeiçoar e lhes ensinam suas missões. Assistir os homens em suas afflicções, excital-os para o bem ou para a expiação das faltas que os afastam da felicidade suprema, é para elles uma agradável occupação. Chamam-nos algumas vezes de anjos, archanjos ou seraphins.

Os homens pódem entrar em communicação com elles, porém bem presumçoso será aquelle que pretender os ter constantemente as ordens

Aqui termina a escala espirita literalmente extratada da 19.^a edição do *Livro dos Espirits*.

Observação. — A escala espirita, tal qual se acha aqui contida, classifica somente os Espiritos que passaram e estão passando pela fieira da corporiedade humana ; entretanto, Espiritos existem que nunca passaram por esse lodoçal de impurasas chamado corpo humano ; que, posto creados simples e ignorantes seguiram a lei do progresso continuo sem nunca se afastar das leis de Deus, porque jamais foram surdos aos conselhos dos seus Guias ; não obstante, esses mesmos se acham comprehendidos na primeira ordem — *puros espiritos*.

Theoria dos fluidos.

NATUREZA E PROPRIEDADES DOS FLUIDOS.

Deu a sciencia a chave dos milagres que pertencem com mais particularidade a alçada do elemento material, já explicando-os, já demonstrando pelas leis que regem a materia a impossibilidade d'elles ; porém os phenomenos em que o elemento espirital toma parte preponderante, não podendo ser unicamente explicados pelas leis da materia, escapam as investigações da sciencia, por isso que, têm mais que os outros os caracteres apparentes do maravilhoso. E', pois, nas leis que regem a vida espirital que se pôde achar a chave dos milagres d'essa cathegoria.

O fluido cosmico universal é, como assim tem sido demonstrado, a materia elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a innumera variedade dos corpos da natureza. A materia offerece como principio elementar universal dois estados distinctos : o da etherisação ou imponderabilidade, que se pôde considerar como estado normal primitivo, e o da materialisação ou ponderabilidade que de alguma sorte é consecutivo d'aquelle. O ponto intermediario é o da transformação do fluido em materia tangivel ; porém, ainda assim não ha transformação brusca, porque pôde-se considerar nossos fluidos imponderaveis como um termo medio entre os dois estados. Cada um d'esses dois estados dá necessariamente lugar á phenomenos especiaes ; ao segundo pertencem os do mundo invisivel e ao primeiro os do mundo visivel. Uns chamados *phenomenos materiaes*, são da alçada da sciencia propriamente dita, ; outros qualificados *phenomenos espirituaes* ou *psychicos*, porque ligam-se especialmente mais a existencia dos Espiritos e estão nas attribuições do Espiritismo ; porém, como a vida espirital e a vida corporal estão em contacto incessante, os phenomenos d'essas duas ordens apresentam-se muitas vezes simultaneamente. O homem no estado de encarnação, não pôde ter senão a percepção dos phenomenos psychicos que se ligam a vida corporal ; os que são do dominio exclusivo da vida espirital escapam aos sentidos materiaes, e não podem ser percebidos senão no estado de Espirito. (1)

(1) A denominação de phenomeno *psychico* explica melhor o pensamento do que o de phenomeno *e-spirital*, attendendo repousarem esses phenomenos sobre as propriedades e attributos d'alma, ou melhor dos fluidos perespiritaes inseparaveis d'alma. Essa qualificação os liga mais a ordem dos factos naturaes regidos por leis ; pôde-se admittir-os como effectos physicos sem os admittir como milagres.

No estado de etherisação, o fluido cosmico não é uniforme ; sem cessar de ser ethereo, experimenta modificações tão variadas em seu genero, muito mais notaveis do que no estado de materia tangivel. Essas modificações constituem fluidos distinctos que, posto procedam do mesmo principio, são dotados de propriedades especiaes, e dão logar aos phenomenos particulares do mundo invisivel.

Tudo sendo relativo, esses fluidos têm para os Espiritos (que são elles proprios fluidicos) uma apparencia tão material como aquella dos objectos tangiveis para os encarnados, sendo para elles o que são para nós as substancias do mundo terrestre; elles os elaboram, os combinam para produzirem effeitos determinados, como fazem os homens com os seus materiaes, não obstante por processos differentes.

Porém lá, como aqui na terra, não é dado senão aos Espiritos mais esclarecidos comprehender o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisivel são tão incapazes de explicar os phenomenos de que são testemunhas e para os quaes concorrem muitas vezes machinalmente, como os ignorantes da terra o são de explicar os effeitos da luz ou da electricidade, de dizer como enchem e ouvem.

Os elementos fluidicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de analyse e a percepção dos nossos sentidos, feitos para a materia tangivel e não para a materia etherea. E' que pertencem á um meio tão differente do nosso que nós apenas podemos julgar por comparações tão imperfeitas como as que um cego de nascença procura fazer sobre a theoria das côres.

Porém entre esses fluidos alguns estão intimamente ligados á vida corporal e pertencem de alguma sorte ao meio terrestre. Na falta de percepção directa, pôde-se observar os effeitos d'elles, e adquirir sobre a sua natureza conhecimentos de certa precisão. Este estudo é essencial, porque é a chave de uma multidão de phenomenos inexplicaveis pelas unicas leis da materia.

O ponto de partida do fluido universal é o gráo de pureza absoluta, do qual nada nos pôde dar uma idéa ; o ponto opposto é a sua transformação em materia tangivel. Entre esses dois estados existem innumeraveis transformações proximas mais ou menos umas das outras. Os fluidos os mais vizinhos da materialidade, conseguintemente menos puros, compõem o que se pôde chamar atmosphaera espiritual terrestre. E' n'esse meio onde igualmente encontra-se differentes grãos de pu-

reza que os Espiritos encarnados e desencarnados da terra sugam os elementos necesarios a economia de sua existencia. Esses fluidos por mais subtis e impalpaveis que sejam para nós, não deixam de ser, comparativamente aos fluidos ethereos das regiões superiores de uma natureza grosseira.

E' assim tambem na superficie de todos os mundos, salvo as differenças de constituição e condições de vitabilidade proprias á cada um. Quanto menos n'elles é material a vida, tanto menos os fluidos espirituaes têm afinidade com a materia propriamente dita.

A qualificação de fluidos espirituaes não é rigorosamente exacta, porquanto, definitivamente, é sempre a materia em quinta essencia. Não ha realmente de espiritual senão a alma ou principio intelligente. Se os disigna assim por comparação e sobretudo por causa de suas afinidades com os Espiritos. Póde-se pois dizer que é a materia do mundo espiritual; por isso se os denomina fluidos espirituaes.

Quem conhece, entretanto, a constituição intima da materia tangivel? Ella talvez não seja compacta senão em relação aos nossos sentidos, e o que provaria isso é a facilidade com que é atravessada pelos fluidos espirituaes e pelos Espiritos, aos quaes ella não offerece obstaculo maior do que o que os corpos transparentes offerecem á luz.

A materia tangivel, tendo por elemento primitivo o fluido cosmico ethereo, deve poder desaggregando-se voltar a estado de etherisação, como o diamante, o mais duro dos corpos, póde volatilizar-se em gaz impalpavel. A solidificação da materia na realidade é um estado transictorio do fluido cosmico universal, a qual póde voltar ao seu estado primitivo quando as condições de cohesão cessem de existir.

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a materia não é susceptivel de adquirir uma sorte de etherisação que lhe daria propriedades particulares? Certos phenomenos que parecem authenticos tenderiam á fazel-o suppôr. Nós não possuimos ainda senão os marcos do mundo invisivel, e o futuro nos reserva o conhecimento de novas leis que nos permittirão comprehender o que para nós é ainda um mysterio.

O perespirito ou corpo fluidico do Espirito, é um dos productos mais importantes do fluido cosmico, é uma condensação d'esse fluido em torno de um foco de intelligencia ou alma. Tem-se visto que o corpo carnal tem igualmente o seu principio n'esse mesmo fluido transformado e condensado em

em materia tangivel; no perispirito, a transformação molecular opera-se differentemente, porque o fluido conserva sua imponderabilidade e suas qualidades ethereas. O corpo perispirital e o corpo carnal originam-se do mesmo elemento primitivo; um e outro é materia, posto que, debaixo de dois estados differentes.

Os Espiritos sugam seus perispiritos no meio em que se acham, isto é, aquelle envólucro é formado dos fluidos ambientes, resultando d'isso que os elementos constitutivos do perispirito devem variar segundo os mundos. Jupiter sendo um mundo dado como muito mais adiantado do que a terra, onde a vida corporal, não tem a materialidade da nossa, os envólucros perispiritaes devem ser n'elle de uma natureza infinitamente mais tenue do que sobre a terra. Ora, assim como não poderíamos viver n'esse mundo com o nosso corpo carnal, nossos Espiritos não poderiam penetrar n'elle com seu perispirito terrestre. Deixando a terra, o Espirito deixa o seu envólucro fluidico, e reveste um outro apropriado ao mundo para onde deve ir.

A natureza do envólucro fluidico, está sempre em relação com o gráo de adiantamento moral do Espirito. Os Espiritos inferiores não pôdem mudal-o a seu gosto, conseguintemente não pôdem transportarem-se de um mundo para outro. Ha, pois, alguns cujo envólucro fluidico, posto que ethereo e imponderavel em relação a materia tangivel, é muito pezado, se assim se pôde exprimir em relação ao mundo espirital, para lhes ser permittido sahir do seu meio. E' forçoso classificar n'essa cathegoria aquelles cujo perispirito é assaz grosseiro para que elles o confundam com o seu corpo carnal, e que, por essa razão, julgam-se sempre vivos. Esses Espiritos, e o numero d'elles é grande, permanecem na superficie da terra como os encarnados, acreditando sempre vagar em suas occupaões; outros, um pouco mais desmaterialisados, não o são entretanto bastante para se elevarem acima das regiões terrestres. Os Espiritos superiores, ao contrario, pôdem vir aos mundos inferiores e mesmo encarnarem-se n'elles. Sagam nos elementos constitutivos do mundo em que entram, os materiaes do envólucro fluidico ou carnal apropriados aos meios em que se acham. Fazem como os grandes senhores que deixam as vestes doiradas para servirem-se momentaneamente do burel, sem cessar por isso de serem grandes senhores.

E' assim que os Espiritos de ordem mais elevada pôdem se manifestar aos habitantes da terra, ou se encarnar em mis-

são entre elles. Esses Espiritos trazem consigo, não o envólucro, porém a lembrança pela intuição das regiões de onde vieram e as quaes elles encheram pelo pensamento. São videntes entre os cegos.

A camada de fluidos espirituaes que circumda a terra póde ser comparada as camadas inferiores da atmosphaera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores. Esses fluidos não são homogeneos, é uma mistura de moleculas de diversas qualidades, entre as quaes se acham necessariamente as moleculas elementares formando a base, porém mais ou menos alteradas. Os effeitos produzidos por esses fluidos estarão na razão da *somma* das partes puras que elles encerram. Tal é, comparativamente, o alcool ractificado ou misturado em differentes proporções com agua e outras substancias: sua gravidade especifica augmenta pela mistura ao passo que sua força e sua inflammabilidade diminue, posto que no todo haja alcool puro.

Os Espiritos chamados á viver n'esse meio sugam d'elle seu perispirito; porém conforme é o Espirito mais ou menos puro, seu perispirito se fórma das partes mais puras ou mais grosseiras d'esse meio. Sempre, por comparação e não por semelhança, diremos que o Espirito produz o effeito de um reactivo chimico que attrahe para si as moleculas assimilaveis á sua natureza. Resulta d'esse facto *capital* que a constituição intima do perispirito não é identica em todos os Espiritos encarnados ou desencarnados que povoam a terra ou o espaço que a circumda. Não é o mesmo em relação ao corpo carnal que, como está demonstrado, é formado dos mesmos elementos qualquer que seja a superioridade ou inferioridade do Espirito. Assim, entre todos os effeitos produzidos pelos corpos, em igualdade de precisões, são os mesmos, ao passo que differem em tudo quanto é inherente ao perispirito.

Resulta d'isso ainda que o envólucro perispirital do mesmo Espirito modifica-se com o progresso moral em cada uma das suas encarnações, ainda mesmo encarnando-se no mesmo meio; quando os Espiritos superiores se encarnam, excepcionalmente em missão em um mundo inferior, têm o perispirito menos grosseiro do que os indigenas d'esse mundo.

O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que n'elle devem viver; os peixes estão n'agua; as aves terrestres estão no ar; os seres espirituaes estão no fluido espirital ou ether, mesmo sobre a terra. O fluido ethereo é

para as necessidades do Espirito o que a atmospha é para as necessidades dos encarnados. Ora, da mesma fórma que não podem os peixes viver no ar; como não podem os animaes terrestres viver em uma atmospha muito rareficada para seus pulmões, os Espiritos inferiores não podem supportar o brilho e a impressão dos fluidos os mais ethereos. Elles ahi não morreriam, porque o Espirito não morre, porém uma força instinctiva os conservam afastados, como nos afastamos de um fogo ardente ou de uma luz muito radiante. Eis porque elles não podem sahir do meio apropriado á sua natureza, para mudar d'elle é preciso que elles mudem primeiramente a sua natureza; que se despogem dos instinctos materiaes que os retém nos meios materiaes; em uma palavra, que se apurem e se transformem moralmente; então, gradualmente se identificarão com o meio mais puro, o qual torna-se para elles uma precisão, uma necessidade, assim como os olhos d'aquelle que por muito tempo viveu nas trevas se habitua insensivelmente á luz do dia e ao brilho do sol.

Assim tudo se liga, tudo se encadêa no universo; tudo está submettido á grande e harmonica lei da unidade, desde a materialidade mais completa até a espiritualidade a mais pura. A terra assemelha-se a um vaso de onde escapa expesso fumo que se rarefaz ao passo que se eleva, e cujas particulas rarefeitas perdem-se no espaço infinito.

A potencia Divina brilha em todas as partes d'esse conjuncto grandioso, e se quereria que, Deus, não contente com o que fez, viesse perturbar essa harmonia! abaixar-se ao papel de magico pelos effeitos dignos de um prestidigitador! E ousa-se, por cumulo de ignorancia dar-lhe como rival o proprio Satanaz! Nunca, na verdade, rebaixou-se tanto a magestade Divina, e espantam-se do progresso que ha feito a incredulidade!

Tendes razão de o dizer: «A fé vai-se! porém o que se vai é a fé de tudo aquillo que choca ao bom senso; a fé semelhante á que outr'ora fez dizer: «Os deuses vão-se!» Porém a fé em Deus e na immortalidade é sempre vivaz no coração do homem, e se ella tem sido comprimida pelas historias pueris com que se a sobrecarregou, levanta-se mais forte desde que está desembaraçada, semelhante a planta abafada levanta-se logo que recebe o sol!

Sim, tudo é milagre na natureza, porque tudo é admiravel e testemunha a sabedoria Divina! Esses milagres são para todo o mundo, para todos que têm olhos para ver e

ouvidos para ouvir, e não para proveito de alguns. Não! não ha n'isso milagres, no sentido que se liga a essa palavra, porque tudo resalta das leis eternas da criação.

Os fluidos espirituaes, os quaes constituem um dos estados do fluido cosmico universal são, pois, a atmosphaera dos seres espirituaes; é o elemento onde elles sugam os materiaes sobre os quaes operam; o meio onde dão-se os phenomenos especiaes, perceptíveis á vista e ao ouvido do Espirito e que escapam aos sentidos carnaes impressionáveis sómente pela materia tangível; é enfim o vehiculo do pensamento, como o ar é o vehiculo do som.

Os Espiritos obrando sobre os fluidos espirituaes, não os manipulam como os homens manipulam os gases, porém pelo auxilio do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espiritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, elles imprimem a esses fluidos tal ou tal direcção; os agglomeram, os combinam e os dispersam; formam d'elles conjunctos tendo apparencia, fórma, côr, determinadas; mudam-lhes as propriedades como o chimico muda a dos gases ou a dos outros corpos combinando-os segundo certas leis. E' esse o grande arsenal ou laboratorio da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção; muitas vezes, são o producto de um pensamento inconsciente; basta o Espirito pensar em uma cousa para que essa cousa se reproduza. E' assim, por exemplo, que um Espirito se apresenta á vista de um encarnado dotado da vista psychica ou espiritual, debaixo das apparencias que tinha quando vivo na época em que se o conheceu, ainda que tenha tido muitas encarnações depois. Elle apresenta-se com a vestimenta, signaes exteriores, enfermidades, membros amputados, etc, que tinham então; um decapitado apresenta-se com a cabeça de menos. Não quer dizer que elle tenha conservado essas apparencias; certamente não, porque, como Espirito elle não é coxo, nem maneta, nem vesgo; nemi sem cabeça; porém seu *pensamento* referindo-se a época em que assim era, seu perispirito toma instantaneamente aquellas apparencias, deixando-as pela mesma fórma logo que quer.

Se, pois, foi uma vez negro e outra vez branco, se apresentará como negro ou como branco, segundo uma das duas encarnações sobre que fór evocado, e para aquella que se referir seu pensamento.

Por um effeito analogo, o pensamento do Espirito crêa fluidamente objectos dos quaes tinha o habito de se servir; um

avaro trará moedas de ouro nas mãos, um militar trará as suas armas e seu uniforme, um fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma velha a sua roca. Esses objectos fluidicos são tão reaes para o Espirito como o eram no estado material para o homem vivo ; mas, pela mesma razão de serem elles creados pelo pensamento, sua existencia é tão fugitiva como o pensamento. (*Livro dos Mediums*, cap. VIII).

A acção do Espirito sobre os fluidos espirituaes tem consequências de uma importancia directa e capital para os encarnados. Desde que esses fluidos são o vehiculo do pensamento, que o pensamento póde modificar as propriedades d'elles, é evidente que elles devem ser empregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os põem em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os máos pensamentos corrompem os fluidos espirituaes, como os miasmas, deletérios corrompem o ar respiravel. Os fluidos que circumdam ou que projectam os máos Espiritos são pois viciados, ao passo que, os que recebem a influencia dos bons Espiritos são tão puros quanto comporta o gráo de purificação moral d'estes.

Seria impossivel fazer uma enumeração, uma classificação, dos bons e dos máos fluidos, nem especificar suas qualidades respectivas, attendendo que sua diversidade é tão grande como a dos pensamentos.

Se os fluidos ambientes são modificados pela projecção dos pensamentos do Espirito, seu envólucro perispiritual que é parte constituinte de seu ser, que recebe directamente e de uma maneira permanente a impressão dos seus pensamentos, deve ainda mais firmar a impressão de suas qualidades boas ou más. Os fluidos viciados pelos effluvios dos máos Espiritos pódem-se depurar pelo afastamento d'estes ; porém o perispirito de um máo será sempre o que é enquanto o Espirito não se modificar por si mesmo.

Os homens sendo Espiritos encarnados, têm em parte as attribuições da vida espiritual, porque elles vivem d'essa vida tanto quanto da vida corporea, principalmente durante o somno e muitas vezes acordado.

O Espirito encarnando-se, conserva seu perispirito com as qualidades que lhe são proprias, e que, como se sabe, não é circumscripto pelo corpo, porém radia por todo o arredor e o envolve de uma atmosphaera fluidica.

Pela inteira união com o corpo o perispirito desempenha um papel preponderante no organismo ; por sua expansão, põe o Es-

pirito encarnado em relação mais directa com os Espiritos livres

O pensamento do Espirito encarnado actua sobre os fluidos espirituaes como os dos Espiritos desencarnados; transmite-se de Espirito a Espirito pela mesma via, e conforme fôr elle bom ou máo sanifica ou vicia os fluidos circumdantes.

O perispirito dos encarnados sendo de uma natureza idêntica a dos fluidos espirituaes com facilidade os assimila como se embebe de um liquido a esponja. Esses fluidos têm sobre o perispirito uma acção tanto mais directa quanto, por sua expansão e seu radiamento, confunde-se com elles.

Esses fluidos obrando sobre o perispirito, este á seu turno reage sobre o organismo material com o qual está em contacto molecular. Se os effluvios são de boa natureza, o corpo resente uma impressão salutar; se são máos, a impressão é desagradavel; se os máos são permanentes e energicos, pôdem determinar desordens physicas: certas molestias não têm outra causa.

Todo meio em que abunda máos Espiritos são impregnados de máos fluidos que se absorve por todos os poros perispiritaes, como pelos poros do corpo se absorve os miasmas pestilentos.

E' o mesmo nas reuniões dos encarnados. Uma assembléa é um foco onde radiam diversos pensamentos. O pensamento obrando sobre os fluidos como o som actua sobre o ar, esses fluidos nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Póde-se, pois, dizer verdadeiramente que ha n'esses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundir, como ha no ar ondas e raios sonoros.

Uma assembléa é como uma orchestra, um côro de pensamentos onde cada um produz sua nota. Resulta d'isso uma multidão de correntes e de effluvios fluidicos de onde cada um recebe a impressão pelo sentido espiritual, como em um côro de musica cada um recebe a impressão dos sons pelo sentido dos ouvidos. Porém, assim como ha raios sonoros harmonicos ou discordantes, ha tambem pensamentos harmonicos e discordantes. Se a assembléa é harmonica, a impressão é agradável, se é discordante, a impressão é desagradavel. Ora, para isso, não ha necessidade que o pensamento seja transmittido pela palavra; o radiamento fluidico existe quer elle seja ou não expresso pela voz; porém se ha mistura de pensamentos máos, estes produzem o effeito de uma corrente de ar gelado em um meio quente.

Tal é a causa do sentimento de satisfação que se experimenta em uma reunião sympathica animada de bons e benevolos pensamentos; ahí reina como que uma atmospherá moral salubre, onde se respira á gosto; de onde se sahe confortado, porque se é impregnado de effluvios fluidicos salutaes. Assim tambem se explicam a anciedade, o máo estar indefinivel que se sente em um meio antipathico, onde pensamentos malévolos provocam como que correntes de ar nauseabundo.

O pensamento, pois, produz uma sorte de effeito physico que reage sobre o moral; é o que só o Espiritismo pôde fazer comprehender. O homem o sente instinctivamente, pois que procura as reuniões homogeneas e sympathicas onde sabe que pôde beber novas forças moraes; pôde-se dizer que ahí recupera as perdas fluidicas que faz todos os dias pelo radiar do pensamento, assim como recupera pela alimentação as perdas do corpo material. E' que effectivamente o pensamento é uma emissão que occasiona perda real nos fluidos espirituaes e em seguida nos fluidos materiaes, de tal fórma que o homem tem necessidade de se reconfortar pelos effluvios que recebe do exterior.

Quando se diz que um medico cura seu doente com boas palavras, se diz uma verdade absoluta, porque o pensamento benevolo traz consigo fluidos reparadores que obram sobre o physico tanto quanto sobre o moral.

Dir-se-ha, é possivel evitar os homens que se conhecem como mal intencionados, porém como subtrahir-se da influencia dos máos Espiritos que polulam em torno de nós e escapam por toda parte sem serem vistos?

O meio é mais simples para o homem evitar o Espirito desencarnado do que os encarnados, porque elle tem o preservativo em suas mãos. Os fluidos se unem em razão da semelhança de sua natureza; os fluidos desemeilhantes se repellem; ha incompatibilidade entre os bons e os máos fluidos, como entre o oleo e a agua. O que fazer quando está o ar viciado? Sanifica-se-o, se o espurga destruindo o fóco dos miasmas, expellindo os effluvios insalubres por meio de correntes mais fortes de ar salubre. A invasão dos máos fluidos, é preciso, pois, oppôr-se os bons fluidos; e, como cada um tem em seu proprio perispirito uma origem fluidica permanente, traz em si proprio o remedio; tudo se reduz a expurgar essa origem, e de lhe dar qualidades taes que sejam para os máos fluidos um repulsorio e não uma força attractiva.

O perispirito é, pois, uma couraça que precisamos dar-lhe uma boa tempera; ora, como as qualidades do perispirito estão na razão das qualidades d'alma, é preciso trabalhar para aperfeiçoal-o, porque são as imperfeições d'alma que atrahem os máos Espiritos. Assim como as moscas encaminham-se para onde ha fócios de podridão, assim tambem os máos Espiritos procuram os homens cujas qualidades moraes são más.

Desapparecendo o fóco de podridão, as moscas desapparecem. Fazei desapparecer as imperfeições de vossa alma e os máos Espiritos deixarão de perseguir-vos

Pensamentos ; notavel phenomeno vital.

Os factos que vamos dar são tirados do *Spiritual Scientist* e do *Banner of light* jornaes cujas redacções nada deixam á desejar.

Se alguem prophetisa, diz-se que é effeito da imaginação: se vê o céo, chamam-no de allucinado; se uma creança exclama: Mamãe, vi um anjo, diz-se que sonhou; os que enchem os Espiritos não estão longe de ir para o hospicio dos alienados; como progredir em um mundo tão material?...

Pensamento arrebatador. — O amor é o calor espiritual; a verdade é a luz espiritual. A temperatura do corpo humano depende muito do gráo das affecções do Espirito; quando são vivas, excitam a energia do corpo, bate o coração com mais força, a respiração torna-se mais activa, maior quantidade de ar, consequentemente maior quantidade de oxigeno é introduzido nos orgãos, o que augmenta o calor do corpo e a actividade do cerebro.

Phenomeno notavel que teve lugar em uma cidade d'America. — Uma joven chamada *Susie Smith* morreu no dia de quinta-feira 9 de setembro do anno passado na cidade de Lourença, e até na sexta-feira, dia do enterro d'esse corpo inerte, differentes vozes se fizeram ouvir. A principio uma descreveu o enterro e nomeou os hymnos que seriam cantados. Mais tarde, uma voz retumbante credencu que fosse vigorosamente friccionado o braço da joven; na manhã do dia seguinte, uma voz meiga

pedio ao medico que se collocasse perto do leito : « *Quem pensais que sou ? — Susie Smith. — Não, porque ella morreu hoje.* Finalmente, na sexta-feira pela manhã, no momento em que a familia reunida hesitava sobre o logar da sepultura, Susie Smith materializada, appareceu e indicou a localidade aonde desejava que seu corpo fosse depositado.

Observação.—As redacções dos dois jornaes não fazem a minima reflexão em relação a tão interessantes factos ; factos que para os que não conhecem os phenomenos espiritas são de prompto julgados inverosimeis ; entretanto, uma dissertação sobre o assumpto explicaria aos leitores o porque do phenomeno, porém nos Estados-Unidos se está habituado a comprovação simples do facto brutal, sendo cada um livre em tirar suas conclusões mais ou menos logicas.

Fazendo vêr que depois da morte do corpo, na maior parte dos casos, o desprendimento do Espirito se opera lentamente, se comprehenderá que na profundeza do organismo existe uma origem secreta do influxo vital, do qual o Espirito pôde-se servir para suas manifestações. O corpo humano não está ainda completamente desvendado as investigações scientificas no que diz respeito aos elementos proprios a essas manifestações, e só o magnetismo pôde ajudar-nos no apanhar do fio mysterioso da prolongação da vida em um corpo considerado inerte pelos medicos.

Tem havido casos extraordinarios comprovados pelos praticos graduados ; bem como, um ser morre ! o pulso não bate ! para elles a vida não existe desde que os membros adquirem uma certa rigidez ; algumas vezes, porém, o calor conserva-se por muitos dias e depois volta a sensibilidade, e aquelle que parecia morto volta ás suas funções habituaes ; os diagnosticos os mais seguros podem enganar aos peritos. Quantos vivos têm sido enterrados por causa dos erros e prejuizos ! !

Debaixo da acção da vontade, um individuo é levado ao estado de somnambulismo magnetico o mais completo ; o corpo fica inerte, e o Espirito desprende-se o mais possivel. O que então acontece ? Muitas vezes pela bocca do individuo, n'esse estado, em quem se reconhece a mais limitada intelligencia, o mais restricto saber, sahem conselhos scientificos de primeira ordem, dissertações sobre assumptos abstractos ou sobre theses litterarias ; isso prova que, outras intelligencias servem-se do instrumento corporeo do qual o verdadeiro possuidor está afastado, posto que retido ao organismo por um linho fluidico extremamente delgado, Muitas vezes succede que o somnam-

bulo bem desprendido percebe melhor o passado, descreve suas existencias anteriores e pôde dar conselhos que excedem ás luzes dos seus conhecimentos habituaes; n'esse caso, elle veio á vida corporea, soffrer uma provação que escolheu para bater de rijo o orgulho ou a vaidade que o havia desviado das leis de Deus, quando na existencia de sabio.

Susie Smith offerece o mesmo phenomeno; havia sobrevivido á morte do corpo presa apenas a elle por um tenue linho fluidico; graças a essa circumstancia, outros Espiritos se manifestaram; um pedia que o braço da defunta fosse vigorosamente attritado, essa voz retumbante exigindo a transmissão do fluido vital pelo tocar de um ser vivo, aconselhava o emprego de um meio conhecido para continuar a acção da vida invisivel occulta nas profundezas das fibras; pedia força vital que possuímos e com a qual tornamo-nos fortes, para por esse meio segurar o linho fluidico do perispirito de Susie Smith. Nossa explicação baseada sobre a experiencia é a unica accetavel e tanto é verdade, que as vozes desapareceram e o Espirito de Susie não appareceu aos seus pais para dar-lhes conselhos, senão quando seu perispirito destacado completamente de seu corpo, pôde tornar possivel uma manifestação espirita e pessoal.

Quem não se lembra das experiencias celebres, sobre as cabeças cortadas, feitas por Brown Séquard, em 1857 e as de Gavaret confirmadas pelos doutores Evard, Beaumetz e Robin? Esses illustres physiologistas provaram que a vida permanecia muito tempo depois da secção, que o decapitado tinha sensação por espaço de dez horas depois da execução. Factos taes não provam que o desprendimento do perispirito opera-se com muita lentidão? Desafiamos a esses nossos operadores distinctos de acharem outra explicação mais racional. Couillaud, que tem feito experiencias em Madrid sobre mortos, tem obtido pelo magnetismo effeitos semelhantes dos quaes nos ha de enviar uma relação.

Damos o resumo da experiencia de Robin, feita após meia hora da decapitação de um condemnado: « Com as costas do escarpelo bateu ligeiramente em um dos bicipites (*) do suppliciado; em continente o musculo se contrahio. Da mesma fórma, a pelle pinçada em differentes partes do corpo pôz em movi-

(*) *Bicipites* ou *Biceps* são dous musculos que têm dous atilhos na parte superior: 1º *biceps brancial*, está situado na parte anterior do braço, etc. 2º *biceps crural*, está situado na parte posterior da coxa, etc.

mento os musculos subjacentes. » A experiencia seguinte foi feita após uma hora da execução :

« O braço direito do cadaver estava estendido obliquamente sobre a meza.

« Passou-se a ponta do escarpelo sobre o peito perto do bico do peito ; promptamente, os musculos da espadua e do braço se contrahiram ; o braço aproximou-se do tronco do corpo ; o antebraço meio flexivel e a mão, dirigida para o peito, chegou até quasi a cavidade do estomago. *Um verdadeiro movimento defensivo.* Quatro vezes se experimentou e todas quatro o movimento se produziu, posto que, cada vez menos pronunciado. Notamos que nem os dedos nem os polegares mecheram-se ».

« A pelle do morto só é sensivel aos contactos ; o frio e o calor igualmente a impressiona. Dous suppliciados, observados com minuciosa attenção nos mezes frios de Março e Outubro, tinham a *carne de gallinha*, e isso muito pronunciado, umas seis horas depois. »

Quaes as consequencias que tiram esses eminentes physiologistas d'essas experiencias ? Debaixo do ponto de vista psychologico nenhuma ; relatam um facto brutal, e como os Americanos, cada um tira d'elle sua conclusão. Só o espiritismo póde dar a solução d'esse problema e explicar a permanencia d'esses actos da vida organica como resultado das sensações percebidas pelo *eu*.

Voltaremos ao assumpto.

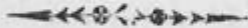
OBSERVAÇÃO

Não havendo em nossa lingua uma palavra que signifique a acção de um máo Espirito desincarnado sobre um encarnado, créamos o verbo — *obsedar*. Aos que lembrarem possuirmos o adjectivo *obsesso*, e que por isso deveríamos antes empregar o verbo *obsessar*, diremos que se assim procedessemos introduziríamos na nossa linguagem uma *amphibologia*.

O adjectivo *obsesso* que nos vem da lingua latina, exprime a acção do demonio sobre o homem. O espiritismo reconhece a existencia de máos e perversos Espiritos, mas não a do demonio na accepção dos representantes da Igreja. Eis a razão porque havemos de empregar a palavra — *obsedado*, etc.

ERRATAS DO N. 1.

- Página 5, linha 5... e como estou convicto da affirmativa, reservarei... lê-se:
« e como estamos convictos da affirmativa, reservaremos... »
- Pag. 7, linha 17... porque não tem... lê-se : « porque não têm.... »
- Pag. 9, linha 28... crenças... lê-se : « crença.... »
- Pag. 11, linha 21... foram estes mesmos... lê-se : « foram esses mesmos.... »
- Pag. 17, linha 7... porém que não subjugam... lê-se « porém não subju-
gam.... »
- Pag. 21, linha 2... buscam elles attestarem... lê-se : « buscam elles attestar.... »
- Pag. 35, linha 31... não haveria... lê-se : « não haveriam.... »
- Pag. 36, linha 1... seja necessario ao oratorio... lê-se : « seja necessario ir
ao oratorio... »
- Pag. 40, linha 13... Quando cão... lê-se : « Quando não.... »



REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 3. —

MARÇO DE 1875

A loucura

(Vide Revista de Fevereiro, pag. 41.)

Continuemos o nosso estudo sobre as opiniões dos diversos alienistas, para que possamos ser comprehendidos quando tivermos de fazer nossas reflexões sobre a loucura, debaixo do ponto de vista espirita.

Deixámos no artigo primeiro, com o qual encetámos o presente estudo, exaradas as tres questões com que se occupou Pinel quando estudou a loucura; a classificação das especies, a analyse experimental da intelligencia humana, que havemos de completar mais para adiante, e a terceira — tratamento moral — a mais importante para nós, como mais tarde reconhecerá o leitor que nos acompanhar até o fim d'esta nossa ardua e difficil tarefa.

O que Pinel em sua classificação chamou especies — o *idiotismo*, a *demencia*, a *melancholia*, e a *mania*, Esquirol fez quatro generos, e denominando-os — *idiotia*, *demencia*, *monomania* e *mania*. Ora, tendo cada um d'esses generos suas especies, resulta ter feito este ultimo alienista discriminações que não se encontra nos trabalhos do primeiro. Verbi-gratia, segundo Esquirol, a *idiotia* e a *imbecilidade* são duas especies do genero *idiotia*; assim como, a *monomania triste* e a *monomania alegre* são duas especies do genero *monomania*, etc., etc.

Pinel em sua obra dá tres exemplos sobre a *idiotia*. Apresenta o historico de uma joven idiota não reconhecendo as substancias alimenticias, não experimentando prazer nem mesmo

quando se lançava a comida á bocca. Uma outra, nos diz elle, tinha prazer sempre que via aproximar-se o alimento, e demonstrava desgosto quando liugi um retiral-o sem que ella tivesse comido. A terceira pedia comida, e guardava os restos dos alimentos.

Reflectindo sobre estes tres casos vêmos que, a primeira idiota não distinguia cousa alguma; a segunda distinguia; a terceira, além de distinguir, previa.

Não percorrendo todas as variações, todas as gradações que ha de tão triste estado das faculdades, e tendo em vista só o signal caracteristico da manifestação da intelligencia humana — a palavra, Esquirol para nos dois graus: o imbecil que falla e o idiota que é mudo.

A *idiotia*, no mais baixo gráo, torna o idiota incapaz de pronunciar um monosyllabo se quer; um pouco acima, já o idiota pronuncia, articula algumas palavras ou gritos, ainda um pouco mais acima, pronuncia phrases curtas.

A *imbecilidade* no ponto mais baixo da escala, não priva o imbecil de fallar, e no mais alto gráo torna-o loquaz. Esquirol apresenta um exemplo d'esse genero nos seguintes termos: « . . . Incapaz de prestar attenção, nunca pôde ler com cuidado, nem escrever uma carta por mais curta que fosse, nem tão pouco reter o que lia . . . corria sem destino nos campos; fallava muito, era mesmo tagarella, e sempre fóra do assumpto de que se tratava. Empregava umas palavras por outras. Sempre contente, ria-se sem motivo, algumas vezes ria-se sosinho Com a idade de trinta e sete annos, a sua intelligencia estava abaixo da de uma creança de dez annos, não obstante os cuidados empregados em desenvolvê-la Appreciar-se-ha a elevação de sua intelligencia pela seguinte passagem: o medico ordenou-lhe que todos os dias montasse á cavallo, e todos os dias por espaço de uma hora elle ficava na estrebaria do pai montado em um cavallo, sem attinar que o que se havia ordenado era um passeio; o acaso fez descobrir a maneira pela qual elle executava as ordens do seu medico. Diz Esquirol. « A *idiotia* e a *imbecilidade* differem essencialmente da *dementia*. » Quanto a *idiotia* não é difficil fazer-se apreciação, por isso que ella denota a falta absoluta ou quasi absoluta da intelligencia; porém, traçar a linha divisoria entre a *imbecilidade* e a *dementia* não é facil, posto ella exista. A *imbecilidade* é um gráo da *idiotia* e principia com a vida; entretanto, a *dementia* começa geralmente com a puberdade, assim como a *monomania*, e a *mania*; entretanto, a *imbecilidade* e a *idiotia* não variam, propriamente fallando, não têm co-

meço por isso que apparecem desde o nascimento da creatura humana e proseguem até a terminação da existencia corporea. O mesmo não se dá em a *dementia*, porque n'ella se observa o começo, o crescimento, as intermittencias, e a terminação muitas vezes, quando não é a *dementia senil*. A razão que milita na *imbécilidade* e na *idiotia* é a do vicio original na conformação do cerebro, facto que nada tem de semelhante quanto á *dementia*. Admittindo mesmo que haja lesão no *modo* intellectual, o que se deduz de Esquirol é que esse *modo* lesado não é o mesmo na *imbécilidade* e na *dementia*; por isso que o que falta na *dementia* é a ligação das idéas, ao passo que na *imbécilidade* é a completa formação das idéas. As idéas do imbecil são semi-formadas; sua intelligencia é como que retida em seu desenvolvimento, é por isso que Esquirol diz: « o imbecil é uma creança grande. »

Na realidade, estudando a creança, vêmos a principio que ella não profere pa'avra, depois diz palavras sem exprimir idéas, mais tarde suas idéas já se formam em parte, e finalmente exprimem idéas completas. N'esse ultimo caso a creança dá provas sensiveis da razão. A creança segue uma marcha progressiva no desenvolvimento de suas idéas, e o imbecil jamais chega a attingir a razão. Tanto o imbecil como o louco pela *dementia* têm a razão incompleta; o primeiro, porque nunca seguiu a marcha progressiva que se observa na creança; o segundo porque tendo attingido a ella depois a perdeu.

Uma reflexão que tem todo cabimento. Alguns individuos possuem *instincto* tão *previdente* que repellem o espiritismo reaciosos de perderem a razão. Conheço um medico, com quem tenho relações, posto que não no gráo d'outr'ora quando militavamos no mesmo partido politico, a quem perguntei se não desejava assignar a presente REVISTA, que me disse: « Deus me livre, não quero ficar louco. » A resposta não foi muito rigorosa para um homem que professa a sciencia medica, porém bem positiva para demonstrar em que conta tem elle a energia da sua razão.

No nosso primeiro artigo já fizemos vêr como Pinel definiu a *melancolia*: delirio parcial com abatimento, tristeza, tendencia para o desespero; porém essa definição não é generica, por isso que só define uma das fórmulas da *melancolia*, a *melancolia alegre*; tanto é assim que, é o mesmo alienista que no segundo volume de sua obra, diz; « Causa alguma é mais inexplicavel, e entretanto cousa alguma está melhor comprovada do que as duas fórmulas oppostas que póde tomar a *melancolia*, E' algumas vezes um turgido de orgulho e a chimerica idéa de possuir riquezas im-

mensas ou poder sem limites; outras vezes é um abatimento pusillanime, uma consternação profunda ou desespero em profusão. »

Esquirol acreditou vencer a difficuldade fazendo da palavra *monomania* um termo generico abraçando as duas especies de loucura que a citação acima indica : — a *monomania triste*, e a *monomania alegre*.

O louco que se julga rei, o que se julga Mahomet, o louco do Pireu, exemplificam os alegres. Esquirol cita muitos *monomaniacos* nos seguintes termos : « Satisfeitos de si mesmo, contentes pelos outros, felizes, joviaes, communicativos, riem, cantam, dansam, etc. »

Consequentemente póde-se dizer que a *monomania alegre* tem suas variantes, como as tem a *monomania triste* ; portanto, ha monomaniacos entusiastas, amorosos, hypochondriacos, homicidas, etc., etc.

Vêmos, pois, que algumas das monomanias são innocentes, verbi-gratia, esta com que está o redactor d'esta REVISTA — a da propaganda espirita. Não vos parece leitor ?

Diante da necessidade imperiosa de primeiro lembrar o que de essencial se ha dito sobre um genero de enfermidade que segundo dizem, *soffrem* todos os adeptos da escola espirita, não nos deteve a consideração de estar pondo mãos em seara alheia, e por isso vamos proseguindo.

Duas são as especies do genero demencia—*a demencia aguda*, e a—*demencia chronica*. Semelhante á todas as enfermidades têm começo, crescimento, declinio e cura ou termo com a cessação completa da vida corporea.

A *demencia chronica* é determinada pelo esgotamento do systema nervoso, particularmente do cerebro, bem entendido. Distinguem a *demencia senil*, chamando-a caducidade intellectual, por ser o estado em que cahem muitas intelligencias no fim da vida. Cuvier diz, no discurso que já alludimos, que Pinel, esse grande observador, essa cabeça vasta e geometrica, terminou seus dias no estado de demencia.— « sentio gradativamente aproximar-se de um estado que tantas vezes havia estudado nos outros.... »

Ha na obra de Esquirol um capitulo de alto interesse para nós ; é o da allucinação. Havemos mais tarde estudal-o; entretanto, vamos desde já dando d'elle alguma idéa.

As allucinações constituem um elemento da mór parte das loucuras, das *monomanias*, das *manias*, etc. Diz que raros são os *maniacos* e *monomaniacos* que não sejam allucinados. Separa

a *allucinação* da *illusão* dos sentidos, e declara ser a *allucinação* um facto puramente cerebral, tanto assim que ella tem logar ainda não existindo os sentidos. Exemplificando a sua posição diz : um surdo accusa ouvir vozes ameaçadoras ; um cêgo vê objectos que o espanta...

A *allucinação* tem muitas relações com o sonho.

Nos sonhos ouvimos, mas não pelos ouvidos.

Vêmos, porém, não pelos olhos.

O *allucinado*, segundo Esquirol, sonha acordado !

Espirituosamente, já Voltaire havia dito.

« O sonho é uma loucura passageira. »

Os alienistas confessam que sem o phenomeno do sonho a loucura seria menos comprehendida.

Encarando-se o sonho por uma tal fórma, não é admiravel as deducções que tiram ; verbi-gratia, um sabio quando sonha está, n'esse momento, no estado de loucura, e assim toda a humanidade ajuizada. Os menos rigoristas não vão até esse ponto, porém sustentam que se está em um estado de *allucinação* ; pois ouvem, vêem pessoas ausentes, seres que não existem, etc. Conclusão final : esse phenomeno é todo elle cerebral ; o cerebro acha-se meio dormindo, meio acordado, funcionando em parte ; d'ahi dizem elles, resulta sermos o joquete de mil e uma *illusões* !

(*Continúa.*)

Factos vulgarmente chamados—visões.

O jornal *Courrier de Lyon* relatou o seguinte facto :

« Na noite de 27 para 28 de Outubro de 1857, produzio-se um singular caso de visão intuitiva em Croix-Rousse. »

« Ha pouco mais de tres mezes que o casal B... honestos tece-lões, commovidos pelo louvavel sentimento de commiseração, recolheram para sua casa, na posição de creada, uma rapariga quasi idiota moradora em Bourgoing. »

« No ultimo Domingo, das duas ás tres horas da manhã, os esposos B... despertaram sobresaltados pelos gritos de sua creada, que dormia em um sotão contiguo ao quarto d'elles.

« A senhora B... tomou uma lampada, subio ao sotão e en-

controu sua creada em um estado de exaltação de espirito difficil de ser descripto, retorcendo os braços em medonhas convulsões e desfazendo-se em lagrimas chamava por sua mãe que, segundo dizia, acabava de vel-a morrer diante dos seus olhos.

« A senhora B... depois de ter calmado o quanto pôde a rapariga, voltou para seu quarto. Este incidente estava quasi esquecido quando, na quinta feira depois do meio dia, um estafeta do correio entregou ao senhor B... uma carta do tutor da rapariga que fazia sciente a esta ter, na noite de Domingo para o Sabbado, das duas para as tres horas da manhã, morrido sua mãe em virtude de uma queda do alto de uma escada.

« A pobre idiota partio hontem pela manhã para Bourgoing acompanhada pelo senhor B... seu patrão, para lá recolher a parte da successão que lhe cabe em herança de sua mãe, que ella tinha visto em sonho acabar tão tristemente. »

Factos como este não são raros. Temos ouvido contar muitos, e necessariamente alguns leitores não os tomarão por novidades. Produzem-se algumas vezes durante o somno e mesmo acordado ; ora, como os sonhos não são outra coisa senão um estado de somnambulismo natural incompleto, chamam-se as visões que têm logar n'esse estado — *visões somnambulicas*, para as differencar das que se dão quando acordado e que são chamadas — *visões pela dupla vista*. Chamam-se *visões estativas* as que se dão no estado de extase ; estas têm geralmente por objecto seres e cousas do mundo incorporeo.

O seguinte facto relatado por um armador de Paris ao immortal Allan-Kardec, pertence a cathegoria dos que são chamados *visões pela dupla vista* :

« No mez de Abril proximo passado, achando-me soffrendo um pouco, fui passear as Tuileries com meu socio. O tempo estava magnifico, o jardim cheio de gente. Repentinamente a multidão desapareceu dos meus olhos ; não senti mais meu corpo, fui como que transportado, e vi distinctamente um navio entrando no porto do Havre. Reconheci-o pela *Clemencia* que nós esperavamos das Antilhas ; vi-o amarrar-se ao cáes, distinguindo claramente os mastros, as vellas, os marinheiros e os mais minuciosos detalhes, como se me achasse no logar. Disse para o meu companheiro : « Eis a *Clemencia* que chega ; hoje mesmo receberemos noticia ; sua viagem foi feliz. » Entrando em casa, entregaram-me um telegramma. Antes de ter visto o que elle continha, disse : « E' o annuncio da chegada da *Clemencia*, que entrou no Havre as tres horas. « O telegram-

ma confirmava, effectivamente, a entrada justamente á hora em que eu nas Tuilerias tinha visto. »

Uma pessoa do nosso conhecimento relatou-nos ha muito um facto da mesma cathegoria nos seguintes termos : « Estavamos nas Larangeiras, (Provincia de Sergipe) meu pai havia acabado de carregar um navio e da to ordem para elle sahir barra fóra. Um dia, minha mãe se achava cosendo, no momento em que entrava em casa meu pai, e n'esse mesmo momento disse ella : — ah ! o navio F... está se despedaçando á barra... Effectivamente, no mesmo dia, na mesma hora, o naufragio do navio se dava... »

Ha pouco mais de um mez uma senhora respeitavel, mulher de um importante fazendeiro nosso amigo, cõntou-nos entre varios factos produzidos por uma senhora residente em Baependy, este que vamos relatar : « Estava em Baependy uma familia, juntamente comnigo no uso das aguas, que tinha aqui na Cõrte uma pessoa desenganada pelos medicos por soffrer do coração. Havia alguns dias que a familia, em Baependy, não recebia noticias do doente ; foi ter com a senhora X... muito conhecida alli em reproduzir factos identicos, para obter noticias do doente. A senhora X... depois de uma ligeira oração a Nossa Senhora, deu esta resposta : « F... está n'este momento em um caixão para ser hoje enterrado. Elle não falleceu da molestia de coração que soffria, porém de bexigas... Preparem o animo de D. F... para receber a noticia da morte que já vem pelo correio que chegará aqui tal dia... » Tudo se realisou sem a minima discrepância.

Quando factos de visões têm por objecto seres do mundo incorporeo, pôde-se com apparencia de razão, dar-se-os como um producto da imaginação, qualifical-os de allucinações, por isso que não se pôle comprovar a exactidão ; porém os quatro factos que acima ficam relatados, cuja realidade material foi comprovada, não admite as explicações habituaes da incredulidade. Diante d'esses factos, desafiamos todos os physiologistas, todos os phylosophos de nos explicar esses acontecimentos pelos seus systemas.

Só a sciencia espirita pôde nos conduzir por essas veredas desconhecidas da generalidade dos que se chamam sabios. Em todos esses factos que acabamos de relatar o phenomeno é psychico ; as almas momentaneamente desprenderam-se até certo ponto dos atilhes materiaes dos corpos ; rapidas, como o pensamento acharam-se nos diversos logares d'aquelles acontecimentos ; isso quanto aos tres ultimos factos ; quanto ao primeiro,

podia ter sido tambem a alma ou Espirito da mãe da pobre idiota vindo ter com ella para annunciar-lhe que acabava de morrer.

Spiritismo na Italia.

Na *Revista Espirita* de Paris do mez de Janeiro do corrente anno, sob a epigraphe acima, vem narrado um facto bastante curioso, — eis o que se lê :

O Sr. Bruce nos enviou a seguinte carta :

O Sr. Barão Kirkup, litterato residente na Toscana (Italia) depois de muitos annos, me permite relatar o seguinte facto que póde interessar aos vossos leitores. — Havia apenas nove dias que era avô o Sr Barão, quando teve logar esse phenomeno — Eis o facto extrahido textualmente de sua carta :

« Os meus invisiveis amigos estabeleceram comigo uma correspondencia por escripto. Tres pancadas na parede, quando estou só, indicam que existe uma carta no escriptorio do nosso correio secreto, collocado atraz de um dos quadros da sala ; ponho minha resposta no mesmo logar, e dá-se isto sempre que me acho só, porque não confio em pessoa alguma, nem mesmo em minha filha.

« Eu conheço o character de letra dos quatro Espiritos *Regina*, *Annina*, *Isacco*, e *Dante* ; tenho d'elles, pelo menos, cem cartas. Estes Espiritos me julgando desconfiado propuzeram dar-me uma prova convincente, fazendo escrever meu neto que tinha nove dias de idade. Temendo alguma mystificação, convidei seis amigos meus para serem testemunhas d este facto. A sala estava illuminada por um candieiro e muitas velas, minha filha entrou trazendo a criança em um dos braços, e na outra mão uma folha de papel sobre um livro. Eu tinha aparado muitos lapis, e os tinha escondido em um logar escuro, porque sabia que os Espiritos não gostam de apanhar um objecto em qualquer meza para o qual se concentram todas as vistas ; esta attenção os importuna. Quando minha filha se assentou já a criança tinha em uma das mãos um lapis de marfim de cinco centimetros de comprimento, segurava-o como se fosse um punhal e começou immediatamente a escrever. Eu estava assentado ao lado de minha filha, e com os olhos fitos na criança. Ella co-

meçou por escrever as quatro iniciaes R A S D dos nomes dos meus quatro amigos, deixando depois cahir o lapis. Pensava eu que tudo estava concluido, quando minha filha exclamou : ella está de novo com o lapis ! e Regina escreveu estas palavras em italiano : *Non mutare questa e buona prova fue cosa ti abbiamo detto. Addio.* (Não alteres ; este escripto é uma excellente prova, é a que te havíamos promettido. Adeus.)

Este pensamento estava perfeitamente escripto pela mão da criança, ninguem tocava no papel e eu tinha os olhos fitos n'ella no que me acompanhavam todos os assistentes ; e não eramos victimas de uma illusão ; este phenomeno deixou-nos uma impressão real.

Fiz escrever e assignar o seguinte termo por todas as pessoas presentes :

Nós sete testemunhas vimos a menina Valentina de 9 dias, escrever como acima se relata : o lapis era posto em sua mão por um poder invisivel. Fortunata Carboni, Teresa Beltramini, Teodoro Cisni, Puolina Carboni, Smogene Kirkup Cisni, Viltorio Beltramini.

SEYMOUR KIRKUP.

Temos uma illimitada confiança no Sr. Bruce, professor de linguas, á rua das Escolas n. 24 ; temos intimas relações com este litterato que a 33 annos ensina aos Inglezes o Inglez, o Alemão, o Hespanhol e o Francez. Nossos irmãos espiritas da Hespanha, da Italia, e dos Estados Unidos o recommendam ás familias que querem ensinar estas linguas a seus filhos. Agradecemos ao Sr. Barão de Kirkup a permissão que nos deu de publicar este notavel phenomeno : tivemos occasião de ler duas cartas suas que relatam este facto.

Dissertação moral dictada pelo Espirito de S. Luiz.

I.

Tu que possues, escuta-me: Um dia dois filhos de um mes no pai receberam ambos um alqueire de trigo. O mais velho fechou o seu em um lugar occulto; o outro encontrando em seu caminho um pobre que pedia esmola, correu a elle e derramou no panno

do seu manto a metade do trigo que lhe haviam dado, depois continuou sua jornada, e foi semear o resto no campo paterno.

Ora, no correr d'aquelle tempo houve grande fome, os passaros do céu cahiam mortos á beira das estradas. O irmão mais velho correu á seu escondrijo, porém encontrou n'elle só poeira; o mais moço ia tristonho contemplar seu trigo chocho nos pés, quando encontra o pobre á quem tinha soccorrido. Irmão, disse-lhe o mendigante, eu ia morrer, quando tu me soccorrestes; presentemente que a esperança está murcha em teu coração, segue-me: Teu meio alqueire quintuplicou em minhas mãos; aplacarei tua fome e tu viverás na abundancia.

II.

Avaro, escuta-me ! conheces a felicidade ? sim, não é ? ! Teus olhos sombrios brilham em suas orbitas que a avareza profundamente cavou; teus labios apertam-se; tuas narinas tremem e teus ouvidos aguçam-se. Sim, percebo, é o ruido do ouro que tua mão acarecia derramando em teu escondrijo. Tu dizes: E' o supremo deleite. Silencio ! aproximam-se. Fecha ligeiro. Bem ! como estaes pallido, teu corpo treme. Desassombra-te; os passos se afastam. Abre; não tremas; estaes inteiramente só. Ouves ? ! não, cousa alguma; é o vento gemendo passando pela soleira da porta. Contempla; quanto ouro ! enche as mãos: faz tenir o metal; és feliz.

Feliz, tu ! porém tuas noites são sem repouso e teu somno é obsedado por phantasmas.

Tens frio ? aproxima-te do fogão; aquece-te a esse fogo que chispa graciosamente. Cahe néve; o viajante friorentamente envolve-se em seu manto e o pobre trapeiro em seus andrajos. A mulher do lar espreguiça-se: deita lenha para ser queimada. Mas não ; pára ! é teu ouro que se consome n'essa lenha; é teu ouro que queima.

Tens fome ? ! toma, recebe; sacia-te; tudo isso é para ti, pagaste-o com teu ouro. Com teu ouro ! essa abundancia te indigna; esse superfulo é preciso para manter tua existencia ? não, esse pequeno pedaço de pão bastará; ainda é muito. Tuas vestimentas cahem em tiras; tua casa se fenda e ameaça ruina; soffres frio e fome; mas que importa ! tens ouro.

Desgraçado, esse ouro, a morte te separará d'elle. Deixal-o ha sobre a borda da sepultura, semelhante a poeira que o viajante sacode no batente da porta onde a familia amada o aguarda para festejar sua chegada.

Teu sangue empobrecido, envelhecido pela tua miseria voluntaria, gelou-se em tuas veias. Herdeiros havidos aguardam o momento de lançar teu corpo no canto de um cimiterio; eis tu face á face com a eternidade. Miseravel ! o que fizestes d'esse ouro que te foi confiado para aliviar o pobre ?

Ouves essas blasphemias ? vês essas lagrimas ? esse sangue ? Essas blasphemias são as dos soffrimentos que poderieis ter chamado; essas lagrimas, as fizesteis correr; esse sangue, fosteis tu que o derramasteis. Tens horror de ti mesmo; desejarias fugir de ti mesmo, e não o podes. Soffre damnado ! e tu te estorces em teu soffrimento. Soffre ! para ti não ha piedade. Não tens entranhas para teus irmãos infelizes; quem as terá para ti ? Soffre ! soffre ! sempre ! teu supplicio não terá fim. Deus quer, para te punir que, tu assim *acredites*.

NOTA.—S. Luiz é um espirito elevado, outr'ora rei de França, é hoje um dos propagadores do espiritismo; não póde senão debaixo de uma figura poetica fazer a interrogação: Tu não tens entranhas para teus irmãos infelizes; *quem as terá para ti ?* Ora, o avarento é um ente desgraçado e basta isso para d'elle ter compaixão todo o Espirito elevado. Quando não eramos espiritas, tínhamos tedio d'esses vultos que deixavam de comer para não despendem alguns vintens; tínhamos nojo de outros que serviam-se do seu ouro para levarem á perdição as filhas desvalidas; hoje em dia temos compaixão d'esses seres humanos, porque sabemos a sorte que hão de ter, apenas deixarem sobre a terra o envólucro material.

E' ainda uma figura poetica a fraze — *Deus quer, para te punir*. — Não perdendo de vista os infinitos attributos de Deus, não se póde tomar ao pé da lettra, as palavras que revelam partindo d'Elle um desejo de vingança. Quando nos exprimimos nos seguintes termos: *Deus não permite uma injustiça*, avançamos uma proposição verdadeira quer em relação á lettra, quer em relação ao espirito; mas quando dizemos — *Deus vinga as injustiças* — a verdade está no espirito e não na lettra. Expliquemo-nos. A lei que rege os actos justos praticados pelos Espiritos quer encarnados, quer desencarnados, é traçada por Deus.

A lei que pune os actos injustos praticados pelos Espiritos encarnados ou desencarnados é o que resulta da infracção da lei divina, consequentemente, imposta pelo proprio Espirito peccador á si mesmo.

Deus deu ao Espirito o livre arbitrio, o mais sublime dos attributos d'alma, para que as nossas acções tivessem merito. Dirão, não sendo o castigo lei de Deus, e sim lei creada pelo

Espirito peccador, segue-se que em virtude do proprio livre arbitrio, um máo Espirito furtar-se-ha a punição.

A lei do progresso é uma lei de Deus, e a ella está sugeito o Espirito. Em quanto o Espirito não quer progredir, não progredede, mas elle chega mais cedo ou mais tarde á comprehender a vantagem de pôr-se no caminho do progresso, então vê quanto se prejudicou em infringir as leis do bem, unicas leis do Codigo divino. Ahi começa o soffrimento moral, o castigo, e só termina com o sincero arrependimento, que outra cousa não é senão a reparação da infracção commettida.

Vista espiritual ou psychica ou vista dupla ; somnambulismo ; sonhos.

O perispirito é o traço de união entre a vida corporea e a vida espiritual ; é por elle que o Espirito encarnado está em relação constante com os Espiritos ; é finalmente por meio d'elle que se completam phenomenos especiaes no homem, que não têm causa primitiva na materia tangivel, e que por essa razão, chamam-os sobre-naturaes.

E nas propriedades e no radiamento do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da *vista dupla*, ou *vista espiritual*, que tambem se pôde chamar *vista psychica*, de que muitas pessoas são dotadas, muitas vezes sem consciencia, bem como da vista somnambulica.

O perispirito é o *orgão sensitivo* do Espirito ; é por intermedio d'elle que o Espirito encarnado tem a percepção das cousas espirituaes que escapam aos sentidos carnaes. Os órgãos do corpo, a vista, ouvido, etc., limitam a percepção das cousas materiaes, localizando as diversas sensações ; o sentido espiritual ou *psychico* as generalisam ; o Espirito vê, percebe, sente por todo o seu ser tudo quanto está na esphera do radiamento do seu fluido perispiritual.

Nos homens, esses phenomenos são as manifestações da vida espiritual ; é a alma funcionando fóra do organismo. Na vista dupla ou percepção pelo sentido psychico « o homem não vê pelos olhos do corpo, posto que muitas vezes habitualmente os volte para o ponto sobre o qual se desperta a sua attenção ; vê

pelos olhos d'alma e a prova está em ver tanto com os olhos abertos como com elles fechados, e além do alcance do raio visual; lê o pensamento figurado no radiamento fluidico.

Não obstante estar o Espirito durante a vida *achanado* ao corpo pelo perispirito, não é por tal fórma captivo que não possa estender sua cadêa e transportar-se á distancias, quer sobre a terra, quer sobre um ou outro ponto do espaço. E' á seu pezar que o Espirito se acha amarrado ao corpo, porque a sua vida normal é a liberdade, ao passo que a vida corporea assemelha-se a do servo ligado a gleba.

O Espirito é tão feliz deixando o corpo como o é o passaro deixando a gaiola; elle procura todas as occasiões de se libertar e por isso aproveita todos os instantes que não são necessarios á vida de relação. E' esse o phenomeno chamado *emancipação d'alma*. Elle tem sempre logar durante o somno. Todas as vezes que o corpo repousa e que seus sentidos acham se inactivos, o Espirito se desprende, tanto quanto póde. Esse desprendimento depende da elevação moral do Espirito; isto é, quanto mais elevado for o Espirito, tanto mais facil se desprenderá ou para sermos melhor comprehendidos, tanto mais facilmente destenderá a cadêa que o liga ao corpo.

N'esses momentos o Espirito vive vida espiritual, ao passo que o corpo é entretido pela vida vegetativa; acha-se em parte em um estado proximo ao que se segue após da morte; percorre o espaço, entretem-se com seus amigos e outros Espiritos desencarnados ou encarnados como elle.

O linho fluidico que o retém ao corpo não fica definitivamente partido senão com a morte; a separação do Espirito do corpo só tem logar com extincção absoluta da actividade do principio vital. Emquanto o corpo vive, o Espirito, em qualquer distancia que se ache instantaneamente volta a elle desde que sua presença é necessaria; só então volta á tomar o curso da vida exterior de relação. Muitas vezes despertando conserva a lembrança de suas peregrinações. Imagens mais ou menos precisas constituem os sonhos. Em todo caso, o Espirito conserva intuições que lhe suggerem idéas e novos pensamentos que justificam o proverbio: A noite nos traz conselhos. Assim se explicam igualmente certos phenomenos característicos do somnambulismo natural e magnetico, da catalepsia, da lethargia, do êxtasis, etc., que outra cousa não são senão manifestações da vida espiritual.

A vista espiritual não se effectuando pelos olhos do corpo, resulta que a percepção por ella não tem logar pela luz ordina-

ria ; effectivamente, a luz material é feita para o mundo material ; para o mundo espiritual, existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que não pôde deixar de ser uma das propriedades do fluido ethereo destinado ás percepções visuaes d'alma. Ha, pois, luz material, assim como ha luz espiritual ; a primeira tendo seu foco circumscripto aos corpos luminosos ; a segunda seu foco por toda parte ; por esta razão não ha obstaculos á vista espiritual ; ella não se limita pela distancia, nem pára diante da opacidade da materia ; para ella não existe a obscuridade. O mundo espiritual é, pois, esclarecido pela luz espiritual, que tem seus effectos proprios, assim como o mundo material o é pela luz solar.

Envolvida em seu perispirito, a alma traz em si o seu principio luminoso ; não ha corpos opacos para sua vista, porque ella penetra a materia em virtude de sua essencia etherca.

Entretanto, a vista espiritual não tem a mesma extensão, nem a mesma penetração em todos os Espiritos. Só os puros Espiritos possuem-na em toda extensão. Ella é fraca nos Espiritos inferiores, por causa da grosseria do perispirito d'esses que a intercepta semelhante a um nevoeiro.

Nos Espiritos encarnados vêmol-a manifestar-se em diversos grãos pelo phenomeno da segunda vista, quer no somnambulismo natural ou magnetico, quer no estado de vigilia. D'ahi resulta dizermos que a lucidez é maior ou menor conforme o grão potente da faculdade. E' pelo auxilio d'essa faculdade que certas pessoas vêem o interior do organismo e descrevem a causa das molestias.

Dá, pois, a vista espiritual percepções especiaes que não têm séde nos órgãos materiaes e por isso opera-se em condições diversas da vista corporea ; por essa razão, não se pôde esperar d'ella effectos identicos, nem experimental-a pelos mesmos processos. Effeituando-se no exterior do organismo, tem uma mobilidade que desconcerta todas as previsões. E' preciso estudal-a em seus effectos e em suas causas, e não pela similitude com a vista ordinaria que não é supprida por ella, senão em casos excepçionaes que não se podem tomar como regra.

Nos Espiritos encarnados a vista espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita, conseguintemente sujeita a erros e aberrações. Tendo sua séde na propria alma, o estado d'alma deve influir sobre as percepções que dá. Conforme o grão de seu desenvolvimento, as circumstancias e o estado moral do individuo, ella pôde dar, quer no somno, que no estado de vigilia :
1º a percepção de certos factos materiaes positivos, como o co-

nhecimento de successos que se passam ao longe, os detalhes descriptivos de uma localidade, as causas de uma molestia e os remedios convenientes; 2° a percepção de cousas igualmente reaes do mundo espirital, como a vista dos Espiritos; 3° imagens fantasticas creadas pela imaginação, analogas as creações fluidicas do pensamento. Essas creações estão sempre em relação com as disposições moraes do Espirito que as geram. E' assim que o pensamento das pessoas em extremo embuidas e preocupadas com certas crenças religiosas lhes apresenta o inferno, suas fornalhas, suas torturas e seus demonios, taes como ellas se lhes figuram: muitas vezes é uma completa epopéa; os pagões vêem o Olympo e o Tartaro, como os christãos vêem o Inferno e o Paraiso. Se no despertar ou no sahir do êxtasis, essas pessoas conservam lembrança precisa de suas visões, tom-nas pelas realidades e confirmações de suas crenças, ao passo que são o producto de seus proprios pensamentos. (*) Ha pois uma escolha á fazer muito rigorosa nas visões extaticas antes de acceital-as. O remedio á credulidade extrema, debaixo d'esse ponto de vista, é o estudo das leis que regem o mundo espirital.

Os sonhos propriamente ditos apresentam os tres estados naturaes das visões acima descriptos. Aos dois primeiros pertencem os sonhos das previsões, dos presentimentos e das advertencias. (**) E' na terceira; isto é, nas creações fluidicas do pensamento que se póde achar a causa de certas imagens fantasticas que nada têm de real com a vida material, mas que têm para o Espirito algumas vezes tal realidade que, o corpo experimentando a repercursão, os cabellos embranquecem debaixo da impressão de um sonho. Essas creações podem ser provocadas: pelas crenças exaltadas; pelas lembranças retrospectivas; pelos desgostos; pelos desejos; pelas paixões; pelo temor; pelos remorsos; pelas preoccupações habituaes; pelas necessidades do corpo ou incommodo nas funcções do organismo; finalmente, por outros Espiritos, com fim benevolo ou malefico, conforme o seu character.

(*) E' assim que se póde explicar as visões da Irmã Elmerich, a qual, referindo-se ao tempo da paixão do Christo, disse ter visto cousas materiaes que jámais existiram fóra dos livros que ella leu; as visões de Madame Cantanille, e uma parte das de Swedenborg.

(**) Será melhor comprehendido quando o leitor tiver conhecimento da theoria da presciencia.

Continuação do estudo sobre os fluidos

(Vide a « Revista » n. 2, pag 62)

A materia inerte é insensível ; o fluido perispiritual o é igualmente, mas transmite a sensação ao centro sensitivo que é o Espirito. As lesões dolorosas do corpo repercurtem-se no Espirito como um choque electrico, por intermedio do fluido perispiritual, cujos nervos parecem ser os fios conductores. E' o influxo nervoso dos physiologistas que, não conhecendo as relações d'esse fluido com o principio espiritual, não podem explicar todos os effeitos d'elle.

A interrupção póde ter lugar pela separação de um membro ou secção de um nervo ; mas tambem, parcialmente ou de uma maneira geral e sem lesão alguma, nos momentos de emancipação, de grande superexcitação ou preocupação do Espirito. N'esse estado não cuida do corpo e em sua febricitante actividade o Espirito attrahe, por assim dizer, á si o fluido perispiritual que, retirando-se da superficie produz uma insensibilidade momentanea. Póde-se ainda admittir que, em certas circumstancias, no proprio fluido perispiritual produz-se uma modificação molecular que lhe tira temporariamente a propriedade da transmissão. E' por isso que, muitas vezes no ardor do combate o soldado não percebe estar ferido ; que o individuo cuja attenção está concentrada em um trabalho, não ouve o ruido que se faz em torno d'elle. Efeito analogo, porém mais pronunciado, tem lugar em certos somnambulos, na lethargia e na catalepsia. E' assim, finalmente, que se póde explicar a insensibilidade dos convulsionarios e de certos martyres.

A paralyisia não tem absolutamente a mesma causa ; n'ella o effeito é todo organico ; são os proprios nervos, os fios conductores que não são aptos á circulação fluidica ; são as cordas do instrumento que se acham alteradas.

Em certos estados pathologicos, desde que o Espirito não está mais no corpo, e que o perispirito só está ligado a elle por alguns pontos, o corpo tem todas as apparencias da morte, e se está com a ver dade absoluta dizendo que a vida está presa por um fio. Esse estado póde durar mais ou menos tempo ; certas partes do corpo póde mesmo entrar em decomposição, sem que a vida definitivamente se ache extincta. Em quanto o ultimo fio não se parte, o Espirito póde, quer por uma acção energica

de sua *propria* vontade, quer por um *influxo fluidico estranho*, igualmente poderoso, ser chamado ao corpo. Assim se explicam certos prolongamentos da vida contra toda probabilidade, e certas pretendidas resurreições. E' a planta que rebrota algumas vezes com uma unica fibrinha de raiz; porém quando as ultimas moleculas do corpo fluidico se destacam do corpo carnal ou quando este está em um estado de desorganisação irreparavel, a volta á vida torna-se impossivel.

O fluido universal é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispirito, como já se disse, bem como todos os corpos são transformações d'esse mesmo fluido. Pela identidade de sua natureza, esse fluido, condensado no perispirito, póde fornecer no corpo os principios reparadores; o agente pulvisor é o Espirito encarnado ou desencarnado, que infiltra no corpo deteriorado uma parte da substancia de seu envólucro fluidico. A cura opera-se pela substituição de uma molecula *sãa* a uma molecula *insalubre*. A potencia curativa estará na razão da pureza da substancia inoculada; depende ainda da energia da vontade, que provoca uma emissão fluidica mais abundante e dá ao fluido uma maior força de penetração; finalmente, das intenções que animam aos que querem curar, *quer seja homem ou Espirito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura assemelham-se as substancias medicamentosas deterioradas

Os effeitos da acção fluidica sobre os doentes são em extremo variados, conforme as circumstancias; essa acção é algumas vezes lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo commum; outras vezes, é rapida como uma corrente electrica. Ha pessoas dotadas de uma tal potencia que operam sobre certos doentes curas instantaneas pela simples imposição das mãos ou mesmo pela simples vontade. Entre os dois polos extremos d'esta faculdade, ha variações ao infinito. Todas as curas d'esse genero são variedades das do magnetismo e só differem entre si pela potencia e rapidez da acção. O principio é sempre o mesmo; é o fluido que goza do papel de agente therapeutico, tendo os effeitos subordinados a sua qualidade e circumstancias especiaes.

A acção magnetica póde-se produzir por muitas fórmas:

1.º Pelo proprio fluido do magnetizador, é o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja acção é subordinada a potencia do magnetizador e principalmente á qualidade do fluido:

2.º Pelo fluido dos Espiritos actuando directamente e *sem intermediario* sobre o encarnado, quer para curar ou calmar um

soffrimento, quer para provocar o somno somnambulico espontaneo, para exercer sobre o individuo uma influencia physica ou moral qualquer. E' o *magnetismo espirital*, cuja qualidade está na razão das qualidades do Espirito :

3.º Pelo fluido que os Espiritos espargem sobre o magnetizador e que este serve de conductor. E' o magnetismo *mixto, semi-espirital* ou se quizerem *humano-espirital*. O fluido espirital, combinado com o fluido humano, dá a este ultimo qualidades que faltam. O concurso dos Espiritos em semelhantes circumstancias, é algumas vezes espontanea, porém o mais das vezes é provocado pelo appello do magnetizador.

A faculdade de curar pela influencia fluidica é muito commum e pelo exercicio póde-se desenvolver ; porém a de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara e o seu apogeo póde ser considerada como excepcional. Entretanto, em diversas épocas, quasi em todos os povos têm havido individuos que a possuiram em gráo elevadissimo. Em certos periodos têm-se visto exemplos notaveis, cuja authenticidade não póde ser contestada. Essas sortes de curas não são milagres, repou-sam sobre um principio natural, o poder de os operar não é um privilegio ; logo ellas não sahem fóra das leis da natureza e têm de miraculosas apenas as apparencias.

O perispirito em seu estado normal é invisivel, mas sendo formado de materia etherea, o Espirito póde, em certos casos, pelo acto de sua vontade, fazel-o passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visivel. E' assim que as *appareições* se produzem, e que como os outros phenomenos não se acham fóra das leis da natureza. Não é isso mais extraordinario do que o vapor que é invisivel quando rarefeito e que se torna visivel quando condensado.

Conforme o gráo de condensação do fluido perispirital, a appareição algumas vezes é vaga e vaporosa ; outras vezes é clara e definida ; outras, finalmente, têm todas as apparencias da materia tangivel ; póde mesmo chegar a tangibilidade real á ponto de equivocar-se sobre a natureza do ser que se tem diante de si.

As appareições vaporosas são frequentes, muitas vezes acontece que individuos apresentam-se assim, depois da sua morte, ás pessoas que lhes são affeiçãoadas. As appareições tangiveis são mais raras, posto tenham havido numerosos exemplos perfeitamente authenticos. Se o Espirito se quer fazer conhecer, dará ao seu envólucro signaes exteriores que tinha quando vivo corporalmente.

E' preciso attender que as aparições tangiveis têm apenas as apparencias da materia carnal, porém não as suas propriedades; em virtude de sua natureza fluidica, não póde ter precisamente a mesma cohesão, porque não é carne na realidade. Formam-se instantaneamente e da mesma sorte desapparecem ou se evaporam pela desaggregação das moleculas. Os seres que n'essas condições se apresentam, não nascem nem morrem como os outros homens; vê-se-os, e deixa-se de os ver, sem saber d'onde vieram, nem como vieram, nem para onde foram; não se os poderiam matar, nem acorrental-os, nem encarceral-os, pois não têm corpo carnal; os golpes que se lhes der baterão no vacuo.

Tal é o caracter dos *agenes*, com os quaes se póde conversar sem perceber o que são, porém nunca fazem longa demora não se podem tornar commensaes de uma casa nem figurar, entre os membros de uma familia.

Ha de mais, em todos os seus modos, alguma cousa de estranho e de insolito que prende-se a materialidade e a espiritualidade; seu olhar vaporoso e penetrante ao mesmo tempo, não tem a nitidez do olhar pelos olhos da carne; sua linguagem breve e quasi sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; sua aproximação faz experimentar uma sensação particular indefinivel de surpresa que inspira uma sorte de temor, apesar de se os tomar por individuos semelhantes á nós, involuntariamente diz-se : Eis um ser singular.

O perispirito sendo o mesmo entre os encarnados e os desencarnados, por um effeito completamente identico, um Espirito encarnado póde apparecer em um momento de liberdade, sobre um outro ponto diverso d'aquelle em que se acha o seu corpo, com seus distinctivos habituaes e com todos os signaes de sua identidade. E' esse o phenomeno do qual existem exemplos autenticos, que tem dado logar á crença dos homens duplos.

N'essas sortes de phenomenos ha um effeito particular que vem ser, não serem essas aparições vaporosas ou tangiveis indistinctamente percebidas por todos, os Espiritos mostram-se quando querem e como querem. Um Espirito, pois, poderá apparecer em uma assembléa a um ou a varios assistentes, e não ser visto pelos outros. Resulta esse facto de ser essa percepção effeituada pela vista espiritual e não pela vista carnal; porque não sómente a vista espiritual não é dada a todos; isto é, nem todos a possuem desenvolvida, como tambem ella póde segundo as circumstancias ser offuscada pela vontade do Espirito que não quer que esse ou aquelle sujeito o veja, assim como

póde momentaneamente ser dada pelo Espirito que se manifesta a quem elle quer se mostrar.

A condensação do fluido perispiritual nas apparições, mesmo tangíveis, não tem as propriedades da materia ordinaria ; se não fosse assim, as apparições, sendo perceptíveis aos olhos do corpo, seriam para todas as pessoas presentes. (*)

O Espirito podendo operar transformações na contestura de seu envólucro perispiritual, e esse envólucro radiando em *torno do corpo como uma atmosphaera* fluidica, um phenomeno analogo ao das apparições póde-se produzir na superficie do proprio corpo. Debaixo da camada fluidica, a figura real dos corpos póde desaparecer mais ou menos e tomar outros traços ; ou tambem os traços primitivos vistos atravez da camada fluidica modificada, como atravez de um prisma, podem tomar outra expressão. Se o Espirito, sahindo da superficie da terra, se identifica com as cousas do mundo espiritual, a expressão de uma figura grosseira, feia, póde-se tornar bella e radiante e muitas vezes mesmo luminosa ; ao contrario, se o Espirito é exaltado por más paixões, uma figura bella, póde tornar-se de um aspecto medonho.

E'assim que se operam as *transfigurações*, que sempre são o reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes do Espirito. Esse phenomeno é, pois, o resultado de uma transformação fluidica ; é uma sorte de apparição perispiritual que se produz sobre o proprio corpo vivo e algumas vezes no momento da morte, em lugar das apparições ao longe, como nas apparições propriamente ditas. O que distingue as apparições d'esse genero é serem perceptíveis á todos os assistentes e isso pelos olhos do corpo, precisamente porque têm por base a materia carnal visível, ao passo que as apparições puramente fluidicas não se acham n'esse caso.

Os phenomenos das mezas giratorias e fallantes, de suspensão etherea dos corpos pesados, da escripta medianimica, tão antigos como o mundo, porém hoje em dia mais vulgarizados, dão a chave de alguns phenomenos analogos espontaneos que, por ignorancia das leis que os regem, attribuiam ao *sobre-natural* e *miracoloso*. Esses phenomenos repousam sobre as propriedades do fluido perispiritual, quer dos encarnados, quer dos Espiritos livres.

(*) Pelo que fica dlto, não devemos pensar que os Espiritos não possam nas apparições, levar o perispirito a um estado tal que, sem ter todas as propriedades da materia organizada, deixem de ser vistos pelos olhos do corpo, conseguintemene por todos os assistentes.

A proposição enunciada acima é relativa ao phenomeno debaixo do posto de vista o mais generico,

Era pelo auxilio do perispirito que o Espirito actuava sobre seu corpo quando vivo; é pois com esse mesmo fluido que elle se manifesta actuando sobre a materia inerte, produzindo ruidos, movimentos de mezas, que levanta outros objectos, deita-os por terra ou transporta-os. Esse phenomeno nada tem de sorprendente considerando-se que, entre nós, os mais poderosos motores encontram-se nos fluidos mais rarefeitos e mesmo imponderaveis, como o ar, o vapor e a electricidade.

E' ainda com o auxilio do perispirito que o Espirito faz escrever, desenhar, e fallar aos mediums; não tendo corpo tangivel para actuar ostensivamente quando se quer manifestar, serve-se do corpo do medium, cujos orgãos toma como que por emprestimo, para actuar ostensivamente como se fosse o seu proprio corpo, e isso pelo effluvio fluidico que esparge sobre o medium.

E' pelo mesmo meio que o Espirito actua sobre a meza, quer para fazel-a andar sem significação alguma, quer para fazel-a marcar por meio de pancadas as letras do alphabeto, formando palavras e frases, phenomeno chamado *typtologia*. A meza é apenas o instrumento de que se serve o Espirito, como se serve do lapis para escrever; dá á meza uma vitalidade momentanea pelo fluido com o qual a penetra, porém *não se identifica com ella*. As pessoas que na emoção abraça a meza por vêr se manifestar um ser que lhe é caro, pratica um acto rediculo, porque faz o mesmo como se abraçasse o bastão de um amigo que o tocasse. O mesmo se pôde dizer dos que dirigem palavras á meza, como se o Espirito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se tornasse Espirito.

Quando as communicações têm logar por esse meio, é preciso representar o Espirito, não na meza, porém ao lado, tal como se elle estivesse com o seu corpo carnal, e é assim que se o enxergaria se elle se tornasse visivel. A mesma cousa tem logar nas communicações pela escripta; vê-se o Espirito ao lado do medium, quando elle se torna visivel, dirigindo a mão ou transmittindo o pensamento por uma corrente fluidica.

Quando a meza se destaca do solo e fluctua no espaço sem ponto de apoio, o Espirito não a levanta pela força dos braços, porém envolve-a e penetra-a com uma especie de atmosphera fluidica que neutralisa o effeito da gravitação, como acontece com o ar em relação aos ballões e os papagaios de papel. O fluido que a penetra dá-lhe momentaneamente uma grande leveza especifica. Quando a meza fica adherida ao solo, representa um phenomeno semelhante ao da campanula de uma machina pneumatica quando se faz o vacuo. São comparações essas que aca-

bamos de fazer para mostrar analogia dos effeitos e não semelhança absoluta das cousas.

Compreende-se, depois do que fica dito, que não ha difficuldade de ser levantada uma meza assim como uma pessoa por um Espirito; da mesma fórma transportar um objecto ou atiral-o ao longe; esses phenomenos são produzidos pela mesma lei.

Quando a meza persegue alguém não é o Espirito que corre, porque elle pôde ficar tranquillo no mesmo lugar, porém dá a impulsão por meio de uma corrente fluidica com a qual a move á seu bello prazer: quando ouvimos pancadas na meza ou em qualquer outro lugar, não devemos tomar como sendo o Espirito batendo com a mão ou com qualquer objecto, mas sim como sendo o resultado do facto fluidico lançado sobre esse ou aquelle ponto.

Factos notaveis.

Em 1867 no numero das curiosidades apparecidas em Paris, attrahidas pela Exposição, entre as mais estranhas foi sem duvida os Arabes da tribu *Aissaoua*. *O Mundo Illustrado*, de Outubro de 1867, dá uma relação e desenhos de varias scenas testemunhadas na Algeria pelo auctor do artigo, principiando nos seguintes termos:

« Os Aissaouas formam uma seita religiosa muito generalisada na Africa e principalmente na Algeria. Seu designio não o conhecemos; sua fundação remonta, dizem alguns, a Aissa, a escrava favorita do Propheta; outros pretendem que sua confraria foi fundada por Aissa, piedoso e sabio marabú do XVI seculo. Seja como fôr, os Aissaouas sustentam que seu piedoso fundador lhes deu o privilegio de serem insensiveis aos soffrimentos.»

Em 30 de Setembro o *Petit Journal* narra uma das sessões dadas pela companhia dos Aissaouas, em Paris, durante a Exposição. As sessões dadas por esses Arabes eram publicas, já no Campo de Marte, já na sala da arena athletica á rua Peletier, e portanto debaixo dos olhos do numerozo publico parisiense.

Eis o que diz Timotheo Trimm:

« Proclamo altamente que vi, hoje á tarde, cousas que deixam á perder de vista os irmãos Davenport e os pretendidos milagres do magnetismo. Os assombros produzem-se em uma sala que ainda não está classificada na jerarchia dos espectaculos.

Passam-se na arena athletica á rua Peletier. Eis sem duvida porque não se questiona muito sobre os feiticeiros dos quaes hoje fallo.

« E' evidente que temos de nos entreter com illuminados, porque são vinte e seis Arabes que agacham-se e servem-se á principio de castanholas de ferro para acompanhar seus cantos.

« Do corpo do baile theatral musulmano sahio em primeiro logar um joven Arabe segurou um carvão em brasa. Não suspeitei que fosse um carvão de calor ficticio, preparado á gosto, porque senti a quentura quando passou junto á mim, e queimou o assoalho quando escapou das mãos d'aquelle que o retinha. O homem tomou o carvão ardente ; pol-o na bocca e n'ella o guardou.

« Para mim é evidente que esses ferozes Aissaouas são verdadeiros convulsionarios mahometanos. No seculo passado houve convulsionarios em Paris. Os Aissaouas da rua Peletier seguramente fizeram essa curiosa descoberta do praser, da volupia, e da êxtasis na mortificação corporea.

« Theophilo Gautier, com seu estylo inimitavel, discreveu os bailados dos convulsionarios Arabes. Eis o que elle disse no *Monitor* de 29 de Julho :

« O primeiro eatzemez dansante foi acompanhado por tres grandes bumbos e tres rabeções, tocando em tom menor uma cantata de nostalgica melancolia, sustentada por um d'esses rhythmos implacaveis que terminava por se apoderar de vós e dar-vos vertigem.

« Comparar-se-hia a uma alma queixosa que a fatalidade a fórça andar com passo cadente para um fim desconhecido mas que se presente dolorosa.

« Immediatamente uma bailarina levantou-se com o aspecto acabrunhado que têm as dansarinas orientaes, semelhante a morte que despertasse por um encanto magico, e por meio de imperceptiveis deslocamentos dos pés aproximou-se do scenario ; uma das companheiras juntou-se a ella, e começaram, pouco á pouco animando-se debaixo de cadencia, essas torções de quadris, essas ondulações de dorso, esses balançar de braços agitando lenços de seda, riscados de oiro e seda pantomima extensamente voluptuosa que constitue o fundo da dansa das bailadeiras. Levantar a perna para dar uma piroeta ou uma umbigada, aos olhos d'essas dansarinas seria o cumulo da indecencia.

« No fim, todo o bando pôz-se ao lado, e nós notámos, entre outras, uma bailadeira de feroz e barbara belleza vestida

« com *aiks* brancos e penteada com uma especie de rodilha circula-
« lada de cordinhas.

« As suas sobrancelhas juntavam-se por meio de riscos de
« tinta preta com a raiz do nariz, sua bocca vermelha como
« uma pimenta no centro da face pallida, davam-lhe um aspe-
« cto terrivel e ao mesmo tempo encantador ; porém o attrahi-
« mento principal ao saráo era a sessão dos Aissaouas ou disci-
« pulos de Aissa, aos quaes o mestre ligou o singular privilegio
« de devorar impunemente tudo o que se lhe apresenta. »

« N'este ponto, para fazer comprehender a excentricidade
dos convulsionarios argelinos, prefiro a minha prosa simples e
sem arte, a phrasiologia elegante e sábia do mestre. Eis pois o
o que vi:

« Um Arabe chega ; deu-se-lhe, um pedaço de vidro para co-
mer! Toma-o, põe-no na bocca, e come-o todo ! . . . Durante al-
guns minutos ouvia-se seus dentes triturar o vidro. O sangue
apparecia na superficie dos labios tremulos . . . engole tritu-
rado o pedaço de vidro, todos dansam com força e genuflexões
ao som vibrante dos timbales.

« A este, segue-se outro Arabe que traz nas mãos galhos de
figueira da Barbaria, cactus de compridos espinhos. Cada aspe-
resa da folha estava cheia de pontas agudas. O Arabe comeo
essa folha picante, como nós comeríamos salada de alface ou
de chicorea.

« Quando a folha mortifera do cactus foi absorvida, che-
gou um Arabe trazendo nas mãos uma lança. Fez do olho direi-
to ponto de apoio e recitando versetos sagrados que seria bom
conhecel-os os nossos oculistas . . . e fez saltar o olho inteira-
mente de sua orbita ! . . . Todos os assistentes repentinamente
deram um grito de terror !

« Depois veio um homem que amarrou o corpo com uma
corda . . . vinte homens a esticavam ; elle luta, sente a corda
entrar em suas carnes ; ri e canta durante essa agonia.

« Eis outro enegrumeno diante do qual se collocou um sabre
turco. Passei o dedo sobre a lamina fina e cortante como a de
uma navalha. O homem despio-se até a cintura, mostrou o ven-
tre nú e deitou-se sobre a lamina ; puxaram-na, porém o ferro
damasco respeitou a epiderma ; o Arabe triumphou do aço
afiado.

« Passo em silencio os Aissaouas que comem fogo, que col-
locam os pés em um braseiro ardente. Fui vêr o braseiro e at-
testo que era ardente e composto de carvão em combustão.
Igualmente examinei a bocca dos chamados comedores de fogo.

Os dentes estavam queimados, as gengivas calcinadas, a abobada palatina parecia endurecida. Era realmente fogo, todas as brasas que elles comeram com damnadas contorsões procurando aclimarem-se no inferno. . . . que passa por um paiz quente.

« O que muito me impressionou, n'essa estranha exhibição dos convulsionarios da rua Peletier, foi o comedor de cobras. Figurai um homem abrindo uma alcofa. Dez cobras com as cabeças ameaçadoras sahiram d'ella assobiando. O Arabe amimou as cobras, alisou-as, enrolou-as em torno do pescoço n'ú. Depois escolheu a mais grossa, a mais esperta, com os dentes morde-a e a faz acontar o ar com a cauda. O reptil torcendo-se nas angustias da dôr, raivosa apresenta a cabeça ao Arabe que colloca a propria lingua no dardo da serpente; e repentinamente, com uma dentada côrta a cabeça da cobra e a come. Ouvia-se ranger o corpo do reptil debaixo dos dentes do selvagem, que mostrava por entre os labios o corpo ensanguentado do monstro decapitado.

« Durante esse tempo, a musica melancolica dos timbales continuou o rhythmo sagrado. E, o devorador de serpentes foi cahir atordido aos pés dos mysticos cantores. Até a ultima semana experimentaram esses exercicios com as cobras d'Algeria, que poderiam estar domesticadas; porém as cobras da Algeria acabaram-se. Hoje começaram com as cobras de Fontainebleau; o Argelino parecia um tanto desconfiado com os nossos reptis nacionaes.

« Passar pelo fogo, supportal-o nas extremidades... na sola dos pés e palmas das mãos... mas engolir vidro e comer cobras! ... são phenomenos inexplicaveis.

« Outr'ora presenciámos nos arredores de Blidah, diz T. Gautier, essas scenas em um sabbado á noite, cuja lembrança nos arrepiã ainda. Os Aissauoas, depois de se terem excitado por meio da musica, pelo vapor dos perfumes, e por um balançar selvagem semelhante ao da besta feróz agitando as crinas, mastigaram folhas de cactus, carvões ardentes, lamberam laminas de ferro envermelhecidas pelo fogo, engoliram vidro triturado com os dentes, atravessaram as linguas e as bochechas com dardos, fizeram saltar os olhos das orbitas, andaram por cima de uma afiada espada de damasco; um d'elles comprimido por uma corda esticada por oito homens parecia cortado pelo meio; tudo isso não os impedia de, apenas terminado os exercicios, virem comprimentar-nos.»

« Das medonhas torturas não ficavam o minimo signal.

« Alguem mais sábio do que nós explique o prodigio, por
« nossa parte renunciámos. »

« Sou da opinião do meu illustre collega e venerando superior
na arte de escrever, tão difficil como a de engolir serpentes.
Não busco explicar essas maravilhas; porém é de meu dever
como chronista não as deixar passar em silencio. »

Relatando esses factos temos tanto mais satisfação por
conhecermos quem os assistio n'aquella época em Paris. E'
um illustrado medico, nosso patricio, o Dr. Feijó.

Foram factos esses testemunhados por milhares de pessoas, que
examinaram se os estiletos atravessavam a carne, se era fogo
real, se eram cobras, etc. Não descobriram, nem podiam des-
cobrir, serem victimas de uma mystificação, pois esses factos
não pertencem a ordem dos que com destreza pódem ser execu-
tados. São verdadeiros phenomenos physiologicos que descon-
certam as noções mais vulgares da sciencia conhecida; mas
como quer que seja, a sua causa deve ser natural. O que mais
nos deve causar assombro é esses factos não terem despertado a
curiosidade dos homens da sciencia. Certamente, elles não
foram observados só pelo nosso illustrado patricio; portanto
podemos com a mais ampla franqueza fazer a interrogação
seguinte: Como é que esses sabios que gastam a vida na inves-
tigação das leis da vitalidade, permanecem indifferentes em
presença de factos taes sem buscarem indagar a causa? Dize-
rem simplesmente, são factos produzidos por convulsionarios
semelhantes aos do seculo passado, não os dispensam de uma
explicação positiva.

Se as simples narrações historicas não vos poderam guiar,
hoje que os mesmos phenomenos se reproduzem, dizei-nos o
que são os convulsionarios; explicai-nos esses factos pelas
leis physiologicas que conheceis. Não o podeis fazer; portanto,
sois forçados a admittir que uma lei que vos é desconhecida
preside a essa ordem de factos ou que uma acção natural acti-
vando ou modificando instantaneamente as leis que conheceis
produzem phenomenos assombrosos.

Milagres não são; porque Deus não deroga as suas leis,
que são eternas e immutaveis, por circumstancia alguma e
muito menos para satisfazer a fantasia d'essa nossa atrazada
humanidade.

Serão artes diabolicas por ventura? Tambem não; porque,
Satanaz como querem que exista é um mytho estúpido.

A sciencia espirita dá explicação a esses factos como havemos
de vêr no correr d'esta publicação.

Os mediums.

Sendo a mediumnidade uma faculdade, convém fazel-a conhecer aos que se entregam ao estudo do espiritismo, e como essa faculdade é varia resulta d'ahi a variedade de mediums das quaes vamos tratar para sciencia do leitor. O trabalho nosso tem sido e continuará, durante alguns numeros d'esta *Revista*, a ser em grande parte material; não devemos marchar de outra fórma pelo motivo já expendido no nosso primeiro numero. Oxalá tivessemos todos os livros fundamentaes em nossa lingua; mais trabalho teriamos, porém mais espaço restaria n'estas paginas para os assumptos transcendentales da philosophia espirita.

As variedades principaes de mediums são: os *mediums de effeitos physicos*; os *mediums sensitivos ou impressionaveis*; *mediums fallantes*; *mediums videntes*; *mediums somnambulos*; *mediums curadores*; *mediums pneumatographos*; *mediums escreventes ou psychographos*.

Tomemos, pois, cada um d'estes instrumentos em particular e recorrendo ao Livro dos Mediums extratemos o que nos diz o mestre.

Mediums de effeitos physicos são os especialmente aptos para produzir phenomenos materias, taes como movimento dos corpos inertes, ruidos, etc. Póde-se os dividir em *mediums facultativos* e *mediums involuntarios*.

Os *mediums facultativos* são que têm consciencia do seu poder e produzem os phenomenos espiritas pelo acto de sua vontade.

A faculdade medianimica é inherente a especie humana, porém nem todos a tem no mesmo gráo, e se ha individuos e estes raros que o não tem d'esta ou d'aquella fórma, mais raros são os que a possuem a ponto de produzir grandes effeitos, taes como a suspensão dos corpos pesados no espaço, a transladação aérea, e principalmente as aparições. Os effeitos mais communs são, a rotação de um objecto, meza, cadeira etc., pancadas dadas com estes objectos no solo, ou na propria substancia d'esses moveis.

Sem devermos ligar grande importancia a esses effeitos, com tudo não os devemos desprezar, porque dão logar a observações interessantes e servem para convencer a muitas pessoas. Em geral a faculdade de produzir effeitos physicos é encontrada nas pessoas que não possuem meios mais perfectos de se communicar com os Espiritos, taes como a escripta e a palavra. Muitas vezes

a faculdade medianimica diminue em um sentido e desenvolve-se em outro.

Mediums involuntarios ou *naturaes* são os que exercem influencia na producção dos phenomenos sem que tenha consciencia do seu poder, e muitas vezes os factos anomaes que se passam em torno d'elle não lhe parecem extraordinarios ; são factos como que inherentes á seu ser, como acontece nas pessoas dotadas da dupla vista e que d'ella não suspeitam.

Essa faculdade não é em si o resultado de um certo estado pathologico, como querem alguns que não conhecem a sciencia espirita, porque não é incompativel com a mais perfeita saude. Se alguns que a possuem são doentes, resulta isso de causa estranha ; portanto os meios therapeuticos são impotentes para fazel-a desaparecer. Em certos casos, porém, ella póde ser consecutiva de um certo estado de fraqueza organica, mas nunca causa efficiente. Por causa d'ella não se póde por fórma alguma recear debaixo do ponto de vista hygienico, salvo fazendo abuso, porque n'esse caso, aconteceria o mesmo que acontece ao medium inconsciente ; haveria grande emissão de fluido vital, e consequentemente enfraquecimento dos órgãos.

A razão se revolta com a idéa das torturas moraes e corporaes a que a sciencia algumas vezes submetteu seres fracos e delicados para se assegurar de haver ou não embuste do porte d'elles ; essas *experiencias* o mais das vezes feitas com maledicencia são sempre prejudiciaes aos organismos sensitivos, podendo resultar d'ellas graves desordens na economia dos que as soffrem ; fazer experiencias taes é folgar com a existencia corporea. O observador de bõa fé não tem necessidade de taes meios ; os que estão familiarizados com esses phenomenos sabem, que elles pertencem mais a ordem moral do que a ordem physica, e que de balde procurar-se-ha a solução nas nossas sciencias exactas.

Por isso mesmo que esses phenomenos prendem-se a ordem moral, deve-se evitar com escrupuloso cuidado tudo quanto possa superexcitar a imaginação. Conhece-se os accidentes que podem occasionar o medo, e menos imprudencias se commetteria se fossem bem conhecidos todos os casos de loucura e de epilepsia, porque não poucos tiveram origem pelos sustos causados pelos contos as creanças dos *lobishomens*, dos *diabos*, etc. Os que fazem acreditar em taes idéas não sabem quanta responsabilidade assumem : *podem matar*. O perigo não é só para um individuo, porém tambem para os que o cercam, que podem se assombrar com o pensamento de ter sua casa se tornado

um cuvil de demonios. Essa crença concorreu para *muitas* atrocidades serem commettidas nos tempos da ignorancia. Entretanto, com um pouco mais de discernimento, deveriam ter pensado que queimando o corpo dos julgados possessos, não se queimava o diabo. Se ha desejo de se descartarem do diabo, matem-no. A doutrina espirita esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa d'esses phenomenos esmaga o diabo. Em lugar de entreter o pensamento com a idéa do diabo deve-se pela moral e por amor da humanidade combatel-a aonde quer que ella exista.

O que se deve fazer quando uma faculdade semelhante se desenvolve espontaneamente em um individuo, é deixar o phenomeno seguir seu curso natural : a natureza é mais prudente que os homens ; demais a Providencia tem suas vistas, e a cousa mais mesquinha pôde ser o instrumento dos maiores designios. E' preciso convir que algumas vezes o phenomeno toma proporções fatigantes e importunas para todos (*). Diremos o que se deverá fazer em casos taes.

Os seres invisiveis que se revelam por taes effeitos, são geralmente Espiritos de ordem inferior que se consegue dominar pela ascendencia moral ; é essa ascendencia que é preciso adquirir.

Para obter essa ascendencia é necessario tornar o individuo *medium natural* em *medium facultativo*. Produz-se um effeito analogo ao que tem lugar no somnambulismo. Sabe-se que o somnambulismo natural cessa quando é substituido pelo somnambulismo magnetico. Não se faz parar a faculdade emancipadora d'alma, dá-se-lhe outro curso. O mesmo acontece com a faculdade medianimica. Assim, em lugar de embaraçar a manifestação do phenomeno, o que rarissimas vezes se consegue e o que nem sempre deixa de ser perigoso, é necessario excitar o medium á produzil-os pela vontade impondo-se ao Espirito ; por

(*) Um dos factos d'essa natureza mais extraordinarios, pela variedade e singularidade dos phenomenos, e em contradição é o que se deu em 1832, no Palatinado (Bavierra rhenana) em Bergzabern proximo de Wissembourg. E' tanto mais notavel por ter quasi que reunido no lar do mesmo individuo todos os generos de manifestações espontaneas : estrepito a ponto de fazer estremecer a casa, desarrumação dos moveis, objectos atirados ao longe por mão invisivel, visões, aparições, somnambulismo, êxtasis, catalepsias, attracção electrica, gritos e sons aereos, instrumentos tocando sem que houvesse contacto, communicações intelligentes, etc., etc.; não é de pouca importancia, a comprovação d'esses factos que duraram dois annos e testemunhados por innumeras pessoas dignas de fé pelo saber e posição social. A narração autentica foi publicada na época em muitos jornaes allemães, e principalmente em uma brochura. Acha-se a tradução d'essa brochura na *Revista Espirita* de Paris de 1838.

esse meio consegue-se subordinal-o, transformando-o de dominador algumas vezes tyrannico em dominado docil quasi sempre. Um facto digno de nota, e confirmado pela experiencia, é o da autoridade que uma creança muitas vezes exerce impondo-se com tanta ou mais vantagem do que um adulto. Esse facto vem em apoio do principio da reencarnação. A creança, n'esse caso, tem o Espirito mais adiantado proveniente de desenvolvimento anterior, é isso que lhe dá ascendencia sobre os Espiritos inferiores.

A moralisação do Espirito pelos conselhos de uma terceira pessoa que esteja na altura de fazel-a, é quasi sempre meio efficaz para o desaparecimento d'essas incommodas manifestações.

Certas pessoas, dotadas de uma certa dose de electricidade natural, parecem pertencer a calhegoria dos mediums, verdadeiros *torpedos humanos* produzem pelo simples contacto todos os effeitos d'attracção e repulsão. Entretanto, é erro tomal-os por *mediums*, porque a verdadeira mediumnidade suppõe a intervenção directa de um Espirito; ora, experiencias concludentes têm provado que, a electricidade é o unico agente d'esses phenomenos produzidos por essas pessoas. Essa faculdade bizarra, que se poderia chamar quasi que uma enfermidade, pôde-se algumas vezes alhear a mediumnidade, como teve logar nas manifestações do *Espirito batedor de Bergzaben*; porém quasi sempre é completamente independente. N'essas condições, podemos differençar se ha ou não intervenção de um Espirito, porque sabemos que, sempre que ha tal intervenção o character distinctivo das manifestações é a intelligencia; portanto, faltando esse character, ha todo fundamento em se attribuir esse phenomeno a uma causa puramente physica. E' uma questão á resolver-se a de saber se *as pessoas electricas* possuem maior aptidão para ser *mediums de effeitos physicos*; pensamos que sim, porém só a experiencia nos pôde dar certeza.

Mediums sensitivos ou impressivos. Chamam-se assim as pessoas susceptiveis em sentir a presença dos Espiritos por uma vaga impressão, uma sorte de toque leve por todos os membros que não podem explicar. E' uma variedade cujo character não está bem discriminado; todos os mediums necessariamente são impressivos, a impressionabilidade é antes uma qualidade geral do que especial; é faculdade rudimentaria indispensavel para o desenvolvimento de todas as outras; differe da impressionabilidade puramente physica e nervosa, com a qual não ha necessidade de confundir-se, porque ha pessoas que não

são nervosas e que sentem mais ou menos o effeito da presença dos Espiritos, e outras muito nervosas que completamente não sentem o mesmo effeito.

Essa faculdade desenvolve-se pelo habito, e póde adquirir, tal subtilidade que o dotado d'ella reconhece pela impressão que sente a natureza bôa ou má do Espirito que se acha á seu lado, bem como a individualidade d'este, assim como o cêgo reconhece por um certo não sei o que a aproximação d'esta ou d'aquella pessoa; torna-se uma verdadeira sensitiva em relação aos Espiritos. Um bom Espirito sempre produz uma impressão meiga e agradável; um máo Espirito produz impressão anciosa e desagradável.

Mediums auditivos, são os que ouvem a voz dos Espiritos; algumas vezes a voz parece ser no seu interior; outras vezes a voz é exterior, clara e distincta como a de uma pessoa viva. (Veja *Revista de Janeiro. Vocabulario Espirita. Pneumatophonia*).

Os mediums auditivos podem entrar em conversação com os Espiritos. Quando estão habituados á se communicarem com um Espirito, immediatamente o reconhece pela voz. Não se tendo essa faculdade para directamente conversar com os Espiritos, recorre-se a um medium auditivo que n'esse caso fará o papel de interprete.

Essa faculdade é muito agradável, quando o medium só ouve á voz dos bons Espiritos ou a dos que chama; porém muito incommoda, quando um máo Espirito obstina-se fazendo-o ouvir cousas desagradáveis, e o mais das vezes inconvenientes, n'esse caso o medium necessita desembaraçar-se de tão incommodo companheiro, e o meio a empregar será dado quando tratarmos das *obsedações*.

Mediums fallantes. Os mediums auditivos que apenas transmitem o que ouvem não são rigorosamente *mediums fallantes*; estes muitas vezes nada ouvem; n'estes o Espirito actua sobre os órgãos da palavra, é o aparelho phonetico posto em movimento, como é posta a mão do medium quando escreve, pela potencia invisivel. O Espirito querendo se communicar serve-se do órgão mais flexivel que encontra no medium; é por isso que um empresta a mão, outro o órgão da voz e outro o ouvido. O medium fallante exprime-se geralmente sem ter consciencia do que diz, e muitas vezes diz cousas completamente fóra das idéas habituaes de seus conhecimentos, mesmo da alçada de sua intelligencia. Ainda que esteja perfeitamente acordado e no estado normal, raras vezes conserva a lembrança do que diz; em summa, a palavra é o instrumento de que se serve o Espirito.

A passividade do medium fallante nem sempre é completa ; alguns ha que têm a intuição do que dizem no momento de pronunciar as palavras.

Mediums videntes. Os mediums videntes são os dotados da faculdade de ver os Espiritos. Alguns ha que gozam d'essa faculdade no estado normal, quando estão acordados perfeitamente e conservam lembrança exacta ; outros só a tem quando no estado somnambulico ou visinho do somnambulismo. Essa faculdade é raras vezes permanente; é quasi sempre effeito de uma crise momentanea e passageira. Póde-se collocar na cathegoria de mediums videntes todas as pessoas dotadas da segunda vista. A possibilidade de ver em sonhos os Espiritos provém sem contradicção de uma especie de mediumnidade; porém não constitue, rigorosamente fallando, o medium vidente.

O medium vidente acredita enxergar pelos olhos, como os que possuem a dupla vista; pórem, realmente é a alma que vê, e é por essa razão que, elle enxerga tanto com os olhos abertos como fechados ; d'onde resulta um cego poder enxergar os Espiritos.

(Continúa.)

ERRATAS DO N. 2

Pag. 41, linha 20.... philosophicos.... lêa-se : « philosophicos....

Pag. 44, linha 35.... superfula.... lêa-se : « superflua....

Pag. 45, linha 18.... coriosas.... lêa-se « curiosas....

Pag. 58, linha 21.... não o.... lêa-se : « não os....

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 4. —

ABRIL DE 1875

A Loucura.

(Vide Revista de Março, pag. 77)

Não escrevendo nós somente para os entendidos em anatomia, parece-nos ter cabimento certos detalhes n'estes artigos. Fallamos do cerebro, do diaphragma, do coração, naturalmente ainda havemos de nos referir a esses órgãos, conseguintemente passemos á discrevel-os. Nada mais facil quando temos á mão o dictionario de Medicina e Cirurgia de P. H. Nysten.

O que o vulgo chama miolos é ao que os anatomistas chamam encephalo ; isto é, o encephalo é toda a massa contida no interior do craneo. O cerebro, propriamente fallando, é uma porção d'essa massa que occupa inteiramente a parte superior e anterior da cavidade craneanea ; assim como, chama-se cerebello a porção posterior e inferior da mesma massa.

O cerebro, propriamente dito, estende-se da frente as fossas (*) occipitales superiores ; apoia-se, pela frente, sobre as abobadas orbitarias ; por detraz, sobre as fossas medias da base do craneo, e posteriormente, sobre o tendilhão do cerebello. A face superior d'este órgão está dividida em duas partes, por uma scisura mediana profunda, chamadas *hemisphaerios cerebraes*, que se reúnem em suas bases pelo *corpo calloso*. Apresenta á superficie grande numero de eminencias sinuosas, arredonda-

(*) Escavação larga e mais ou menos profunda, porém tendo a entrada mais rasa do que funda. As fossas tomam diferentes nomes conforme a situação d'ellas; assim ha *fossas nasales*, *fossas palatinas*, etc.

das, onduladas, chamadas circumvoluções cerebraes, separadas por sulcos sinuosos chamados anfractuosidades.

O cerebello está situado nas fossas occipitales inferiores, justamente acima do cerebro e do qual é separado por uma dobra da dura-mater chamada *tenda do cerebello*. É um órgão symetrico e regular; continúa por diante com o cerebro e a medulla vertebral, pelo meio da protuberancia cerebral; uma junctura o discrimina em dois lobolos ou hemispherios cerebraes, perfeitamente semelhantes, collocados sobre um plano horisontal. Em sua superficie exterior apresenta uma serie concentrica de laminas espessas, separadas por sulcos onde se introduz a *pia-mater* e sobre as quaes passa a arachnoide. A face superior do cerebello é coberta pela dobra da dura-mater indicada acima. A face inferior offerce no meio uma depressão destinada a alojar a origem da medulla espinhal. As partes lateraes do cerebello apresentam uma superficie convexa arredondada onde se distinguem muitas dobras concentricas em relação com as fossas accipitales inferiores. O cerebello offerce adiante uma depressão que abrange a protuberancia cerebral e a medulla vertebral atraz d'elle ha outra depressão que abrange-lhe a fouce. No interior nota-se o quarto ventriculo, cujas paredes são formadas pelo cerebello, a protuberancia cerebral e a medulla vertebral. Cortando verticalmente os lobolos do cerebello, vê-se uma disposição particular das substancias medullar e cortical; são misturadas por fórma tal que representam as ramificações chamadas a *avore da vida*. As arterias do cerebello são fornecidas pela arteria basilar; as suas veias vão confinar nos seios da dura-mater. O cerebello está para o cerebro, em peso, na razão de 1 para 8 ou 9. O cerebello tem a mesma composição anatomica que o cerebro.

Se não fosse a conveniencia de sermos positivos n'estas aridas discripções anatomicas, evocaríamos n'este momento o Espírito de algum poeta para que nos viesse auxiliar, agora que vamos fallar do órgão mais decantado por elles — o coração; porém dispensando-nos do soccorro dos imaginativos por excellencia, pedimos desculpa as amaveis leitoras por não termos dado em primeiro logar a discripção do ponto onde Bichat, no corpo humano, collocou a séde das paixões.

O coração é um órgão conoide, ouco e muscular; o seu tamanho é igual, nas pessoas adultas, ao volume de uma mão fechada. Está encerrado na parte média do peito, um pouco a esquerda, alojado entre as duas pleuras e envolvido pelo pericardio. Esse órgão é o principal agente da circulação do

sangue. E' achatado em suas duas faces, sendo uma d'ellas convexa e ao mesmo tempo superior-anterior e direita, e a outra posterior-inferior e esquerda. Essas duas faces são excavadas por um sulco longitudinal que divide (sem separar) o coração em duas partes. Interiormente também o coração é separado em duas ametades, quasi semelhantes, arrimadas entre si, e divididas cada uma em duas cavidades chamadas, uma *ventriculo* e outra *auricula*. O coração apresenta, pois, dois ventriculos, um *direito* ou *pulmonar*, outro *esquerdo* ou *aortico*, e duas *auriculas* que sobrepujam cada uma um dos ventriculos e communicam com esse. Todas essas cavidades são lisas, polidas e tapetadas por uma fina membrana, muito adherente ao tecido muscular; porém ellas offerecem anfractuosidades formadas por feixes d'esses tecidos mais ou menos salientes. As auriculas apresentam, pela parte superior, um pequeno prolongamento achatado e oco chamado *appendice auricular*, e uma cavidade principal chamada *seio*. No senu da auricula direita se anastomosa, pela parte de cima, a veia cava superior; pela parte de baixo e mais atrás, a veia cava inferior que é provida de uma valvula chamada *valvula d'Eustachi*; abaixo d'essa valvula está o orificio das duas veias coronarias e das cardiacas. Na auricula esquerda se anastomosa posteriormente as veias pulmonares esquerdas. A separação que divide as auriculas e que impede que entre ellas haja comunicação, apresenta inferiormente do lado da auricula direita uma depressão superficial chamada *fossa oval*, e na auricula esquerda uma pequena dobra semi-lunar. Em cada auricula o orificio auriculo-ventricular, isto é, a abertura que estabelece a comunicação entre a auricula e o ventriculo correspondente, é guarnecido de uma valvula: a do orificio auriculo-ventricular direito é chamada *valvula triglochina* ou *tricuspida*: a do orificio auriculo-ventricular esquerdo é chamada *valvula mitral*. Na cavidade de cada ventriculo, grande numero de feixes musculares conhecidos com nome de *columnas carnudas*, levantam a membrana interna ou apenas prendem-se a substancia do órgão pelas extremidades; alguns dão nascimento a uma multidão de pequenos tendões que se fixam á borda da valvula collocada ao orificio auriculo-ventricular correspondente. Perto d'esse orificio, vê-se no ventriculo direito, a embocadura da arterea pulmonar; no esquerdo, a da arterea aorta. Cada uma d'essas artereas é provida, em sua origem, de tres valvulas chamadas, por causa da fórma, *valvulas cignoïdes* ou *semi-lunares*, cuja borda livre apresenta no meio um pequeno tuberculo de con-

sistencia semi-cartilaginosa, chamado *tuberculo d'Aranzi*: essas valvulas, quando estão em baixo, fecham completamente a abertura arterial.

Passemos á descrever o diaphragma. Esse orgão é um muscutor impar, achatado, quasi circular, carnudo em sua circumferencia, aponevrotico (*) no centro, que fórma a separação entre o thorax (**) e o baixo ventre. Suas fibras nascem do appendice external, do contorno cartilaginoso das seis ultimas costellas, do *ligamento cintrado*, aponevrose estreita que se dirige da extremidade da ultima costella para a apophyse transversa da primeira vertebra lombar; enfim, completamente atraz da base do apophyse transversa da primeira vertebra lombar e do corpo das tres ou quatro primeiras vertebrae da mesma região, por tantas outras digitações tendinosas. As fibras carnudas provém d'essas digitações que formam pelas suas reuniões as *pilastras* ou *pernas* do diaphragma, as quaes dobram-se mutuamente formando um feixe. Os dois feixes de communicações entrecruzam-se de fórma tal que deixam duas aberturas: uma, *superior*, collocada mais adiante e atravessada pelo esophago (abertura esophagiana); outra, *inferior* situada mais para traz e mais a esquerda, que dá passagem aorta e o canal thoraxico e á veia azygos (abertura aortica). Todas as fibras assim nascidas da circumferencia do thorax, vem inserir-se a uma aponevrose central chamada *centro phrenico*, *centro tendinoso*, *nervoso*, *aponevrotico*, que se tem comparado a uma folha de trevo, cujos tres foliolos fossem dirigidos para diante, e que, para atraz, em lugar do pedunculo, offerecesse uma chanfradura. Entre as porções médias e rectas do centro phrenico acha-se o *annel diaphragmatico* que dá passagem a veia cava inferior. Alguns anatomistas chamam ao centro aponevrotico — a *cabeça* do diaphragma, e as pilastras de *pés* ou *cauda*. O diaphragma se contrahindo abaixa-se, augmenta a cavidade toraxica e permite o pulmão dilatar-se; conseguintemente age como inspirador. Quando se contrahe com força, póde comprimir transversalmente a base do peito, e então é expirador.

Todas as pessoas que tiverem visto abrir-se um animal, um leitão por exemplo, devem ter observado que uma grande pelle separa, o figado, os bofes ou pulmões e o coração, das tripas; é essa grande pelle que os anotomistas chamam diaphragma, e que acabamos de descrever.

(*) Aponevroses são membranas brancas, luzentes, muito resistentes.

(**) O que vulgarmente chamam caixa do peito.

Os alienados muitas vezes queixam-se soffrer do estomago, tanto assim que, mais de um alienista o tem dado como sede d'essa enfermidade em certos casos ; assim como a outros orgãos, que ainda mesmo que tivessemos necessidade de fallarmos n'elles não o fariamos. O estomago, porém, pôde ser descripto....

O estomago é o orgão principal da digestão : é um reservatorio musculo-membranoso, sustido de um lado pelo esophago e de outro pelo duodenum ; está collocado abaixo do diaphragma, occupando o epigastro e uma parte do hypochondro esquerdo. Distingue-se n'esse orgão dous orificios : um superior, chamado *cardia* ; outro inferior, chamado *pyloro* : duas bordas ; uma concava, chamada *pequena curvatura* ; outra convexa, chamada *grande curvatura*, etc. Basta n'este artigo, de enfastiarmos o leitor com descrições anatomicas.

Os alienistas reconhecem que o phenomeno do sonho, é de vantagem para melhor comprehensão da loucura. Permittam que digamos parodiando-os : sem o conhecimento da loucura, não se pôde bem comprehender as paixões humanas ; consequentemente, não se pôde bem estudar o que se chama humanidade ajuizada. O que vemos nos loucos e o que vemos nos ajuizados ? Dir-vos-hemos que, em uns e em outros, os mesmos erros, as mesmas paixões e até os mesmos infortunios. Se tomardes um hospicio de alienados para vosso theatro de observação, haveis de convir que n'elle enchergeaes um mundo semelhante ao que tendes no meio social em que viveis, notando apenas que lá os quadros desenham-se com côres mais vivas, que os effeitos são mais energicos, porque n'aquelle estado o homem mostra-se em toda sua nudez, não se auxilia da hypocrisia para occultar suas paixões, seus defeitos, suas torpesas.

Cedamos a palavra a Esquirol : « As casas dos loucos têm seus deuses, seus padres, seus fieis, seus fanaticos : têm seus imperadores, seus reis, seus ministros, seus cortezãos, seus ricos, seus generaes, seus soldados e um povo obediente. Um acredita-se inspirado por Deus e em communição com os Espiritos celestes, encarregado de converter a terra ; outro possesso, entregue á todos os tormentos do inferno, geme, desespera, maldiz o céu, a terra, e até a sua propria existencia. Um audacioso e temerario, commanda a todo o universo e faz guerra as quatro partes do mundo que as submetteu ás suas leis, ou que as libertou das cadêas do despotismo. Outro, orgulhoso do nome com que se appellida, desdenha seus companheiros de

infortunios, vive só, affastado, e conserva uma seriedade tão triste quão futil. Este, em seu rediculo orgulho, acredita possuir a sciencia de um Newton, a cloquencia de um Bossuet e exige que se applauda as producções do seu genio, que elle as apresenta com pretensão e comica confiança. Aquelle outro, não se abala, não faz o minimo movimento; sempre no mesmo logar, na mesma posição, não profere uma unica palavra; tornar-se-o-ha por uma estatua; vive concentrado, sua inacção o mata. Deseccado pelo remorso, arrasta os fracos restos de uma vida que apeaas se sustenta; maldiz-se, evoca a morte, como termo dos males que o acabrunha. Perto d'elle, aquelle homem que nos parece feliz e gozar de toda sua razão, calcula com sangue frio o ultimo instante de sua ultima hora; prepara com calma e mesmo alegre os meios de cessar a vida. Esse desgraçado, dia e noite, tem os olhos e ouvidos alerta; a obscuridade, a luz, o silencio, o ruído, o movimento, o repouso, tudo o espanta e o aterra; tem medo de si mesmo. Quantos terrores imaginarios devoram os dias e as noites d'esse lypemaniaco! Se d'elle nos affastamos, causamos-lhe impressão dolorosa, inquieta-se, agita-se, exaspera-se, torna-se furioso, acredita-se trahido, perseguido e deshonorado; a necessidade de conjecturar e de odiar faz com que elle veja inimigos por toda parte: em sua desabrida vingança, não poupa a pessoa alguma. Aquelle outro, ludibria com o disvario de sua sensibilidade e com a exaltação de sua imaginação que o irrita; está em estado habitual de cólera, quebra, despedaça, rasga, tudo quanto cahe debaixo de suas mãos; grita, ameaça, bate, sempre allegando justo motivo de suas desordenadas acções. Aquelle que vêdes, encerrado, é um fanatico que vocifera, blasfema e condemna aos fogos do inferno: pretende converter os homens: é pelo baptismo do sangue que os quer purificar; já sacrificou dois dos filhos.»

« Esse insensato, na fervente explosão do seu delirio, é de uma petulancia incoercitivel; parece prestes á commetter as maiores desordens, porém não prejudica a pessoa alguma. Vêr a arrebatada actividade d'este, acreditarieis que algum grande interesse o anima, que seu destino depende de suas marchas; na irregularidade de seus movimentos, empurra, acotovéla tudo que o cerca, deita por terra tudo quanto encontra diante de si; persegue-vos e obseda-vos com sua parolagem inesgotavel; com palavras em torrentes, nada diz, nada pensa. Aquelle outro, arrebatado pela satisfação, passa a vida a regosijar-se, ri continuamente; entretanto, o que póde excitar sua alegria, o que

póde elle esperar? Não tem lembrança alguma do que se passou na vespera, desejo algum para o dia seguinte. . . . Em uma casa de loucos estão quebrados os laços sociaes; os habitos mudados, as amizades cessam, a confiança fica destruída; age-se sem consciencia, prejudica-se sem odiar, obedece-se pelo temor; cada um tem suas idéas, suas affeições, sua linguagem; não tendo communhão de pensamentos, cada um vive só, e para si; o egoismo isola todos. A linguagem é exagerada, falsa, desordenada, como os pensamentos e as paixões que exprimem. Um semelhante asylo não é exempto do crime: denuncia-se, calumnia-se, conspira-se, entretem-se a mais estúpida libertinagem, viola-se, assassina-se; os filhos maldizem os pais, as mães degolam os filhos. »

«Penetrando mais longe, vêmos o homem decaído da ordem, que o colloca á frente da criação, despojado de seus privilegios privado do que ha de mais nobre em seu character, reduzido a condição da mais estúpida e vil das creaturas. Não pensa, não tem idéas, não tem paixões; nem mesmo as determinações do instincto. Não podendo prover a sua subsistencia, incapaz de aproximar dos seus labios os alimentos que a ternura benéfica lhe apresenta; rolando em seu proprio esterco; exposto á todas as influencias exteriores e destructivas; raras vezes reconhece seus semelhantes, não tendo o sentimento de sua propria existencia. »

Aprendeí leitores, se já não o sabeis, a conhecer as paixões da humanidade nos infortunios dos loucos.

(Continúa.)

Natureza das communicações.

Não obstante termos no artigo sobre as *differentes naturezas de manifestações*, dito alguma coisa sobre as *communicações*, não importa que de novo repitamos o que já ficou dito, tanto mais quando este artigo é mais explicito em relação aquelles topicos. Assim, todo effeito que revela em sua causa, um acto espontaneo da vontade, por mas insignificante que seja indica uma acção intelligente; verbi-gratia, o movimento de uma meza respondendo ao nosso pensamento, ou apresentando um character intencional, póde ser considerado uma manifestação

intelligente. Se n'isso ficassemos os resultados a obter seriam muito insignificantes ; essa insignificancia, porém, nos mostraria que em tal phenomeno ha alguma cousa além de uma acção puramente material. Entretanto, o phenomeno toma proporções tães que são de grande interesse pratico para a vida humana. E' por meio d'elle que podemos conseguir a troca continua de pensamentos com os individuos de além tumulo, e que conseguimos obter verdadeiras communicações hoje em dia, os meios ao nosso alcance são tães que nos permitem obter muito extensas, muito rapidas, e tão explicitas como as que podemos entreter entre os homens.

Tendo em vista a *escala espirita*, temos tambem a infinita variedade que existe entre os Espiritos, em relação a intelligencia e moralidade ; consequentemente, podemos conceber a diversidade de communicações. Assim, pois, as communicações reflectem a elevação ou a baixaza das idéas dos Espiritos que se communicam conosco, e por ellas podemos avaliar o gráo de saber ou de ignorancia d'elles, bem como o gráo de bondade ou de perversidade; porque, é preciso não perdermos de vista que, o simples facto de um individuo deixar sobre a terra o corpo, não vai ser sabio de prompto no mundo dos Espiritos, nem torna-se anjo tendo apenas deixado o corpo de malvado que éra como encarnado. O leitor fará uma idéa aproximada da variedade das communicações, desde que reflecta sobre o que se passaria buscando conversar com todas as classes dos habitantes da terra. Em todo caso, a variedade infinita de communicações, pódem ser classificadas em quatro cathogorias principaes de harmonia com seus caracteres mais salientes. Temos, pois, communicações, *grosseiras, frivolas, sérias e instructivas*.

As *communicações grosseiras* são as que se traduzem por expressões, que chocam a civilidade. Essas só nos pódem vir dos Espiritos de baixa classe, empregnados de impurasas materiaes, não fazendo differença alguma da conversa habitual dos homens viciosos e extremamente grosseiros. Communicações tães repugnam á todas as pessoas que possuem, mesmo de leve, certos sentimentos delicados ; porque ellas são, conforme o character do Espirito, triviaes, obscenas, insolentes, perfidas e mesmo impias.

Communicações frivolas são as dadas pelos Espiritos levianos, brincadores e traquinas, mais malignos do que perversos, e por isso não tomam ao sério o que dizem. Como esses Espiritos não são indecentes em suas communicações, algumas pessoas

divertem-se com elles, por isso que as intretém com certas futilidades espirituosas. Algumas vezes esses Espiritos no meio de seus ditos banhos, deixam escapar verdades bem duras que férem precisamente alguns dos que os ouvem. Infelizmente esses Espiritos populam em torno de nós, e buscam por todos os meios intrometterem-se nas communicações; a verdade, é o que menos cuidado dá a elles; mystificam o quanto pôdem aos que têm a fraqueza e muitas vezes a presumpção de acreditar em suas communicações. Os individuos que se comprazem com communicações de tal ordem, estão sujeitos á serem victimas dos Espiritos levianos, e á não poderem entrar depois em communicações com os Espiritos sérios.

Communicações sérias distingue-se já pelo assumpto, já pela fórma por que são feitas. Assim, toda communicação excluindo a frivolidade e a grosseria e que tem um fim util, ainda mesmo debaixo do ponto de vista das conveniencias particulares, é sempre séria, porém nem sempre é exempta de erros; porque, nem todos os Espiritos sérios são igualmente esclarecidos; muitas causas são ignoradas por elles, resultando d'essa ignorancia enganos de boa fé; é por isso que, os Espiritos verdadeiramente superiores recommendam-nos constantemente que submettamos ao confronto da razão e da logica a mais severa as communicações recebidas.

E' preciso, pois, distinguir as communicações *sérias-verdadeiras* das communicações *sérias-falsas*. Não é facil essa discriminação; podemos mesmo dizer que é um dos maiores escolhos do Espiritismo pratico. Certos Espiritos presumpçosos ou falsos sabios servem-se de uma linguagem para fazerem prevalecer idéas absurdas, e muitas vezes assignam as suas communicações com nomes venerados, para mais illudir aos que as recebem. Apesar da grande difficuldade em se fazer essa discriminação, contudo ha meios para se reconhecer a verdade, o que mais tarde daremos, quando tratarmos dos meios de nos prevenir contra as falsas communicações.

As *communicações instructivas* são as communicações sérias que têm por designio principal, um ensino qualquer dado pelos Espiritos, sobre sciencias, sobre a moral, sobre philosophia, etc. São mais ou menos profundas, conforme o gráo de elevação e de *desmaterialisação* do Espirito. Para tirar-se d'essas ordens de communicações fructo real é preciso que ellas sejam regulares e seguidas preseverantemente. Os Espiritos sérios alliam-se aos homens que desejam instruir-se e os ajudam; ao passo que, abandonam aos Espiritos levianos os

que buscam as manifestações como um meio de distração passageira.

Só a continuidade, a frequência regular, nos pôde assegurar o valor moral e intellectual do Espirito que se communica conosco. Muitas vezes o proprio que entra em communicação com um Espirito, por si, ou por meio de um *medium*, é o menos habilitado para distinguir se está ou não sendo mystificado.

Toda communicação *instructiva* deve ser verdadeira, porque desde que ella não está com a *verdade*, não pôde ser instructiva, ainda mesmo que seja dada na mais eloquente linguagem. Não devemos, pois, classificar na cathegoria das communicações instructivas certos ensinios dados debaixo de uma fórma emphatica, linguagem empolada, e que só n'isso constitue a seriedade d'ellas. São communicações essas dadas pelos falsos sabios da erratecidade, que por esse meio buscam melhor illudir; felizmente, esses Espiritos não têm grandes conhecimentos, e por muito tempo não sustentam o seu papel; deixam-se trahir desde que se tornam regulares em suas communicações e quando ha quem os aperte, e os observe debaixo do ponto de vista positivo e não poetico.

No nosso grupo de estudos, tivemos occasião de observar um d'esses falsos sabios da erratecidade. Dizia-se Espirito protector do *medium*; dava communicações para cura de molestias, muitas vezes convenientes; outras vezes punha, com os seus receita-rios, um medico nosso amigo em verdadeira confusão. Principiou o nosso amigo á desconfiar do Espirito que se communicava com o tal *medium*, e desde então começou á pedir explicações ao Espirito; este negava-se á dar. Se o nosso amigo insistia, o *medium* estomagava-se. Reconhecemos finalmente que o falso sabio mystificava o *medium* e queria mystificar-nos tambem.

Batido pelo nosso amigo, reconhecido por outras pessoas do nosso grupo, o falso sabio, leva o *medium* ao desespero, obseda-o á ponto de fazer com que elle se retirasse de junto de nós.

Acontece muitas vezes que um individuo começa recebendo boas communicações, e que mais tarde vê-se-o debaixo da acção de um Espirito mystificador.

Esse facto se acha comprehendido nas duas hypotheses seguintes: ou o Espirito que se communicava a principio era um bom Espirito, ou era um falso sabio, um hypocrita. No primeiro caso, perguntará o leitor, como deixou um bom Espirito o *medium*?

Os homens são imperfeitos, e descuidam-se em extremo da sua perfeição moral. Nas épocas ou momentos em que o homem

reflectindo interiormente consigo, reconhece os seus vícios, as suas imperfeições, attrahe à si um Espírito benevolo para o aconselhar, para suggerir-lhe pensamentos puros, quer tenha elle consciencia ou não da existencia dos seres invisiveis. Um individuo em táes condições, se conhece o Espiritismo, se como *medium* procura receber communicações, essas communicações são boas, são instructivas. Muitas vezes essa época passa-se, esses momentos rapidos como o pensamento desaparecem diante da resolução tomada anteriormente de corrigir suas imperfeições.

Desde então, surdo as boas inspirações do Espírito benevolo, segue o homem as intuições que lhe suggere o máo e perverso da erratecidade.

No segundo caso, o homem não reflectio sobre as imperfeições de sua alma e como *medium* julgou descobrir nas evocações um meio de dar pasto a sua vaidade, a sua ambição, por isso teve desde logo communicações, não de um Espírito benevolo, porém de um falso sabio, de um mystificador.

Theoria da presciencia.

Como é possivel o conhecimento do futuro? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que se prendem ao estado presente, mas não dos que não têm relação alguma com elle, e muito menos parece comprehensivel aquelles que se attribue ao acaso. Vulgarmente diz-se as causas futuras não existem; acham-se ainda no nada; como saber que hão de acontecer? Entretanto, exemplos assás numerosos das predicções realisadas forçam-nos á concluir que ha n'isso um phenomeno cuja chave não se possui, por isso que, não ha effeito sem causa. E' essa chave que vamos investigar, e é o Espiritismo, chave de tantos mysterios, que nos vai mostrar aquella, fazendo vêr ao mesmo tempo que as predicções não estão fóra das leis da natureza.

Tomemos um exemplo nas consas usuaes, para servir de comparação, que fará comprehender o principio que passamos á desenvolver.

Supponhamos um homem collocado no eimo de uma elevada

montanha de onde possa devassar toda a extensão de uma grande planície. Em uma tal situação, o espaço de uma legua será pouca cousa, e facilmente poderá abranger com um olhar todos os accidentes do terreno, desde o começo até o fim do caminho traçado na planície. O viajante que percorre pela primeira vez esse caminho, sabe tão somente que andando chegará ao fim: eis a previsão d'elle em virtude da sua marcha; porém os accidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a atravessar, os bosques a passar, os precipícios em que pôde cair, os ledrões emboscados para o assaltar, as casas hospitaleiras em que poderá repousar, tudo é independente d'elle; tudo é para elle desconhecido, tudo é futuro, porque sua vista não se estende muito além. Quanto á duração, elle a méde pelo tempo que gasta percorrendo o caminho, tirai-lhe os pontos de comparação e a duração desaparecerá. Para o homem que se acha no alto da montanha, e que com a vista segue o viajante, tudo é para elle presente. Supponhamos que esse homem desce da montanha e vai ter ao viajante, e diz-lhe: em tal momento encontrareis tal cousa, sereis atacado e soccorrido, predirá o futuro; o futuro é para o viajante; para o homem da montanha esse futuro é o presente.

Affastando-nos do circulos das cousas puramente materiaes, entrando pelo pensamento no dominio da vida espiritual, veremos esse phenomeno produzir-se em maior escala. Os Espiritos desmaterializados acham-se como o homem do alto da montanha: a extensão e a duração desaparecem para elles. Porém a extensão e a penetração de sua vista acham-se na proporção de sua pureza, da sua elevação na jerarchia espiritual; são, em relação aos Espiritos inferiores, semelhantes ao homem munido de um poderoso telescopio ao lado d'aquelle que apenas tem os olhos. Os Espiritos inferiores têm circumscripta a vista, não só porque difficilmente pôdem se affastar do globo em que se acham, como porque a grossura do seu perispirito encobre as cousas afastadas, a semelhança de um nevoeiro diante dos olhos do corpo.

Comprehende-se, pois, que conforme o gráo de perfeição, possa um Espirito abraçar um periodo de alguns annos; de alguns seculos e mesmo de milhares de annos; porque, o que vem ser um seculo em presença do infinito? Os acontecimentos desenrolam-se diante da vista do Espirito elevado como diante dos olhos do homem que está na montanha desenrola-se os accidentes do caminho á planície. O Espirito elevado, vê simultaneamente o começo e o fim do periodo; todos os aconteci-

mentos comprehendidos n'esse periodo são futuros para o homem na terra, ao passo que para o Espirito elevado é presente. Póde, pois, um Espirito n'essas condições vir com certeza nos dizer : « Tal cousa acontecerá em tal época ; porque, semelhante ao homem que está na montanha, vê o que aguarda o viajante no caminho ; se não o faz, é porque o conhecimento do futuro, em geral, prejudica ao homem, embaraçando o seu livre arbitrio ; paralisando-o nos trabalhos que deve realizar para seu progresso ; o bem e o mal que o aguardam, sendo desconhecidos, são provações para elle.

Se uma tal faculdade, mesmo restricta, póde-se encontrar na creatura, qual não deve ser a potencia d'ella no Creador, que abrange o infinito ? Para Deus o tempo não existe ; o começo e o fim dos mundos, tudo para elle é presente. N'esse grande, n'esse immenso panorama da criação universal, o que vem á ser a duração da vida de um homem, de uma geração, mesmo de um povo ?

Entretanto, devendo o homem concorrer para o progresso geral, devendo certos acontecimentos resultar de sua cooperação, em certos casos especiaes póde ser util ter aviso d'esses acontecimentos, para que prepare as sendas e esteja alerta para agir quando fôr occasião. E' por isso que Deus permite algumas vezes que o canto do véo levante-se ; porém só para fim util e não para satisfazer a fantasia curiosa. E, uma tal missão póde ser dada, não á todos os Espiritos, visto que, muitos ha que enxergam menos no futuro do que os homens, mas a alguns Espiritos sufficientemente adiantados para esse fim. Ora, deve-se notar que essas sortes de revelações sempre são feitas espontaneamente, e nunca, a não ser excepcionalmente, em resposta a uma pergunta directa.

Uma missão póde ser encarregada a um homem, e eis de que maneira :

Aquelle a quem é confiado o cuidado de revelar uma cousa occulta póde recebê-lo sem saber por meio da inspiração dos Espiritos que a conhecem, os quaes a transmittem machinalmente, sem a explicar. Sabe-se, de mais, que, quer durante o somno, quer no estado de vigilia, nos êxtasis da vista dupla, a alma desprende-se e possui em gráo mais ou menos elevado as faculdades do Espirito livre. Se é um Espirito adiantado, se tem principalmente, como os prophetas, recebido uma missão especial para certo fim, goza, nos momentos que tem a alma emancipada, da faculdade de abranger, mesmo por si, um periodo mais ou menos extenso, e vê, como se fossem presen-

tes, os acontecimentos d'esse periodo. Póde então de prompto revelar, ou conservar memoria quando despertado d'aquelle estado. Se os acontecimentos devem ficar em segredo, perderá a memoria d'elles ou apenas conservará uma vaga intuição, bastante para o guiar instinctivamente.

E' assim que se vê essa faculdade desenvolver-se providencialmente em certas occasiões, nos perigos eminentes, nas revoluções, e que quando a mór parte das seitas foram perseguidas, vio-se entre ellas numerosos *videntes*; é ainda por isso que, se vê os grandes capitães resolutamente marcharem contra o inimigo, tendo a certeza da victoria, e que homens de genio, semelhantes a Christovão Colombo, persistiam em um designio, predizendo por assim dizer, o momento em que o havia de atingir; é que elles enxergaram esse fim, é que para o seu Espirito não estava incognito.

O dom da predicção é tão natural, como é uma multidão de outros phenomenos; elle repousa sobre as propriedades d'alma regida pela lei das relações entre o mundo visivel e o mundo invisivel que o Espiritismo o torna conhecido.

Esta theoria da presciencia talvez não resolva de uma fôrma absoluta todos os casos que póde apresentar a revelação do futuro, porém não se póde deixar de acceital-a como estabelecendo o principio fundamental.

Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, no estado extatico ou somnambulico, enchergam desenharem-se os acontecimentos como em uma tela. Esses factos, póde-se tambem explicar, em certos casos, pela photographia do pensamento. Um acontecimento estando no pensamento dos Espiritos que trabalham para a realisação d'elle, ou no proprio pensamento dos homens, cujos actos devem o provocar; esse pensamento atravessando o espaço como os sons atravessão o ar, póde desenhar a imagem, para o vidente; porém a realisação do acontecimento podendo ser apressada ou retardada por muitas circumstancias, elle vê a cousa, sem poder precisar o momento da realisação. Muitas vezes esse pensamento póde não passar de um projecto, de um desejo, sem ter seguimento; d'ahi os erros frequentes em relação a realisação dos factos e das datas nas previsões.

Para comprehender as cousas espirituaes, isto é, para fazer d'ellas uma cousa tão clara, como a que fazemos de uma paizagem que se ache adiante dos nossos olhos, falta-nos rigorosamente um sentido, exactamente como falta ao cego o sentido que faz comprehender os effectos da luz, das côres e da vista sem o contacto. Assim, é apenas por um esforço de imaginação

que lá podemos chegar, auxiliando-nos com as comparações tiradas das cousas materiaes que apenas podem dar idéas imperfeitas das cousas espirituaes ; é pois preciso não tomar ao pé da letra essas comparações, e julgar, verbi-gratia, que a extensão das faculdades perceptíveis dos Espíritos prendam-se a sua elevação effectiva ; isto é, que tenham necessidade de acharem-se sobre uma montanha ou sobre as nuvens para abranger o tempo e o espaço.

A faculdade da presciencia é inherente ao estado de espiritualisação, ou de desmaterialisação; isto é, que a espiritualisação produz um effecto que se póde comparar, posto que muito imperfeitamente, ao da vista do homem que se acha sobre a montanha abrangendo um certo contorno. Esta comparação tem simplesmente por fim mostrar que acontecimentos que se acham no futuro para uns, acham-se no presente para outros, e podem assim serem preditos, o que não implica que o effecto se produza da mesma fórma.

Para gozar d'essa percepção, o Espirito não tem necessidade de se transportar a um ponto qualquer do espaço ; aquelle que está sobre a terra, ao nosso lado, póde possuil-a em sua plenitude, tanto como se estivesse a mil leguas, ao passo que nós nada vemos além do horisonte visual. A vista dos Espíritos não se produz da mesma fórma, nem por meio dos mesmos elementos que a dos homens ; o horisonte visual d'elles é diverso do nosso ; ora, é precisamente ahí que nos falta o sentido para o conceber ; *o Espirito ao lado do encarnado, é como os que enxergam ao lado dos cegos.*

(Continúa.)

Os irmãos Davenport.

O *Paiiz*, jornal do partido progressista portuguez, que se publica em Lisbôa, em seu NOTICIARIO de 14 de Fevereiro d'este anno relata o que vamos transcrever :

« IRMÃOS DAVENPORT. — Estes celebres artistas, tendo chegado a Lisbôa de passagem para Hespanha, desejaram exhibir os seus trabalhos mysteriosos perante os membros da imprensa, reunidos n'uma casa onde se não podesse suspeitar que haviam disposto mecanismos e artificios. Pediram-nos para que a reunião tives-

se logar n'uma sala d'esta redacção ao que promptamente deferrimos para ter o gosto do receber os nossos estimados collegas. »

« Effectivamente hontem, ás 8 horas da noite, os irmãos Davenport, acompanhados pelo seu gerente e interprete, o Sr. Turnour, apresentaram-se aos seus convidados, mais de cem pessoas, e deram começo aos seus assombrosos trabalhos, fazendo-se amarrar solidamente aos bancos de um armario. Foram amarrados pelo Sr. Alfredo Ribeiro e pelo nosso collega Antonio Ennes, de modo que não podiam mover nem os pés nem as mãos, e verificou-se que no armario, que ainda está n'esta casa e que vimos montar, não havia fundo falso nem nenhum outro artificio. »

« Uma vez atados, collocaram-se dentro do armario e fóra do alcance do corpo dos artistas, violas, pandeiros, uma rebeca, duas campainhas, e tratou-se de lhe fechar as portas. Ainda não estavam fechadas, e logo se produziram phenomenos singulares. Um dos pandeiros saltou por cima de um dos convidados, que se curvara para correr um fecho, e na parte superior do armario appareceu uma mão, sem se saber de quem fosse nem quem havia feito saltar o pandeiro. Encerrados finalmente os Davenport, começaram os instrumentos que tinham ficado junto d'elles a tocar, percebendo-se que se agitavam lá dentro, e apparecendo a espaços por um buraco mãos que se moviam e tocavam campainhas. Ter-se-iam desatados os artistas? Parece que não, porque repentinamente abriu-se o armario e todos poderam observar que elles estavam ligados e immoveis. »

« Fizeram-se varias experiencias para se averiguar se elles se soltavam. Encheram-se-lhes de farinha as mãos que tinham fechadas e presas atraz das costas, porque não poderiam abril-as sem entornar pó nem entornal-o sem ficarem vestigios, e todos houveram de crêr que realmente se não tinham movido. O Sr. Eduardo Coelho fechou-se com elles no armario, segurando-os de modo que não podessem fazer o menor movimento sem que elle o percebesse, e ouviu os instrumentos tocarem, mudarem de posição, volteiarem-lhe em roda da cabeça; sentiu uma mão roçar-lhe na cara, e assegurou aos circumstantes que os Davenport tinha estado quêdos e sempre atados. Uma vez vio-se sahir pela fresta do armario uma casaca, e no mesmo instante abriram-se as portas e apparece um dos artistas em mangas de camisa e ligado de fórma que não podia despir-se. Este cobriu-se então com o fraque de um dos espectadores: aberto outra vez o armario achou-se que o fraque se vestira no corpo do que estava de casaca, e que a casaca d'este estava vestida no que

antes se mostrára em mangas de camisa, parecendo, todavia que nenhum soltara os braços.

« Na segunda parte da sessão, os irmãos Davenport, tendo posto de parte o armario, sentaram-se junto d'uma meza, pozeram a sala em completa escuridão, tendo dado, por diversos meios, a certeza — ao menos a certeza apparente — de que se não moveriam, e os instrumentos tocaram e voaram em diversas direcções, percebendo-se o seu vôo porque tinham sido untados com um liquido phosphorescente e porque bateram na cabeça de alguns espectadores. Este phenomeno extraordinario produziu viva sensação, e ficou incomprehensivel para todos a sua causa, bem como a causa occulta que produzia os sons musicaes dentro do armario, tocava o fato, fazia apparecer mãos de que se não adivinhavam os braços, e determinava mais outras manifestações não menos singulares, que seria longo enumerar.»

« Não temos a pretensão de saber ou de suspeitar sequer de qual essa causa seja: contentamo-nos com descrever o que vimos; e assegurar que no armario, que representa papel importante nos trabalhos dos irmãos Davenport, não ha nenhum artificio, porque tendo-o elles deixado em nosso poder, confessamos o que temos visto, revisto e examinado, sem descobrir cousa que infunda suspeita. O certo é que o que elles fazem é maravilhoso, e capaz de fazer crêr em bruxedos ou em poderes sobrenaturaes a quem fôr crendeiro: como o fazem, só elles poderão dizel-o, e ainda não houve em nenhuma parte do mundo quem o adivinhasse, apesar de não ter faltado quem os observasse com olhos de lynce. »

« São muito variados, segundo nos consta, os trabalhos que elles hão de apresentar ao publico no theatro do Gymnasio, e estamos convencidos de que hão de produzir sensação, correspondente ao desejo que ha de vê-los, desejo tão grande que já estão tomados grande parte dos logares no theatro, para as tres recitas que elles annunciam. Assim devia ser, porque em todas as cidades onde tem apparecido houve extraordinaria concurrencia aos seus espectaculos, e tanto se tem fallado dos irmãos Davenport, que se occupam d'elles, como de raridades, alguns livros de sciencia. »

Os phenomenos inexplicaveis pelo orgão da imprensa portugueza, são hoje de pouca importancia para a sciencia espirita, e explicados por todos que tiverem ligeiros conhecimentos da intervenção dos Espiritos no mundo corpereo. Entretanto, se nos occupamos com os irmãos Davenport, é para tornal-os conhecidos dos nossos leitores.

Esses dois irmãos chamados artistas pela folha portugueza, nada têm do que a arte requer como attributo, principiando por serem inteiramente passivos nas manifestações d'aquelles phenomenos singulares para muita gente, por isso que, sendo mediums de efeitos physicos, o principio intelligente d'elles não toma parte; é o fluido perispiritual d'elles que posto em jogo pelos Espiritos produz os phenomenos que acima ficam relatados.

Os irmãos Davenport são conhecidos desde a sua infancia como mediums aptos para a producção d'aquelles phenomenos. Na biographia d'elles escripto pelo doutor Nichols, medico Inglez, vemos que são filhos da cidade de Buffalo no Estado de New-York, e que antes de serem conhecidos na Europa, já haviam adquirido reputação nos Estados-Unidos, como mediums na altura pouco mais ou menos do celebre Home.

Os irmãos Eddy, mediums notaveis.

Vevey, hôtel Monnet, 18 de Dezembro de 1874.

Meu caro senhor Leymarie :

Eis aqui a traducção bem como o original do artigo de um jornal americano não espiritualista. Trata dos celebres irmãos Eddy, dos quaes tanto fallaram no correr do ultimo outono, o *Spiritualist* e o *Medium*.

« O testemunho de Brown, « o lector do pensamento », que visitou a morada, em Vermont, dos irmãos Eddy, parece condensar ainda mais as trévas com que se envolvem as manifestações dos spectros que n'ella se produzem.

« Brown transpoz o umbral da casa debaixo da impressão de serem Eddy charlatães : deixou-a confessando que n'ella havia um mysterio do qual não podia dar explicação.

« Brown, suppondo que os pretendidos Espiritos entravam por uma janella do quarto, obteve a permissão de visitar á fundo a localidade. Cobrio, pois, a janella com gaze de mosquitoeiro prendendo os cantos com cêra de Hespanha, sobre a qual callocou o sinete do seu anel. Examinou minuciosamente em

seguida o quarto, que achou não ser cousa diversa de um quadrado fechado por paredes de taipa, sem porta escusa, nem alçapão algum. Ainda mais, collocou nas fendas do assoalho alfinetes cobertos com poeira, de fórma que não podessem as taboas serem levantadas sem os deslocar.

« William Eddy entrou então n'esse quarto, e, cinco minutos depois, uma figura mostrou-se no solslão da porta. Immediatamente depois, uma outra apparece, em seguida da qual um velho senhor, vestido á moda antiga, surgiu sobre a plata-fórma, para instantes depois retirar-se. Depois sua mulher, uma velha pequena, sahio do quarto; depois um mancebo de espessos bigodes.

« Muitas pessoas mais appareceram antes de finalizar-se a sessão, e por fim *madame Eddy*, a fallecida mãe dos irmãos Eddy, veio fallar extensamente, deplorando a impotencia em que seus filhos se acham para convencer ao mundo da sua bôa fé e nutrindo a esperanza de vêr um dia os incredulos renderem-se a evidencia e comprehenderem a grande verdade.

« Brown elle mesmo anda em talas por argumento para explicar *produções taes*. »

Vovey, hotel Monnet, 27 de Dezembro de 1874.

Encontro em apoio do que vos escrevi ha dias relativamente aos irmãos Eddy, esses potentes mediums, cujas faculdades maravilhosas agitam hoje o mundo espiritualista da America, — encontro, digo eu, no *Spiritualist* de 25 de Dezembro, a narração seguinte, datada de New-York e assignada com o nome *H. Blavatski*, uma senhora russa que outr'ora a conheci no Caucaso, onde o marido occupava, ha 24 annos, pouco mais ou menos, o logar de governador civil de Erivan, na antiga Armenia. Recordo-me que a senhora de Blavatski fallava correntemente muitos idiomas da Transcaucasia, e posso garantir-vos a authenticidade, da sua assignatura, como da *côr local*, surprehendente de actualidade que abunda nas discripções dos fantasmas reconhecidos por ella em casa dos irmãos Eddy.

O artigo em questão appareceu no *New-York Graphic*. Eis a traducção exacta :

« Passei quinze dias em casa dos irmãos Eddy. — Reconheci plenamente, durante esse curto lapso de tempo, sete Espiritos,

no numero de cento e dezenove aparições diversas. Admitto ter sido unica em os reconhecer, porque os outros assistentes não me tendo acompanhado em minhas numerosas peregrinações pelo Oriente, não podiam os reconhecer; porém suas differentes vestimentas foram claramente vistas e minuciosamente examinadas por todas as pessoas presentes.

« O primeiro que appareceu foi um mancebo georgiano, vestido com habitos historicos do Caucaso. Reconheci-o e o interroguei, sobre questões sabidas sómente por mim, comprehendeu-me e respondeu a ellas. Por haver o coronel Olcott solicitado, pedi em sua lingua materna que nos tocasse a *Lesglinka* (uma dansa do Caucaso), elle executou-a na guitarra.

Segundo. « Um velho baixinho. Estava vestido ao gosto dos mercadores persas; sua vestimenta era exacta quanto possivel; detalhe algum faltava, até as chinellas do Levante, que deixou-as, para entrar só com meias, tal qual exige a cerimonia oriental. Elle me disse seu nome cochichando; é Hassan-Aga, um homem velho que eu e minha familia conhecemos durante vinte annos em Tiflis. Disse-me, metade em lingua georgiana, metade da lingua persa, que tinha grande segredo para me confiar, e tornou em seguida, experimentando em vão e acabar a phrase.

Terceiro. « Um homem athleta em um trem pitoresco dos guerreiros de Kurdistan. Não falla, mas comprimenta a oriental, com ar risonho e benevolente, brandindo a sua lança ornada de plumas. Reconheci-o immediatamente ser Saffar — Ali-Bek, um joven chefe da tribu *kurde*, que me acompanhava muitas vezes nas excursões que eu fazia a cavallo nos arrabaldes de Ararat, na Armenia, e que uma vez me salvou a vida. Mais ainda: abaixa-se á terra, como se ajuntasse um punhado de poeira e parecia esparzil-a em torno de si, comprimindo a mão sobre o peito, pantomina familiar as colonias *kurdes* sómente.

Quarta. « Um Circassiano. Julguei-me estar ainda em Tiflis, tão exacto era o seu costume de *noukière* (classe de homem — ligio que vos segue ou vos precede á cavallo.) Este falla; ainda mais, corrigio-me quando, reconhecendo-o, pronunciei seu nome mal. Ouvindo-me repetil-o, saudou-me sorrindo e disse, em tartaro gutural o mais puro, essa lingua que me é tão familiar: *Tschokh yakhschu!* (Muito bem.) Depois deixou-nos.

Quinto. « Uma mulher velha com penteado russo. Ella dirigio-me a palavra em lingua natal, dando-me o nome de affeição com que me tratava em minha mocidade. Era uma antiga creada de minha familia, que foi áia de minha irmã.

Sexta. « Um pro
plata-fórma. Sua c
semelhando-se a cl
me pareceram fam
das circunstancia
contorsões vivas,
feiticeiro d'Africa

Septima e ultima
de preto a moda d
russa de Sant'Ann
listada de amarell
faltou para me s
meu pai, posto es
emoção perguntei
signal que não e
Não; sou teu tio!
foi ouvida distin

Minhas homen
Como é bella a
Janeiro.

Recebei meu c
votos pelo novo
vosso dedicado,

Diante de fact
seculo marcará
fracção human
orgulhosos e os
que nos rimos,

Porque o

A doutrina
encarar o futur
uma realidade
mais um syst
Ergueu-se o vé
realidade; não
de uma concep

Sexta. « Um preto, alto e possante, que se levanta sobre a plata-fórma. Sua cabeça é ornada por um penteado singular, semelhando-se a chifres riscados de branco e ouro. Seus traços me pareceram familiares, porém não me lembrava a principio das circumstancias em que o havia visto. Elle fez algumas contorsões vivas, que me ajudaram a reconhecê-lo por um feiticeiro d'Africa central. Caretêa um sorriso e desaparece.

Septima e ultima. « Um senhor alto de cabellos pardos, vestido de preto a moda da convenção. Traz ao pescoço a condecoração russa de Sant'Anna, atada por uma fita chamalotada vermelha listada de amarello, que todo o mundo da Russia conhece. Pouco faltou para me sentir incommodada, acreditando reconhecer meu pai, posto esse ultimo fosse mais alto ainda. Em minha emoção perguntei-lhe em Inglez se era elle. Fez com a cabeça o signal que não e respondeo em russo, tão claro quanto possível: *Não ; sou teu tio!* A palavra *diadia* (que em russo significa *tio*) foi ouvida distinctamente por cada um e todos se lembram. »

Minhas homenagens respeitosas a madame Allan-Kardec. — Como é bella a photographia que publicasteis na *Revista* de Janeiro.

Recebei meu caro senhor Leymarie, com os meus melhores votos pelo novo anno, um cordial aperto de mão da parte de vosso dedicado,

Principe Emilio WITTGENSTEIN.

Diante de factos d'essa ordem, é licito, esperar que o novo seculo marcará a terceira época da regeneração d'essa nossa fraccão humana. A incredulidade abaixará a cabeça, os orgulhosos e os impios ficarão confundidos, e os que pensam que nos rimos, hão de um dia reconhecer a nossa seriedade.

Porque os espiritas não temem a morte.

A doutrina espirita muda completamente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hypothese, porém uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um systema, mas sim um resultado da observação. Ergueu-se o véo; o mundo espiritual apparece-nos em toda sua realidade; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa; são os proprios habitantes d'esse

mundo que nos descrevem a sua propria situação; ahí os vêmos em todos os grãos da escala espirital, em todas as phases da felicidade e da infelicidade; assistimos emfim a todos as peripecias da vida de além-tumulo. Essa a causa para os espiritas da calma com a qual encaram a morte, da serenidade de seus ultimos instantes sobre a terra. Não é somente a esperança que o sustenta, é a certeza; sabem que a vida futura é a continuação da vida presente em condições melhores, e esperam-na com a mesma confiança com que esperam o nascer do sol depois de uma noite tempestuosa. O motivo d'essa confiança estão nos factos que testemunham, e no accordo d'esses factos com a logica, com a justiça e bondade de Deus, e com as aspirações intimas do homem.

A alma para os espiritas não é mais uma abstracção; tem um corpo ethereo, que a transforma em um ser definido, que o pensamento abraça e concebe; já é muito para fixar as idéas sobre sua identidade, suas aptidões e percepções. A saudade dos que nos são caros repousa sobre cousa real. Não se os representa mais como flamulas fugitivas que nada recordam ao pensamento, mas sob uma fórma concreta que nol-as mostra melhor como seres vivos. Demais, em vez de perdidos nas profundezas do espaço, estão em torno de nós; o mundo corporeo, e o espirital estão em relações perpetuas, auxiliam-se mutuamente. Não sendo mais permittida a duvida sobre o porvir, o medo da morte não tem mais razão de ser; de sangue-frio vê-se-a vir como uma libertação, como a porta da vida — não como a do NADA.

Cuidar do corpo e do espirito.

Consiste a perfeição moral na maceração do corpo? Para resolver esta questão apoio-me sobre principios elementares, e coméço por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo o qual, conforme as alterações de saude ou de molestia, influe de uma maneira muito importante sobre a alma, que é preciso consideral-a captiva na carne. Para que essa prisioneira viva, alegre-se e conceba mesmo as illusões da liberdade, o corpo deve estar são, bem disposto, alentado. Sigamos uma comparação: Eil-os ambos em perfeito estado; o que devem fazer para manter o equilibrio entre as suas aptidões e necessidades tão differentes?

Aqui dois systemas acham-se em presença : o dos asceticos, que querem terraplenar o corpo e o dos materialistas que querem rebaixar a alma : duas violencias tão insensatas quasi uma como outra. Ao lado d'esses grandes partidos formiga a numerosa tribo dos indifferentes que, sem convicções e sem paixões, amam com frieza e fruem com economia. Onde, pois, está sabedoria ? Onde, pois, está a sciencia de viver ? Em parte alguma ; e esse grande problema ficaria inteiro á resolver, se o espiritismo não viesse em auxilio dos investigadores demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma, dizendo-lhes que, visto necessitarem-se reciprocamente, é necessario cuidar de ambos. Amai, pois, a vossa alma, mas cuidai tambem do corpo, instrumento d'alma ; desconhecer as necessidades indicadas pela propria natureza, é desconhecer a lei de Deus. Não o castigueis pelas faltas que o vosso livre arbitrio o fez commetter, e das quaes é tão irresponsavel, como é o cavallo mal dirigido dos accidentes que causa. Tornar-vos-eis mais perfeitos se martyrisando o corpo, não vos tornardes menos egoista, orgulhoso e pouco charidoso para com o vosso proximo ? Não, a perfeição não consiste n'isso ; está toda inteira nas reformas que fizerdes experimentar o vosso Espirito, dobrai-o, submettei-o, humilhai-o, mortificai-o ; é o meio de tornal-o docil á vontade de Deus e o unico que conduz á perfeição. (GEORGES).

Os mediums.

(Vide Revista de Março, pag. 108.)

Mediums somnambulos. O somnambulismo póde ser considerado como uma variante da faculdade medianimica, ou para melhor dizer, são duas ordens de phenomenos que muitas vezes se acham reunidos. O somnambulo age debaixo da influencia do seu proprio Espirito ; é a sua alma que nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe fóra dos limites dos sentidos de relação ; o que externa, tira de si ; suas idéas são mais justas que no estado normal, seus conhecimentos mais extensos, porque sua alma está livre ; em uma palavra, vive por antecipação

da vida dos Espiritos. O medium, pelo contrario, é o instrumento de uma intelligencia estranha; é passivo, o que diz não vem de si. Em resumo, o somnambulo exprime seu proprio pensamento, o medium exprime o pensamento de um outro. Mas o Espirito que se communica com um medium, pôde tambem tornal-o somnambulo, e n'esse caso a communicação torna-se mais facil. Muitos somnambulos enxergam perfeitamente os Espiritos e os discrevem com tanta precisão como os mediums videntes; podem entreterem-se com elles e nos transmitir seus pensamentos; o que elles dizem, além dos conhecimentos pessoases, muitas vezes é suggerido por outros Espiritos.

A lucidez somnambulica é uma faculdade inherente ao organismo e completamente independente da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do individuo. Um somnambulo pôde ser muito lucido e ser incapaz de resolver certas questões se seu Espirito é pouco adiantado. Aquelle que falla por si pôde dizer cousas boas ou más, precisas ou falsas, portar-se com mais ou menos delicadesa e escrupulos em seu proceder, conforme o gráo de elevação ou inferioridade de seu proprio Espirito; é n'esse caso que a assistencia de um Espirito pôde supprir a incapacidade; porém um somnambulo pôde ser assistido por um Espirito mentiroso, leviano, mesmo máo, tanto quanto pôde sel-o um medium; é n'esse caso que as qualidades moraes influem para attrair os bons Espiritos.

Mediums curadores. Esse genero de mediumnidade consiste principalmente no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples contacto, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de medicação. Podem dizer que é pelo magnetismo. Evidentemente o fluido magnetico executa n'esse caso grande papel; porém, examinando-se cuidadosamente esse phenomeno se reconhece, sem muita difficuldade, que ha alguma cousa mais. A magnetização commum requer um tratamento seguido, regular e methodico; n'esse caso as cousas passam-se de modo diverso. Todos os magnetizadores são aptos para curar sabendo-se conduzir convenientemente, em quanto que nos mediums curadores, a faculdade é expontanea e alguns a possuem sem jamais terem ouvido fallar sobre o magnetismo. A intervensão de uma potencia occulta, constitue a mediumnidade, e torna-se em certas circumstancias evidente.

Resposta dos Espiritos dadas ás seguintes perguntas:

Pôde-se considerar as pessoas dotadas de potencia magnetica formando uma variedade de mediums ?

« Não podeis duvidar. »

Entretanto, o medium é um intermediario entre os Espiritos e os homens; ora, o magnetizador, sacando em si a propria força, parece não ser intermediario de potencia alguma estranha?

« E' um erro; a potencia magnetica reside sem duvida no homem, porém é augmentada pela acção do Espirito que elle chama em seu auxilio. Se magnetizares com a pura intenção de curar, por exemplo, e que evocares um bom Espirito que se interesse por ti e pelo teu doente, elle augmentará tua força e tua vontade, dirigirá teu fluido dando as qualidades necessarias. »

Ha, entretanto, muitos magnetizadores bons que não acreditam nos Espiritos?

« Pen-as por ventura que os Espiritos só agem sobre os que acreditam n'elles? Os que magnetizam para o bem são ajudados pelos bons Espiritos. Todo homem que nutre o desejo do bem chama os bons Espiritos sem pensar; assim como pelas más intenções chama os más. »

Todo aquelle que tendo a potencia acreditar na intervenção dos Espiritos, procederá com mais efficacia?

« Fará cousas que tomareis como milagres. »

Certas pessoas possuem verdadeiramente o dom de curar pelo simples contacto, sem o emprego dos passes magneticos?

« Seguramente; não tens d'isso exemplos numerosos? »

Em que caso ha acção magnetica ou sómente influencia dos Espiritos?

« Em ambos. Essas pessoas são verdadeiros mediums, pois ellas agem debaixo da influencia dos Espiritos; mas isso não quer dizer que sejam mediums escriptores como o entendeis. »

Póde-se transmittir esse poder?

« O poder, não; porém o conhecimento das cousas necessarias para o exercicio quando se o possui. Alguns não acreditariam possuir esse poder, se não acreditassem em lhe ser elle transmittido. »

Póde-se obter curas pela oração?

« Sim, algumas vezes quando é servido á Deus; porém póde acontecer que o doente tenha de soffrer ainda, e então acreditai, a vossa oração não será ouvida. »

Ha para esse effeito fórmulas de orações mais proficuas do que outras?

« Só a superstição póde ligar virtude á certas palavras, e Espiritos ignorantes ou mentirosos são os unicos que podem entreter taes idéas prescrevendo fórmulas. Entretanto póde acontecer que, para as pessoas pouco esclarecidas e incapazes de comprehender as cousas puramente espirituas, o emprego de uma fór-

mula contribua para dar-lhe confiança, porém ainda assim não reside na fórmula a efficacia, mas na fé augmentada pela idéa ou ligada ao emprego da fórmula.

Mediums pneumatographos. Chamão-se assim os mediums aptos para obter a escripta directa, o que não é dado á todos os mediums escriptores. Essa faculdade é ainda muito rara ; provavelmente desenvolve-se com o exercicio, porém a sua utilidade pratica limita-se a comprovação patente da intervenção de uma potencia occulta nas manifestações. Só a experiencia pôde fazer conhecer quem a possui. Conforme a maior ou menor potencia do medium, assim obtem-se simples traços, signaes, letras, palavras, frases e mesmo paginas inteiras escriptas. Ordinariamente basta collocar uma folha de papel dobrada em um logar qualquer ou designado pelo Espirito, durante dez minutos ou um quarto de hora ou mesmo durante mais tempo, para se obter o phenomeno da escripta directa. A oração e o recolhimento são condições indispensaveis durante os ensaios.

O mais simples dos meios de communicação dos Espiritos é a escripta, sendo o mais commodo, é o que melhor resultado apresenta debaixo do ponto de vista de utilidade e pratica. Se não fossem os mediums escriptores ou psychographos não possuiriamos colligidos os ensinios dos Espiritos. Não teriamos, além dos trabalhos em que tomou parte activa o immortal Allan-Kardec, tantos outros sobre litteratura e sobre moral que já formam uma soffrivel bibliotheca espirita. A'um medium psychographo M^o Collignon devemos ter J. B. Boustaing conseguido colligir os commentarios sobre os quatro Evangelhos dados pelos Evangelistas assistidos pelos Apostolos, essa obra monumental que reune em tres volumes todo o espiritismo christão. Sendo, portanto, o meio pelo qual os Espiritos podem melhor revelar o seu grão de perfeição ou de imperfeição, podendo por elle instruir-nos com seus pensamentos intimos, é o que devemos de preferencia buscar no intretimento com os habitantes de alem-tumulo. Por esse motivo vamos fazer o leitor conhecer a variedade de mediums psychographos.

Mediums mechanicos. São os que produzem a escripta tendo a mão dirigida pelo Espirito que se communica. A mão do individuo que sustenta o lapis ou a penna anda sem interrupção e contra a vontade do medium em quanto o Espirito tem o que dizer.

Esse phenomeno é caracterizado pela inconsciencia do medium em relação ao que está escrevendo ; a inconsciencia absoluta, é pois o que caracteriza os *mediums passivos* ou *mechi-*

nicos. Esta faculdade é muito preciosa, porque não póde deixar duvida alguma sobre a independencia do pensamento d'aquelle que escreve.

Todo analphabeto que produz a psychographia é *medium mechanico*.

Mediums intuitivos. A transmissão do pensamento tem tambem logar por intermedio do Espirito ou alma do *medium*. O Espirito desincarnado ou estranho, n'esse caso, não actua sobre a alma do *medium* com a qual se identifica. A alma do *medium*, debaixo d'essa impulsão, dirige a mão e a mão dirige o lapis. Devemos notar que o Espirito estranho não se substitue a alma do *medium*, porque não a desloca do corpo; porém domina-a e contra a vontade d'ella, imprime a sua. N'essas circumstancias, não é absolutamente passiva a alma do *medium*; porque se por um lado recebe o pensamento do Espirito estranho por outro, é ella quem reflectindo o transmite; tanto assim que n'essa situação o *medium* tem consciencia do que escreve, posto não seja producto do seu proprio pensamento. O instrumento d'esta natureza é chamado *medium intuitivo*.

Se assim é, dirão, nada prova que seja um Espirito estranho que faça escrever, antes parece que os pensamentos externados, n'esse caso, por meio da escripta são do proprio individuo que sustenta o lapis ou a penna. A discriminação não é facil fazer, é mesmo assás difficil na generalidade dos casos. Entretanto, póde-se reconhecer o pensamento suggerido; verbi-gratia, quando nos vem um pensamento de uma cousa em que nunca pensamos, que nos vem no proseguimento da escripta, e contrario ás nossas idéas, e que esse pensamento actua com vehemência sobre nós, e principalmente quando se acham fóra dos nossos conhecimentos habituaes, da nossa capacidade intellectual.

O papel do *medium mechanico* é o de uma machina, o do *medium intuitivo* assemelha-se ao de um interprete. Vemos, pois, que o *medium intuitivo* para bem transmittir o pensamento suggerido por um Espirito necessita comprehendel-o, de alguma sorte apropriar-se d'elle para o traduzir fielmente. O pensamento do Espirito atravessa o cerebro do *medium*. Passa-se n'esse caso um phenomeno que só a pratica e o longo exercicio, póde habilituar o *medium intuitivo* a conhecer, quando o pensamento lhe é suggerido ou quando é o resultado de suas proprias faculdades.

Mediums semi-mechanicos. Os *mediums mechanicos* têm o movimento da mão independente da vontade; no *medium intuitivo* o movimento é voluntario e facultativo, no *medium semi-*

mechanico participa de um e de outro dos dois movimentos. Sente uma impulsão, entrega a mão á seu pesar, começa a traçar alguns caracteres para a formação de uma palavra, sem consciencia de qual seja, porém após essa circumstancia, vem ao pensamento a palavra e elle por sua vontade a completa.

Mediums inspirados. Todas as pessoas que no estado normal, ou no de êxtasis, recebe pelo pensamento communicações estranhas as suas idéas preconcebidas, pódem ser classificadas na cathegoria dos *mediums* inspirados; são portanto, esses uma variedade dos *mediums* intuitivos, com a differença de ser maior a difficuldade em se reconhecer a intervenção de uma potencia occulta, porque, é mais difficil reconhecer-se os pensamentos suggeridos. O caracter distinctivo dos *mediums* d'essa cathegoria é a espontaneidade.

A inspiração nos vem dos Espiritos que nos influenciam para o bem ou para o mal, porém o mais das vezes partem dos que são benevolentes para conosco e dos quaes não seguimos os conselhos. A inspiração tem logar em todas as circumstancias da nossa vida, sempre que temos de tomar uma resolução; debaixo d'esse ponto de vista, pôde-se dizer que todos somos *mediums*, porque não ha quem não tenha seus Espiritos protectores e familiares que se esforçam em suggerir aos seus protegidos salutaes pensamentos. Se todo o mundo estivesse comprehendido d'essa verdade, todos buscariam o soccorro do seu anjo da guarda, nos criticos momentos da vida. Evequem-no com *fervor e confiança* nos casos de necessidade, e hão de vêr como por encanto surgirão idéas para fazer desaparecer as difficuldades, quando tiverem por movel as puras intenções.

N'essa mesma cathegoria de *mediums* pódem ser classificadas as pessoas que, não dotadas de alta intelligencia e sem sahirem do estado normal, têm clarões de lucidez intellectual que momentaneamente dão-lhes facilidade não acostumada de concepção e de elevação em certos casos, bem como o presentimento das cousas futuras. Nos momentos de inspiração as idéas abundam, seguem-se, encandeam-se, como que por si mesmo por assim dizer, ou por uma impulsão involuntaria e quasi febril; parece-nos que n'esses casos uma intelligencia superior á nossa vem auxiliar-nos.

Os homens de genio de todos os generos, artistas, sabios, são sem duvida Espiritos adiantados, capazes por si mesmos de comprehender e conceber grandes cousas; ora, é por isso precisamente que os Espiritos que desejam o complemento de certo

trabalhos lhes suggerem as idéas necessarias, e assim são elles muitas vezes *mediums sem o saber*.

Respostas ás seguintes perguntas :

Qual a causa primitiva da inspiração ?

« O Espirito que se communica pelo pensamento. »

A inspiração só tem por objecto a revelação de grandes causas ?

« Não, muitas vezes tem referencia a cousas mais triviaes da vida. Por exemplo, queres ir em um logar : uma voz secreta te diz, não vás, porque corres perigo, ou diz faças alguma cousa na qual não pensavas :—é a inspiração. Ha bem poucas pessoas que deixam de ser inspiradas em certos momentos. »

Um actor, um pintor, um musico por exemplo, nos momentos de inspiração pódem ser considerados *mediums* ?

« Sim, n'esses momentos as almas d'elles acham-se mais livres e como que desprendidas da materia ; recobram em parte as faculdades de Espirito, e recebem mais facilmente as communicações dos outros Espiritos que as inspiram. »

Mediums de presentimentos. O presentimento é a vaga intuição das consas futuras. Certas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida ; pódem-n'a dever a uma especie de dupla vista que lhes permite antever os acontecimentos : porém muitas vezes é o resultado de communicações occultas, e é n'esse caso principalmente que se póde dar aos que produzem esse phenomeno o nome de *mediums de presentimentos*, os quaes constituem uma variedade dos *mediums inspirados*.

A natureza das communicações está de harmonia com a do Espirito que se communica, e todas ellas trazem o cunho da elevação ou da inferioridade do communicante, do seu saber ou de sua ignorancia ; entretanto, em igualdade de merito, no ponto de vista jerarchico, ha incontestavelmente Espiritos propensos em se occuparem de preferencia de uma cousa do que de outra. Os Espiritos batetores, por exemplo, jamais sabem das manifestações physicas ; entretanto entre os que dão manifestações intelligentes ha poetas, musicos, desenhadores, moralistas, historiadores, medicos, etc.

Fallamos dos Espiritos de ordem média, porque, chegando á perfeição. Resulta, pois, ao lado da aptidão do Espirito, a do medium que é instrumento mais ou menos commodo, mais ou menos flexivel, conforme descobre n'elle o Espirito qualidades particulares que nós não podemos apreciar.

Tomemos uma comparação : Um musico habil tem diante de

si varios instrumentos do mesmo genero, todos perfeitos, entretanto, depois de os experimentar elle escolhe um por ser o que melhor o agradou. A razão d'essa preferencia nós ignoramos, pois qualquer dos instrumentos nos parece magnifico; entretanto, o artista consummado faz a differença que outro qualquer não póde fazer. O mesmo acontece na escolha de um medium pelo Espírito que se quer communicar. Quantas vezes vê-se pessoas escreverem, como mediums, magnificas poesias e nas condições ordinarias não fazerem um verso; outros que, bons poetas nas condições ordinarias, como mediums não escrevem senão prosa, posto façam grande esforço para obter poesias. O mesmo acontece em relação á musica, o desenho, etc. Pessoas ha que sem terem conhecimentos scientificos, têm aptidão particular para receberem communicações doutas; outras que prestam-se a communicações historicas; outras são melhores interpretes dos Espiritos moralistas; em uma palavra, qualquer que seja a flexibilidade do medium, as communicações que com mais facilidade recebe geralmente têm um certo cunho especial; alguns ha que não sahem de um certo circulo de idéas, e quando se afastam de um tal circulo, as suas communicações são incompletas e muitas vezes falsas. Fora das causas de aptidão, os Espiritos se communicão de preferencia por esse ou aquelle intermediario, conforme suas sympathias. Assim, em igualdade de circumstancia um Espírito será muito mais explicito com certos mediums, unicamente por melhor lhe convir.

Será, pois, erro acreditar que pelo simples facto de se ter um bom medium psychographo possa-se obter communicações de todos os generos. Sem contradicção o que primeiro devemos fazer é assegurar-nos da qualidade do Espírito que se communica; porém, não é menos necessario conhecer a natureza do instrumento que se entrega ao Espírito, porque são esses os dois elementos essenciaes para se obter resultados satisfactorios. Ha um terceiro dado que representa papel importantissimo que vem ser a intenção, o pensamento intimo, o sentimento mais ou menos louvavel do evocador, e isso se concebe: *Para que uma communicação seja boa é preciso que emane de um bom Espírito; para que esse Espírito POSSA transmittil-a, é preciso um bom instrumento; para que elle QUEIRA transmittil-a é preciso que o fim seja conveniente.* O Espírito que lê no pensamento (empregamos esta phrase para fazermo-nos comprehender) julga se a questão que se lhe propõe merece uma resposta séria, e se a pessoa que a dirige é digna de recebê-la; em sentido contrario, não perde o

tempo em semear bons grãos em máo terreno. São n'estas circumstancias que os Espiritos levianos e zombeteiros intrometem-se em dar respostas, porque, pouco se importam com a verdade, e pouco escrupulisam em pregar petas sempre que acham occasião.

Ha, pois, comprehendidos nas duas grandes divisões de mediums, isto é, NOS MEDIUMS DE EFEITOS PHYSICOS E NOS MEDIUMS DE EFEITOS INTELLIGENTES, os que se chamam mediums especiaes e dos quaes vamos tratar.

Os MEDIUMS DE EFEITOS PHYSICOS são os que têm o poder de provocar efeitos materiaes ou manifestações ostensivas.

Os MEDIUMS DE EFEITOS INTELLIGENTES são os especialmente proprios para receber e transmittir communicações intelligentes.

Verdade é que, analysando-se os differentes phenomenos produzidos debaixo da influencia medianimica, encontrar-se-ha em todos um efeito physico, assim como muitas vezes nos proprios efeitos physicos ha efeito intelligente. O limite entre os dois é algumas vezes embaraçoso para se descriminar, porém isso pouco importa.

Denominam-se *mediums de efeitos intellectuaes* os que especialmente servem de intermediarios nas communicações regulares e continuas.

Mediums sensitivos; pessoas susceptiveis de sentirem a presença dos Espiritos por uma impressão geral ou local, vaga ou material. A mór parte distinguem os Espiritos bons dos maos pela natureza da impressão.

« Os mediums delicados e muito sensiveis devem se abster de communicarem-se com os Espiritos violentos ou dos quaes a impressão é penosa, por causa da fadiga que d'isso resulta. »

Mediums naturaes ou *inconscientes*; são os que produzem os phenomenos espontaneamente sem participação de sua vontade e o mais das vezes sem ter consciencia.

Mediums facultativos ou *voluntarios*; os que têm a potencia de provocar os phenomenos pelo acto da vontade.

« Qualquer que seja essa vontade, nada póde se os Espiritos recusam o auxilio; isso prova a intervenção de uma potencia estranha. »

Mediums typtoes; os que por sua influencia produzem ruidos, pancadas. Variedade muito commum, com ou sem vontade.

Mediums motores; os que produzem o movimento dos corpos inertes. Muito communs. *Mediums de transladação e de suspensão*; os que produzem a transladação e a suspensão dos corpos iner-

tes no espaço sem ponto de apoio. Alguns ha que levantam o seu proprio corpo. Mais ou menos raros confôrme o desenvolvimento do phenomeno, Santo Copertino foi medium d'esse genero. Ora, se a suspensão, deslocamento dos corpos, etc, são artes diabolicas como a Igreja canonisou S. Copertino ?

Não fazemos esta interrogação com a intenção de molestar os representantes da Igreja. Hoje em dia contam-se muitos padres espiritas. A jerarchia, qualquer que ella seja, na terra, não torna a creatura humana infallivel.

Mediums de effeitos musicaes ; provocam o toque de certos instrumentos sem contacto. Muito raros.

Mediums de aparições ; os que podem provocar aparições fluidicas ou tangiveis, visiveis para os assistentes. Muito excepçionaes.

Mediums de transportes ; os que podem servir de auxiliares aos Espiritos para a transposição de objectos materiaes. E' uma variedade dos mediums motores e de transladação. Excepçionaes.

(*Continúa.*)

ERRATAS DO N. 3

- Pag. 83, linha 19.... foi ter.... lêa-se : « foram ter....
Pag. 97, linha 26.... a causa.... lêa-se : « as causas....
Pag. 91, linha 28.... repercursão.... lêa-se : « repercussão....
Pag. 98, linha 23.... do facto.... lêa-se : « do jacto....
Pag. 99, linha 8.... Arabe segurou.... lêa-se : « Arabe que segurou...
Pag. 99, linha 37.... de oiro e seda pantomima.... lêa-se : « de oiro,
uma pantomima....
Pag. 103, linha 3.... mediums das.... lêa-se : « mediums dos....
Pag. 104, linha 4.... sem que tenha.... lêa-se : « sem que tenham....
Pag. 104, linha 6.... d'elle não lhe parecem.... lêa se : « d'elles não
lhes parecem....
Pag. 104, linha 7.... acontece nas pessoas.... lêa-se : « acontece como
as pessoas....
Pag. 104, linha 23.... do porte.... lêa-se : « da parte....
-

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 5. —

MAIO DE 1875

A Loucura.

(Vide Revista de Abril, pag. 109)



Quando não soffriamos da *loucura* espirita, quando não estavamos possuidos por essa *monomania* que nos engrandeceu o horisonte da comprehensão Divina, quando não eramos *idiotas* e portanto suppunhamos que o nosso eu era mortal, mais de uma vez haviamos sustentado a marcha progressiva do espirito humano. Não sabiamos bem explicar como se operava o facto, mas o certo é que não admittiamos a marcha circular como querem muitos pensadores. Já então diziamos a verdade, pois tal é a marcha do principio intelligente individualisado nos seres. A linha recta é o traço do mundo espirital, assim como a curva é o traço do mundo material.

Como póde o materialista, como nós o fomos, sustentar a marcha progressiva do Espirito humano sem admittir a sua immortalidade, a sua individualidade, e como póde o espirituista dizer que elle descreve um circulo? Idéas incompletas em ambos, atrazo, pouco adiantamento moral.

Não admira-nos, pois, encontrar tanta confusão nas opiniões dos diversos physiologistas, bem como terem as diversas escolas confundindo o effeito com a cau-a e a causa com o effeito.

O fundador da phrenologia, o celebre anatomista Gall, attribuiu á ignorancia que havia na antiguidade, relativamente aos conhecimentos das leis physiologicas e anatomicas, terem Aristoteles, Galiano e os da mesma escola attribuido as operações da vida a um ser espirital independente da materia:—a alma;

por isso, não se admirava que esse agente, tivesse satisfeito aos philosophos que o modificava pondo-o de harmonia com a philosophia escolastica de cada dia. Assim, Borelli, Robinson, Cheyne, Mead, Potersfield, bem como Lavater enxergaram n'alma a causa efficiente da organisação.

Swammerdam, Perrault, Stahl, Sauvages fizeram d'alma a guarda do corpo, e a ella attribuiram todos os incidentes da doença e da cura. Thomaz d'Aquino deu a alma um poder illimitado sobre o corpo. Lippert chegou a negar toda a influencia do organismo. Entretanto, se prevalecesse o que diz Gall sobre a ignorancia das leis anatomicas na antiguidade. Eupédoclo, Leucipede, Democrito, Hippocrates e sua escola, os Stoiccs, Heraclido, Epicuro, Asclépiado, Archigeno, Lucreceo e Aréteo, não olhariam as funcções vitaes como resultado da organisação do corpo.

Os proprios erros humanos são instructivos; a prova o temos mesmo nos disvarios da razão: — os loucos nos instruem.

Gall errou, mas disse-nos alguma cousa que aproveita a verdade. Todos os seus trabalhos tendem a demonstrar as duas theses seguintes: 1.^a, a intelligencia repousa exclusivamente no cerebro; 2.^a, cada faculdade tem no cerebro seu órgão proprio. Abalançando-nos a contrariar a primeira these não vamos de encontro á Gall somente, mas contra toda escola organista, a qual sempre e por toda parte aniquilou a alma, ou quando não, assemelhança a Descartes (*) amesquinhando-a, fazendo-a ter como séde um só ponto no corpo!

Flourens diz que essa primeira these sustentada por Gall não era nova, assim como, a segunda nada tem de verdadeira. Prova com o proprio Gall que, d'essa segunda these, haviam dito a mesma cousa Soemmering, Haller e Cabanis, e cita estes para não remontar á maior antiguidade. Flourens pertence á escola organista; portanto concorda com Gall, Cabanis, etc. que seja o cerebro a séde d'alma.

Esses physiologistas confundiram-se assombrosamente nas distincções que fizeram, porque não tinham idéa precisa do que fosse a alma. O cerebro é tanto séde d'alma, como todos os mais órgãos do corpo.

Não pensem que a semelhança de Lippert negamos a influencia do organismo; mas, tal como Thomaz d'Aquino damos ao espirito grande poder sobre o corpo.

(*) Descartes collocou a alma na glandola pineal; Willis, nos corpos cannelados; Lapeyronie, nos corpos callosos; etc, etc.

O cerebro é materia ; logo, não reside n'elle a intelligencia. Elle é apenas o órgão das manifestações da intelligencia, bem como de outras faculdades da alma. A alma não é intelligente por causa do cerebro, órgão que ella não tem ; porém um corpo humano animado por um Espirito intelligente, necessita de um cerebro bem organizado para as suas intelligentes manifestações á vida exterior de relação.

No seu systema phrenologico Gall desenvolveo a segunda these, tirando argumentos da observação dos factos, porém erroo por fazer depender dos órgãos as faculdades d'alma, quando é justamente o contrario ; isto é, tal órgão existe desenvolvido, porque o Espirito tem tal faculdade. Emquanto os physiologistas não conhecerem a participação do Espirito na confecção do corpo carnal, jamais poderão chegar a conclusões precisas. Estudem o Espirito e melhor comprehendirão a antropologia. O corpo é modelado pelo Espirito ; n'elle trabalha o principio intelligente individual desde os primeiros instantes da gestação.

Não pensem que essa proposição encontra objecção nas verdades que proclama a anatomia comparada servindo-se das seguintes palavras ditadas por Cuvier: « A proporção do cerebro com a medula allongada, proporção mais avantajada do cerebro no homem do que nos outros animaes, é grande indicadora da perfeição da intelligencia, porque é o melhor indicio da preeminencia que o órgão da reflexão conserva sobre o dos sentidos exteriores. » A intelligencia, nos animaes, parece tanto maior quanto mais volumosos são os hemispherios. »

Não estamos nas épocas do obscurantismo philosophico, por isso que a philosophia espirita methodisou as verdades esparsas nas sciencias e crenças dos povos. O homem tem uma alma ou Espirito ; o bruto tambem a tem.

Digamos em poucas palavras:—é a alma que *tembra*, que *julga*, que *imagina* etc., etc. Todas as faculdades são d'alma, os órgãos são os instrumentos das suas manifestações. Vemos, pois, que não pôde haver essa independencia que querem certos espirituualistas entre a alma e o corpo, e o quanto é erronea a opinião dos materialistas que, confundindo a causa com o effeito, chegam a attribuir intelligencia á materia.

Completemos tanto quanto nos fôr possível n'este artigo o estudo do Capitulo da obra de Esquirol sobre a allucinação do qual fallámos na REVISTA de Março.

Esquirol começa o capítulo de sua obra (*) tratando da allucinação nos seguintes termos: « Um homem que tem a convicção íntima de uma sensação actualmente percebida, quando objecto algum exterior, proprio a excitar essa sensação, não está na penetração de seus sentidos, acha-se em um estado de allucinação: *é um visionario.* »

Como aceitar estas palavras? Tomal-as como uma definição ou como uma explicação? Como quizerem; nós apenas as consignamos.

« Sauvage, diz Esquirol, deu o nome de allucinação aos erros de um homem que, tendo uma lesão de sentidos, não percebe mais as sensações como as percebia antes d'essa lesão. »

« Sagar chama allucinação as falsas percepções que formam a primeira ordem das vesanias de sua Nosologia. Lineu as faz entrar na ordem das doenças da imaginação. Cullen as colloca entre as enfermidades locaes. »

Darwin, e depois d'elle os medicos inglezes, deram o nome de allucinação ao delirio parcial que só affecta um sentido, e não obstante o empregam indifferentemente como synonymo de delirio. »

« O symptoma do delirio, diz Esquirol, tem sido confundido por todos os autores, com as lesões locaes dos sentidos, com a associação viciosa das idéas, finalmente com os effeitos da imaginação. Somente tem sido estudado no que diz respeito á vista, e por fórma alguma quando produz idéas pertencentes aos outros sentidos. Não obstante considerado em todas as suas variedades qualquer que sejam os sentidos a que pareça pertencer, esse symptoma é muito frequente; é um dos elementos da loucura e pôde-se encontrar em todas as variedades d'essa enfermidade. »

« Os livros asceticos de todos os povos, a historia da magia, da feitiçaria de todas as idades, os fastos da medicina mental, fornecem factos numerosos de allucinação; eu mesmo tenho recolhido e publicado grande numero. As observações seguintes, mostram as allucinações, tão isoladas quanto possível, dos outros symptomas de loucura. »

« M.N. idade 51 annos, temperamento bilioso-sanguinio, tendo a cabeça grande, o pescoço curto e a face colorida, foi *prefeito*, em 1812, de uma grande cidade d'Allemanha, a qual se insurgio contra a vanguarda do exercito francez em retirada. A desordem resultante d'esse acontecimento, a responsabilidade

(*) DAS MOLESTIAS MENTAES.

que pesava sobre o prefeito, transtornaram a cabeça d'este; julgou-se accusado de alta traição, e, por conseguinte deshonrado. N'esse estado, cortou o pescoço com uma navalha; desde que recobrou os sentidos, ouviu vozes que o accusavam; curado do ferimento, ouve as mesmas vozes, persuade-se estar cercado de espiões, acredita-se denunciado pelos creados. Essas vozes repetem-lhe noite e dia que elle havia traído ao seu dever, que estava deshonrado, que nada havia de melhor á fazer além de suicidar-se: ellas serviam-se alternativamente de todas as linguas da Europa, familiares ao doente: uma unica voz era ouvida menos distinctamente, porque servia-se do idioma russo, que M. N. fallava com menos facilidade do que as outras. Por entre essas differentes vozes, o doente distinguia muito bem a de uma senhora que repetia tivesse paciencia e confiança. Muitas vezes M. N. se punha de lado para melhor escutar e melhor comprehender; questionava, respondia, provocava, desafiava, encolerisava-se, dirigindo-se ás pessoas a quem acreditava fallar: estava convicto que seus inimigos, auxiliados por meios diversos, podiam adivinhar seus mais intimos pensamentos e fazerem chegar até a si as censuras, as ameaças, os avisos sinistros que o acabrunhavam, em tudo mais elle raciocinava com perfeita justiça, todas as suas faculdades intellectuaes estavam em perfeita integridade. Seguia a conversação em qualquer assumpto com o mesmo espirito, o mesmo saber, a mesma facilidade como antes da sua enfermidade. »

M. N. no estio de 1812 voltou para seu paiz, foi habitar um Castello, no qual recebia muita gente; se a conversação o interessava, não ouvia as vozes; se era languida, ouvi-as perfeitamente, e se deixava a sociedade, pondo-se de parte, melhor ouvia o que lhe diziam as pérfidas vozes; tornava-se então inquieto e insociavel. No outono seguinte voltou á Paris, os mesmos symptomas o obsecam durante o caminho e exasperam-se depois da sua chegada. As vozes lhe repetiam: « Suicida-te, tu não podes sobreviver á tua deshonra..... Não não ! respondia o doente, não terminarei a minha existencia, senão quando me tiver justificado; não legarei uma memoria deshonrada á minha filha. » Apresentou-se em casa do ministro da policia, (Real) o qual o acolheu com benevolencia, e procurou calmal-o; porém apenas chegou á rua, as vozes de novo o obsedaram.

« Fui convidado para ir ter com o doente: encontrei-o passeando no corredor do hotel em que estava hospedado com sua filha unica etc. etc. » Esquirol relata os meios que empregou

para curar M. N. , e esses foram as medicações e a palestra habilmente dirigida para o convencer de ser o seu estado uma allucinação. Conseguiu finalmente cural-o.

« Esta observação, diz Esquirol, offerece o exemplo de uma allucinação do ouvido a mais simples das que observei. Unicamente, a allucinação caracterisava a affeição cerebral d'esse doente; suas inquietações, suas desconfianças, seus temores, eram apenas consequencia d'esse phenomeno, o qual persistio por mais de dois mezes, posto o convalescente tivesse recobrado inteiramente o livre exercicio do entendimento. O habito era a causa d'essa persistencia ! » Varios exemplos podiamos apresentar tirados da obra de Esquirol, mas para o fim que temos em vista, nada adiantariamos com isso. Basta transcrevermos o que de essencial nos diz, no capitulo que estudamos n'este momento.

« Ha allucinados, diz Esquirol, que sentem asperesas, alfinetadas, armas que os ferem e que os rasgam, ao passo que estão deitados em cama macia ; são transportados ao longe, julgam ter nas mãos corpos que não existem n'ellas. Alguns monomaniacos, alguns epilepticos no começo dos accessos, crêem que se lhes toca, que se lhes bate ; mostram o corpo, allegando estar dorido pelas pancadas recebidas. Um general acreditava ter um ladrão e sacudia violentamente os braços, como se tivesse alguem a quem quizesse assustar, »

« Em resumo, esses individuos acreditam ter presente pessoas e cousas que não têm existencia real, senão em si proprias ao menos para ellas ; os sentidos, as extremidades sentidoras não participam por fórma alguma n'esse delirio ; esses doentes nada têm á desemaranhar com o mundo exterior ; estão em um estado de allucinação : são allucinados. »

Esquirol termina esse capitulo nos seguintes termos : « As allucinações dependentes das impressões percebidas pelo gosto e o cheiro, são reproduzidas particularmente no começo das loucuras. Porém as que pertencem á vista e ao ouvido são mais frequentes em todos os periodos da molestia. As allucinações da vista, reproduzem objectos que interessão geralmente mais e que mais impressão fazem sobre a multidão, são chamadas *visões* ; esse nome convém apenas a um modo de allucinação. Quem ousaria dizer, as visões do gosto, as visões do cheiro ? e entretanto as imagens, as *idéas*, as *noções* que parecem pertencer a alteração funcional d'esses tres sentidos, apresentam-se ao espirito com os mesmos caracteres, têm a mesma séde, isto é, o cerebro, são provocadas pelas mesmas causas, manifes-

tam-se nas mesmas molestias como as allucinações da vista, como as *visões*. Faltava um termo generico. Propuz a palavra *allucinação* como não tendo accepção determinada, e podendo convir conseguintemente á todas as variedades do delirio, as quaes supõem a presença de um objecto proprio a excitar um dos sentidos, posto que esses objectos não estejam na alçada dos sentidos. »

« As allucinações é signal pouco favoravel para a cura, nas vesanias (*). Sendo apenas um symptoma do delirio pódem convir á muitas molestias do entendimento, quer agudas, quer chronicas, para ellas não existe um tratamento particular. Entretanto, devem não obstante entrar em grande consideração na direcção intellectual e moral dos alienados, e nas vistas therapeuticas que os medicos devem se propor. »

N'esse capitulo além do que acabamos de transcrever e do que já dissemos ao terminar o artigo da REVISTA de Março, nada encontra-se que theoreticamente nos faça conhecer o phenomeno da allucinação. Como o leitor acaba de lêr, as proprias explicações que dá Esquirol não passam de uma especie de affirmativa. Daremos desde já a theoria da allucinação como nos ensina a philosophia espirita, e o leitor comparando-a com o que nos diz Esquirol, o proprio que applicou o termo—ALLUCINAÇÃO, acreditamos que a encontrará positiva, logica e racional. As obras que conhecemos dos alienistas são fecundas nas descripções dos factos ; mais ou menos completas em suas classificações, mas não encontramos uma theoria d'esses phenomenos que no seu conjunto constituem ao que o Doutor Trélat chamou em sua obra loucura lucida. A razão é simples, em sua doutrina elles não admittem a existencia do mundo invisivel ; nunca o observaram, não o conhecem e por isso querem explicar com a palavra ALLUCINAÇÃO phenomenos que pertencem ao mundo incorporeo.

A palavra allucinação quer dizer : um erro, illusão de uma pessoa que crê ter percepções que não existem realmente (vem da lingua latina *hallucinari*). Qual a razão physiologica d'esse phenomeno ? Os physiologistas ainda não deram. Geralmente acredita-se que para os sabios a physiologia e a optica não têm mysterios, entretanto elles ainda não ex-

(*) *Vesanias* emprega-se communmente esta palavra como synonymo de molestia mental. Pinel a definiu: uma lesão das funcções do entendimento ou das faculdades affectivas, não acompanhada de febre.

plicaram a natureza e origem das imagens que em certas circumstancias se formam e apresentam-se ao espirito, ou mesmo se o quizerem, imprimem-se no cerebro. Querem tudo explicar sómente pelas leis da materia: que expliquem, porém dei-nos por meio de taes leis uma theoria da allucinação; bôa ou má, em todo caso será melhor do que ha dito Esquirol e tem repetido todos os mais physiologistas.

A causa dos sonhos nunca foi explicada pela sciencia; porque, attribuil-os a um effeito de imaginação, seria preciso que nos dissessem o que é a imaginação, o como se produz essas imagens tão nitidas e tão claras que nos apparecem algumas vezes; de outra fórma, é continuar a senda trilhada que consiste em explicar uma cousa desconhecida por outra muito menos conhecida. Nos livros da sciencia esta questão está intacta. Vejam se a doutrina espirita a resolve.

Geralmente dizem que o sonho é uma lembrança das preocupações do estado de vigilia; porém, ainda mesmo admitindo essa solução, que sem duvida nada resolve, restaria saber qual o espelho magico que assim retrata a impressão d'essas preocupações; como explicar principalmente essas visões de cousas reaes que jámais foram vistas quando em vigilia, e não se tendo mesmo pensado n'ellas? Só o espiritismo pôde dar-nos a chave d'esses phenomenos bizarros, que passam inapercebidos, talvez mesmo por serem vulgares, como acontece com as grandes maravilhas da natureza que nós calcamos aos pés.

Os sabios parecem ter desdenhado em occuparem-se com a allucinação; quer seja ella real, quer não, nem por isso deixa de ser um phenomeno, que a physiologia deve saber explical-o, sob pena de confessar sua incapacidade. Entretanto, se algum sabio um dia tentar, não uma definição, entendamo-nos porém uma explicação physiologica, então veremos se a sua theoria resolve todos os casos; que n'ella não omitta principalmente os factos das aparições de pessoas no momento da morte; que nos diga d'onde vem a coincidencia da aparição com a morte da pessoa? Se fosse um facto isolado, podia-se attribuir ao que geralmente chamam accaso, porém como é frequente, segue-se que não pôde o accaso repetir-se tantas vezes. Ainda mais, se aquelle que vio a aparição tivesse a imaginação preocupada pela idéa de que certo individuo estava á morte, ainda bem; porém, o que apparece o mais das vezes é aquelle em quem

não se havia pensado ; portanto, a imaginação em casos taes não toma parte. Pela imaginação ainda menos pôde-se explicar as circumstancias que se deram por occasião do fallecimento, das quaes não se podia ter a minima idéa, e que entretanto foram vistas por quem teve a apparição. Dirão, nas allucinações, a alma (isto refere-se aos que admittem a alma) tem momentos de superexcitação em que suas faculdades exaltam-se ! Concordamos ; porém, quando o que ella viu é real, não é uma illusão ! Se em sua exaltação a alma vê uma cousa que não está presente, é porque ella se transporta ; mas se a nossa alma pôde se transportar para ir ter com uma pessoa ausente, porque, a alma d'essa pessoa ausente não se transportará para vir ter conosco ? Que na sua theoria da allucinação os physiologistas queiram attender a esses factos, e não perderem de vista que a uma theoria que se pôde appor factos contrarios é necessariamente falsa ou pelo menos incompleta.

Emquanto aguardamos a explicação dos sabios physiologistas emitamos algumas idéas sobre o assumpto.

Os factos provam que ha verdadeiras apparições que a theoria espirita explica perfeitamente, e que só podem ser negadas por aquelles que nada admittem fóra do organismo ; porém ao lado das visões reaes, haverão allucinações no sentido ligado á palavra ? Não ha que duvidar. Qual a origem d'ellas ? São os espiritos que nos vão traçar a senda, por isso que, a explicação nos parece estar contida nas respostas ás seguintes perguntas :

São sempre reaes as visões ou algumas vezes são o effeito da allucinação ? Quando se vê em sonho, ou por outra fórma, o diabo, verbi-gratia, ou outras cousas phantasticas que não existem, não é isso o producto da imaginação ?

« Sim, algumas vezes, quando se está impressionado por certas leituras ou pelas historias diabolicas que impressionam, recorda-se e acredita-se ver o que não existe. Porém, temos dito tambem que, o espirito debaixo do seu invólucro semi-material, pôde tomar todas as fórmulas para se manifestar. Um espirito mofador pôde, pois, apparecer com chifres e garras, se isso lhe apraz, para zombar da credulidade, como um bom espirito pôde mostrar-se com azas e semblante radioso. »

Pôde-se considerar como apparições as figuras e outras imagens que muitas vezes se apresentam quando se está meio

adormecido, ou simplesmente quando se está de olhos fechados?

« Desde que os sentidos se intorpecem, o espirito se desprende, e póde ver ao longe ou de perto, o que não podia ver com os olhos. Essas imagens são muitas vezes visões, mas podem ser também um effeito das impressões que a vista de certos objectos deixou no cerebro, o qual conserva d'ellas traços como conserva a impressão do som. O espirito desprendido vê então no cerebro do seu proprio corpo essas estampas, que n'elle se fixaram como sobre uma placa de daguerreotypo. A variedade d'ellas e suas mesclas formam conjunctos bizarros e fugitivos que se apagam quasi no mesmo instante, apezar dos esforços que se faz para os reter. E' a uma causa semelhante que é preciso attribuir certas aparições phantasticas que nada têm de real e que se produzem muitas vezes no estado de molestia. »

E' certo que a memoria, considerada como facto da vida exterior de relação, é o resultado das impressões conservadas pelo cerebro. Qual o singular phenomeno de não se confundirem essas impressões tão variadas, tão multiplas? E' isso um mysterio não facil de ser penetrado, porém que não é mais estranho do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar, e que nem por isso deixam de ser distinctas. A memoria, porém, considerada como faculdade do espirito e independente d'esta nossa vida de relação, prende-se a um facto perispiritual, que não póde ter logar n'este momento, por isso que tratamos de um phenomeno (a allucinação) da vida exterior de relação.

Em um cerebro bom e bem organizado, essas estampas, de que acima fallámos, são claras e precisas ; em um estado menos favoravel, apagam-se e confundem-se ; d'ahi, a perda da memoria ou a confusão das idéas. Isso parecerá ainda menos extraordinario admittindo-se, como em phrenologia, um destino especial á cada parte e mesmo á cada uma das fibras do cerebro.

As imagens levadas ao cerebro, pelos olhos deixam n'elle, pois, uma impressão, a qual faz com que se recorde de um quadro, verbi-gratia, como se o tivesse presente diante de si, porém é sempre uma questão de memoria, porque não se o enxerga ; ora, em um certo estado de emancipação, a alma vê no cerebro e n'elle torna achar essas imagens, principalmente as que mais a impressionou, conforme a natureza das preocupações ou as disposições do espirito ; é assim que

ella n'elle torna achar a impressão das scenas religiosas, diabolicas, dramaticas, mundanas, figuras de animaes bizarros que ella vio em outra época pintados ou mesmo em narrações, porque as narrações tambem deixam impressões. Assim, a alma enxerga realmente, porém, enxerga apenas daguerreotypada no cerebro uma imagem. No estado normal essas imagens são fugitivas e ephemeras, porque todas as partes cerebraes funcionam livremente; porém no estado de molestia, o cerebro está sempre mais ou menos enfraquecido, o equilibrio não existe em todos os órgãos, alguns sómente conservam sua actividade, ao passo que outros acham-se de alguma sorte paralyzados; d'ahi a permanencia de certas imagens que não se apagam, como acontece no estado normal, pelas preoccupações da vida exterior. Eis a verdadeira allucinação e a causa primitiva das idéas fixas.

Como acabamos de ver fica essa anomalia explicada por uma lei physiologica bem conhecida, A DAS IMPRESSÕES CEREBRAES, mas não dispensa a intervensão da alma; ora, os materialistas não poderão dar uma solução satisfatoria d'esse phenomeno, porque desconhecem a alma. Esses dirão que a explicação espirita do phenomeno da allucinação é má, porque serve-se de um agente contestado; porém, como esse agente é contestado por elles e admittido por immensa maioria desde que ha homens sobre a terra, a negação de alguns não póde estabelecer lei.

Tal qual acabamos expôr a theoria da allucinação explica todos os casos de visões? Certamente que não; desafiemos, porém, aos physiologistas a darem, debaixo do seu ponto de vista exclusivo, uma que resolva todos os casos; porque, quando empregam as palavras sacramentaes—superexcitação e exaltação—nada dizem: Logo, se todas as theorias da allucinação são incompletas para explicar todos os factos, é que ha alguma coisa além da allucinação propriamente dita. A theoria que acabamos de dar seria falsa se a applicassemos á todos os casos de visões, porque certos phenomenos a contradiriam.

E' justa quando applicada á certos factos, como acabamos de ver.

(Continúa.)

Theoria da presciencia.

(Vide Revista de Abril pag. 119.)

E' preciso não suppôr que a percepção da presciencia se limita a extensão, mas sim que ella comprehende a penetração em todas as cousas; é, nós o repetimos, uma faculdade inherente e proporcionada ao estado de desmaterialisação. Essa faculdade é *amortecida* pela encarnação, porém não fica completamente annullada; porque a alma não fica encerrada no corpo como em uma caixa. O encarnado a possui, posto que em proporção mais restricta do que quando no estado livre inteiramente; é essa faculdade que dá a certos homens um poder de penetração que falta nos outros totalmente, maior justeza no golpe de vista moral, e comprehensão mais facil das cousas extramateriaes.

Não somente o Espirito encarnado percebe, como lembra-se do que viu no estado de Espirito, e essa lembrança é semelhante a de um painel que se retraça em seu pensamento. Na encarnação, o Espirito vê, porém vagamente e como que através de um véo; no estado de liberdade, vê e concebe claramente. *O principio da vista não está fóra d'elle, mas sim n'elle*; é por isso que não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o circulo das idéas e da concepção se alarga; pela desmaterialisação do perispirito, este purifica-se dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das percepções; segue-se d'ahi que a extensão de todas as faculdades resulta do progresso do Espirito.

Na encarnação, é o gráo da extensão das faculdades do Espirito que o torna mais ou menos apto para conceber as cousas espirituas. Não obstante, essa aptidão não é consequencia necessaria do desenvolvimento da intelligencia; a sciencia vulgar não a dá; é por isso que se vê homens de grande saber, tão cegos nas cousas espirituas, como outros nas cousas materiaes; esses são refractarios porque não as comprehendem, e não as comprehendem porque o seu progresso não está completo *ainda* n'esse sentido, ao passo que, se vê pessoas de instrucção e de intelligencia vulgar apanhal-as com pasmosa facilidade, o que prova terem intuição antecipada. N'estas, é uma lembrança retros-

pectiva do que viram e souberam, quer na erratecidade, quer em suas existencias anteriores, como outras têm a intuição das linguas e das sciencias que possuiram.

Quanto ao futuro do Espiritismo, os Espiritos, como se sabe, são unanimes na affirmação do triumpho proximo, apesar dos embaraços que se lhe oppõe; essa previsão lhes é facil, em primeiro lugar, porque a propagação é obra d'elles, concorrendo para o movimento ou o dirigindo consequentemente sabem, o que devem fazer; em segundo lugar, basta abraçarem um periodo de curta duração, e n'esse periodo elles enxergam sobre a senda as potencias auxiliares que Deus lhe suscita, e que não tardaram a se manifestar.

Sem serem Espiritos desincarnados, os Espiritas bastam cogitar no que se ha de dar d'aqui até o fim do seculo no meio da geração que se levanta, e facil será predizer a marcha progressiva do Espiritismo, e o desaparecimento progressivo dos que hoje em dia se oppõem a essa arvore gigantesca, que cada dia cresce e se enraiza no solo da verdade e da razão.

Os acontecimentos vulgares da vida privada são, o mais das vezes, a consequencia da fórmula deliberativa de cada um: tal conseguirá, conforme a sua capacidade, seu saber, sua previdencia, sua prudencia, e sua energia, onde outro nada fará por sua insufficiencia; de sorte que, póde-se dizer, cada um é o artista de seu proprio futuro, o qual nunca está submettido a uma cega fatalidade independente do individuo. Conhecendo o caracter de um individuo póde-se facilmente predizer a sorte que o aguarda no caminho que trilha.

Os acontecimentos que dizem respeito aos interesses geraes da humanidade são regulados pela Providencia. Quando uma cousa está nos designios de Deus, elle deve completar-se necessariamente, quer por um ou quer por outro meio. Os homens concorrem para a sua execução, porém nenhum é indispensavel, de outra fórmula o proprio Deus estaria á mercê das suas creaturas. Se o individuo que se incumbio de executar uma missão, falha, outro é encarregado d'ella. Não ha, pois, missão fatal; o homem é sempre livre em cumprir o que lhe é confiado e que voluntariamente acceitou; se não o executa, perde o beneficio, e assume a responsabilidade da demora que póde provir pelo facto da sua negligencia ou do seu máo querer; se torna-se um obstaculo á realisação, Deus póde quebral-o com um sopro.

Póde, pois, o resultado final de um successo ser certo desde

que está nas vistas de Deus ; porém, como o mais das vezes, os detalhes e o modo de execução são subordinados ás circumstancias e ao livre arbitrio dos homens, as sendas e os meios pódem ser eventuaes. Os Espiritos pódem nos fazer antever o conjuncto, se ha utilidade em estarmos prevenidos ; mas, para precisar o logar e a data, precisaria que elles conhecessem com antecedencia a determinação que tomará tal ou tal individuo ; ora, se essa determinação não está ainda no pensamento, conforme terá de ser, ella póde apressar ou a retardar o desfeicho, modificar os meios secundarios da acção, concorrendo tudo para o mesmo resultado. E' assim, por exemplo, que os Espiritos pódem pelo conjuncto de circumstancias, prever que uma guerra está mais ou menos proxima, que é inevitavel, sem predizer o dia em que começará, nem os incidentes dos detalhes que pódem ser modificados pela vontade dos homens.

Para a fixação da época de acontecimentos futuros, é preciso, por outra, ter em vista uma circumstancia inherente á natureza propria dos Espiritos.

O tempo, da mesma sorte o espaço, não póde ser avaliado senão pelo auxilio de pontos de comparação ou de reparo que o dividem em periodos contaveis. Sobre a terra, a divisão natural do tempo em dias e em annos é marcado pelo levantar e deitar do sol, e pela duração do movimento de transladação da terra. As unidades de medidas devem variar conforme os mundos, visto que os periodos astronomicos são differentes ; é assim, por exemplo, que em Jupiter, os dias equivalem a dez das nossas horas, e os annos quasi a doze annos terrestres.

Ha, pois, em cada mundo uma maneira differente de avaliar a duração, conforme a natureza das revoluções astraes que ahi se completarem ; isso, seria já uma difficuldade para a determinação de nossas datas para os Espiritos que não conhecem o nosso mundo. Ainda mais, fóra dos mundos, esses meios de apreciações não existem. Para um Espirito no espaço, não ha nascer nem pôr do sol marcando os dias, nem revoluções periodicas marcando os annos ; ha apenas a duração e o espaço infinito. Aquelle que não tenha vindo á terra, não terá conhecimento algum dos nossos calculos, que, por fim, lhe será completamente inuteis ; ainda mais : o que não se tiver encarnado em mundo algum não terá noção alguma das fracções da duração. Quando um Espirito estranho á terra n'ella se manifestar, não póde assignar a data dos acontecimentos, senão identificando-se com os nossos usos, o que sem duvida está em seu poder, mas o que, o mais das vezes, não julga util fazer.

Os Espiritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde já viveram e onde continuam a viver no meio de nós, estão naturalmente identificados com os nossos habitos, dos quaes levam a lembrança para a erraticidade. Estes podem, com mais facilidade, marcar a época de um acontecimento futuro quando o conheçam; porém nem sempre isso lhe é permittido, por serem impedidos pelas causas dos detalhes que são subordinados ao livre arbitrio e ás decisões eventuaes do homem: portanto, a data precisa só tem logar quando o acontecimento se realisa.

Eis porque as predicções circumstanciadas não podem offerecer certeza, e só devem ser acceitas como probabilidades, quando mesmo não tragam o cunho de *legitima suspeição*. Tambem os Espiritos verdadeiramente sabios nunca predizem cousa alguma fixando a época; limitam-se a nos fazer antever sem participação cousas que nos são uteis conhecer. Insistir em obter detalhes precisos, é expôr-se ás mystificações dos Espiritos levianos que predizem tudo quanto se quer, sem se importarem com a verdade e divertem-se com os sustos e com as decepções que causam.

A fórmula assás geralmente empregada até aqui para as predicções fazem d'ellas verdadeiros enigmas, muitas vezes indécifraes. Essa fórmula mysteriosa e cabalística, da qual Nostradamus offerece o mais completo typo dá-lhe um certo prestigio aos olhos do vulgo, que tanto mais valor lhe attribue, quanto mais incomprehensíveis são as predicções. Pela ambiguidade, prestam-se a interpretações muito differentes; de sorte tal que, conforme o sentido attribuido á certas palavras allegoricas ou de convenção, conforme a maneira de contar o calculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, n'ella se acha quasi tudo quanto se quer.

Como quer que seja, não se póde deixar de convir que algumas têm um character serio, e confundem por sua veracidade. E' provavel que essa fórmula mysteriosa tenha tido, em certo tempo, sua razão de ser e mesmo sua precisão.

Hoje em dia, as circumstancias não são as mesmas; o positivismo do seculo pouco se accommodaria com linguagem sibyllina. Portanto, as predicções dos nossos dias não affectam mais essas fórmulas estranhas; as que fazem os Espiritos nada

têm de mystico : elles fallam a linguagem commum, como fariam se fossem vivos corporalmente, porque não cessaram de pertencer á humanidade; elles nos fazem presentir as cousas futuras, pessoas ou geraes, quando isso nos póde ser util, na medida da perspicacia de que são dotados, como fazem os conselheiros e os a nigos. As suas previsões, são, antes advertencias, que nada tiram ao livre arbitrio, do que predicções propriamente ditas, que implicariam uma fatalidade absoluta. Sua opinião é, por outra, quasi sempre motivada, porque não querem que o homem annulle sua razão debaixo da fé cega, isso que o permite fazer apreciação do que é justo,

A humanidade contemporanea tem tambem prophetas; mais de um escriptor, poeta, litterato, historiador ou philosopho, fizeram presentir em seus escriptos a marcha futura que hoje se vê realisar.

Essa aptidão prende-se, sem duvida, muitas vezes, á certeza do discernimento com que se deduzem as consequencias logicas do presente; porém, muitas vezes tambem é o resultado de uma intelligencia especial inconsciente, ou de uma inspiração estranha. O que esses homens fizeram quando vivos, podem com mais forte razão fazel-o e com mais exactidão no estado de Espirito, por isso que a vista espiritual não está obscuricida pela materia.

Posto não sejam os factos de presciencia novidades para o leitor, não obstante, para exemplificar a theoria d'elles, citaremos dois que já foram realisados, e os quaes são attestados por pessoas insuspeitas.

Na REVISTA de Março, no artigo—*factos vulgarmente chamados —visões*,—fallámos de uma senhora residente em Baependy. E' da mesma senhora X que vamos relatar os dois factos seguintes :

Ha annos achava-se a senhora X em companhia de algumas pessoas juntamente com algumas creanças. A conversação, em um momento dado, versou sobre um dos meninos presentes, o qual se destinava á carreira sacerdotal. Nada parecia oppôr-se á carreira projectada á creança. Os pais tinham fortuna sufficiente, para mandar estudar seu filho; havia desejo ardente da parte d'elles e inclinação da parte do menino.

Uma pessoa das que se achavam presentes disse:—Eis quem mais tarde será o nosso padre. Não, respondeu a senhora X, esse menino não se ordenará: Quem ha de ir estudar, tomar ordens, e vir dizer missa em uma capella que vou erigir, é este: Indicou uma das creanças, cujas condições, n'aquelle momento, não podiam induzir pessoa alguma á crêr que fosse possivel ella sair de Baependy para estudar: nem mesmo, a vontade da senhora X podia despertar a idéa de que ella mandaria estudar o menino, porque não estava essa senhora nas condições de fortuna que o podesse fazer. Pois bem. A creança que se destinava á carreira ecclesiastica, não tomou ordens, e o menino indicado pela senhora X, já ha muito que disse a sua primeira missa na capella que, a mesma senhora conseguiu erigir debaixo da evocação de Nossa Senhora.

A senhora do meu amigo o coronel.*** relatou-me este outro facto da senhora X: « Achando-me em Baependy fui consultar a senhora X sobre uns escravos nossos que ha muitos annos estavam fugidos. Ella respondeu-me que os escravos estavam vivos, que residiam no matto, mas que eu ficasse certa que elles não estavam perdidos; porque, dentro em pouco tempo, uma pessoa havia de procurar meu marido para negociar esses escravos. Um mez ou pouco mais, depois da minha volta das aguas, já nem eu me lembrava do que me havia dito a senhora X, vejo chegar ao terreiro da fazenda, um homem procurando por meu marido. Esse homem veio tratar a compra d'aquelles nossos escravos fugidos, a qual se effectuou. »

O orgulho.

DISSERTAÇÃO MORAL DITADA PELO ESPIRITO DE S. LUIZ.

I.

Um soberbo possuia de terra alguns arpões; vaidoso estava com as pesadas espigas que enchiam seu campo, e olhar desdenhoso lançava para o campo esteril do humilde. Este levantava-se ao cantar do gallo, e todo dia ficava curvado sobre o sólo ingrato; pacientemente juntava os seixos e os ia lançar á beira do caminho; profundamente revolvía a terra, e afadigado ex-

tirpava as çarças que o cobria. Ora, seus suores fecundaram seu campo e elle produzio puro frumento.

Entretanto, crescia o joio no campo do soberbo abafando o trigo, emquanto que o dono distrahido glorificava-se da fecundidade, e olhava escarinho para os esforços silenciosos do humilde.

Na verdade vos digo, o orgulho é semelhante ao joio que abafa ao bom grão. Todo aquelle d'entre vós que se julga mais que seu irmão, e que d'isso se gloria, é insensato; sabio é todo aquelle que trabalha em si, semelhante ao humilde em seu campo, sem vaidoso ficar de sua obra.

II.

Houve um homem rico e poderoso que possuia as graças de um principe, habitava palacios e numerosos creados se apresavam em prevenir seus desejos.

Um dia em que sua matilha perseguia um veado nas profundezas de uma floresta, elle avistou um pobre lenhador que afanosamente caminhava com um feixe de lenha ás costas; chamou-o e disse: « Vil escravo, passas por diante de mim sem te inclinar? Eu sou igual ao senhor, minha voz nos conselhos decide da páz ou da guerra, e os grandes do reino curvam-se diante de mim. Sabe que sou sabio entre os sabios, poderoso entre os poderosos, grande entre os grandes, e a minha elevação é obra das minhas mãos.

Senhor! respondeu o pobre homem, eu temia que a minha humilde saudação vos offendesse. Sou pobre, só tenho os meus braços por fortuna, porém não desejo as vossas enganosas grandezas. Durmo somno tranquillo, e não receio, como vós, que a vontade do senhor me faça cahir da minha obscuridade.

Os grandes humilhados erguem-se sobre si; ora, o principe cansou-se com o orgulho do soberbo, e este foi precipitado do cume do seu poder, semelhante á folha murcha que o vento varre do cume de uma montanha; porém o humilde continuou pacificamente o seu rude trabalho, sem preoccupar-se do dia seguinte.

III.

Soberbo, humilha-te, porque a mão do SENHOR curvará até no pó o teu orgulho!

Escuta! Nascestes onde a sorte te lançou; saistes do seio de

tua mãe fraco e nú como o ultimo dos homens. Porque levantas a tua fronte mais alto do que a de teus semelhantes, tu que como elles nascestes para a dôr e para a morte ?

Escuta ! Tuas riquezas, tuas grandezas, vaidades do nada, escaparão ás tuas mãos quando o grande dia chegar, semelhante as aguas vagabundas da torrente que o sol desecca. Não levarás de tuas riquezas mais do que as taboas do teu ataúde, e os titulos gravados sobre tua pedra mortuaria serão palavras sem sentido.

Escuta ! Do coveiro o cão com teus ossos brincará, e elles serão confundidos com os ossos do mendigo, e tua poeira se misturará com a sua, porque um dia ambos vós haveis de ser poeira. Maldirás então os dons que recebêstes vendo o mendigo revestido de sua gloria, e tu chorarás o teu orgulho.

Soberbo, humilha-te, porque a mão dô SENHOR curvará até no pó o teu orgulho.

A pluralidade dos mundos.

Foi sem duvida em um d'esses momentos em que o homem levantando os olhos para a abobada celeste medita sobre o que se passará n'essa immensidade de mundos, suspen os sobre nossas cabeças, que Lucreceo recebeu a inspiração dos seguintes versos :

Necesse est confiteare
Esse alios aliis terrarum in partibus orbes
Et varia Hominem gentes et sæcla ferrarum. (*)

O que o poeta latino nos disse ha mais de dois mil annos, é hoje confirmado pela sciência que sonda as infinitas regiões do espaço, que nos inicia sobre a natureza dos astros já pelo telescópio, já pela analyse spectral ! Se não com a precisão do observador que além de vêr apalpa, pelo menos com muita probabilidade o astrónomo nos diz: a lua parece não ter do lado que nos é visível nem atmosphera nem agua. Mercurio acha-se distante do sol 14,783,400 leguas. A nossa terra está distante do nosso astro luminoso 38,230,000 leguas. Comparando estas duas distancias e tendo em vista o

(*) Todo esse universo visível não é o unico na natureza, e devemos acreditar que existem outras regiões do espaço, outras terras, outros seres e outros homens.

calor solar sobre a superficie da terra, concluimos que em Mercurio o sol deve ser tão ardente que levará o chumbo á fusão.

Saturno está afastado do sol 364,351,600 leguas, tudo n'elle se deve passar diametralmente opposto ao que tem lugar em Mercurio. Falta-nos, pois, o termo de comparação para rigorosamente estabelecer a relação do frio que lá deve fazer. Quão fraca não será em sua superficie a luz solar, apesar da refração dos seus setes satelites e da do seu immenso anel; por isso que, o sol visto a uma tão grande distancia assemelha-se a uma das estrellas de primeira grandeza?!

E', pois, servindo-se dos dados fornecidos pela propria sciencia, que alguns formulam objecções contra a habitabilidade dos mundos e pretendem com ellas aniquilar a risonha idéa de não ser o nosso planeta o unico berço da humanidade! Verdade é que, os que assim objectam não são pessoas muito instruidas, nem reflectidas; porque, deveriam saber que, as observações microscopicas têm descoberto seres animados na propria chamma do fogo e nos gelos polares. Assim, pois, qual o valor das seguintes interrogações:

— Como podem viver em Mercurio? — Como habitar em Saturno? — Como respirar na lua e mitigar n'ella a sêde?

Dizemos que a lua não tem atmospherá, porque não a temos percebido; porém não se segue que não exista composta de elementos tão rarefeitos que escapem aos nossos meios de observação ou mesmo de elementos que nos sejam desconhecidos.

O que, pois, nos impede de conceber que seres com organização apropriada possam viver nos outros planetas, e que lá exista tambem a humanidade?

A opinião da pluralidade dos mundos habitados remonta á mais alta antiguidade, foi em todas as épocas idéa sustentada por muitos philosophos celebres, como o demonstra C. Flammarion em seus escriptos. E' uma das verdades que nos foi transmittida pelo Evangelho, n'estas palavras: A CASA DE MEU PAI TEM MUITAS MORADAS.

Conducção de flôres, corpo fluidico interceptando a luz.

Meu caro senhor Leymarie.

No dia 15 do corrente meu Espirito familiar pedio-me que eu fosse á casa de Buguét (na sexta feira) as 11

horas, porque desejava fazer-me alguma coisa em pleno dia. A' hora marcada achei-me em casa de Buguet com o medium, ignorando o que devia se passar (suppuz ser alguma materialisação para me dar o seu retrato). Perguntei-lhe : o que devemos fazer ? Respondeu, por intermedio do medium : « Buguet te collocará como habitualmente em posição. » Buguet perguntou-lhe antes de começar : « Tendes alguma coisa á dizer-me ? » Virei perfeitamente hoje, e farei um bello mimo á meu bom Juliano, porque o amo muito ; orno a minha frente, para tornar-me muito bella. »

Quando tudo se achou prompto, colloquei-me ; terminada a operação, Buguet e eu, descemos para desenvolver o cliché. Qual não foi o nosso espanto não enxergando coisa alguma sobre a placa ! (de 0. 30 + 0, 24). Não apparecer o Espirito, isso podia ser, porém o meu retrato e a mesa sobre a qual me apoiei, deviam infallivelmente sahir. Por meio do medium perguntamos a causa.

Resposta : « Porque, o que Clarita e eu, queremos offerer ao nosso bom Juliano não está ainda bem materializado e eu tapei completamente a luz diante da objectiva, á fim de que não penetrasse n'ella. Traba'hamos n'este momento para concluir o nosso mimo. — O mimo estará prompto no momento de minha collocação ? — Sim. » Teve logar a operação, e no momento em que Buguet feichou a objectiva, cahio-me do tecto da sala envidraçada, roçando-me a cabeça, uma esplendida corôa de flores admiraveis ; tem o diametro de 0. 5 e pesa 6 hectos ; o Espirito a lançou sobre mim, apenas a operação terminada. No desenvolvimento da placa, obtive uma prova magnifica do meu Espirito familiar ; seus cabellos são fluctuantes, elle sustenta na mão a sua bella corôa. (Fiz photographar o modelo que me deixou.) Este caso é muito interessante : 1° Essa bella, corôa foi materializada por elle, sustentada perto da minha cabeça, sem que pessoa alguma a enxergasse ; 2° essa corôa não estando prompta quando me colloquei a primeira vez, o Espirito encobrio com um véo completamente a luz de fórma a impedir a reproducção dos objectos collocados diante da objectiva ; o que, para nós, não se póde conceber senão obstruindo a luz com um corpo opaco. Em quanto esperamos que elles nos queiram esclarecer, contentemo-nos em admirar a potencia que Deus concede aos Espiritos superiores.

Compreendi depois que o mimo era o seu magnifico retrato

representandô-a com uma soberba corôa de flôres reaes na mão, que me a deixou partindo, e que eu a conservarei sempre.

Persuadido que este facto pôde-vos interessar, apresso-me em communicar-vos, dando-vos a liberdade de o publicar se o quizerdes.

Tenho a honra, senhor e amigo, de cordicalmente saudar-vos

CONDE DE BULLET.

Paris, 19 de Fevereiro de 1875, Hotel d' Athénée, rua Scribe.

Conversa com o Espirito de Bernardo de Palissy.

DESCRIPÇÃO DE JUPITER.

Observação. — Muito antes de ter o Espirito de Bernardo de Palissy dado as communicações que abaixo vamos transcrever, já o immortal Allan-Kardee havia obtido de outros Espiritos evocados, noticias do celebre oleiro do XVI seculo.

As descripções que elle nos faz do planeta Jupiter são de grande interesse; nós não podemos asseverar que sejam exactas, mas podemos dizer que concordam com outras communicações dadas por outros Espiritos, por intermedio de outros mediums.

Perg. — Onde te achastes deixando a terra?

Resp. — Ainda fiquei n'ella.

Perg. — Em que condição ficastes n'ella?

Resp. — Debaixo dos traços de uma mulher amorosa e devotada; foi apenas uma missão.

Perg. — Durou muito tempo essa missão?

Resp. — Trinta annos.

Perg. — Lembras-te do nome d'essa mulher?

Resp. — E' obscuro.

Perg. — Satisfaz-te a estima que se tem por tuas obras, e isso mitiga os soffrimentos que experimentastes?

Resp. — Que me importam as obras materiaes feitas por minhas mãos! é com o soffrimento que me elevou que me importo.

Perg. — Com que fim traçastes, servindo-te das mãos de Victorino Sardou, os desenhos admiraveis que déstes relativos ao planeta Jupiter que habitas?

Resp. — Com a intenção de vos inspirar o desejo de vos tornardes melhor.

Perg. — Como muitas vezes vens á terra que habitastes, deves conhecer bastante o estado physico e moral d'ella para estabeleceres uma comparação com Jupiter; pedimos-te que nos esclareças sobre diversos pontos.

Resp. — Sobre o vosso globo, venho apenas como Espirito; o Espirito não tem mais sensações materiaes.

ESTADO PHYSICO DO GLOBO.

Perg. — Póde-se comparar a temperatura de Jupiter com aquella de uma das nossas latitudes?

Resp. — Não; é aprazível e temperada: sempre igual, e a vossa varia. Lembrai-vos dos campos Elyseos que vos foram descriptos.

Perg. — O painel que os antigos nos deram dos campos Elyseos teria sido o resultado do conhecimento intuitivo que tinham de um mundo superior, tal como Jupiter, por exemplo?

Resp. — Do conhecimento positivo; a evocação ficou nas mãos dos padres.

Perg. — A temperatura varia conforme as latitudes como aqui?

Resp. — Não.

Perg. — Conforme os nossos calculos, o sol deve apparecer aos habitantes de Jupiter debaixo de um angulo muito pequeno, e por causa d'isso dar muito pouca luz. Pódes dizer-nos se a intensidade da luz ahí é igual a da terra, ou se é menos intensa?

Resp. — Jupiter é envolvido por uma sorte de luz espiritual em relação com a essencia de seus habitantes. A grosseira luz do vosso sol não é feita para elles.

Perg. — Ha lá uma atmospherá?

Resp. — Sim.

Perg. — A atmospherá é formada dos mesmos elementos que compõe a da terra?

Resp. — Não; os homens não são os mesmos; suas necessidades são diversas.

Perg. — Ha aguas e mares.

Resp. — Sim.

Perg. — A agua é formada dos mesmos elementos que a da terra?

Resp. — Mais etherea.

Perg. — Ha vulcões ?

Resp. — Não ; nosso globo não é tormentoso como o vosso ; a natureza n'elle não tem essas grandes crises ; é a morada dos felizes. A materia n'elle apenas dá contacto.

Perg. — As plantas têm analogia com a nossa ?

Resp. — Sim, porém muito mais bellas.

ESTADO PHYSICO DOS HABITANTES.

Perg. — A conformação dos corpos dos habitantes tem relação com a nossa ?

Resp. — Sim ; é a mesma.

Perg. — Pódes tu dar-nos uma idéa do porte d'elles comparado com o dos habitantes da Terra ?

Resp. — Altos e bem proporcionados. Mais altos do que os mais altos dos vossos homens. O corpo humano é como que uma especie de fôrma do Espirito : bella quando o Espirito é bom : o invólucro é digno d'elle ; não é mais uma prisão.

Perg. — Os corpos são ahí opacos, diaphanos ou translucidos ?

Resp. — Ha de uns e de outros. Uns têm tal propriedade, outros têm tal outra, conforme o destino,

Perg. — Concebemos isso em relação aos corpos inertes, porém, nossa questão refere-se aos corpos humanos ?

Resp. — O corpo envolve o espirito sem occultar, como um véo tenue lançado sobre uma estatua. Nos mundos inferiores o invólucro grosseiro encobre o Espirito á seus semelhantes ; porém os bons nada mais têm que encobrir : podem lêr no coração uns dos outros. O que seria se isso fosse o mesmo sobre a Terra !

Perg. — Lá ha sexos differentes ?

Resp. — Sim ; ha sexo por toda parte em que existe a materia ; é uma lei da materia.

Perg. — Qual a base da nutrição dos habitantes ? E' animal e vegetal como aqui ?

Resp. — Puramente vegetal ; o homem é o protector dos animaes.

Perg. — Foi-nos dito que sugam a maior parte da nutrição do meio ambiente do qual aspiram as emanações ; é isso exacto ?

Resp. — Sim.

Perg. — A duração da vida comparada com a nossa, é mais longa ou mais curta ?

Resp. — Mais longa.

Perg. — Quanto tempo dura a vida média ?

Resp. — Como medir o tempo ?

Perg. — Não podes tomar um dos nossos seculos para termo de comparação ?

Resp. — Creio que é pouco mais ou menos cinco seculos.

Perg. — O desenvolvimento da infancia é proporcionalmente mais rapida do que entre nós ?

Resp. — O homem conserva sua superioridade ; a infancia não comprime sua intelligencia, a velhice não a extingue.

Perg. — Os homens são sujeitos ás doenças ?

Resp. — Não são sujeitos aos vossos males.

Perg. — A vida reparte-se entre a vigilia e o somno ?

Resp. — Entre a acção e o repouso.

Perg. — Podes dar-nos uma idéa das diversas occupações dos homens ?

Resp. — Seria preciso dizer muito. A principal occupação d'elles consiste em dar coragem aos Espiritos que habitam os mundos inferiores para que persistam no bom caminho. Não tendo o infortunio á mitigar entre si : vão procurar onde se soffre ; são os bons Espiritos que vos sustentam e vos pucham para bôa senda.

Perg. — São algumas artes cultivadas por elles ?

Resp. — Ellas são inuteis lá. As vossas artes são chocalhos que distraem os vossos soffrimentos.

Perg. — A densidade especifica do corpo humano permite que elle se transporte de um logar para outro sem ficar, como aqui, ligado ao solo ?

Resp. — Sim.

Perg. — Experimentam o aborrecimento e o desgosto da vida ?

Resp. — Não ; o desgosto da vida só provêm do desprezo que se tem de si proprio.

Perg. — O corpo do habitante de Jupiter sendo menos denso do que o nosso, será formado de materia compacta condensada ou vaporosa ?

Resp. — Compacta para nós , porém, para vós, não o seria ; é menos condensada.

Perg. — O corpo, considerado como formado de materia, é impenetravel ?

Resp. — Sim.

Perg. — Os habitantes têm uma linguagem articulada como nós ?

Resp. — Não: ha entre elles communição de pensamentos.

Perg. — A segunda vista ou vista psychica é, como se nos disse, faculdade normal e permanente entre vós?

Resp. — Sim, o Espirito não tem estorvos; cousa alguma lhe é occulta.

Perg. — Se cousa alguma é occulta ao Espirito, elle conhece o futuro? (Referimo-nos aos Espiritos encarnados em Jupiter).

Resp. — O conhecimento do futuro depende da perfeição do Espirito; tem menos inconvenientes para nós do que para vós; elle nos é mesmo necessario, até um certo ponto, para a execução das missões que temos de preencher; porém, dizer que conhecemos o futuro sem restricção, seria pormo-nos na mesma ordem de Deus.

Perg. — Podeis revelar tudo quanto sabeis do futuro?

Resp. — Não; esperai para sabel-o quando o tiverdes merecido.

Perg. — Communicai-vos mais facilmente com os outros Espiritos do que nós?

Resp. — Sim! sempre; a materia não mais está de permeio entre nós.

Perg. — A morte inspira espanto e medo como entre nós?

Resp. — Porque seria ella medonha? Não existe mais o mal entre nós. Só o malvado vê seu ultimo momento com espanto; teme seu juiz.

Perg. — O que se tornam os habitantes de Jupiter depois da morte?

Resp. — Crescem sempre em perfeição sem soffrerem mais provações.

Perg. — Não ha em Jupiter Espiritos que se submettem á provações para preencher uma missão?

Resp. — Sim, porém n'esse caso não ha mais provações; somente o amor do bem leva-os á soffrer.

Perg. — Podem peccar em suas missões?

Resp. — Não, visto serem bons; só ha fraqueza onde ha defeito.

Perg. — Podes dar-nos o nome de alguns Espiritos habitantes de Jupiter que desempenharam grandes missões na terra?

Resp. — S. Luiz.

Perg. — Não podes nomear outros?

Resp. — Que vos importa! Ha missões desconhecidas que têm por fim a felicidade apenas de um; essas são algumas vezes maiores: são mais dolorosas.

DOS ANIMAES.

Perg. — O corpo dos animaes é mais material do que o dos homens?

Resp. — Sim; o homem é o rei, o Deus terrestre.

Perg. — Entre os animaes ha carnivoros?

Resp. — Os animaes não se dilaceram uns aos outros; todos vivem submittidos ao homem, amam-se entre si.

Perg. — Não ha animaes que escapam a acção do homem, como os insectos, os peixes, os passaros?

Resp. — Não; todos lhe são uteis.

Perg. — Disseram-nos que os animaes são os servidores e os obreiros que executam os trabalhos materiaes, constroem as habitações, etc, é isso verdade?

Resp. — Sim; o homem não se abaixa mais á servir seu semelhante.

Perg. — Os animaes servos são ligados a uma pessoa ou familia, ou se os toma e se os troca a vontade como aqui?

Resp. — Todos são ligados a uma familia particular: vós trocaes em busca de melhor.

Perg. — Os animaes servos acham-se no estado de escravidão ou de liberdade?

Resp. — Estão no estado de submissão.

Perg. — Os animaes trabalhadores recebem uma remuneração qualquer pelos seus trabalhos?

Resp. — Não.

Perg. — Desenvolvem-se as faculdades dos animaes por uma sorte de educação?

Resp. — Elles as desenvolvem por si.

Perg. — Os animaes têm uma linguagem mais precisa e mais caracterizada que a dos animaes terrestres?

Resp. — Certamente.

ESTADO MORAL DOS HABITANTES.

Perg. — As habitações das quaes nos destes um modelo pelos teus desenhos acham-se reunidas em cidades como aqui?

Resp. — Sim; os que se amam reúnem-se; só as paixões fazem a solidão em torno do homem. Se o homem ainda máo procura seu semelhante, que para elle é um instrumento de magoas, porque fugiria o homem puro e virtuoso de seus irmãos?

Perg. — Ahi os Espiritos são iguaes ou de diferentes grãos?

Resp. — De diferentes grãos, porém da mesma ordem.

Perg. — Pedimos-te de te referindo a escala espirita dizer-nos a que a ordem pertencem os Espiritos encarnados em Jupiter?

Resp. — Todos bons, todos superiores; o bem desce algumas vezes ao mal; porém jamais o mal confunde-se com o bem.

Perg. — Os habitantes formam diferentes povos como sobre a terra?

Resp. — Sim; porém todos unidos pelos laços de amor.

Perg. — As guerras são ahí, visto isso, desconhecidas?

Resp. — Questão inutil.

Perg. — O homem poderá chegar sobre a terra a um grão de perfeição assás elevado para dispensar as guerras?

Resp. — Seguramente lá chegarão; a guerra desaparecerá com o egoismo dos povos e à medida que melhor comprehenderem a fraternidade.

Perg. — Os povos são governados por chefes?

Resp. — Sim.

Perg. — No que consiste a superioridade e inferioridade dos Espiritos em Jupiter, visto serem todos bons?

Resp. — Elles têm mais ou menos conhecimentos e experiencia; purificam-se esclarecendo-se.

Perg. — Ha, como sobre a terra, povos mais ou menos adiantados uns que outros?

Resp. — Não; porém nos povos ha grãos diferentes.

Perg. — Qual a ordem que occuparia o povo mais adiantado da terra se fosse transportado para Jupiter?

Resp. — A ordem dos vossos macacos.

Perg. — Os povos são governados por leis?

Resp. — Sim.

Perg. — Ha leis penaes?

Resp. — Lá não ha crimes.

Perg. — Quem fez as leis?

Resp. — Deus as fez.

Perg. — Ha ricos e pobres, isto é, homens que têm a abundancia e o superfluo, e outros aos quaes falta o necessario?

Resp. — Não, todos são irmãos; se um tem mais que outro, divide; não gozaria quando seu irmão necessitasse.

Perg. — São as fortunas iguaes para todos visto isso?

Resp. — Não disse que todos fossem ricos igualmente; perguntas-me, se ha quem tenha o superfluo e se ha quem não tenha o necessario.

Perg. — Estas duas respostas nos parecem contraditorias, pedimos-te de pô-las de accordo.

Resp. — Pessoa alguma tem o superfluo, á pessoa alguma falta o necessario, isto é, a fortuna de cada um está em relação com sua condição. Estás satisfeito.

Perg. Comprehendemos agora; porém perguntaremos ainda, se aquelle que tem menos não é infeliz relativamente ao que tem mais?

Resp. — Não póde ser desgraçado desde que não é invejoso nem ciumento. A inveja e o ciúme fazem mais infelizes do que a miseria.

Perg. — Em que consiste a riqueza em Jupiter?

Resp. — O que vos importa?!

Perg. — Ha desigualdades de posição social?

Resp. — Sim.

Perg. — Sobre que são fundadas?

Resp. — Sobre as leis da sociedade. Uns são mais ou menos adiantados na perfeição. Os que são superiores têm sobre os outros uma sorte de autoridade, semelhante a do pai sobre os filhos.

Perg. — Desenvolve-se as facultades do homem pela educação?

Resp. — Sim.

Perg. — O homem sobre a terra póde adquirir assás perfeição para merecer passar immediatamente á Jupiter?

Resp. — Sim, porém o homem sobre a terra, é submettido a imperfeições para que esteja em relação com os seus semelhantes.

Perg. — Quando um Espirito que deixa a terra deve ser reencarnado em Jupiter, erra n'ella durante algum tempo antes de ter achado o corpo ao qual se deve unir?

Resp. — Fica ahi durante um certo tempo, até que se tenha desprendido das imperfeições da terra.

Perg. — Ha lá muitas religiões?

Resp. — Não; todos professam o bem, e todos adoram a um Deus.

Perg. — Ha lá templos e um culto?

Resp. — Por templo ha o coração do homem; por culto o bem que elle faz.

Os mediums.

(Vide Revista de Abril, pag. 108.)

Mediums noturnos; os que só obtem certos effeitos phisicos na obscuridade. Eis a resposta de um Espirito a uma pergunta

feita no sentido de saber se devia-se considerar esses mediums como formando uma variedade :

« Certamente pôde-se fazer d'elles uma especialidade, porém esse phenomeno prende-se antes ás condições ambientes do que á natureza do medium ou dos Espiritos ; devo ajuntar que alguns escapam á influencia do meio, e que a maior parte dos mediums noturnos poderiam chegar, pelo exercicio, a operar tanto á luz como na obscuridade. Essa variedade é pouco numerosa ; e, é indispensavel dizel-o em favor d'essa condição que deixa toda liberdade ao emprego das mystificações, da ventreloquia e dos tubos acusticos com que os charlatães tanto têm abusado da credulidade fazendo-se passar por mediums com o fim de colherem escudos. Porém o que importa ? Os pelotiqueiros das camaras, semelhantes aos pelotiqueiros da praça publica, serão cruelmente desmascarados, e os Espiritos lhes provarão que não fazem bem intrrometerem-se em suas obras. Sim, repito, certos charlatães apanharão nos dedos para os desgostar de um modo assás rude do officio de falsos mediums. Finalmente, tudo isso é questão de tempo. (ERASTO.) »

Mediums pneumatographos ; são os que obtem a escripta directa. Phenomeno rarissimo, e principalmente o mais facil á ser imitado pelos pelotiqueiros.

NOTA. A escripta directa deve ser classificada entre os effeitos de ordem physica, porque segundo dizem os Espiritos : » Os *mediums de effeitos intelligentes* são aquelles nos quaes os Espiritos se servem dos materiaes cerebraes do medium, o que não acontece no caso da escripta directa ; n'esse phenomeno a acção do medium é toda material, ao passo que nos mediums escriptores, nos proprios analphabetos, o cerebro representa papel activo. »

Mediums curadores, são os que têm o poder de curar ou de aliviar os enfermos pela imposição das mãos ou pela oração.

« Essa faculdade não é essencialmente medianimica ; pertence á todos os verdadeiros crentes, quer sejam mediums ou não ; muitas vezes é apenas a exaltação da potencia magnetica fortificada em caso de necessidade pelo concurso dos bons Espiritos. »

Mediums excitadores ; são os individuos que têm o poder

de desenvolver, por sua influencia, a faculdade de escrever em outrem.

« N'esse caso, é antes um effeito magnetico do que um facto de mediumnidade propriamente dita, porque não prova a intervensão de um Espírito. Em todo caso, pertence a ordem dos effeitos phisicos. »

Mediums auditivos ; são os que ouvem os Espiritos. Muito commum.

« Ha muitos que figuram ouvir o que apenas está em sua imaginação. »

Mediums fallantes ; são os que fallam debaixo da influencia dos Espiritos. Muito commum.

Mediums videntes ; são os que no estado de vigilia enxergam os Espiritos. A visão accidental e fortuita de um Espírito em uma circumstancia particular é assás frequente ; porém a visão habitual e facultativa dos Espiritos sem distincção é excepcional.

« E' uma aptidão que a ella se oppõe o estado actual dos orgãos ; por isso é útil não acreditar sobre palavra nos que dizem enxergar os Espiritos. »

Mediums inspirados ; os que têm pensamentos suggeridos pelos Espiritos, o mais das vezes sem sua participação, quer para os actos ordinarios da vida, quer para os grandes trabalhos da intelligencia.

Mediums de presentimentos ; pessoas que em certas circumstancias, têm uma vaga intuição das cousas futuras vulgares.

Mediums propheticos ; variedade de mediums inspirados ou de presentimentos ; recebem, com a permissão de Deus e com mais precisão do que os mediums de presentimentos, a revelação das cousas futuras de interesse geral, e que são encarregadas de fazer conhecer aos homens para instrucção d'elles.

« Se ha verdadeiros prophetas, ainda mais os ha falsos, e que temam as phantasias de sua imaginação pela revelação, quando não são velhacos que se fazem acreditar por taes pela ambição. »

Mediums somnambulos ; os que no estado de somnambulismo são assistidos pelos Espiritos.

Mediums extaticos ; os que, no estado de extasis recebem revelações da dos Espiritos.

« Muitos extaticos são joguetes de sua propria imaginação e os Espiritos enganadores aproveitam-se da exaltação d'elles. Os que merecem uma inteira confiança são muito raros. »

Mediums pintores e desenhadores ; os que pintam ou desenhavam debaixo da influencia dos Espiritos. Falhamos dos que obtem cousas sérias, porque não se póde dar esse nome á certos mediums aos quaes os Espiritos mofadores obrigam á fazer cousas grotescas que desacreditariam o ultimo dos escolares.

Os Espiritos frivolos são imitadores. Na época em que appareceram os celebres desenhos do planeta Jupiter, surgiu um grande numero de pretendidos mediums desenhadores, com os quaes se divertiam os Espiritos frivolos fazendo-os desenhar cousas as mais ridiculas. Um d'elles, querendo eclipsar os desenhos de Jupiter, ao menos pelas dimensões quando não pela qualidade, fez desenhar a um medium um monumento occupando um grande numero de folhas de papel para attingir a altura de dois andares. Muitos outros fizeram pretendidos retratos que eram verdadeiras caricaturas.

Mediums musicos ; os que executam, compõem ou escrevem musica debaixo da influencia dos Espiritos. Ha mediums musicos mecanicos, semi-mecanicos, intuitivos e inspirados como para as communicações litterarias.

Continua.

ERRATAS DO N. 4

Pag.	112	—	linha	4	—	muscular	—	lêa-se	:	—	musculo
»	»	—	»	11	—	base dô	—	lê-se	:	—	base da
»	117	—	»	28	—	linguagem para	—	lêa-se	:	—	linguagem elevada para
»	127	—	»	19	—	argumento	—	lêa-se	:	—	argumentos
»	128	—	»	24	—	vão e acabar	—	lêa-se	:	—	vão acabar
»	139	—	»	39	—	<i>typtoes</i>	—	lêa-se	:	—	<i>typtores</i>
»	126	—	»	11	—	escripto	—	lêa-se	:	—	escripta
»	133	—	»	38	—	potras	—	lêa-se	:	—	outras

REVISTA ESPIRITA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

ESTUDOS PSYCHOLOGICOS

PRIMEIRO ANNO

— N. 6. —

JUNHO DE 1875

Fay e Keller.

Comecemos fazendo o ligeiro historico do que se passou, em nossa presença, em uma sessão particularmente dada pelos senhores Fay e Keller aos membros da imprensa d'esta capital e a outras pessoas.

Chegámos ao theatro de D. Pedro II e lá encontrámos os dois denominados professores que tinham de exhibir trabalhos *assombrosos*.

Estavam collocados em cima de uma pequena mesa tres violões, dois pandeiros, duas campainhas e duas cordas de linho.

O scenario do theatro achava-se illuminado, e n'elle cadeiras dispostas em semi-circulo para assento dos espectadores. Sentámo-nos á linha da frente para que estendendo o braço em cuja mão direita sustentavamos o chapéo de sol, podessemos dominar a mesa aonde estavam postos os instrumentos.

Feitos os exames dos instrumentos, cordas, etc., foi o senhor Fay amarrado a uma cadeira á pouca distancia da mesa. Apenas se apagaram os bicos de gaz e em seguida as vélas, tratámos de pôr em movimento o chapéo de sól, estendendo o nosso braço e corpo, de fórma tal que se alguma pessoa se aproximasse da mesa para segurar os instrumentos, essa seria presentida pelo choque que lhe havíamos de imprimir.

Foi baldada essa nossa tentativa. Os instrumentos pozeram-se em movimento, e os sões d'elles, dentro em pouco, partiam de varios pontos do espaço. Depois de algum tempo o senhor Keller, que se achava assentado e seguro por um dos espectadores, riscou um phosphoro, e n'esse mesmo instante os instrumentos cahiram, em pontos diversos, pesroximos aospecta-

dores. Accendida uma véla, examinou-se o senhor Fay, e vio-se que elle se achava amarrado da mesma fórma. Deitou o senhor Keller liquido phosphorescente nos tres violões ; fez-se de novo a obscuridade, e os violões foram vistos e ouvidos no espaço a uma distancia de cinco á seis metros, bem como pousarem nas cabeças de alguns espectadores. Clareado o scenario, tornam no mesmo instante á cair os instrumentos.

Durante dois ou tres minutos o senhor Fay desamarrou-se.

Até ahí nada nos podia dar a certeza da natureza do phenomeno ; isto é, não tinhamos a certeza de ser o phenomeno que se passava, diante dos nossos olhos, medianimico ou se um phenomeno electro-mechanico ; consequentemente, se o senhor Fay era um medium nocturno de effeitos physicos ou se de parceria com o senhor Keller desempenhavam com habilidade folguedos de prestidigitação.

Novamente amarrado o senhor Fay e sellados os nós das cordas com o sinete do annel de um dos espectadores, exhibio o senhor Fay o phenomeno de despir a sua casaca, durante não mais de dois segundos de obscuridade ; por isso que, o senhor Keller que sustentava um phosphore nos dedos riscou-o em seguida á extineção da chamma da véla que nos dava claridade n'aquelle momento. Depois, foi pedido o paletó de um dos espectadores e collocado sobre a mesa, e nas mesmas condições vimol-o passar para o corpo do senhor Fay. Foi ahí que reconhecemos a faculdade medianimica do senhor Fay. E', pois, opinião nossa, ser elle um medium nocturno de effeitos physicos : estamos d'isso tão convencidos que, ainda mesmo que o proprio senhor Fay viesse á publico dizer que o facto de vestir e despir a casaca, n'aquellas condições, não é um phenomeno medianimico, e sim produzido por um outro meio, nós o desafiariamos para que nos demonstrasse esse meio.

Não pensem que submetteriamos o senhor Fay a uma prova que fizesse divulgar o *seu segredo*. Não. Nós o deixariamos amarrado a sós em um quarto bem claro, não por segundos, porém por horas durante o dia, e elle que despisse e vestisse a casaca. Acreditamos que com essa prova o *segredo* não podia ser divulgado. Não o submetteriamos á mesma prova se elle fosse um medium de effeitos physicos não nocturno, porque então elle produziria os phenomenos ás claras.

Entretanto, d'aqui á mais algum tempo, poderá o mesmo senhor Fay reproduzir os mesmos phenomenos sem necessitar de instantes de obscuridade, caso a sua faculdade medianimica se amplie.

Sabemos que ha phenomenos do espiritismo experimental que habeis prestidigitadores sabem imitar; outros, porém, são impossiveis que elles os imitem, diante de observadores calmos e conhecedores das leis que regem tães phenomenos, e que se não deixam fanatisar pelos pelotiqueiros.

Não podemos sympathisar com os mediums nocturnos ou não, de effeitos physicos que servem-se da faculdade como meio de vida; mas, não podemos deixar de reconhecer que são instrumentos de que se servem os Espiritos para despertar a attenção da nossa tão atrozada humanidade.

Fomos, é verdade, assistir a sessão particular dos senhores Fay e Keller, mas para de viso fazer justiça a quem a tivesse, e não por necessitarmos da exhibição dos seus phenomenos para nos dar a certeza physica que possuimos da immortalidade do nosso Espirito, após a desorganisação do corpo que nos põe em relação com o mundo material. Essa certeza que temos de que seremos immortal, que em nós não existe só a materia organizada; que o nosso *Eu* é o nosso Espirito; foi adquirida pela observação de outros phenomenos e pelo estudo das leis physicas e moraes que regem a communicação entre o mundo visivel e o invisivel, que regem o mundo physico e o mundo espiritual.

Tomando conjunctamente as apreciações, mesmo os insultos, de toda a imprensa na parte que se refere ao espiritismo e a seus adeptos, responderemos com as poucas palavras que terminam este pequeno artigo.

As creanças não podem manifestar a comprehensão das idéas abstractas, ainda quando mais tarde apresentem grande desenvolvimento intellectual, porque seus órgãos cerebraes desde logo não se acham no estado apropriado á taes manifestações. Assim tambem, nem todos os adultos, apesar da perfeição dos órgãos materiaes, podem comprehender o mundo espiritual, por isso que lhes falta certo adiantamento do Espirito, certa elevação d'alma.

Um dia, todos chegarão a esse conhecimento!

Resposta dada á pastoral de Arcebispo de Toulouse.

Pensámos, quando fizemos apparecer o primeiro numero da nossa *Revista*, que a folha do partido catholico apostolico roma-

no sahisse ao nosso encontro para fulminar-nos ; tanto assim que, antecipadamente haviamo-nos preparado para nos bater, tanto quanto podessemos, com as armas fornecidas pela civilidade, pela sciencia e pela razão. O silencio da folha clerical foi-nos em extremo aprazivel : mas, eis que nos chega de Paris o numero de Abril da *Revista Espirita*, e n'elle lêmos a resposta dada pelo erudito V. Tournier a uma pastoral do Arcebispo de Toulouse. O leitor verá a *bôa fé* dos nossos contendores. (*)

Á MONSENHOR O ARCEBISPO DE TOULOUSE.

Monsenhor.

Eu sou espirita, e acabo de lêr, no numero de 9 de Fevereiro de um jornal de vossa cidade, o *Echo de la Province*, a instrucção pastoral contra o Espiritismo que dirigistes ao clero e aos fieis de vossa diocese, pela quaresma do anno de graça de 1875.

Permitti que vos diga com respeitosa franqueza, aquella leitura mergulhou-me em um doloroso assombro. Nunca tinha visto o Espiritismo atacado com tanta violencia e injustiça. Assim, immediatamente nasceo em meu espirito a suspeita de que aquella obra não era vossa.

Pensei que algum falsario audacioso havia reeditado contra os espiritas alguma ameaçadora requisitoria, lançada por um dos principes dos padres de Jerusalem ou por um grande pontífice de Jupiter Olimpeo contra os primeiros christãos, e que, para dar-lhe mais autoridade junto ás massas, a havia assignado com o vosso imponente nome. Essa suspeita surgio-me com tanto mais naturalidade quanto me achava ainda debaixo da profunda impressão que me havia feito experimentar a representação de *Polyceute*, essa commovente tragedia do nosso immortal Corneille.

Entretanto, reflectindo sobre a opinião do jornal em cujas columnas vossa instrucção estava reproduzida, reconheci que a minha suspeita era mal fundada. Pensei então que, as vossas numerosas occupações, não vos permittindo entregar-vos ás investigações necessarias para tratares do assumpto que vos preocupava, havieis encarregado algum dos que vos cercam de as fazer por vós, e que segundo as notas fornecidas por alguém, foi o vosso escripto redigido.

D'esta interpretação, estou seguro, é a verdadeira e a ella me

(*) Fazemos esta resposta com vista ao *Apostolo*, uma vez que, segundo no⁵ consta, deu em um dos seus numeros noticia da supradita pastoral.

cinjo : cousa alguma no mundo me poderá fazer admittir que um homem do vosso character tivesse fulminado contra pessoas pacificas, investigadores de bôa fé da verdade religiosa, tão terrivel anathema, se não tivesse por conta propria sido conduzido ao erro.

Monsenhor, sois um principe da Igreja, Arcebispo de Toulouse e de Narbonne, primaz da Galea narbonesa, prelado assistente ao throno pontifical, etc. , etc. ; estais assentado sobre os bancos mais altos do nosso edificio social ; tendes a sciencia e a autoridade. Eu, ao contrario, nada sou : apenas em nossa sociedade não calcúlo como não calculavam na sua o Christo e seus apostolos ; sou quasi tão ignorante como elles, e tenho menos do que elles aquella grandeza moral, aquella potencia de intuição que nas questões philosophicas e religiosas, substitue tão vantajosamente a sciencia.

Porque, pois, sou tão audacioso ousando dirigir-me a vós e dizer-vos : Tomai sentido, Monsenhor, enganaram-vos e vós, por vossa vez, involuntariamente, induzisteis o vosso rebanho ao erro ? D'onde me vem uma tal segurança ? Da convicção que tenho de que qualquer homem, por pequenino que seja, tem por dever advertir seu proximo quando se desvaira, qualquer que seja a condição a que pertença o seu proximo, alta ou baixa, quer seja arcebispo ou carvoeiro, rei ou mendigo. As Escripturas Sagradas em alguma parte não dizem ? — *Unicuique mandavit Dominus de proximo suo.* — O Senhor deu á cada um o mandato de se occupar com o seu semelhante.

Monsenhor, haveis de desculpar, pois, a minha audacia, e consentirdes que juntos examinemos a vossa instrucção quadregesimal.

Ella se divide em duas partes principaes. Na primeira, que é como que uma introdução, proclamaes os espantosos progressos que ha feito em vossa diocese o Espiritismo ; dizeis qual a causa a que é devido a sua apparição, e fazeis constar d'elle o character satânico ou charlatanesco. Na segunda o encarais como doutrina, como processo pratico, como sociedade religiosa, e concluis pedindo que, *como todas as instituições malfeitas, seja o objecto de uma vigilancia activa e de uma energica repressão.*

Segundo vós, é nas épocas em que o homem *se emancipa da verdadeira fé* e cessa de acreditar em Deus que enche com superstições o vacuo que se faz nas profundezas de sua natureza. E, essas superstições, são as praticas espiritas, quaesquer que sejam os nomes com os quaes se as denomine: magia, feitiçaria, gnosis, theurgia. E, apoiái vossa opinião, Monsenhor, com a

citação seguinte de *um pensador*, Carlos Bonnet, do qual com toda certeza não adoptais todas as crenças e o qual estava longe de partilhar vosso horror pela doutrina das vidas anteriores : « Os povos têm necessidade de serem crentes para não serem » « credulos ; é preciso deixar os alimentos sãos á fé das massas, » « se não se quer que ellas se nutram de veneno. »

Sou da vossa opinião, Monsenhor, e da de Carlos Bonnet. Como vós acredito que quando o homem abandena a religião e cessa de acreditar em Deus, as praticas espiritas, com quaesquer nomes com que se as appellidem, se multiplicam. Somente não attribuo a esse facto a mesma causa. Vejo n'isso um acto da Providencia que impelle o mundo invisivel a invadir o nosso, para que se revelando á nós, nos preserve dos males que as crenças materialistas, generalizando-se e firmando-se, não deixariam de produzir. Tal era tambem a maneira de vêr de um homem, sobre essa intervenção, que deve ter alguma autoridade aos vossos olhos — o padre Lacordaire. Elle escreveu em 20 de Junho de 1853, á senhora Swetchine, a respeito das mesas fallantes: « Póde ser tambem que Deus queira por essa divulgação proporcionar o desenvolvimento das forças espirituaes, pelo desenvolvimento das forças materiaes, para que o homem não esqueça, em presença das maravilhas da mechanica, que ha dois mundos incluídos um no outro : o mundo dos corpos e o mundo dos Espiritos. » Tal parece tambem ter sido a vossa em um momento, Monsenhor, quando dissesteis : « Certamente, se as evocações do Espiritismo não são sessões de prestidigitação, é preciso confessar que ellas constituem um victorioso desmentido lançado pelo proprio Satanaz á face do materialismo contemporaneo. »

Com effeito, que interesse poderia ter Satanaz, o pai de toda a velhacaria, em combater o materialismo manifestando-se, se para isso não fosse obrigado pelo proprio Deus ?

Semelhante a Carlos Bonnet, creio que é preciso deixar os alimentos sãos ás massas, se não se quer que ellas se nutram com veneno. E é por isso que o Espiritismo *pretende purificar a religião de vãs cremonias e guardar de todos os cultos o que faz a propria essencia da homenagem á Divindade*, como muito bem dizeis.

Foi o trabalho que ha dezoito seculos emprehenderam, o Christo e seus discipulos, trabalho no complemento do qual foram secundados pelas incessantes manifestações dos Espiritos. O Christo á cada instante não declara nos Evangelhos que não é elle quem falla, porém os Espiritos ? S. Paulo não foi

sempre guiado pelo Espirito de Jesus ? Em cada grupo christão, como hoje em cada grupo espirita, não se occupavam com as evocações ? Não haviam mediums fallantes, curadores, de effeitos physicos, inspirados, polyglotas, como está dito no Cap. XII da 1.^a Epistola aos Corinthios ?

E, esse trabalho é hoje necessario como outr'ora, Monsenhor, porque hoje como outr'ora não se offerece alimentos sãos á fé das massas. Por tal fórma se tem sobrecarregado a religião com vãs ceremonias, com praticas pueris, com dogmas inuteis, absurdos e perigosos, que a razão não mais póde reconhecer debaixo dessa dissimulação e se lança nos braços do nihilismo. E' o padre que por tal fórma tem crescido que acaba por occultar aquelle cuja missão é mostrar-se aos homens ; é o mandamento da Igreja que, segundo a expressão do Christo, destruiu o mandamento de Deus. E, depois disso, espantam-se que Deus impilla os habitantes do mundo invisivel á se manifestarem, para que possamos saber que Elle ainda existe ! Não, Monsenhor, dignai reflectir n'isso, esquecendo-vos por um instante que sois arcebispo, e reconheceres commigo que só o contrario póde dar direito á nos surprehender.

Eis quanto a primeira parte. Occupemo-nos com a segunda.

No começo leio : « Como doutrina, ensina que existe natu-
« ralmente um commercio com os mortos ; que em *virtude de*
« *certas fórmulas e de certos actos, nós forçamos as almas do outro*
« mundo virem sobre esta terra e a entreterem communição »
« conosco ; enfim, que interrogadas por nós, dão respostas »
« que são a *expressão infallivel da verdade. Tal é o dogma funda-*
« *mental do Espiritismo*, sem contar outros erros que nós tere-
« mos de expôr. »

Pois bem, Monsenhor, ponde de parte o começo sobre o commercio com os mortos, todo o resto é precisamente o contrario da verdade, e vós n'esse escripto não expondes outros erros além dos que vos fizeram commetter. Os espiritas acreditam que as almas do outro mundo gozam do seu livre arbitrio, absolutamente como as d'este, e que não são nem fórmulas, nem actos, que as obrigam a se communicar desde que ellas não queiram. Acreditam mais que, estão geralmente sobre esta terra e o mais das vezes perto das pessoas amadas, — que se não as perturba chamando-as mas ao contrario as enche de alegria, — a mãe, por exemplo, junto á filha que chora por ella, e reciprocamente. Quanto as respostas é uma lei não as aceitar como verdadeiras, senão muito depois de as ter submettido ao confronto rigoroso da razão, e parecerem

tães. Os espiritas não concedem a infallibilidade senão á Deus ; acreditam commetter uma impiedade attribuindo-a a uma creatura qualquer, homem ou Espirito. Sabem que ha não só Espiritos como homens, que se mostram tanto mais dispostos a se darem á conhecer quanto á dogmatisar, que são mais ou menos levianos ou ignorantes.

Os espiritas, Monsenhor, são antes de tudo livres pensadores, racionalistas ; isto é, christãos : « Os homens que fazem uso da razão (*logos*) para conduzil-a » são em sua vida christãos, seres fortes e « corajosos » dizia S. Justino, martyr. Não reconhecem a pessoa alguma o direito de lhes impor uma doutrina que não lhes parece racional. E' dizer-vos com isso que não ha orthodoxia espirita. Entretanto, apoiarei as minhas affirmações principalmente com as citações tiradas das obras de Allan-Kardec, porque elle é o verdadeiro fundador do que vós chamais nossa seita ; visto suas idéas serem geralmente adoptadas por nós, por ser do *Livro dos Espiritos* e do *Livro dos Mediums* que o vosso secretario audaciosamente pretende ter tirado a exposição que vos fez das doutrinas espiritas.

Ora se quizerdes abrir o *Livro dos Mediums*, n'elle achareis, Cap. X. n.º 133, segunda alinéa as seguintes linhas : « Estando-
« se bem compenetrado, conforme a *escala espirita* (*Livro dos*
« *Espiritos* n. 100), da variedade infinita que existe entre os
« espiritos debaixo da dupla relação da intelligencia e da morali-
« dade, facilmente se conceberá as differenças que devem existir
« em suas communicações ; devem reflectir a elevação ou a bai-
« xeza de suas idéas, seu saber e sua ignorancia, seus vicios e
« suas virtudes ; em uma palavra, ellas devem apenas asseme-
« lhar-se, como entre os homens, do selvagem até ao Europeo
« mais esclarecido. Todas as differenças insensíveis que apre-
« sentam pódem se grupar em quatro cathogorias principaes ;
« conforme seus caracteres bem marcados, são : *grosseiras, frí-*
« *volas, sérias ou instructivas.* »

« E, mais adiante, no mesmo capitulo, n. 136 : « Os Espiri-
« tos sérios não são todos igualmente esclarecidos ; ha muita
« cousa que elles ignoram e sobre as quaes podem de boa fé
« enganarem-se ; é por isso que os Espiritos verdadeiramente
« superiores nos recommendam sem cessar submettermos todas
« as communicações ao confronto da razão e da logica a mais
« severa.

Eis quanto a infallibilidade dos Espiritos. Começais, não é assim, Monsenhor, a poder julgar da boa fé d'aquelle que teve a honra immerecida de ser escolhido para vosso collaborador ?

Seria elle mais veridico fallando do constrangimento que pretendem os espiritas exercer sobre os Espiritos por meio de certas fórmulas sacramentaes e de certos actos? Para d'isso vos assegurar, é preciso que condescendais. Monsenhor, passar commigo ao Cap. XVII, numero 203. Está dito ali: « Não ha « para isso fórmula sacramental; todo aquelle que pretendesse para « isso dar uma ousadamente pôde ser taxada de pelotica, porque « para os Espiritos a fórmula nada é. Não obstante a evocação deve « ser feita em nome de Deus. « Depois, passando á maneira de dirigir as questões aos Espiritos, indica a seguinte: « Estais aqui? — Queres me responder? Ajunta: O essencial é que a questão não seja futil, « que não tenha traço á cousas de interesse « privado, e principalmente que seja a expressão de um sentimento « benevolente e sympathico para o Espirito ao qual se dirige. »

E' ainda, vós o vêdes, exactamente o contrario d'aquillo que vos fizeram dizer.

Não, Monsenhor, ficai bem convencido, se ha alguem que pretenda, por meio de uma fórmula sacramental, fazer descer do céu á terra um Espirito ou mesmo Deus, esse alguem não é um espirita.

Vós acreditais, Monsenhor, que o commercio com os mortos é o que ha de mais contrario á lei de Deus. « Sim, dizeis vós, « N. T. C. F., se isso não é charlatanismo, são os demonios; « porque, visto que « não é permittido consultar os mortos, Deus « lhes recusa a faculdade de satisfazer as nossas vãs curiosidades. » Elle entretanto não recusou, para não citar senão um exemplo, ao Espirito de Samuel a faculdade de satisfazer a curiosidade de Saul, por intermedio da pythonisa de Endor. Amenos, portanto, que não seja falsa a narração da Biblia!

S. Agostinho, não me parece ter sido inteiramente do vosso aviso sobre este assumpto. « Porque, diz elle em « seu tratado *De curâ pro mortuis*, não attribuir essas operações « aos Espiritos dos defuntos e não acreditar que a divina providencia faz um bom uso de tudo para instruir os homens, « solal-os, espantal-os? »

E' verdade que S. Agostinho viveo ha muito tempo e que a Igreja de Roma ha feito grande percurso desde então. Mas, o cardeal Bona é menos antigo e tem, por consequencia, um pouco mais direito á nossa confiança. Eis o que diz o Fenelon da Italia, em seu *Tratado do discernimento dos Espiritos*: « Está-se adstricto á admittir-se que se tenha podido achar homens de bom senso que tenham ousado negar completamente as apparições e

as *communicações* das almas com os vivos, ou attribuil-as a uma imaginação enganada ou então á *arte dos demonios*.

Sua Eminencia, Monsenhor, é cruel para com os que acreditam que Deus não permite ás almas dos mortos se communicarem comoseo e que pensam que os demonios respondem em lugar d'ellas quando nós as interrogamos. Mas é um Cardeal, e lhe é muito permittido. Demais elle não previa, a vossa instrução pastoral, quando escreveo seu tratado.

Um outro ecclesiastico, menos elevado em dignidade, mas emfim um membro da Igreja infallivel, o abbade Marouzeau, escreveo a Allan-Kardec sobre esse mesmo assumpto : « Mostraí ao homem que elle é immortal. Nada póde melhor ajudar-vos n'essa nobre tarefa *qual a comprovação dos Espiritos de além tumulo e suas manifestações*. . . . Só por ahí vireis em auxilio da religião, pelejando a seus flancos os combates de Deus.

Comprehedeis minha perplexibilidade, Monsenhor, quando de um lado vós me prohibis como abominavel e contraria á lei de Deus e da Igreja a evocação dos mortos, e que, de um outro lado, o abbade Marouzeau, que provavelmente ainda não é arcebispo, mas que emfim poderá vir á sel-o, a isso me impelle, me mostra essa operação como muito util á religião e a qualifica de combates de Deus !

Continúo minhas citações, prendendo-me sómente aos pontos mais importantes, para não me expôr á ser muito extenso e abusar dos vossos preciosos instantes : « Escutai as lições d'essa **revelação de Satanaz !** Qual é sua encarnação ? E' o homem passando por uma serie de existencias para se purificar. » Em uma palavra, Monsenhor, é a crença nas vidas anteriores, na pluralidade das existencias d'alma. E sobre esse ponto vós fosteis bem re-ensinado. Essa revelação de Satanaz, nós adoptamol-a, effectivamente, como faziam o Christo e seus discipulos, conforme testemunham os Evangelhos. Escutai primeiro, é S. João quem falla, Capitulo IX vers. 1, 2, e 3. « Quando Jesus passava, vio um homem que era cego desde seu nascimento; e seus discipulos lhe fizeram esta pergunta : Mestre, é o peccado d'este homem ou o peccado dos que o pozeram no mundo, que é a causa de ter elle nascido cego ? Jesus respondeu : « Não é que tenha elle peccado nem os que pozeram no mundo; mas é para que as obras da potencia de Deus brilhe n'elle. » Os discipulos acreditavam, pois, que se podia ter peccado antes de nascer e que, por consequencia, se tinha já vivido. O Christo partilhava a crença d'elles, visto que, vindo trazer a verdade ao mundo, longe de repellir a questão d'elles como contendo um err

tanico responde a ella como vós responderieis áquelle cuja interrogação implicasse a crença da infallibilidade do papa.

O sabio beneditino D. Calmet confirma o que eu avia co, n'estas poucas linhas que tiro do seu commentario n'esta passagem: « Muitos doutores judeos acreditam que as almas de Adão, de Abrão, de Phinéas, têm animado successivamente muitos grandes homens de sua nação. Não é, pois, por fórma alguma estranho que os apóstolos tenham raciocinado como elles parecem raciocinar n'essa parte, sobre o incommodo d'aquelle cego, e que tivessem acreditado que era elle, que por qualquer peccado secreto commettido antes de seu nascimento a si tivesse attrahido essa desgraça. . . . » Sabeis muito melhor do que eu, Monsenhor, que o Christo, interrogado por seus discípulos sobre quem era João Baptista, responde que seu precursor era Elias mesmo.

Mas eis o que é mais energico, — porque o Evangelho parece hoje em dia ter pouca authoridade aos olhos da Igreja de Roma, — a crença na revelação satanica da pluralidade das existencias d'alma sempre excitou no seio d'essa Igreja, se devo crer no que diz A. Pezzani, em sua bella e erudita obra *a Pluralidade das existencias d'alma*. Depois de ter citado a opinião de S. Clemente d'Alexandria e de S. Gregorio de Nyssea a esse respeito, ajunta: « Eis a pluralidade das existencias d'alma bem claramente ensinada e em termos formaes. Mesmo em nossos dias a preexistencia e portanto as reencarnações approvadas na pastoral de « um bispo de França, M. de Montal, arcebispo de Chartres, por « causa dos negadores do peccado original, aos quaes elle oppõe « a crença permittida ás vidas anteriores d'alma. *Essa pastoral « é do anno 1843.* » Eis finalmente as proprias palavras de M. de « Montal: *Visto a Igreja não nos prohibir de acreditarmos na pre- « existencia das almas, quem póde saber o que ha se passado nas « longinquas idades, entre as intelligencias ?* »

Assim, pois, Monsenhor, ao passo que vêdes na pluralidade das existencias d'alma a negação da doutrina do peccado original, Monsenhor de Montal n'ella acha a justificação d'elle. Em presença de um tal conflicto de opiniões entre dois principes da Igreja, que fazemos nós, pessoas do vulgacho? Mais do que nunca louvar-nos em nossa razão.

Entretanto, passemos á moral do Espiritismo, que, conforme vossa opinião, bem differente da de S. Justino, deixa de ser christã como seus dogmas, posto só a razão tenha d'ella estabelecido os principios,

Ainda aqui me aferrarei somente ás cousas mais importantes,

bem persuadido de que quando vos tiver demonstrado, ainda uma vez, a perfidia e a má fé do vosso secretario, haveis de muito bem ler com vossos olhos as obras espiritas e assim convencer-vos que essa perfidia e essa má fé são identicas em todas as outras cousas.

Proseguindo vosso paralelo entre o Decalogo do Sinai e « *aquelle d'essa revelação infernal*, dizeis : O primeiro prescreve « aos servidores honrar aos senhores, o segundo declara que « *a desigualdade das condições deve desaparecer*. O primeiro ordena « respeitar a vida humana, o segundo não reconhece n'esta « vida a decima-millesima parte de sua importancia, visto sermos chamados a viver dez mil vezes ; assim trata o suicidio como uma falta leve cuja consequencia *a mais terrivel* será um *simples desapontamento*, e o crime do aborto como pouco grave, a alma, conforme o Espiritismo, não se reune ao corpo senão no momento do nascimento. »

Não sois evidentemente, Monsenhor, o redactor d'esse paragrapho. Alguem o intercalou sem vossa sciencia em vossa obra, e assignastes em confiança. Porque finalmente o Decalogo do Sinai não diz uma palavra sobre os deveres dos servidores em relação aos senhores, assim como também não ordena *guardar* o Domingo, como, por inadvertência sem duvida, está dito no paragrapho precedente; a antiga lei *guardava* o sabbado: A menor creança que estuda o catechismo sabe isso. Ao contrario, o Evangelho diz, á proposito das relações sociaes a estabelecer entre os christãos : « E Jesus, os tendo chamado á si, lhe « disse : Sabeis que os principes das nações os dominam, e que « os grandes os tratam com imperio. Não deve ser o mesmo entre « vós : porém aquelle que quizer tornar-se o maior entre vós, « seja vosso servo, e aquelle que quizer ser o primeiro d'entre « vós, seja vosso escravo. (S. Math. cap. XX, v. 25, 26 e 27). » Não achais, Monsenhor, que ha ali uma manifesta tendencia á fazer desaparecer a desigualdade das condições sociaes ? Ah ! é que o Evangelho é muitas vezes bem radical !

Entretanto, eis como trata d'esse assumpto o *Livro dos Espiritos* d'onde se pretende haver tirado a citação. E' preciso abrir no livro III, cap. IX, n. 806 : « A desigualdade das condições sociaes é uma lei da natureza ? — Não, é obra do homem e não « de Deus. — Essa desigualdade desaparecerá um dia ? — « Não ha de eterno senão as leis de Deus. Não vês ella apagar-se pouco á pouco cada dia ? Essa desigualdade desaparecerá « com o predominio do orgulho e do egoismo ; restará apenas « a desigualdade do merito. Um dia virá em que os membros

« da grande familia dos filhos de Deus não se olharão como de
« sangue mais ou menos puro ; não ha senão o espirito que é mais ou
« menos puro, e isso não depende da posição social. »

Como uma citação perfidamente truncada muda completamente o sentido das cousas, Monsenhor !

Para os espiritas, o que faz a grandeza, vós o vêdes, não é a posição social, porém a pureza do Espirito. Elles consideram as diversas posições sociais como indifferentes, sendo todas provas necessarias, e não acreditam, como parece-vos, que um espirito decahe quando renasce escravo depois de ter sido rei. Elles pensam com o philosopho Epicteto que o que importa, é bem desempenhar o papel que approuve ao soberano Senhor dar-nos, quer esse papel seja aquelle de um príncipe ou de um plebeo. E, só desempenha-se bem o papel, quando se preenche bem os deveres do seu estado, quer de servo, quer de amo.

A questão do suicidio, Monsenhor, é extensamente tratada no *Livro dos Espiritos*. As causas que podem a elle impellir ali são enumeradas com cuidado, e n'elle está dito que a punição está sempre em relação com a natureza da causa productora, assim como o quer a justiça. Ora o desapontamento é indicado como a consequencia a mais passageira, justamente ao contrario d'aquillo que vos fizera dizer Julgai vós mesmo. « Em geral
« quaes são as consequencias do suicidio sobre o estado do Es-
« piritito ? — As consequencias do suicidio são muito diversas ;
« não ha penas fixas, e em todo o caso são sempre relativas as
« causas que levaram a elle ; porém uma consequencia da qual não
« pôde o suicida escapar, é o desapontamento. » E, um pouco mais
« adiante : » A affinidade que existe entre o Espirito e o corpo
« produz em alguns suicidas uma especie de repercussão do
« corpo sobre o Espirito que resente assim a seu pesar os effeitos
« da decomposição, experimenta por isso uma sensação cheia de an-
« gustia e de horror, e esse estado pôde persistir tanto tempo quanto
« devia durar a vida que elles interromperam. » (Liv. IV, cap. 1,
n.º 957). Parece-me isso um pouco mais terrivel do que o simples
desapontamento.

Não sois do meu parecer, Monsenhor ?

E as dez mil encarnações, nem uma de mais, nem de menos onde se acha isso ? Com certeza não e no *Livro dos Espiritos*, o qual formalmente diz que esse numero é maior ou menor, conforme o Espirito avança mais ou menos rapidamente na senda do aperfeiçoamento.

Mas passemos ao aborto. — Em que momento a alma se une
« ao corpo ? — A união começa com a concepção mas só é completa

« no momento do nascimento. — O aborto facticio é um crime
« ainda que seja na época da concepção? *Ha sempre crime desde*
« o momento que transgride a lei de Deus. A mãe, ou quem quer
« que seja *commetterá sempre um crime tirando a vida á creança*
« antes do seu nascimento, pois é impedir a alma de suppor-
« tar as provas das quaes o corpo deveria ser o instrumento. »
(Liv, II, cap. VII, n.º 344 e 358.)

O aborto é, pois, um crime, segundo o Espiritismo, um crime, digo eu, e não um crime *pouco grave*; e não ha meio de ensinar que os espiritas o desculpem ou o ajudem. As razões que dá o *Livro dos Espiritos* são excellentes. Em primeiro lugar, a lei de Deus é violada; em segundo lugar, um grave prejuizo é causado a um Espirito. O catholicismo, que acredita que a alma é creada ao mesmo tempo que o corpo, e que uma só existencia decide para sempre de nossa sorte, não póde invocar esta segunda consideração. Se o fizesse, levantar-taria contra si a consciencia e lançaria á face de Deus a mais sanguinolenta injuria. Como Deus, effectivamente, puniria, pelo crime de outrem, uma alma que não conseguiu transgredir nenhuma das suas leis, enviando-a, por esse crime, para o inferno ou para os limbos, ao passo que o verdadeiro criminoso, confessado e absolvido, iria tomar lugar na morada dos bemaventurados, e segundo S. Thomaz de Aquino, o Anjo da escola, lá veria sua felicidade augmentada pelo espectáculo das dôres de sua victima?

Logo, se uma das duas doutrinas podesse favorecer ao aborto, seria certamente a catholica. — Tal qual, pelo menos, apparece em vossa pastoral, Monsenhor.

Continuai: « Qual é o sexto preceito do Espiritismo? Eil-o
« escripto por seu punho: *A indissolubilidade do laço conjugal é*
« *uma lei contraria á natureza. Não têm os gozos outros limites*
« *senão os que são traça-los por essa mesma natureza.* » Consequencia, Monsenhor, promiscuidade bestial dos sexos. Certamente foi isso que quizeram vos levar a dizer. Pois bem constituo-vos juiz do processo jesuitico ao qual se recorre para chegar a um tal resultado. Citou-se, desnaturando pela supressão do qualificativo muito importante *absoluto*, uma phrase que se acha no cap. IV, liv. III, do *Livro dos Espiritos*, onde se trata da *Lei da reproducção*, e se a fez seguir de uma outra phrase exprimindo, de modo a desnaturar ainda mais, a opinião emitida no cap. V do mesmo livro; que trata da *Lei da conservação*, sobre os gozos dos bens materiaes. Eis o texto: « O casamento, isto é,
« a união permanente de dois seres, é contraria á lei da natu-
« reza? — E' um progresso na marcha da humanidade. — Qual

« seria o effeito sobre a sociedade humana da abolição do casamento? — À volta á vida bestial. A indissolubilidade *absoluta* do casamento está na lei da natureza ou somente na lei humana? — E' uma lei humana muito contraria á lei da natureza. » N'isso nada ha, Monsenhor, que a Igreja catholica possa reprovar, visto ser sua propria doutrina. Não tem ella muitas vezes autorizado ao divorcio? O divorcio não foi uma lei da França catholica no primeiro imperio? Mas citemos outra passagem, a qual sem duvida servio para formar a segunda phrase: — Gozos dos bens terrestres — « Os gozos têm limites traçados pela natureza? Sim, para indicar-vos o limite do necessario. »

Depois d'isso, Monsenhor, e quando se tem para combater seus adversarios empregado armas semelhantes, se pôde avançar que esses proprios adversarios não têm o *direito de serem severos, nem sobre a mentira, nem sobre o falso testemunho*, quando conservam em baixo das communicações as firmas que a ellas se oppõe os Espiritos? Pôde-se assim fallar, quando se sabe que nas obras espiritas com cuidado se faz advertencia de que nada vale a firma e que a communicacão só pôde ter valor quando se a estudando bem, chega-se á convicção de que pôde ser obra d'aquelle que a assignou? Respondei, Monsenhor, vós cuja religião tem sido tão criminosamente aturdida.

Continuemos. O Espiritismo, pela doutrina da reencarnação, ameaça *toda a intimidade da familia*. Arruína no coração o amor da patria. Engendra uma loucura que muitas vezes torna-se furiosa, e então os iniciados, superexcitados pelas suas relações com as *potencias infernaes*, voltam contra seus semelhantes o ardor que os devora, e vão se despertar dentro em pouco de sua monomania homicida sobre o cadafalso.

Fosteis vós mesmo, Monsenhor, que escrevesteis isso?!

E, é preciso que eu defenda de tão horribéis accusações uma doutrina cujos elevados principios já vos fiz conhecer e que o abbade Lecanu, em sua *Historia de Satanaz*, aprecia n'estes termos: « Seguindo as maximas do *Livro dos Espiritos* de Allan-Kardec, ha de que admirar que sobre a terra se possa « ficar santo? » Para um espirita, Monsenhor, a creança que nasce é um dever que nasce. Que importa o que possa ter sido em uma outra existencia o Espirito que a anima? Quanto mais perverso tenha sido esse Espirito, maior é o dever dos pais encarregados de dirigil-o em sua nova encarnação. Porque repelliríamos o espirito de Caim, d'Absalão ou de Herodiada, se Deus nos julgasse dignos de trabalhar em tornal-os melhor? Uma cre-

ança está menos presa em relação aos que prodigalisam-lhe cuidados, por já ter vivido? E, é mesmo a Igreja catholica que na personalidade de seus padres, nos offerece por modelo o celibato; que canonizou Elisabeth da Hungria e Aleixo; que defende como sendo vergonhoso à mãe do Christo ter tido muitos filhos, apesar do texto formal dos Evangelhos; (*) é a propria Igreja catholica que, exalta a virgindade às expensas da maternidade, accusa o Espiritismo de ameaçar o laço da familia?

É mesmo ainda essa Igreja de Roma, cujos bispos estenderam a mão aos barbaros invasores da Galea, e que mais tarde queimaram Joanna Dare a propria encarnação da França, que sensura a nossa doutrina como sendo contraria ao amor da patria? Se Deus fazendo-nos nascer em um paiz indica-nos que é principalmente abí que devemos nos ligar, pois que é n'esse que elle quer que nós *presentemente* completemos o nosso dever, fazendo-nos conhecer que nós poderíamos ou poderemos ser encarnados em outros paizes, quer somente impedir que o amor de nossa patria não se desviasse a ponto de fazer-nos odiar a patria dos outros, porque a terra inteira pertence-lhe e que todos os homens são seus filhos. É preciso ensinar aos christãos essas cousas?

No que diz respeito á loucura furiosa provocada pelas praticas espiritas e conduzindo a monomania homicida, não conheço exemplo, Monsenhor, e teríeis feito bem citar ao menos um. Porém eu sei que nos Estados-Unidos onde o Espiritismo faz tanto mal, segundo vós, a doutrina das penas eternas, unida ao pequeno numero dos eleitos, produziu, ha alguns annos, um tal desarranjo nas faculdades mentaes de um infelz pai de familia, que o fez degolar seus filhos de pouca idade, para lhes proporcionar as alegrias do paraiso, visto o estado de innocencia d'elles. Depois d'essa horrivel immolação, o pobre louco foi entregar-se aos magistrados, feliz de ter assim, pela sua propria damnación, assegurado a salvación de sua progenitura. Todos os jornaes mencionaram com horror esse acontecimento lamentavel, e vós deveis ter d'elle lido a narraçào, Monsenhor.

Não contente d'essas accusações contra o Espiritismo, vós Monsenhor, lhe sensuraes a *esterilidade* em todos os ramos de conhecimentos hmmanos. Vós lhe imputais a injuria de não ter

(*) Tournier, não quer dizer que n'aquella encarnação Maria Santissima tivesse tido outros filhos irmãos carnaes do Christo, nem é n'este sentido que são formaes os Evangelhos.

trazido ao mundo verdade alguma, de não ter ajudado a descoberta de alguma mina de ouro, de ser incapaz de dar um plano de batalha a um general collocado á frente do nosso exercito, etc., etc., etc.

Ha muito tempo, Monsenhor, que se diz: nada de novo debaixo do sol. Sim, o Espiritismo não trouxe ao mundo verdade alguma nova; mas estudando as manifestações dos Espiritos como se estuda todos os outros phenomenos da natureza, physicos, chimicos, astronomicos, os espiritas acharam o meio de fundar a religião sobre as bases inabalaveis da razão, desembaraçando-a das superstições que até aqui a têm manchado e a tornado inaceitavel a todos os espiritos sérios. E' isso pouca cousa? e não é melhor isso do que indicar minas de ouro aos gastadores da California, ou de fornecer um plano de campanha a um general, como fez, ah! a Santa Virgem, durante o cerco de Paris, se devemos nos referir ao que então disseram as folhas catholicas?

Sabeis, Monsenhor, que ella mandou uma serva, de Lião, creio, ao general Trochu, com instrucções para direcção da guerra. E, essa serva, sem duvida, não partio sem approvação dos padres, uniões capazes de distinguir os bons dos máos Espiritos!

Eis o que é mais grave: « Se (o Espiritismo) fosse, dizeis vós, « o que pretendem seus propagadores, que precioso instrumento de descobertas para as sciencias; que potente auxiliar « para as artes, a industria e os mil detalhes da vida pratica? » Pois bem, Monsenhor, os espiritas pretendem que o homem *deve progredir em tudo pelo esforço do seu trabalho. Se lhe dêsse as cousas promptas para que lhe serviria a intelligencia? Achar-se-hia na posição do escolar cujas lições fossem feitas por outrem. (Livro dos Mediums, n. 294).* Vêdes que ainda mais uma vez vos fizeram calumniar os espiritas attribuindo-lhes doutrinas absolutamente contrarias ás que elles professam. Todo aquelle que, nos phenomenos espiritas, procura outra cousa além da prova da existencia do mundo invisivel e da immortalidade d'alma, está em sendabem perigosa, Monsenhor, e não merece o nome de espirita.

Uma outra citação, que será a ultima: « Jamais escutemos, « sobre as questões de fé, a voz de sociedade alguma além da « Igreja, vivendo sempre de conformidade com esta palavra do « Apostolo: *Si acontecer que um anjo desça do Céu para vos ensinar alguns dogmas fóra d'aquelles que nós temos pregado, vós deveis* « *reis lhe dizer maldição.* »

Pois bem, Monsenhor, acho-me desolado, esta citação não é exacta, e de mais é incompleta. Eil-a tal qual a tomo no cap. I, v. 8, da *Epistola aos Galatas*, traducção de Le Maistre de Sacy : « Mas quando nós vos annunciarmos nós mesmos, ou quando um anjo do céu vos annunciar um *Evangelho* differente d'aquelle que nós temos annuciado que elle seja amaldiçoado. »

Trata-se aqui do *Evangelho* e não de dogmas, e se deve maldiçoar, não sómente ao anjo do céu, porém ao homem. Comprehendeis a differença, Monsenhor ?

Porque assim fallava o Apostolo, Monsenhor ? Porque o *Evangelho* que os apóstolos tinham annuciado não era outro diverso do *Evangelho* da razão, e cada um póde achal-o consultando-a. Elle mesmo resumio, no cap. XIII, versetos 8 e 9 de sua *Epistola aos Romanos*, onde diz : « Porque aquelle que ama ao proximo « cumpre a lei ; todos esses mandamentos, digo, estão « comprehendidos em abreviatura n'estas palavras : Vós ama- « reis o proximo como a vós mesmos . »

E, vós Monsenhor, vós dirieis maldição a um anjo enviado de Deus, se vos annunciasse uma doutrina contraria, não ao *Evangelho* prégado por S. Paulo, que a razão de todos approva, porém aos dogmas da Igreja de Roma, á infallibilidade papal, por exemplo, que esta razão repelle, mesmo entre os prelados os mais illustres da catholicidade, Monsenhor Dupanloup entre outros, que faziam parte do concilio do Vaticano. Foi assim que praticaram todos os sacerdotes, Monsenhor ; foi assim que os padres de Jerusalem conseguiram matar os prophetas, e que o grande padre, infallivel tambem, visto que Deus fallou por sua bocca, tomou o Christo por um enviado do inferno e o fez crucificar. Impedir Deus de se manifestar, tal parece ter sido em todos os tempos a grande preocupação dos padres, permiti-me dizel-o, Monsenhor, cegos pelo inconsciente orgulho que se apodera do homem quando se persuade que só elle é capaz de descobrir a verdade, e que só elle tem por missão dispensal-a aos outros. « Como podeis vós acreditar, dizia o Christo aos do seu « tempo, vós que procurais a gloria que vos dais uns aos outros, « e que não procurais a gloria que vem sómente de Deus. » (S. João, cap. V, v. 44.)

Tenho concluido. Se na defeza da doutrina espirita, que é a minha religião—e o que o homem tem de mais caro no mundo é a sua religião,—commetti alguma vivacidade, deveis me desculpar, Monsenhor, considerando a natureza do ataque. Ainda mais, hoje que estais melhor esclarecido de nossa parte, espero

que, longe de chamar contra nós uma energica repressão,—que não obtereis, o tempo das perseguições religiosas está passado, — fareis á vós um dever dirigindo aos padres e aos fieis de vossa diocese uma nova pastoral, para dizer-lhes que indignamente enganado vós proprio á nosso respeito, muito involuntariamente a vosso turno, os enganasteis. E, em vez de lhes ordenardes, semelhante um outro Omar, queimarem os nossos livros, incitai-os á lê-los, para que possam nos julgar. Todo homem honesto, no vosso caso, assim procederia; e vós sois um homem honesto.

N'essa esperança, dignai aceitar, Monsenhor, a segurança do meu profundo respeito.

V. TOUNIER.

Manifestações physicas e sua theoria.

Noticiou em Fevereiro de 1857, o *Spiritualiste de la Nouvelle-Orléans* o seguinte :

« Perguntámos ultimamente se indistinctamente todos os Espiritos moviam as mesas, produziam ruidos, etc.; e após essa pergunta a mão de uma senhora, muito séria para divertir-se com essas cousas, involuntariamente traçou estas palavras : — « Quem são os que fazem dansar nas vossas ruas os macacos? São por ventura homens superiores? »

« Um amigo, hespanhol de nascimento, que era espiritualista, e que morreu no ultimo estio, nos deu diversas communições; em uma d'ellas se acha este topico :

« As manifestações que buscaís não são as que mais agradam
« aos Espiritos sérios e elevados. Não obstante confessaremos
« que ellas têm sua utilidade, por isso que, mais do que quaes-
« quer outras, talvez, podem servir para convencer os homens
« de hoje.

« Para obter essas manifestações, necessariamente é preciso
« que se desenvolvam certos mediums cuja constituição physica
« esteja em harmonia com os Espiritos que as podem produzir.
« Não ha duvida que mais tarde haveis de ver se desenvolverem
« entre vós, e então, não serão pequenos choques que haveis de
« perceber, mas ruidos semelhantes ás descargas de mosquete-
« ria intermeadas com tiros de artilheria. »

Em um extremo da cidade, acha-se uma casa habitada por uma familia alleman; n'elli a ouve-se' estranhos ruidos, e' ao mesmo tempo certos moveis são deslocados; asseguraram-nos, nós não verificámos; porém julgando que o chefe d'essa familia nos podia ser util, o convidámos durante algumas sessões que tiveram por fim esses generos de manifestações, e mais tarde a mulher d'esse bravo homem não quiz que elle continuasse á ser dos nossos, porque, eis o que nos foi escripto pela mão da senhora.

« Não podemos impedir os Espiritos imperfeitos de fazerem « ruidos ou outras cousas incommodas e mesmo medonhas; « porém o facto de estar em relação commosco, que somos bem « intencionados, só pode diminuir a influencia que elles exercem « sobre o medium do qual se tracta.»

Em virtude da noticia acima eis o que em sua *Revista* escreveu o immortal Allan-Kardec: — « Faremos notar a perfeita concordancia que existe entre o que os Espiritos disseram em Nova-Orleans relativamente ás manifestações physicas e o que nos disseram. Effectivamente, nada poderia descrever com mais energia aquella origem, do que essa resposta espirituosa e tão profunda ao mesmo tempo; « *Quem são os que fazem dansar nas vossas ruas os macacos? são por ventura homens superiores?* »

« Teremos occasião de referir, conforme os jornaes d'America numerosos exemplos d'essa sorte de manifestações, muito mais extraordinarias do que as que acabamos de citar. Se nos responderá sem duvida, com o proverbio: « Favoravelmente póde mentir quem vem de longe. « Quando as noticias de cousas tão maravilhosas nos chegam de 2,000 legoas, e que não se as póde verificar, concebe-se a duvida; porém esses phenomenos atravessaram os mares com M. Home, que d'elles nos deu amostras.

Verdade é que M. Home não se apresentou em theatro algum para operar os seus prodigios, que todo o mundo, mediante entrada paga, o podesse ver; é por isso que muitas pessoas o tratam de habil prestidigitador, sem reflectir que a sociedade escolhida, que testemunhou esses phenomenos, não se prestaria benevolamente servir de sua comparsa. Se M. Home fosse um charlatão, não recusaria os brilhantes offerecimentos de varios estabelecimentos publicos e teria ajuntado ouro as mãos cheias. Seu desinteresse é a resposta a mais peremptoria que se póde dar á seus detractores. Um charlatanismo desinteressado seria um contra-senso e uma monstruosidade. »

Relataremos alguns factos mais de manifestações physicas para melhor gravarmos na memoria do leitor a theoria d'elles.

Na idade de nove para dez annos, assistimos durante duas noites scenas das quaes conservamos intacta reminiscencia. Passaram-se essas scenas em uma situação, ás margens do rio Peruhipy, chamada S. Miguel. A familia que habitava essa situação andava assombrada com o barulho que ouvia em casa apenas chegava a noite. Ora, pedras, arêa, cahiam do tecto da sala onde se reuniam todos os membros da familia; ora, fortes estampidos se faziam ouvir dos quartos; ora, certos objectos deslocavam-se e cahiam por terra, e outros rolavam e paravam proximo ás pessoas que se achavam na sala. Quando tiveram logar as primeiras scenas as pessoas da familia attribuiram aos escravos; d'essa opinião eram os visinhos e no numero d'esses os membros da nossa familia; entretanto, todos que correram em auxilio da familia *assombrada* cousa alguma descobriram que justificasse tal supposição. Nós mesmos durante muitos annos nunca podemos attribuir que taes scenas podessem ser manifestações de almas d'outro mundo; entretanto, hoje as reconhecemos como táes. Dar-se-ha o caso de termos ficado supersticiosos na idade da razão? Não, nunca fomos supersticiosos, nem hoje o somos; mas, o que outr'ora não comprehendiamos, o que então não podiamos aceitar, hoje desvenda-se diante de nossos olhos, porque conhecemos e havemos estudado as leis que regem mais esses phenomenos da natureza.

Quando reflectimos sobre a ignorancia humana relativamente ao conhecimento das maravilhas do mundo espirital, nossa alma experimenta sensações de benevola complacencia, porque recordamo-nos do facto de havermos um dia procurado convencer a um indio (não selvagem) ser o sol muito maior que a terra, e o pobre indio com toda ingenuidade dizer-nos: « Creio muito em meu amo, mas o sol maior que a terra não póde ser. »

Não se admirem, nem tão pouco riam-se do pobre indio; porque, não ha ainda um anno, um Conego, vigario da Cidade de Caravellas, padre que sabe bem o seu latim, que conhece bem soffrivelmente a historia sagrada, que escreve prosa e verso correctamente, disse não acreditar no movimento da terra, e necessariamente chamou em apoio de sua opinião o *milagre* de Josué!

Ha seis annos, pouco mais ou menos, ouvimos a narração de varias scenas que se deram na provincia de Minas em certa localidade. O narrador affiançou-nos tel-as presenciado. Consistiram as scenas em barulhos, deslocamentos de objectos, estampidos, chammas que appareciam, ora n'este, ora n'aquelle ponto da casa, etc. . .

Desculpe-nos o senhor que nos fez essa narração que lhe digamos que só depois de conhecermos o espiritismo lhe damos inteiro credito, mas que continuemos ainda á repetir—NÃO ACREDITAMOS EM COUSAS SOBRE-NATURAES, porque os proprios phenomenos espiritas acham-se na natureza, por isso que na natureza acham-se seus agentes, os mediums, os fluidos, os Espiritos. Fóra da natureza nada comprehendemos só Deus acima d'ella, porém ABRANGENDO-A.

Façamos o leitor recordar-se ou conhecer o que disse o Espirito de S. Luiz ao immortal colleccionador da doutrina :

Como póde um Espirito apparecer com a solidez de um vivo.

— R. *Combina uma parte do fluido universal com o fluido que o medium proprio para esse effeito desprende.*

Esse fluido reveste a fórma que pela vontade o Espirito deseja, porém geralmente essa fórma é impalpavel.

Qual é a natureza d'esse fluido ?

— Fluido, é dizer tudo.

Esse fluido é material ?

— R. Semi-material.

E' d'esse fluido que se compõe o perispirito ? R. Sim, é a união entre o Espirito e a materia.

Esse fluido é aquelle que dá a vida, o principio vital ?

— R. Sempre elle ; eu disse a união.

Esse fluido é uma emanação da divindade ?

— R. Não.

E' uma criação da Divindade ?

— R. Sim ; tudo é creado, excepto o proprio Deus.

O fluido universal tem alguma relação com o fluido electrico do qual conhecemos os effeitos ?

— R. Sim, é seu elemento.

A substancia etherea que se acha entre os planetas é o fluido universal em questão ? Elle envolve os mundos : sem o principio vital cousa alguma viviria. Se um homem se elevasse além do invólucro fluidico que circumda os globos, morreria ; porque, o principio vital se retiraria d'elle para se ajuntar á massa. Esse fluido vos anima : é elle que respiraes.

Esse fluido é o mesmo em todos os globos ?

— R. E' o mesmo principio, porém mais ou menos ethereo, conforme a natureza dos globos, o vosso é um dos mais materiaes.

Visto esse fluido compor o perispirito, parece que n'elle elle se acha em uma sorte de condensação que se aproxima até certo ponto da materia ?

— R. Sim, até um certo ponto, conforme os mundos.

São esses Espiritos solidificados que levantam as mesas ?

— R. Esta questão ainda não me conduzirá ao que desejaes. Quando uma mesa se move debaixo de vossas mãos, o Espirito, que vosso Espirito evoca, vai sugar no fluido universal o que é necessario para animar essa mesa com uma vida ficticia. Os Espiritos que produzem esses efeitos são sempre Espiritos inferiores que ainda não se acham inteiramente allivados de seu fluido ou perispirito. A mesa achando-se assim preparada a seu gosto (ao gosto dos Espiritos batedores), o Espirito a attrahe e a move debaixo da influencia do seu proprio fluido desprendido por sua vontade. Quando a massa que elle quer levantar ou mover é muito pesada chama em seu auxilio Espiritos que se acham nas mesmas condições. Creio me ter explicado assás claramente para me fazer comprehender.

Os Espiritos que elle chama em seu auxilio lhe são inferiores?

— R. Iguaes quasi sempre : muitas vezes elles acodem por si.

Comprehendemos que os Espiritos superiores não se occupem com cousas que estão abaixo d'elles ; mais perguntamos se, pelo facto de se acharem desmaterializados, não teriam a potencia de as fazer se tivessem vontade ?

— R. Elles têm a força moral como os outros têm a força physica ; quando necessitam d'essa força, servem-se d'aquelles que a possuem. Não se vos ha dito que elles se servem dos Espiritos inferiores como vós vos servis dos carregadores de fardos ?

D'onde provém a potencia especial de M. Home ?

— R. De sua organização.

O que tem ella de particular ?

— R. Essa questão não é precisa.

Perguntamos si se tracta de sua organização physica ou moral ?

— R. Eu disse organização.

Entre as pessoas presentes, ha alguma que possa ter a mesma faculdade que M. Home ?

— R. Têm em certo gráo. Não foi um de vós que fez mover a mesa ?

Quando uma pessoa faz mover um objecto, é sempre com o concurso de um Espirito estranho, ou tambem a acção póde provir só do medium ?

— R. Algumas vezes o Espirito do medium póde obrar só, porém o mais das vezes é com o auxilio dos Espiritos evocados ; isso é facil reconhecer.

Como é que os Espiritos apparecem com as vestimentas que tinham sobre a terra ?

— R. Elles o mais das vezes só têm d'ellas a apparencia. Demais, quantos phenomenos não tendes entre vós sem solução ! Como é que o vento, que é impalpavel, deita por terra e quebra arvores compostas de materia solida ?

O que comprehendéis dizendo que essas vestimentas têm só apparencia ?

— R. No tacto não se as sente.

Se temos comprehendido bem o que nos dissesteis, o principio vital reside no fluido universal ; o Espirito suga n'esse fluido o envólucro semi-material que constitue o seu perispirito, e é por meio d'esse fluido que elle actua sobre a materia inerte. E' precisamente isso ?

— R. Sim ; isto é, elle anima a materia por uma especie de vida facticia ; a materia anima-se da vida animal. A mesa que se move debaixo de vossas mãos vive e soffre como o animal ; obedece por si ao ser intelligente. Não é elle que a dirige semelhante ao homem que faz mover um fardo ; quando a mesa levanta-se, não é o Espirito que a levanta, é a mesa animada que obedece ao Espirito intelligente.

Visto ser o fluido universal a origem da vida, é elle ao mesmo tempo a origem da intelligencia ?

— R. Não ; o fluido apenas anima a materia.

Resulta d'essa theoria que o fluido universal no qual reside o principio de vida, é o agente principal d'essas manifestações, e que esse agente recebe sua impulsão do Espirito, quer esse esteja encarnado quer desincarnado ou errante. Esse fluido condensado constitue o perispirito ou envólucro semi-material do Espirito. No estado de encarnação, esse perispirito está unido á materia do corpo ; no estado de erraticidade, está livre. Ora, aqui duas questões se apresentam : — a da appareição dos Espiritos, e a do movimento imprimido aos corpos solidos.

Em relação á primeira diremos que, no estado normal, a materia etherea do perispirito escapa á percepção dos nossos órgãos materiaes ; só a nossa alma pôde vel-a, quer em sonho, quer em somnambulismo, quer mesmo, nem bem dormindo, nem bem acordado ; em uma palavra, todas as vezes que ha suspeção total ou parcial da actividade dos sentidos da vida exterior de relação. Quando o Espirito está encarnado a substancia do perispirito está mais ou menos intimamente ligada á materia do corpo, mais ou menos adherente, se assim podemos nos exprimir. Em algumas pessoas, ha de alguma sorte emanção d'esse fluido em virtude de sua organização, é isso, propriamente fallando, que constitue os mediums de effeitos

physicos. Esse fluido emanado do corpo se combina, conforme leis que nos são desconhecidas, com aquelle que fórma o envólucro semi-material de um Espirito estranho. Resulta d'ahi uma modificação, uma sorte de reacção molecular que muda momentaneamente as propriedades do fluido, ao ponto de tornar visível o Espirito e algumas vezes tangível. Esse effeito se póde produzir com ou sem o concurso da vontade do medium. Essas duas circumstancias distinguem os mediums naturaes dos mediums facultativos. A emissão do fluido póde ser mais ou menos abundante, d'ahi os mediums mais ou menos potentes; a emissão não é permanente, o que explica a intermittencia da potencia. Finalmente, attendendo-se ao gráo de afinidade que possa haver entre o fluido do medium e o do Espirito, se conceberá que sua acção póde se exercer mais sobre uns do que sobre outros.

O que acabamos de dizer tambem se applica evidentemente a potencia medianimica concernente ao movimento dos corpos solidos; resta saber como se opera esse movimento. Conforme as respostas acima referidas, concluimos que, quando um objecto é posto em movimento, levantado ou lançado ao ar, o Espirito não opera esse movimento como nós o fariamos servindo-nos de nossas mãos; o Espirito *satura*, por assim dizer, com o seu fluido combinado com o fluido do medium, e o objecto vivificado assim momentaneamente, obra como faria um ser vivo, com a differença porém, que não tendo vontade propria, segue a impulsão dada pela vontade do Espirito, e essa vontade póde ser a do Espirito do medium, assim como póde ser a de um Espirito estranho, e algumas vezes é a de ambos actuando conjunctamente, conforme são ou não sympathicos. A sympathia ou antipathia que póde existir entre o medium e os Espiritos que se occupam com esses effeitos materiaes explica a razão por que nem todos são aptos á proveçal-os.

Visto o fluido vital, impellido de certa fórma pelo Espirito, dar uma vida facticia e momentanea aos corpos inertes, visto o perispirito não ser outra cousa que esse mesmo fluido vital, segue-se que quando o Espirito está encarnado, é elle que dá vida ao corpo por meio do seu perispirito. O Espirito fica unido ao corpo tanto quanto permite a organização; quando se retira o corpo morre. Ora, se em lugar de uma mesa, fôr uma estatua de madeira tendo juntas, etc, e se sobre essa estatua se actuar como sobre a mesa, a estatua se moverá, baterá, responderá por meio dos seus movimentos e pancadas: em uma palavra teremos uma estatua momentaneamente animada por vida

facticia. Quanta luz essa theoria esparge sobre uma multidão de phonomenos até então inexplicaveis! Quantos effeitos mysteriosos são por ella explicados! CONSTITUE UMA PHILOSOPHIA COMPLETA.

O LIVRO DOS ESPIRITOS

E

o periodico — Novo Mundo.

Deram-nos a noticia de ter o *Novo Mundo* fallado sobre o *Livro dos Espiritos* que ha pouco foi editado pelo senhor Garnier em nossa lingua. A pessoa, que nos veio trazer a novidade, havia lido o artigo e nos fez uma narração em termos taes que nos levou a proferir as seguintes palavras: — A doutrina espirita não póde convir.

Somos espiritas. Devemos fazer reticencia por amor do proximo.

Procurámos o numero 55 do *Novo Mundo* e encontrámos no alto do artigo — MOVIMENTO LITTERARIO NO BRAZIL — do qual vamos transcrever o topico que nos diz respeito, como adeptos da philosophia espirita, o seguinte: (de nosso correspondente). Bastou isso para nos despertar a benevolencia.

« Por fallar em maus livros, obriga-me o dever de critico a
« dirigir algumas palavras d'estranheza ao primeiro editor que
« conta o Brazil: e a cujos louvaveis esforços se tem devido a
« publicação das melhores obras de que se honra a litteratura
« nacional no periodo de mais de dez annos. Intuitivo é que
« quero fallar do amabilicismo livreiro, o Sr. B. L. GARNIER,
« que, cedendo á instigações de interessados, ou não pesando
« assaz no mal que com a sua condescendencia poderia fazer,
« tem dado á estampa os devancios de ALLAN KARDEC, famigerado
« apostolo do — *espiritismo* — e responsavel por tantos e tão
« lamentaveis desarranjos mentaes. Sabido é que na natureza
« humana, sempre houve, e infelizmente ainda ha, extraordinaria propensão para o maravilhoso, que tem o atractivo do fructo prohibido, promettendo-nos descortinar novos horizontes, e revelar mysterios insondaveis. Até agora os livros d'esses funestos *videntes* eram escriptos em idimas estranhos e por isso inacessiveis á grande maioria da população, mas agora que se estão vertendo na lingua vernacula, ninguem

« haverá que não deseje travar conhecimento com elles, e in-
« struir-se nas novas e fascinadoras theorias que ahí se propagam,
« visto como dando diversa interpretação ao dogma da immor-
« talidade d'alma buscam restaurar a velha doutrina dos philo-
« sophos indianos, conhecida por — metempsychose.

« Si tivéssemos a fortuna de entreter relações d'amizade com
« o referido Sr. GARNIER lhe pediria instantemente que só favo-
« neasse a impressão de bons livros, que são como o sustento in-
« tellectual do povo; assim como evitasse os laços que á sua
« generosidade armam traductores de franquia, cuja dicção mas-
« cavada, producto da mais supina ignorancia dos idiomas por-
« tuguez e francez, estragam muitas vezes primores de elegan-
« cia e d'atticismo.

Araucarius, o pseudo correspondente do Novo Mundo, tolere
o que vamos dizer, não por ligarmos importancia particular á
sua individualidade, porque, em qualpuer caso, valerá tanto
quanto vale qualquer mortal, quando mesmo criticar com razão;
nós, porém em homenagem á verdade, não podemos deixar
passar sem protesto a sua heretica ignorancia relatiyamente aos
escriptos de ALLAN-KARDEC.

Tomemos o principio do topico acima transcripto, deixando
de parte a extensa tirada *intuitiva* sobre o Sr. Garnier, e seus
traductores de franquia *que, cedendo ás instigações de interessado,*
ou não pesando assaz no mal que com a sua condescendencia poderia
fazer, tem dado á estampa os devanços de ALLAN KARDEC, famigerado
apostolo do — espiritismo — e responsavel por tantos e tão lamen-
taveis desarranjos mentaes.

A todo esse aglomerado de palavras, que tem um alto merito
— o de revelar a origem de onde partio, respondemos com as
seguintes palavras de Mauricio Lachâtre que sem duvida não é
nenhum folheculario: « Essa doutrina (o espiritismo) nova
teve seu berço na America do Norte, no meiado d'este seculo;
promptamente espalhou-se por todas as partes do mundo, onde
conta numerosos partidarios

« O espiritismo é a mais sublime expressão da moral na hu-
manidade, a mais racional das concepções philosophicas, e per
todos esses titulos é elle destinado á reunir sob sua bandeira,
em futuro mais ou menos proximo, a immensa maioria das
nações do globo. »

De duas uma: ou o critico Araucarius lêo ou não lêo o *Livro*
dos Espiritos. Se não lêo dá prova de frivolo de leviano, por pre-
tender criticar um livro que não conhece. Se lêo, com o que

diz prova uma das duas opiniões que d'elle podemos fazer : Araucarius ou é audaz mentiroso ou uma intelligencia tão curta que não comprehendeu o que leu.

Em todo caso, Araucarius demonstra a mais supina ignorancia da philosophia espirita com as seguintes palavras : — *visto como dando diversa interpretação ao dogma da immortalidade d'alma buscam restaurar a velha doutrina dos philosophos indianos, conhecida por — metempsyose.*

Seja sensato, senhor correspondente do Novo Mundo ; quando quizer fallar sobre algum assumpto busque primeiro conhecê-lo.

O mal e o remedio.

19. E' a vossa terra por ventura um lugar de alegria, algum paraíso de delicias ? A voz do propheta não mais repercutiu em vossos ouvidos ? não clamou que n'ella haveriam prantos e rangidos de dentes pelos que nascessem n'este valle de dôres ? Vós que n'ella vindes viver, aguardai-vos para as lagrimas acerbas e para os amargos soffrimentos, e quanto mais agudas e profundas forem vossas dôres, contemplai o céu e abençoai o Senhor por vos ter querido experimentar ! . . . Oh ! homens não reconhecereis o poder de vosso senhor senão quando elle tiver curado as chagas do vosso corpo e corôado com beatitude e alegria vossos dias ! Não reconhecereis o seu amor senão quando tiver ornado vosso corpo com todas as glorias e tiver dado seu brilho e alvura ! Imitai aquelle que vos foi dado para exemplo ; chegado ao ultimo grão d'abjecção e da miseria, estendido sobre um monte de esterco, disse á Deus : « Senhor ! conheci todas os prazeres da opulencia, e vós me reduzistes á mais profunda miseria ; louvado, meu Deus, por terdes querido profundamente experimentar vosso servo ! » Até quando vossas vistas pararão nos horisontes assignalados pela morte ? Quando vossa alma se arrebatará além dos limites de um tumulo ? Porém, ainda quando tivesses de chorar uma vida inteira, o que seria isso ao lado da eternidade da gloria reservada aos que tiverem padecido a provação com fé, amor e resignação ? Buscai, pois, com solação para os vossos males no pervir que Deus vos prepara, e nas causas dos vossos males passados ; e vós que mais soffreis, considerai-vos como os bemaventurados da terra.

Quando pairaveis no espaço, no estado de desincarnado, escolheis vossa provação, porque julgaste-vos forte para suppor-

tal-a; para que murmurar agora? Vós que pedisteis fortuna e gloria, foi para sustentardes a luta da tentação e vencel-a. Vós que pedistes lutar com o espirito e com o corpo contra o mal moral e physico, foi porque soubesteis que quanto maior fosse a prova, tanto maior e gloriosa seria a victoria; e que, se triumphasses d'ella, ainda mesmo que vossa carne fosse lançada sobre o monturo, pela morte deixariéis escapar uma alma deslumbrante de alvura e purificada pelo batismo da expiação e do soffrimento.

Que remedio, pois, prescrever aos que são accommettidos de obsedações crues e de acerbos males? Um unico ha infallivel, é só fé, é o olhar para o Ceu. Se nos accessos dos vossos maiores offrimentos, vossa voz glorificar o Senhor, o anjo, á vossa cabeceira, de sua propria morada nos mostrará o signal da salvação e o logar que um dia deveis occupar. . . . A fé, é o remedio certo do soffrimento; ella mostra continuamente os horisontes do infinito diante dos quaes se apagam alguns dias sombrios do presente. Não nos pergunteis, portanto, mais qual o remedio que é preciso empregar para sarar tal ulcera ou tal chaga, tal tentação ou tal provação; lembrai-vos que aquelle que crê é forte pelo remedio da fé, e que aquelle que duvida um segundo da sua efficacia é immediatamente punido porque no mesmo instante resente as pungentes angustias da afflicção.

O Senhor sellou todos os que acreditam n'elle. Christo vos disse que com a fé se transportam as montanhas, e eu vos digo que aquelle que soffre e que tiver por sustentaculo a fé, será collocado sobre sua egide e não mais soffrerá; os momentos das mais acérbas dôres serão para elle as primeiras notas da alegria eterna. Sua alma se desprenderá por tal fórma de seu corpo que, emquanto este se torcer em convulsões, ella plainará nas regiões celestes cantando juntamente com os anjos os hymnos de reconhecimento e de glorificação ao Senhor.

Bemaventurados os que soffrem e que choram! tenham elles suas almas alegres, porque serão preenchidas por Deus. (S. AGOSTINHO, Paris, 1863.)

A felicidade não é d'este mundo.

Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! esclama o homem em todas as posições sociaes. Isso, meus caros filhos prova melhor que todos raccionios possiveis a verdade desta maxima do Ecclesiastico: «A felicidade não é d'este mundo.»

Effectivamente, nem a fortuna, nem o poder, nem mesmo a florescente mocidade, são condições essenciaes de felicidade; digo mais: nem mesmo a reunião d'estas tres condições tão invejadas, visto que se ouve continuamente, por entre as classes as mais privilegiadas pessoas de todas as idades lastimarem-se amargamente da sua condição de ser.

Diante de um tal resultado, é inconcebivel que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta cobiça a posição d'aquelles que a fortuna parece ter favorecido.

Aqui na terra, por mais que se faça, cada qual tem sua quota de trabalho e de miseria, sua partilha de soffrimentos e de decepções. Facil é d'ahi chegar a esta conclusão: a terra é um logar de provas e de expiações.

Assim, pois, os que pregam ser a terra unica morada do homem, e que só n'ella, por meio de uma unica existencia é permittido esperar o mais alto gráo de felicidade que sua natureza póde comportar, esses enganam-se e illudem acs que os ouvem, attendendo que está demonstrado por uma experiencia archi-secular, que este globo apenas excepcionalmente encerra a completa felicidade do individuo.

Em these geral, póde-se affirmar que a felicidade é uma utopia em busca d'aqual as gerações successivamente se lançam sem nunca podel-a attingir; porque se o homem sabio é uma raridade aqui na terra, o homem absolutamente feliz muito menos se encontra.

O que constitue a felicidade sobre a terra é cousa tão ephemera para os que não são guiados pela sabedoria que os annos, os mezes, as semanas, completamente escoam-se no seguimento dos desgostos e das decepções; e notai, meus caros filhos, que me refiro aos felizes da terra, d'aquelles que são envejados pela multidão.

Consequentemente, se á morada terrestre está affecta as provas e as expiações, é preciso admittir que existem moradas mais favorecidas para o Espirito do homem, posto unido á carne material, donde possa fruir em sua plenitude os gozdos destinados á vida humana. Foi para isso que Deus semeou no vosso turbilhão bellos planetas para os quaes vossos esforços e vossas tendencias vos farão gravitar, quando um dia vos purificardes e vos aperfeiçoardes.

Não abstante, das minhas palavras não deveis tirar a illação de ser a terra votada para todo o sempre ao destino de penitenciaria; não, certamente! porque, pelos progresos que tem feito podeis deduzir os progressos futuros, e pe'á melhoração social

já conquistada, novas e mais fecundas virão. Tal é o papel immenso que deve completar a nova doutrina que os Espíritos vos tem revelado.

Assim pois, meus caros filhos, que uma emulação vos anime, e que cada um de vós busque despir-se energicamente dos hábitos do velho homem. Vós devei-vos inteiramente a vulgarisação do Espiritismo que já começou a vossa propria regeneração. E' um dever fazer com que vossos irmãos compartilhem os raios da luz sagrada. Ao trabalho pois, meus queridos filhos! Que n'essa reunião solemne todos os vossos corações aspirem o fim grandioso de preparar para as futuras gerações um mundo onde a felicidade não seja mais uma palavra van. (*François— Nicolas — Madeleine Cardel Marlot. Pris, 1863.*)

Perdas de pessoas amadas. Mortes prematuras

Quando a morte vem ceifar em vossas familias, arrebatando sem medida os jovens de preferencia aos velhos todos vós muitas vezes dizeis : Deus não é justo ; pois que sacrifica aquelle que é forte e esperançoso, para conservar os que já vivem ha longos annos cheios de decepções ; pois que leva os que são uteis, e deixa os que para mais nada servem : pois que esmaga o coração de uma mãe privando-a da innocente creatuara que fazia toda a sua alegria.

Humanos, são n'essas occasiões que tendes necessidade de elevar-vos acima da vida rasteira da terra, para comprehenderdes que o bem está onde acreditaes se achar^o encerrado o mal, a sabia providencia onde julgais vêr a cega fatalidade do destino. Porque razão medir a justiça divina pelo valor da vossa ? Podeis pensar que o senhor dos mundos queira, por simples caprichos infligir-vos penas crueis ? Causa alguma se faz sem disigno intelligente, e tudo quanto acontece, qualquer coisa que seja, tem sua razão de ser. Se scrutasseis melhor todas as dôres que vos attingem, acharíeis sempre n'ellas a razão divina, razão regeneradora, e vossos interesses miseraveis teriam consideração secundaria e havíeis de as desprezar.

Acreditai-me, a morte é preferivel, para a encarnação de vinte annos, a esses desregramentos vergonhosos que desolam as familias honradas, que quebram o coração de uma mãe, e fazem branquear antes de tempo os cabellos dos pais. A morte prematura é muitas vezes um grande beneficio que Deus concede aos

que se vão, e que assim se acham privados das miserias da vida ou das seducções que poderiam ter acarretado a sua perda. Aquelle que morre na flôr da idade não é victima da fatalidade, porém Deus julga que é util não ficar elle mais tempo sobre a terra.

E' uma desgraça medonha, dizeis vós, partir-se cedo uma vida cheia de esperanças! De que esperanças fallais? das da terra onde aquelle que d'ella parte podia fazer abrilhantada carreira e fortuna? Sempre essa vista mesquinha que não pôde elevar-se acima da materia. Sabeis qual teria sido a sorte d'essa vida tão cheia de esperanças segundo vós? Quem vos diz não se tornasse ella regada pelos amargores? Não tendes em conta as esperanças da vida futura, como a preferis ás da vida ephemera que arrastais sobre a terra? Pensais por ventura que vale mais ter uma posição entre os homens do que entre os Espiritos felizes?

Regosijai-vos em vez de lastimar-vos quando Deus se apraz retirar um dos seus filhos d'este valle de miserias. Não ha egoismo cubicar que elle permaneça na terra para soffrer convosco? Ah! essa dôr se concebe nos que não têm fé, e que encheram no acto da morte uma eterna separação; porém vós, espiritas, sabeis que a alma vive melhor desembaraçada do seu envólucro corporeo; mães, vós sabeis que vossos queridos filhos estão ao vosso lado; seus corpos fluidicos vos cercam, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os embriaga de alegria; porém também vossas dôres desarrazoadas os affligem, porque denotam falta de fé, e porque são uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós que comprehendes a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração chantando esses seres amados, e se orardes á Deus para os abençoar, sentireis essas consolações poderosas que estancam as lagrimas, essas aspirações prestigiosas que mostram-vos o futuro promettido pelo Mestre. — (SANSON).

ERRATAS DO N. 5

Pag.	142	— linha	16	— a prova o temos — lêa-se : — a prova têmos.
"	"	— "	25	— assemelhança a Descartes, (?) — lêa-se : — semelhante a Descartes (?).
"	143	— "	42	— que as outras — lêa-se : — que os outros.
"	"	— "	22	— justiça — lêa-se : — precisão.
"	146	— "	6	— affeição — lêa-se : — affecção.
"	153	— "	12	— tardaram — lêa-se : — tardarão.
"	154	— "	30	— ahí — lêa-se : — lá.
"	171	— "	34	— temam — lêa-se — tomam.
"	172	— "	2	— revelações da dos : — lêa-se : — revelações dos.

